



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

VOLUME 03, SÉRIE DISCURSOS ACADÊMICOS



UNEMAT
EDITORA





Academia Mato-Grossense de Letras – AML

Presidente Marília Beatriz de Figueiredo Leite

Direção/ Elizabeth Madureira Siqueira,
Organização Agnaldo Rodrigues da Silva,
Maria Cristina de Aguiar Campos,
Marta Helena Cocco

Conselho Elizabeth Madureira Siqueira

Editorial Maria Cristina de Aguiar Campos
Marta Helena Cocco



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

VOLUME 03, SÉRIE DISCURSOS ACADÊMICOS

de porraçes, a alguns dos lugares emblemas emanados
vinte e seis de Duro, morada para o denunciante, ematabe para as das para de de
Mesma pena a proporção das veias que for comprehendido em semelhante culpa. Creada a pena que
tiver em seu poder sem despacho dos Generaes Indios, ou Indios, que de alguma sorte pertencem alogar de
moraez, e que se achão descriptos na Relação junta, serão obrigados a villos apresentar no termo de dois meses
da data da publicação deste em diante aos Ministros do seu distrito para que os mandem entregar aos respectivos
Directores das suas Povoaçoes, tudo debaixo das mesmas penas acima estabelecidas. Declarando ou-
tra vez que nenhum dos referidos Ministros será lícito, daqui em diante, dar por despacho seu em admi-
nistração Indio algum, que pertença às referidas Aldeas; ficando reservada esta faculdade unicamente
te dos Generaes do Estado aquem poderão recorrer as Dousas que tiverem algum justo motivo p.º pertenderem.
Para que venha à noticia de todos Mandei lavrar este Pando que se lançará a som de Casas,
e se afixara na porta das Casas de minha residencia, por mim assignado e sellado com o Siquete de minha
Armas, que se registará na Secretaria em as mais partes aonde pertencer. Dado e passado nesta
Villa Real do Fuyubá aos 12 de dias do mes de Setembro de Mil setto cento e sessenta e nove. O
Secretario do Governo Manoel Cardoso da Cunha offer.

Luiz Pinto de Souza Coutinho

Cáceres, MT
2016

Copyright © 2016 / Academia Mato-Grossense de Letras

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 5610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ficha Catalográfica elaborada pela UNEMAT Editora - UNEMAT – Cáceres - MT

ISSN: 2447-021X

Revista da Academia Mato-Grossense de Letras.

Direção/organização de Elizabeth Madureira Siqueira; Agnaldo Rodrigues da Silva; Maria Cristina de Aguiar Campos, Marta Helena Cocco. (Discursos Acadêmicos). Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2016.

263 p.

1. Cultura 2. História 3. Literatura

Revisão e Normalização
Elizabeth Madureira Siqueira

Capa, Editoração e Projeto Gráfico
Candida Bitencourt Haesbaert

Foto de capa: Osmar Cabral (Artbook AML, 2015)

Impressão
Gráfica Print



AML – Academia Mato-Grossense de Letras
Rua Barão de Melgaço n. 3.869 (Centro) – Cuiabá/MT
CEP: 78005-3000 – Telefax: (65) 3624-6782
[www//academiadeletrasmt.com.br](http://academiadeletrasmt.com.br)



Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT EDITORA
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavanhada - Cáceres MT - Brasil
Cep: 78200-000. Tel: 65 3221 0023 – editora@unemat.br

ÍNDICE



| | |
|---|----|
| Apresentação – Vozes Encantadas e o Encontro das Letras | 9 |
| Marília Beatriz de Figueiredo Leite (Presidente) | |
| Editorial | 11 |
| Comissão Editorial | |
| Parte 1 – Discursos dos Presidentes | |
| Discursos proferidos pela Presidente Marília Beatriz de Figueiredo Leite | 21 |
| Discurso proferido pela Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite por ocasião de sua posse na Presidência da AML | 23 |
| Discurso proferido pela Presidente Marília Beatriz por ocasião das comemorações do Centenário de nascimento de Rubens de Mendonça - <i>Face Satírica: Entre Brincar e Educar</i> | 27 |
| Discurso proferido pela Presidente Marília Beatriz por ocasião do encerramento das comemorações do Centenário de nascimento de Rubens de Mendonça. | 29 |
| Discurso pronunciado pela Presidente Marília Beatriz de Figueiredo Leite por ocasião da abertura das festividades comemorativas do centenário do nascimento de Gervásio Leite. | 31 |
| Discurso proferido pela Presidente da AML Marília Beatriz de Figueiredo Leite, por ocasião da inauguração do Espaço <i>Justiça, Cultura e Arte</i> Gervásio Leite, junto ao Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso. | 35 |
| Discurso pronunciado pela Presidente da AML, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, por ocasião do lançamento da Trilogia <i>Banquete de Palavras</i> , de Autoria do Acadêmico João Antonio Neto. | 37 |
| Discursos proferidos pelo Presidente Eduardo Mahon | |
| Discurso Pronunciado pelo Presidente da AML, Eduardo Mahon, por ocasião da abertura das festividades comemorativas do Centenário de Nascimento de Rubens de Mendonça. | 39 |
| Discurso pronunciado por ocasião na abertura das comemorações do Centenário de nascimento de Gervásio Leite. | 41 |
| Discurso pronunciado por ocasião da assinatura do Contrato de Parceria entre AML e IHGMT com o Governo do Estado de Mato Grosso..... | 43 |
| Discurso pronunciado pelo Presidente e Acadêmico da AML, Eduardo Mahon, por ocasião da sessão solene de posse da Acadêmica Ileudes Müller e de sua posse como Sócio Correspondente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras..... | 47 |
| Discurso de despedida do Acadêmico Eduardo Mahon, por ocasião da passagem da Presidência da AML à Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite. | 49 |
| Discurso de agradecimento da Diretoria 2013-2015, ao Presidente Eduardo Mahon, proferido pela Acadêmica e Vice-Presidente, Elizabeth Madureira Siqueira..... | 51 |

Parte 2 – Discursos Acadêmicos

Cadeira 5

| | |
|--|----|
| Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Wanderlei José dos Reis , pelo Presidente Carlos Gomes de Carvalho (RAML, v. 3, 2016)..... | 55 |
| Discurso de Recepção ao Acadêmico Wanderlei José dos Reis, por José Cidalino Carrara (RAML, v. 3, 2016)..... | 59 |
| Discurso de Posse do Acadêmico Wanderlei José dos Reis (RAML, v. 3, 2016)..... | 65 |

Cadeira 6

| | |
|--|----|
| Discurso de Recepção ao Acadêmico Lourembergue Alves , por Elizabeth Madureira Siqueira (RAML, v. 3, 2016)..... | 77 |
| Discurso de Posse do Acadêmico Lourembergue Alves (RAML, v. 3, 2016)..... | 79 |

Cadeira 11

| | |
|---|----|
| Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Eduardo Mahon , pelo Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho (RAML, V. 3, 2016)..... | 91 |
|---|----|

Cadeira 15

| | |
|--|-----|
| Discurso de abertura da sessão de posse da Acadêmica Olga Castrillon Mendes , pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon (RAML, v. 3, 2016)..... | 95 |
| Discurso de Recepção à Acadêmica Olga Castrillon Mendes, pelo Acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior | 97 |
| Discurso de Posse da Acadêmica Olga Castrillon Mendes..... | 103 |

Cadeira 16

| | |
|---|-----|
| Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos , pelo Presidente Eduardo Mahon | 119 |
| Discurso de Recepção à Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos, pela Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite..... | 121 |
| Discurso de Posse da Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos | 125 |

Cadeira 24

| | |
|---|-----|
| Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Odoni Gröhs , pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML, v. 3, 2016)..... | 135 |
| Discurso de Recepção ao Acadêmico Odoni Gröhs, pelo Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho (RAML, v. 3, 2016)... | 137 |
| Discurso de Posse do Acadêmico Odoni Gröhs (RAML, v. 3, 2016) | 145 |

Cadeira 31

| | |
|---|-----|
| Discurso de Recepção à Acadêmica Luciene Carvalho , pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML, v. 3, 2016) | 161 |
| Discurso de Posse da Acadêmica Luciene Carvalho (RAML, v. 3, 2016) | 165 |

Cadeira 35

| | |
|---|-----|
| Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Flávio José Ferreira , pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML v. 3, 2016)..... | 171 |
| Discurso de Recepção ao Acadêmico Flávio José Ferreira, pelo Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva (RAML v. 3, 2016) | 173 |
| Discurso de Posse do Acadêmico Flávio José Ferreira (RAML v. 3, 2016)..... | 177 |

Cadeira 39

| | |
|---|-----|
| Discurso de Recepção à Acadêmica Amini Haddad Campos , pelo Acadêmico-Presidente Carlos Gomes de Carvalho (RAML, v. 3, 2016) | 183 |
| Discurso de Posse da Acadêmica Amini Haddad Campos (RAML, v. 3, 2016)..... | 187 |
| Discurso de Posse do Sócio Correspondente Rubenio Marcelo, da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras..... | 191 |

Parte 3 – Relatórios de gestão

| | |
|---|-----|
| Relatório da gestão 2013-2015 | 197 |
| Relatório da Curadoria da Casa Barão de Melgaço | 201 |





APRESENTAÇÃO

VOZES ENCANTADAS E O ENCONTRO DAS LETRAS

Marília Beatriz (Presidente da AML)

Uma instituição como a Academia Mato-Grossense de Letras necessita ouvir, registrar e ecoar os escritos, as orações, as dicções, verdadeiras escrituras que testemunham os diversos momentos de nossos confrades em suas tomadas de posições.

Todo falar é fruto do anseio, da perspectiva em que são lançados os signos do discurso. Como certo que temos desfilando aqui tipos de expressões, de textos que informam o sujeito que clama que apela para um tipo de ouvinte, de leitor. O fruto que perpassa os diversos, os inumeráveis leitores que ampliam a semiose discursiva para alcançar em nossa vida intelectual a relação, os modos e a ambiguidade nascida viram magia ou o preciosismo que vem com a ciência.

Como diz Roland Barthes (*O Prazer do Texto*, 1977): “O escritor de prazer (e seu leitor) aceita a letra; renunciando à fruição, tem o direito e o poder de dizê-la: a letra é seu prazer; está obsedado por ela, como o estão todos aqueles que amam a linguagem (não a fala),...”

Todos os discursos indicam as várias facetas daqueles que criam e falam a dicção. A linguagem é o lugar em que o escrevente despe suas imprecisões para acertar com os rituais o estado de comunidade, uma situação de exaltação em confraternidade como uma espécie de *happenings* dos *hippies*, isto é, uma atitude transformadora que vai as raízes do ser de cada pessoa e que encontra nessa raiz, o grande poder de descobrir o ouvinte, o leitor que foi seduzido no momento mesmo da escrita.

O trabalho de coletar todos esses escritos pode criar condições frequentes de geração de signos míticos, símbolos, rituais mais expressivos, surgimento de frações filosóficas, obras de arte e o mais comum de belas expressões literárias.

A nossa instituição ao dar publicidade aos temas destacados pelos confrades quer sublinhar a importância da memória registral, das formas culturais que provenientes do conjunto de produção dos mesmos assentam modelos que são, em certo sentido, reclassificação periódica da realidade e das relações do homem com a sociedade e a ambiência natural. Aquela ambiência do natural estruturada numa cultura.

E tais discursos que muitas vezes mostram estudos importantes lá abordados ensejam mais que classificações, desde que incitam, provocam em todos nós a vontade de atuar e pensar. Assim cada uma dessas faturas escriturais têm um vigor plural com muitos elementos significantes e significados.

Portanto é com imensa alegria que trazemos para o prazer da leitura, do conhecimento e das reflexões a tarefa hercúlea empreendida pela Comissão Editorial capitaneada por Elizabeth Madureira Siqueira e composta por Cristina Campos e Marta Cocco. Agradeço a todos que tornaram possível tal tarefa.





GASA ONDE RESIDIU
O ALMIRANTE LEVERGER
BARÃO DE MELGACO
1802 - 1880
HOMENAGEM
DO
I. H. DE MATTO-GROSSO

EDITORIAL

O volume 3 da Revista da Academia Mato-Grossense de Letras - Série Discursos Acadêmicos está dividida em três partes: Parte I - Discursos dos Presidentes da Academia Mato-Grossense de Letras – Marília Beatriz de Figueiredo Leite (início de gestão) e de Eduardo Mahon (final de gestão). A Parte II inclui os discursos das seguintes Cadeiras: n. 5, ocupada pelo Acadêmico Wanderlei José dos Reis; n. 6, ocupada pelo Acadêmico Lourembergue Alves; n. 15, ocupada pela Acadêmica Olga Castrillon Mendes; n. 16, ocupada pela Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos; n. 24, ocupada pelo Acadêmico Odoni Gröhs; n. 31, ocupada pela Acadêmica Luciene Carvalho; n. 35, ocupada pelo Acadêmico Flávio José Ferreira; e a n. 39, ocupada pela Acadêmica Amini Haddad Campos. A Parte III estampa o Relatório de Gestão do Presidente Eduardo Mahon (2013-2015), e o Relatório da Curadoria da Casa Barão de Melgaço, pela Curadora Elizabeth Madureira Siqueira.

Objetiva-se, com a publicação desse terceiro número da Série Discursos Acadêmicos, tornar mais conhecidos os pronunciamentos feitos pelos Acadêmicos ao serem recepcionados e ao tomar Posse nas Cadeiras institucionais.

Muitos discursos já foram publicados nas Revistas do Centro Mato-Grossense de Letras (1921-1931) e da Academia Mato-Grossense de Letras (1932-2015), em diferentes anos. Para melhor visualização, segue tabela consubstanciando essa série, para melhor localização e acesso, visto que todas as Revistas estão no site institucional www.academiadeletrasmt.com.br/.



DISCURSOS ACADÊMICOS PUBLICADOS

| | |
|------------------|--|
| <i>Cadeira 1</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Leônidas Antero de Mattos, por Francisco A. F. Mendes (RCML, 1932)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Leônidas Antero de Mattos (RCML, 1932)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Ubiratã Nascentes Alves, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ubiratã Nascentes Alves (RAML, v. 1, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 2</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Gervásio Leite, por José de Mesquita (1945)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Gervásio Leite, por Otávio Cunha (RAML 1945)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Gervásio Leite (RAML 1945)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira, por Lenine de Campos Póvoas (RAML 1992)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira (RAML 1992)</p> <p>Discurso de abertura da sessão de posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, pela Presidente Nilza Queiroz Freire (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, por Benedito Pedro Dorileo (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite (RAML, v. 1, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 3</i> | <p>Discurso de Posse do Acadêmico Lécio Gomes de Souza (RAML 2000)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Rubens Mendes de Castro, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Rubens Mendes de Castro (RAML, v. 1, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 4</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Raimundo C. Pombo M. da Cruz, por Gabriel Vandoni de Barros (RAML 1962)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz (RAML 1962)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Pe. Firmo Pinto Duarte, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Pe. Firmo Pinto Duarte (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica Lucinda Nogueira Persona, pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Lucinda Nogueira Persona, por Yasmin Jamil Nadaf (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Lucinda Nogueira Persona (RAML, v. 1, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 5</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Francisco Ayres, por Rosário Congro (RAML 2000)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Francisco Ayres (RAML 2000)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Clóvis Pitaluga de Moura (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Wanderlei José dos Reis, pelo Presidente Sebastião Carlos Gomes de Carvalho (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Wanderlei José dos Reis, por José Cidalino Carrara (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Wanderlei José dos Reis (RAML, v. 3, 2016)</p> |
| <i>Cadeira 6</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Ernesto Pereira Borges, por José de Mesquita (1949)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Ernesto Pereira Borges, por Alírio de Figueiredo (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ernesto Pereira Borges (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Encerramento da sessão de posse do Acadêmico Ernesto Pereira Borges, por Arnaldo de Figueiredo (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos, pelo Vice-Presidente Satyro Benedicto de Oliveira (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Roberto de Oliveira Campos, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Lourenbergue Alves, por Elizabeth Madureira Siqueira (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Lourenbergue Alves (RAML, v. 3, 2016)</p> |

| | |
|-------------------|---|
| <i>Cadeira 7</i> | <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Maria de Arruda Müller, por Philogonio de Paula Corrêa (RCML, 1931)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Maria de Arruda Müller (RCML, 1931)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Ivens Cuiabano Scaff, pela Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite (RAML, v. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ivens Cuiabano Scaff (RAML, v. 1, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 8</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse de Luís Felipe Sabóia Ribeiro, por Francisco Alexandre Ferreira Mendes (1962)</p> <p>Discurso de Recepção a Luís Felipe Sabóia Ribeiro, por José Jayme Ferreira de Vasconcellos (RAML 1962)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Luís Felipe Sabóia Ribeiro (RAML 1962)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior, por Clóvis Pitaluga de Moura (RAML 1991-1992)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior (RAML 1991-1992)</p> |
| <i>Cadeira 9</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Rubens de Mendonça, por José de Mesquita (RAML 1945)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Rubens de Mendonça, por Ulisses Cuiabano (RAML 1945)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Rubens de Mendonça (RAML 1945)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico José Cidalino Carrara (RAML, v. 1, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 10</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva, pelo Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva</p> |
| <i>Cadeira 11</i> | <p>Discurso de Recepção a Antônio de Arruda, por Gervásio Leite (RAML 1953)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Antônio de Arruda (RAML 1953)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Eduardo Mahon, pelos Acadêmicos José Cidalino Carrara e Sebastião Carlos Gomes de Carvalho (RAML, V. 1, 2015) e (RAML, V. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Eduardo Mahon, pelo Acadêmico Avelino Tavares (RAML, V. 1, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Eduardo Mahon (RAML, V. 1, 2015)</p> <p><i>Pós-Fácio</i>, pela Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf</p> |
| <i>Cadeira 12</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse de Gabriel Vandoni de Barros, por José de Mesquita (RAML 1951)</p> <p>Discurso de Recepção do Acadêmico Gabriel Vandoni de Barros, por Gervásio Leite (RAML 1951)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Gabriel Vandoni de Barros (RAML 1951)</p> <p>Discurso de Encerramento da sessão de posse do Acadêmico Gabriel Vandoni de Barros, por Rosário Congro (RAML 1951)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Ronaldo de Arruda Castro, por Clóvis de Mello (RAML 1991-1992)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Ronaldo de Arruda Castro, Archimedes Pereira Lima (RAML 1991-1992)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ronaldo de Arruda Castro (RAML 1991-1992)</p> |
| <i>Cadeira 13</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Archimedes Pereira Lima, por José de Mesquita (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Archimedes Pereira Lima, por Gervásio Leite (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Archimedes Pereira Lima (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico José Eduardo do Espírito Santo, pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico José Eduardo do Espírito Santo, pelo Acadêmico Avelino Tavares</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico José Eduardo do Espírito Santo</p> |
| <i>Cadeira 14</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Nilo Póvoas, por Franklin C. da Silva (RCML, 1931)</p> <p>Discurso de Posse de Nilo Póvoas (RCML, 1931)</p> |

| | |
|-------------------|--|
| <i>Cadeira 15</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes, por Oscarino Ramos (RCML, 1931)</p> <p>Discurso de Posse de Francisco Alexandre Ferreira Mendes (RCML, 1931)</p> <p>Discurso de abertura da sessão de posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Lenine de Campos Póvoas</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, por Benedito Sant'Ana da Silva Freire</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes.</p> <p>Discurso de abertura da sessão de posse da Acadêmica Olga Castrillon Mendes, pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Olga Castrillon Mendes, pelo Acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Olga Castrillon Mendes (RAML, v. 3, 2016)</p> |
| <i>Cadeira 16</i> | <p>Discurso Recepção ao Acadêmico Ulisses Cuiabano, por Francisco Alexandre Ferreira Mendes (RAML, 1942)</p> <p>Discurso de Posse de Ulisses Cuiabano (RAML, 1942)</p> <p>Discurso de Abertura da Sessão de Posse da Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos, pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos, pela Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos (RAML, v. 3, 2016)</p> |
| <i>Cadeira 17</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Humberto Marcílio Reinaldo, pelo Acadêmico Luís Felipe Sabóia Ribeiro (RCML, 1963)</p> <p>Discurso de Posse de Humberto Marcílio Reinaldo (RCML, 1963)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Frederico Rondon (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 18</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico José Magno da Silva Pereira, por Isac Póvoas (RCML, 1927)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico José Magno da Silva Pereira, (RCML, 1927)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Alírio de Figueiredo por Antônio Cesário Neto (RCML, 1928)</p> <p>Discurso de posse do Acadêmico Alírio de Figueiredo, (RCML, 1928)</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Marta Helena Cocco, pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Marta Helena Cocco (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 19</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica Vera Iolanda Randazzo, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Vera Iolanda Randazzo, por Lenine de Campos Póvoas (RAML 1985)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Vera Iolanda Randazzo (RAML 1985)</p> |
| <i>Cadeira 20</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico José Adolpho de Lima Avelino, por Lenine de Campos Póvoas (RAML 1955)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico José Adolpho de Lima Avelino (RAML 1955)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento, por João Antonio Neto (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 21</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Luiz Orione Neto, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Luiz Orione Neto, por Ubiratã Nascentes Alves (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Luiz Orione Neto (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 22</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse de Pedro Rocha Jucá, por Lenine de Campos Póvoas (RAML, 1982/2000)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Pedro Rocha Jucá, por Rubens de Mendonça (RCML, 1982/ RAML, 2000)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Pedro Rocha Jucá (RAML, 2000)</p> |

| | |
|-------------------|---|
| <i>Cadeira 23</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Raimundo Maranhão Ayres, por José de Mesquita (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Raimundo Maranhão Ayres, por Ulisses Cuiabano (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Raimundo Maranhão Ayres (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Tertuliano Amarilha, por Lenine de Campos Póvoas (RACML, 2000)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Tertuliano Amarilha (RACML, 2000)</p> |
| <i>Cadeira 24</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Ovídio de Paula Corrêa, por Palmyro Pimenta (RCML, 1923)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ovídio de Paula Corrêa (RCML, 1923)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Francisco Bianco Filho, por José de Mesquita (1947)</p> <p>Discurso de Recepção do Acadêmico Francisco Bianco Filho, por Philogonio de Paula Corrêa (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Francisco Bianco Filho (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Jary Gomes, por José de Mesquita (1949)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Jary Gomes, por Alírio de Figueiredo (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Jary Gomes (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Odoni Gröhs, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Odoni Gröhs, pelo Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Odoni Gröhs (RAML, v. 3, 2016)</p> |
| <i>Cadeira 25</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico João Antonio Neto, por Rubens de Mendonça (RCML, 1963)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico João Antonio Neto (RCML, 1963)</p> |
| <i>Cadeira 26</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Oscarino Ramos, por José Raul Vilá (RCML, 1924)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Oscarino Ramos (RCML, 1924)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Benedito Pedro Dorileo, pelo Presidente Lenine de Campos Póvoas (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Benedito Pedro Dorileo, por João Antonio Neto (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Benedito Pedro Dorileo (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 27</i> | <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos, por José de Mesquita (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos (RAML 1947)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva, por Pedro Rocha Jucá (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira, pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira, por José Cidalino Carrara (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 28</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Ulysses Serra, por Wanir Delfino César (RAML 1962)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Ulysses Serra (RAML 1963)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Demóstenes Martins, por Gervásio Leite (2000)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Demóstenes Martins, por Antônio Lopes Lins (RAML 2000)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Demóstenes Martins (RAML 2000)</p> |
| <i>Cadeira 29</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira, pelo Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira, por Pedro Rocha Jucá (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 30</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Francisco Leal de Queiroz, por Wanir Delfino César (RAML 1962)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Francisco Leal de Queiroz (RAML 1962)</p> |

| | |
|-------------------|--|
| <i>Cadeira 31</i> | <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Luciene Carvalho, pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML, v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Luciene Carvalho (RAML, v. 3, 2016)</p> |
| <i>Cadeira 32</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Isác Póvoas, por Ovídio de Paula Corrêa (RCML, 1925)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Isác (RCML, 1925)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico José Ferreira de Freitas, pelo Presidente Gervásio Leite (2000)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico José Ferreira de Freitas, por Antônio Lopes Lins (RAML 2000)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico José Ferreira de Freitas (RAML 2000)</p> |
| <i>Cadeira 33</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Nicolau Fragelli, por José de Mesquita (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico José Nicolau Fragelli, por Oscarino Ramos (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Nicolau Fragelli (RAML 1949)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, por José de Mesquita (RAML 1953)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, por Rubens de Mendonça (RAML 1953)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Lenine de Campos Póvoas (RAML 1953)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges, por Elizabeth Madureira Siqueira (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 34</i> | <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Olegário Moreira de Barros, por Palmyro Pimenta (RCML, 1991-1992)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Olegário Moreira de Barros (RCML, 1931)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico João Moreira de Barros, por José de Mesquita (RAML 1944-1945)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro, por Clóvis Pitaluga de Moura (RAML 1991-1992)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro (RAML 1992)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica Sueli Batista, pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Recepção à Acadêmica Sueli Batista, por Elizabeth Madureira Siqueira (RAML, v. 2, 2015)</p> <p>Discurso de Posse da Acadêmica Sueli Batista (RAML, v. 2, 2015)</p> |
| <i>Cadeira 35</i> | <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos, por José de Mesquita (1944-1945)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos, por Francisco A. Ferreira Mendes (RAML 1944-1945)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos (RAML 1944-1945)</p> <p>Discurso de Encerramento da sessão de posse do Acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos, por Francisco de Aquino Corrêa (1944-1945)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Newton Alfredo de Aguiar, por Lenine de Campos Póvoas (RACML, 2000),</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Newton Alfredo de Aguiar (RACML, 2000)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Clóvis de Mello, por Benedito Santana da Silva Freire (RAML 1992)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Clóvis de Mello (RAML 1992)</p> <p>Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Flávio José Ferreira, pelo Presidente Eduardo Mahon (RAML v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Recepção ao Acadêmico Flávio José Ferreira, pelo Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva (RAML v. 3, 2016)</p> <p>Discurso de Posse do Acadêmico Flávio José Ferreira (RAML v. 3, 2016)</p> |

| | |
|-------------------|---|
| <i>Cadeira 36</i> | Discurso de Recepção ao Acadêmico Luís Feitosa Rodrigues , por Francisco A. Ferreira Mendes (RAML 1951) Discurso de Posse do Acadêmico Luís Feitosa Rodrigues (RAML 1951) |
| <i>Cadeira 37</i> | Nenhum discurso publicado |
| <i>Cadeira 38</i> | Discurso de abertura da primeira sessão de posse do Acadêmico Amarílio Novis , por José de Mesquita (RACML, 1934) Discurso de Recepção ao Acadêmico Amarílio Novis, por Olegário Moreira de Barros (RACML, 1934) Discurso de Posse Amarílio Novis (RACML, 1934) Discurso de Recepção a Amarílio Novis, por José de Mesquita, em sua segunda posse (RACML, 1937) Discurso de Posse do Acadêmico Amarílio Novis (RCML, 1937) Discurso de Recepção à Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf , por João Antonio Neto (RAML, v. 2, 2015) Discurso de Posse da Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf (RAML, v. 2, 2015) |
| <i>Cadeira 39</i> | Discurso de Recepção ao Acadêmico Antônio Cesário de Figueiredo Neto , por Alcindo de Camargo (RCML, 1925) Discurso de Posse do Acadêmico Antônio Cesário de Figueiredo Neto RCML, 1925) Discurso de Recepção à Acadêmica Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga) , por Antônio de Arruda (RAML 1985) Discurso de Posse de Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga) (RAML 1985) Discurso de Recepção à Acadêmica Amini Haddad Campos , pelo Presidente Carlos Gomes de Carvalho (RAML, v. 3, 2016) Discurso de Posse da Acadêmica Amini Haddad Campos (RAML, v. 3, 2016) |
| <i>Cadeira 40</i> | Discurso de Recepção ao Acadêmico Rosário Congro , por Luis-Philippe Pereira Leite (RACML, 1949) Discurso de Posse do Acadêmico Rosário Congro (RACML, 1949) Discurso de Abertura da sessão de posse do Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho , pelo Presidente Lenine de Campos Póvoas (RAML, 2000) Discurso de Recepção ao Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho, por Lenine de Campos Póvoas (RACML, 2000), por João Antonio Neto (RAML, 2000) Discurso de Posse do Acadêmico Carlos Gomes de Carvalho (RAML, 2000) |

A Parte III inclui ainda Relatório da Presidência da AML, gestão 2013-2015, acompanhado o da Curadoria da Casa Barão de Melgaço.

Com a Revista n. 3, Série Discursos Acadêmicos, oferecemos à comunidade e aos atuais membros da AML dados substantivos para amparar estudos sobre a trajetória da AML, servindo ainda para subsidiar futuras posses.

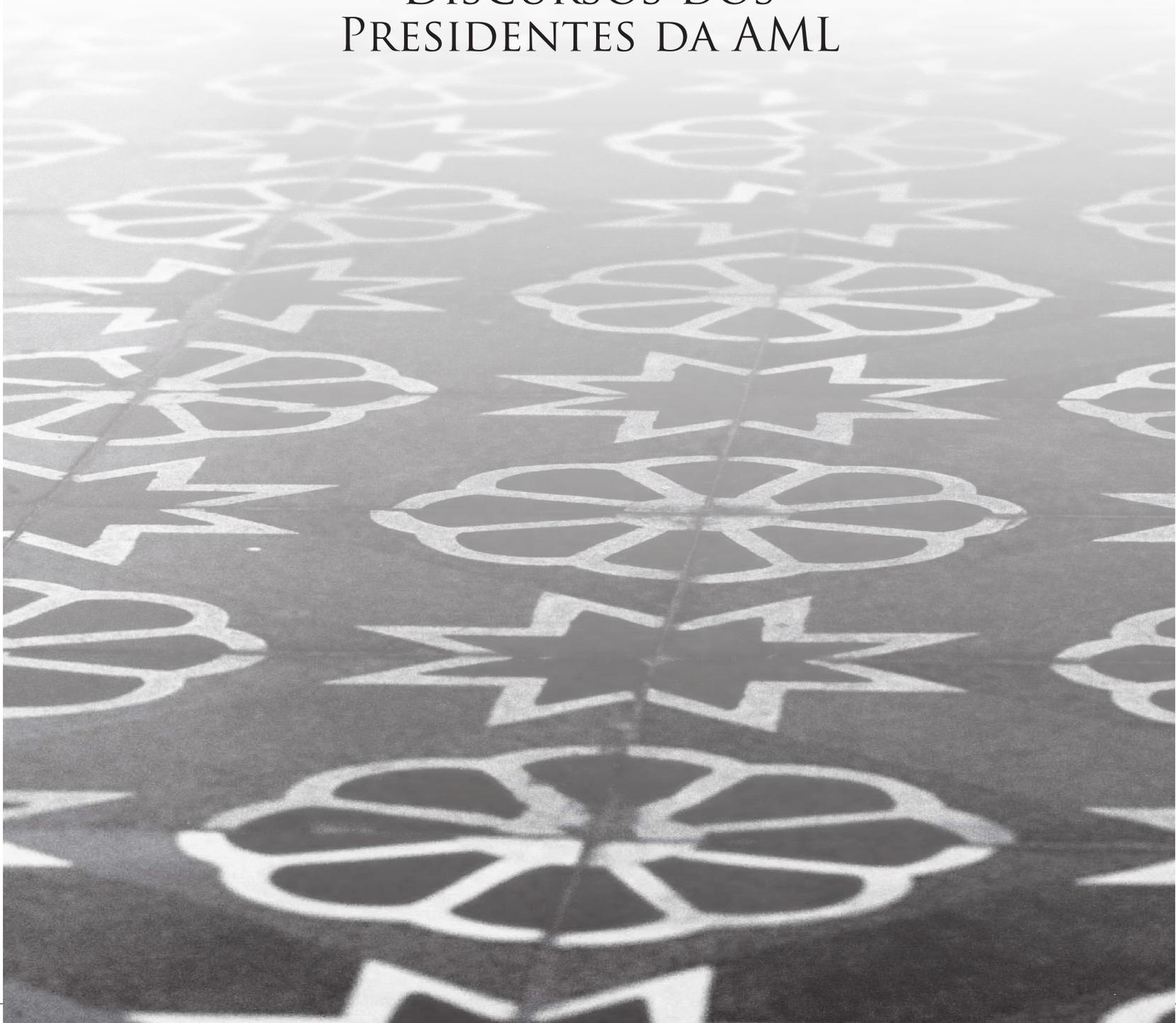
Comissão Editorial

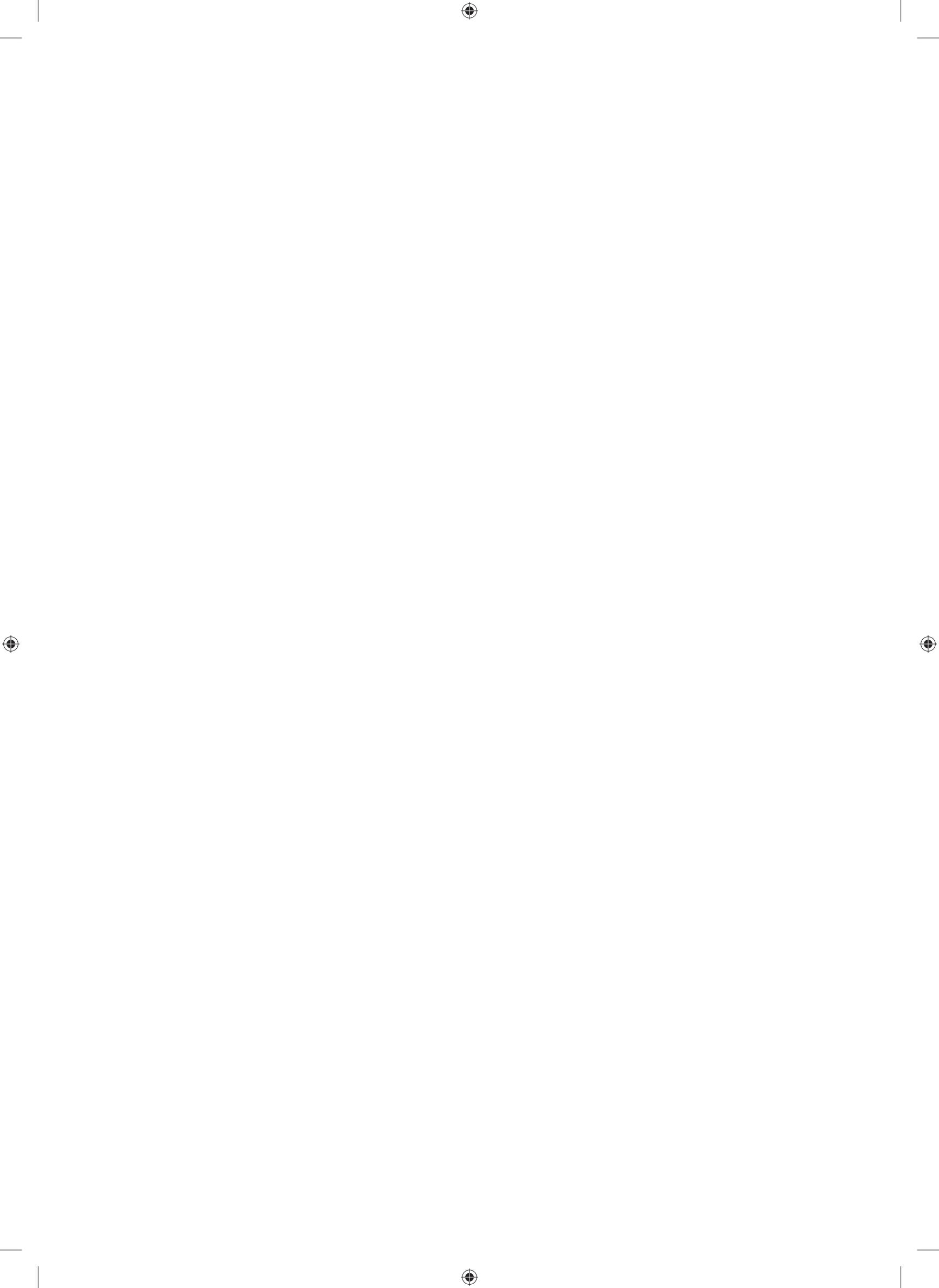




PARTE I

DISCURSOS DOS
PRESIDENTES DA AML





DISCURSOS DA PRESIDENTE MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

DISCURSO PROFERIDO POR MARÍLIA BEATRIZ
DE FIGUEIREDO LEITE, NA CERIMÔNIA DE
SUA POSSE NA PRESIDÊNCIA DA ACADEMIA
MATO-GROSSENSE DE LETRAS
10/09/2015

Em primeiro lugar, quero saudar os Acadêmicos de Mato Grosso do Sul que instauram em nossa Casa uma constelação de intelectuais de escol. E, ao dizer isso, lembro que por aqui já passaram gente do quilate de um José Couto Vieira Pontes, do nosso confrade Leal de Queiroz, amigo querido de Meu Pai Gervásio Leite, e, dessa forma, temos uma noite com brilho incomum.

Amados confrades que vão comigo dividir a responsabilidade de gerir a Academia, vocês são insígnia e registros de intelectuais e poetas que de fato corporificam, anunciando aquilo que não havia sido profetizado, acredito que vão organizar algo novo, fenômenos reveladores da habilidade que todos nós temos e que, em certa medida é, por isso que estamos aqui.

Para nós, operadores multifacetados como tenho denominado, ficou desde início claro que cada um vai ocupar seu espaço com seu ritmo, sua festa interior, pois, nos tempos que correm, uma Academia sisuda não fará jus ao contemporâneo que estamos ajudando a construir. Daqui para frente, somos articuladores, produtores, cultores daquilo que existe de mais precioso para nossa civilização, a valorização dos estudos, a obstinação em pesquisas cada vez mais expressivas, a derrubada dos cânones que desagregam nossa Casa. A Academia que sonhamos é feita não de acertos e muito menos de perfeições, a nossa Academia tem por base o sabor do vento artista, tem por destinação a oposição à ordem. A Casa que hoje venho ocupar com meus obreiros confrades e os verdadeiros gestores das letras e das artes é semeada pelos ventos da comunicação, com Carrara, pelos versos do médico Ivens, pela autoridade jurídica de Luiz Orione, pela Sueli, com sua competência administrativa e seu carisma passarinho, pelas cenas de Flávio Ferreira, ajudado na tesouraria por João Batista. A nova Academia continuará construindo suas histórias pela habilidade da trabalhadora Beth Madureira e assentada nas cantatas de Cristina Campos, e ainda temos para editar a ilustrada educadora/poeta Marta Cocco. Mas vamos além, pois nossa saudável imperfeição terá um Conselho Fiscal com a eficiente Nilza Queiroz mais João Carlos e o jovem expedito furacão: VAMOS LÁ, Mahon.

Diante de tantas imperfeições O QUE RESTA FAZER EM NOSSA CASA DE LETRAS E ARTES? Sinto que a responsabilidade fica ampliada porque, justo por conta de nossas imperfeições, a busca pelos acertos, pelo processo correto, pelas ideias criadoras fica atizada nas campanas cerradenses, nos acontecimentos fluviais das semioses, na abertura vanguardista DE GERVÁSIO E RUBENS QUE ANTECEDERAM A TURMA QUE DÁ CORPO ÀQUILO QUE NESTE MOMENTO É CONCEITUALMENTE TRANSVANGUARDA OU IMAGEM INAUGURAL DE OUTRO MODO DE VER. Por aqui, não é só o olho que vê e lê, a mão tateia nas paredes e descobre, nos desvãos das pedras, tijolos e buracos, o alfabeto de um Wladimir Dias Pino, os pés enfrentam corredeiras, chutam palavras escavam o GOOOL para neste momento inaugural um silêncio que dorme em coisas mimosas aponta o rude na maciez dos descobertos becos de Silva Freire. Mas esta Casa não pode deixar em branco os trabalhos desenvolvidos esplendidamente pelo nosso Antônio Houaiss, Carlos Gomes de Carvalho, pelo meu querido João Carlos, Dicionário impecável e uma Enciclopédia ilustrativa. Os livros e artigos escritos por Benedito Pedro Dorileo, com sabor especial. As Janelas do Tempo de nosso Avelino, a poesia translúcida de Lucinda e todo o arsenal de qualidade dos colegas, como Yasmin, Mahon só valem para mostrar que temos muito que apreender e aprender.

Agradeço o trabalho incansável de Fernando Tadeu, Beth Madureira na gestão DINÂMICA que termina de Eduardo Mahon. E por isso eu digo que a inclinação da MULTIFACETADA, embora não formulável por conta das imperfeições, da falta de linguagem, é mais forte que a razão; só a inclinação e/

ou a intenção é que irão conduzir nossos passos. E em mim, e quiçá neste time de agora, a razão ou vez por outra o estatuto, não passam de escravos do espírito. As facetas múltiplas nada mais fazem do que incentivar, transformar a inclinação em demonstrações e máximas. Aliás, é o que vemos em certos discursos e nas inserções criativas dos Crônicos.

E quando chegar 2017, pensaremos que não foram os ventos, nem as belas escrituras, nem os textos luminosos, mas sim o *locus* das imperfeitas ideias que nos levaram à remar para lá do rio Cuiabá. Porém, o que nos atirou sempre mais longe foi a comunidade sedenta, a sociedade em busca da saciedade intelectual, o povo maravilhoso e a cultura dominante deste Mato Grosso expressivo. Peço desde já o apoio maiúsculo dos irmãos de Mato Grosso do Sul para, também contando com nossa gente, mostrar que no Centro-Oeste Manoel de Barros puxa muitos outros poetas.

O PRIMEIRO EVENTO que marcou o início da nova gestão foi receber a poeta Regina Pouchain que, em pleno sábado dia 12 pp, falou sobre sua vida e obra poética. Palavras enriquecedoras. Grata Regina, e aos que compareceram naquela troca, especialmente Tainá, que começa seus passos na estrada da poesia com 8 (oito) anos de idade.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PRESIDENTE DA AML,
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE, NAS COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO DE RUBENS DE MENDONÇA

FACE SATÍRICA ENTRE BRINCAR E EDUCAR: RUBENS DE MENDONÇA

25/02/2015

A MODO DE INTRODUÇÃO

Creio que Rubinho amaria que daqui deste lugar que foi dele e que é dele até hoje, não apresente limites e trancas, tanto para sua verticalidade expressiva quanto para sua horizontalidade pensamental.

O que vou falar neste espaço não é só do mundo das letras. Intento mostrar a rebeldia signica do filho de Estevão de Mendonça. Momentos para fazer todos que aqui estão esquecer um pouco das coisas duras, como falta de água, energia cara; a propósito: SE A ENERGIA É BARATA/É BOM ASSIM CONSERVAR/ SE A CEMAT NÃO DÁ LUZ/ PRÁ QUE O PREÇO AUMENTAR?

A poligrafia de Rubens de Mendonça dá a nota, os acordes e a harmonia de verdadeiras partituras na escrita que transita por todos os gêneros e alça voos os mais inusitados. De um historiador que vai buscar na memória a gênese de muitos fatos, como herdeiro ilustre de Estevão de Mendonça, de articulista esmerado, poeta com nova construção: o moderno vivificando as pegadas cuiabanas, prosador cujo resultado é a eferescência na arquitetura do texto, Rubens deixa entrever porque é ponta de lança nas letras de nossa terra.

A semiótica de Rubens é domada por sua maneira de esculpir a escrita, ao trabalhar o cinzel trata de esboçar, formular e apresentar as cenas de seu tempo, em seu tempo e para lá de qualquer tempo com vívidas traduções.

Constituem temas de seu interesse fragmentos jocosos que na abordagem dele configuram e conformam signos do cotidiano, da *res publica*, vidas novas e presenças antigas. O fascínio que exerce sobre a imaginação de seus apreciadores é único. Na fatura satírica de Rubens de Mendonça, o que aparece é o privilégio da ressignificação das coisas, a personalidade do escritor eclode. Tudo é motivo da avaliação festiva, do bom humor. A graça na praça, a comicidade na cidade, o humor em família e o riso polido na cara do político fazem a moldura dos efeitos que o gozador precisa para construir suas imagens.

LIBERDADE, LIBERDADE ABRE AS ASAS SOBRE NÓS

O artista mostra os moldes da liberdade que brotam no formato cultural e na competência inserta nas cenas, nos artigos e nas graças que deixou em nossas letras. Pensar que a literatura ou a arte deve ser sempre útil é cair em doutrina ultrapassada. Há uma questão que importa em todos os segmentos artísticos: Para que ou para quais pessoas algo pode ser útil ou danoso? Existe uma via de pensamento que é profundamente inovadora, revolucionária suficiente para apontar outras rotas. É aqui que encontro um Rubens de Mendonça ocupando o espaço lúdico e ao mesmo tempo didático, com o riso escancarado ou mascarado. Um ser que descobre e cria, perfaz e produz de acordo com suas ânsias e paixões, por conta de suas necessidades vitais.

O autor que residia ao lado do Clube Feminino, o poeta que encantava seus leitores com o DOM POR DO SOL, o educador que buscava a UFMT são pontos que surgem como cenário da vívida fortuna que foi sua estrada. O texto na trama do riso é ao mesmo tempo terreno por onde repousa o ensinar. O didático vai de mãos dadas com a brincadeira, aqui reside a precisão de unir as duas faces: o jogo e o ensinamento, em nenhum momento o autor pensou em DAR RESPOSTAS DEFINITIVAS, CONCRETAS. Indica algo e não pretende resolver.

Eis aqui em *Ruas de Cuiabá*: “Esse erro judiciário me faz lembrar a sugestão de Pitigrilli que achava que a cadeira de um juiz deveria ser forrada com a pele do juiz antecessor que tivesse sido injusto (*La Meravigliosa Avventura*), citando Pitigrilli, chama atenção para a leitura de Autor permanentemente sarcástico e lido por muitos brasileiros e alguns latino-americanos, como Julio Cortázar. Eis um jeito de ensinar citando

referências. Aliás, educar não é garantia de que as coisas são locais e imutáveis, intangíveis e de que não podem ser transformadas, isso é algo que não condiz com o verdadeiro modo de querer melhorar a pessoa. O fato do ser humano percorrer as vias da dúvida mostra que para desenvolver é preciso experienciar, buscar e não viver picotando falsas verdades.

O LÚDICO QUE IRROMPE EM RUBENS TEM QUE MENSURAR A QUANTIDADE DE LIBERDADE QUE EXISTE NA POÉTICA DO INCONSCIENTE. O QUE APARECE É POÉTICO E NÃO TEM COMO NÃO SER, PORQUE OS SIGNOS DO PRAZER, DO GOZO E DO BRINCO SÃO TEMAS CONSTANTES NO ROSTO DO ESCRITOR.

ADIVINHAÇÕES

EIS A ESTRADA DE UMA QUESTÃO:

Como falar de algo que sempre me pegou? Adélia está aqui para testemunhar que sempre fui amante do SERMÃO AOS PEIXES. Estive envolvida e enredada pela coisas do humor de Rubens de Mendonça desde sempre. Não consegui me desligar do encanto que sentia por aqueles escritos. Meu pai me conduzia a passeios, em conversas com amigos ou simplesmente olhando o céu azulado e sempre pensava em Rubens e retornava à magia das trovinhas e ao “*RIDENDO CASTIGAT MORES*”. E ele, com sua doçura, sabia bem disso, porque teve um momento em que ele desafiou: “faça você uma trovinha” E quedei espantada. O que fazer? E se mesmo obcecada, metida em vários romances não fui capaz de transformar os bichos internos em gatinhos macios e a ideia em coisa com lucro? Resolvi conviver e esperar o dia para desmarcar a minha mania de querer jogar e também respeitar o brinquedo do autor.

Outra questão me incomodava: como era possível a estatura extensa de alguém que sabia edificar a sátira na Cuiabá de antanho com tal primor e destemor?

Há naqueles discursos lúdicos, tanto sob o ponto de vista estético quanto no ideológico, um avanço que sem dúvida é uma das mais importantes aquisições das letras mato-grossenses. Tal avanço é visível em SÁTIRA NA POLÍTICA DE MATO GROSSO. Lá está a estrutura imagética dos fatos e a referencialização tópica da poesia satírica.

Diálogo crítico/criativo = Sátira na Política de Mato Grosso

A linguagem desenvolvida neste livro cria a ambiência perfeita do modo como é concebido o desenho satírico. Aqui ele vai desencavar os defeitos e vícios e colocar na cara, bem a mostra o quilate de alguns dos políticos de Mato Grosso. Com efeito, ele responde aos desejos de conhecimento da “essência de certos homens políticos mato-grossenses” via uma letra satírica que busca o signo mais importante para se constituir nas estruturas emblemáticas do ser, do sabor e do narrar.

Nosso Rubinho é particularmente produtivo nesta mirada, uma vez que enfoca as relações da política com o ridículo, do poder com a ignorância e dos próximos (amigos ou não) com suas irreverências.

Ele mesmo afirma: “Nosso objetivo é de registrarmos os fatos que ocorreram numa época de prosperidade (política) em nosso Estado, cujos dados vão desaparecer se o Arquivo Público continuar abandonado como está” Eis o modo do escritor chamar a atenção para fatos que desabonam o acervo memorialístico de nossa terra. Os brados dos Mendonças e de tantos outros são relevantes para os cuidados com a Cultura exigidos até hoje. Presente então um recorte da pedagogia do intelectual cuiabano que é um perfeito contador de histórias, narrador seguro e desafiador junto com Gervásio Leite da impoção elitista que não se prende às gavetas, aos empolados textos e outros trejeitos. Com tais falas ergue o arcabouço crítico e de denúncia. Para, em seguida, alertar:

TROVA DO POVO! POESIA
DE SIMPLES INSPIRAÇÃO!...
MAS CONTÉM QUANTA IRONIA
SE CASTIGA UM MEDALHÃO!...

A trova que se dobra sobre ela mesma, como num jogo de reflexos. O lado criativo de mãos dadas com a chibatada.

AS ENTRANHAS ESTRANHAS DO TEXTO SATÍRICO

É como certa a possibilidade da sedução que o autor cria no leitor/apreciador São variadas formas de convite que ele lança para capturar a leitura admirável. Cria um admirador/espectador que, por estranhas interpretações, possui o entranhado tecido satírico e diz:

O HOMEM É COMO FORMIGA/SE QUISER MORRER CRIA ASA... FAZ O QUE NINGUÉM O OBRIGA/ FICA BOBO, CRESCE E CASA!

A sátira, como diz o próprio Rubens, é o “ter ao menos alguma semelhança com a verdade” O problema é saber de que verdade ele trata. Assoma que a elaboração na qual ele perpetra seus versos satíricos é a expressão dos mais diversos recursos de apresentação. A verdade pode ser retrato, denúncia, travessura ou simples gozação. De todo modo, são os diversos pontos de vista sobre o qual ele vê o universo. Verdade não é coisa estagnada, é múltipla. A verdade em Rubens é plural: relação pessoa/comportamento, moral/ação, direito/avesso.

Signo exemplar: NO CHURRASCO DO ARQUIMEDES/VI GERVÁSIO PERGUNTAR, AFINAL, AUGUSTO MÁRIO, ONDE VAMOS ALMOÇAR?

Eis a maneira de jogar o comportamento na cara do sujeito. Signos que desenrolam ações para brincar: A PALAVRA FANTASIA/NÃO SE MEDE POR TAMANHO/MAS É MUITA PORCARIA /POETA NÃO TOMAR BANHO.

E para significar a dualidade moral/ação venha Rubens: SE NÃO HOUVESSE IDIOTAS/ QUE SERIA DOS LADINOS? NÃO HAVERIA TROFÉU BORÔRO/SE NÃO HOVESSE CRETINOS

As funções da linguagem em Rubens de Mendonça carregam toda possibilidade da arte fascinante que a Cidade cuiabana, que a gente de parcimônia, que o tesouro encravado nesta terra desperta cotidianamente. O CUIABONOSSENSE que está em Rubens fez de Cuiabá o Mato Grosso INTEIRO de sua janela da Rua do Campo, visualizou os ricos traços das letras, pedras preciosas que se transfiguraram na obra INCANDESCENTE. Forma moderna de dar sentido para a dialogia satírica. Estou aqui pela luz generosa de Adélia (filha de Rubens de Mendonça), com aval da Casa Barão de Melgaço e devo dizer que, como ando querendo descobrir qual é o Lugar do desejo sem lugar, penso que para que o desejo se lance em ato para que a força das letras satíricas, árvores que são da literatura de Rubens, se edifique em ramos, para que tudo se torne signo é necessária uma escolha. E é da injustiça da escolha que a vida nasce. E para ser o que é, agora aqui tive que reduzir Rubens nesta tentativa. Estou em desespero, pois não sei se alcancei o intento de dar asas porque tive a exata medida de que aquilo que é, é INJUSTO. INJUSTO? RUBENS NÃO ESTÁ MAIS AQUI, embora todas as suas palavras, toda sua criação doce/cruel, a sua família encantadora...

Não devo recusar as contradições devo recebê-las, pois elas são força: O MENU QUE FEZ GERVÁSIO/IA SE TORNANDO FATAL... POIS FILÉ DE PESCOÇO QUASE MATA O GENERAL!

Todos os dias a ludicidade rondava a porta do crítico-satírico para dar forma a novas trovas. Meditava nas canções, rimas, boatos e preocupações do povo e ia criando o mosaico imagético do documentário desta gente. Qual mestre diretor, qual fabricante de nosso mosaico, desenhava e montava o solo pelo qual passamos todos os dias, traduziu a personalidade no espaço intervalar e ainda entra em nossas vidas a todo e qualquer momento.

Veja só o que preparou o Autor: DINHEIRO PÚBLICO E CRIANÇA/ SÃO DIFÍCEIS DE PEGAR!/ SE A GENTE PEGA SEM JEITO/ELES COMEÇAM A GRITAR/ E NASCE DESCONFIANÇA/E FAZEM TAL CONFUSÃO/QUE COMPROMETE O SUJEITO/ IDENTIFICA O LADRÃO.

É preciso dar termo ao meu falar e para tanto apresento:

VITRINE DE TROVINHAS

VER TANTOS BURROS MANDANDO/EM HOMENS DE INTELIGÊNCIA/ QUE ÀS VEZES FICO PENSANDO/QUE A BURRICE É UMA CIÊNCIA
ESSE RELÓGIO PARADO/LIBANESES QUEM NOS DEU/ PARA ELE ANDAR CORRENDO BASTA CHAMAR UM JUDEU!

LIVRO E MULHER NÃO SE EMPRESTAM/LIVRO NÃO SE RESTITUI.../MULHER A RAZÃO CONCLUI/RESTITUIR-SE NÃO PRESTA.

NECESSÁRIO EXPLICAR QUE ESSE GOZO SATÍRICO VEM DE GAUDIUM, A ALEGRIA DE GANHAR, DE LOGRAR, O LUCRAR COM ASTÚCIA. COISA DE CUIABANO, QUE ENGANA A PALAVRA POÉTICA E BURLA ARDILOSAMENTE. Venha mais uma vez, Rubens, para matar as saudades e traga suas trovas para alegria nossa de cada dia e PARA RESPONDER AO DESAFIO DO MEU QUERIDO AMIGO Rubens de Mendonça eis a trova que hoje trago a público e que espero vá físgar o sorriso dele:

Tenho certeza que este Mendonça/É o Rubens/Que sem medo de D. Onça/Sempre anda nas nuvens
E viva a Festa dos 100!

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PRESIDENTE MARÍLIA BEATRIZ DE
FIGUEIREDO LEITE NO ENCERRAMENTO DAS FESTIVIDADES
DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE
RUBENS DE MENDONÇA

27/07/2015

CONTEMPORANEIDADE: VOZES

O discurso de Rubens de Mendonça é temperado pela conversa com o novo, intercalado com os recortes na tradição.

Para ele, escrever é usar todos os artefatos da linguagem porque tem como certo que ser é ser de linguagem. Ele busca encontros e ouve vozes saltando dos livros, dos jornais e das trocas com parceiros. Cria vestígios, ressuscita ressonâncias e modela as máscaras da realidade na ficção literária. Ali, encontra o falar de outros, ouve o seu próprio sentir, retira sons quase imperceptíveis das inspirações e, por assim inventar, inspira e expira o ar literário da contemporaneidade. Sua face contemporânea é esta impressão de operações ambíguas, de conversas com realidades ocultas ou os dizeres de outros escritores e os murmúrios dedicados, por exemplo, em *Souvenir*; o soneto tem a fala de Júlio Dantas: “Recordar é viver”. Sempre conversa com muitas vozes, bate papo com as múltiplas faces escriturais e ouve daqui e d’além muitos sons.

“*No Escafandro da Vida*” e cheio de ambição, Mergulho a revolver “*Garimpo do meu sonho*”, Para somente achar “*Cascalhos da Ilusão*”... é aqui que a conversa instaura o disse-me-disse das obras de Rubens.

O universo do discurso deste A. descortina e desvela a realidade para deixar aflorar o jogo da semiótica, os signos /palavras substitutos do mundo real por dentro da escritura. Por falar de contemporaneidade é bom que realce que esta via passa a ser o lugar privilegiado da Inter-relação dos elementos do tecido textual. Contemporâneo é o movimento *signico/lúdico* que releva a expressão do homem como ser simbólico e, eminentemente criativo apontando a especial estrutura do pensar autônomo. Importa ressaltar que aquela via satírica por nós abordada, em 25 de fevereiro de 2015, atua como dinamismo que tenta minorar a separação entre as coisas para restaurar uma certa natureza lógica da arte. O discurso de Rubens mostra o humor como matiz da letra e o jogo como libertador da palavra!

O TEMPO CONTEMPORÂNEO

Eis o instante em que a palavra nova da instauração inaugural da literatura surge da exigência de conter e falar uma relação diversa com as coisas. Um modo de expressar o mesmo com outra roupagem! É agora que o verbo poderá retirar a mitificação e trazer a falsidade (ou não) da ideia sobre as coisas. Rubens em certo sentido destrona a técnica tradicional, porque não poderia perceber o que havia de inovação na escrita que produzia. Sabia da instabilidade da literatura e de sua sacralidade, porém devia quebrar os ranços desfraldar a bandeira do novo, do tempo vivenciado.

A imagem da nova cultura é disseminada. Em seu discurso está escrito: “Penso, Senhores, que duas finalidades deve ter uma Academia de Letras, coordenar os luminares da literatura e difundir amplamente a cultura.

Se essa é a dupla finalidade das Academias, podeis contar com a minha modesta colaboração. Mas, se a Academia pretende ensinar gramática ou dar lições de estilo, então ele fugiu à sua finalidade e deixou de ser Academia”.

Como afirmou Hilda Hilst:

“Calma, calma, também tudo não é assim escuridão e morte” O nosso homenageado tinha consciência dessa labilidade ao mesmo tempo perpetrava escritos entre a sombra e luz. Um ser de sabor com saber, pois aquele pensante nem sempre aceita o mundo oficialmente organizado e explicado como querem certas cartilhas.

Mendonça necessita entender a quadratura da arte nos albores da modernidade e constata a dificuldade, o problema que é encontrar um modo para colocar a ossatura de seus escritos em modelo exato. Pode, por exemplo, apanhar um Joseph Conrad para sustentá-lo com esta afirmação: “A arte destina-se acima de tudo a fazer-nos ver” Enciclopédia AUDIO-VISUAL GEO HISTÓRICA de Mato Grosso dá bem a prova do avanço de Rubens. É preciso que as pessoas vejam assim a criação está completa. O escritor tem essa missão tornar os invisíveis claros para o mundo. Eis uma das operações do contemporâneo.

O MODERNO E A ESTÉTICA

Na SEDE da modernidade os autores percebem que sua tarefa é a instrução, ou melhor, dizendo uma intrusão da linguagem. O que importa não é mais do que se fala, mas sim o falar das letras, da linguagem.

Nesse sentido é preciso situar que foi com Rimbaud e Mallarmé que a literatura fez uma revisão continuada PELO Manifesto do Surrealismo. Conforme já noticiei em recente aula no curso de Literatura aqui mesmo Baudelaire, inventor da palavra *modernidade definiu* a mesma como “progressiva decadência da alma e progressivo predomínio da matéria” Outra característica é o pluralismo estilístico. A dissidência estilística da arte da vanguarda é reação contra a rigidez da arte da burguesia.

O trabalho literário é conquistado pelo sistema de signos. Os signos incorporam a matéria verbal e esta é o Corpus da literatura. A força e o tencionar verbal equivalem ao amálgama de signos e frases, discursos, imagens, estrofes etc. O que confere existência é o espírito do *escritor* que também constrói a significação.

RUPTURA

Cena e ato: em dado momento RUBENS DE MENDONÇA LANÇA-SE NO ESPAÇO E NO TEMPO recusando a linguística tradicional, busca a aventura e pouco importa o sucesso. Instaura o discurso da transgressão: A Palavra poética única é uma demência da língua EM EQUADOR:

E ardia no meu peito um fogo interno:

Meu coração era o Equador ardente

E tu mais fria que Moscou no inverno

A língua tem, pois todos os ícones sonoros do erótico: Sopros (*eff*), gemidos (a, ei), vibrações(*r*), etc.

Quando há citações, por exemplo, de Pirandello, Pitigrilli, e outros tantos autores as vozes trazem o Acaso que conspira no aqui e agora na instauração de um deslumbrar que a escrita apresenta:

Quando teu lindo corpo nu eu vejo

Na glória da volúpia e da paixão!

Tais gritos desse corpo poético assinalam a questão > o ver no séc. XX é importante na arquitetura literária. A letra, a palavra, as frases, os discursos precisam do encontro de quem vê- o leitor. As rupturas estão nos jogos no desprezo do arranjo Gramático como escutamos no discurso de posse.

O REAL E O EXÓTICO

Desde as “*Correspondances*” de Baudelaire, passando pelo colorido de Rimbaud, surge um mundo de sensações incluídas. A poesia que encontramos em R. de Mendonça é de ordem sensorial, unida a captação impressionista.

DESLUMBRAMENTO

Paciente o Criador foi, traço a traço,

Formando esse teu corpo escultural,

Desenhando tuas curvas a compasso!...

Aqui estamos diante do exotismo, construção em que o artista apreende sua única realidade. Tom escapista.

Encontramos em diversos trechos dos escritos mendonçiano a recusa da realidade social na qual não se integra: Imobilidade de um lago

Silêncio por tudo

Uma pedra lançada por um garoto vadio

Caiu na superfície d'água

Como se fora bomba atômica. O poeta foge magicamente da realidade para terminar o poema CHOQUE assim:

Era o movimento,

Abalando nervosamente

A paralização! O espanto no ponto de exclamação

A estrada da evasão conduz ao passado (num ressuscitar romântico) ou à transmutação do longínquo (intuição surrealista)

Nosso homenageado faz como constatamos em diversos de seus textos um ingente esforço para assumir uma situação histórica nova com intuito de compreender e adequar às imposições.

Ouve vozes no real e no exotismo dizendo: ”Eu acredito em espiritismo. E tenho pena de Alexandre Graham Bell quando sou obrigado a usar telefone da TELEMAT. Pena dele, propriamente, não, tenho pena da mãe dele”, ou: Creio que foi Luis XV quem disse: Toda mulher é boa, desde que passe pelo banheiro e pelo dentista.”

RUBENS E O MODERNISMO

Ao assinar os Manifestos, tanto na Revista Pindorama como em Graça Aranha, ele vai buscar a heterogeneidade das influências e o apoio das vozes que com ele partilham dos ideais de renovação, sem desrespeito à tradição. O que os jovens Rubens de Mendonça e Gervásio Leite procuram é que as nossas letras andem nas pegadas do modernismo já lançado em outras regiões. É preciso destacar que a letra mato-grossense oscilava entre dois vértices que mixados, acionavam as instâncias criativas daquele tempo: *a esteticista* que vinha do impressionismo francês no qual a estrutura poética era a finalidade resultante da mística da palavra poderosa e que servia para exprimir a emoção mais íntima de cada um e A VERDADE autêntica das coisas; e de outro lado a *vanguardista* que trazia em seu bojo a luta sistemática contra os meios de linguagem tradicional (provocados pela emoção) Disso decorre a oscilação entre o objetivismo e subjetivismo.

A estética de Pindorama é a revolta contra o estabelecido, contra o mofo nas e das letras.

O grito é: Nunca no mesmo plano o velho e o moço compareceram para discutir os seus problemas. Sempre a intolerância.

Com esse chamamento acorrem os novos para subverter e destronar as belas letras aquelas letras das epopeias, dos bons românticos. É preciso embarçar o andar das oficialidades porque os moços do modernismo entendiam que lá estava o marasmo, o esgarçamento da criatividade.

MONOTONIA

Por que será que todas as manhãs

O SOL NASCE DO MESMO LADO?

Por que será que todas as tardes

O SOL MORRE NO MESMO LEITO?

Será que ele não se cansa de fazer a mesma coisa todos os dias?

ÊTA SOL BESTA

EXPERIMENTALISMO

O experimentalismo está nesse encontro da singularidade criadora.

Quando a letra de RM passa a questionar o que a literatura pode dizer uma vez que esta posto que só a linguagem da ciência possibilita dizer verdades surge a reflexividade/experimental que passa a caracterizar àquele tempo e chega até este momento! É preciso aproximar o homem das suas impossibilidades e tentar fazer aí um laboratório. NÃO A OBRA FECHADA E SIM A OBRA ABERTA.

O signo e a vida estão em aparição constante porque é da fatura de Mendonça tal jogada. E é aí que as experiências encontram foco: a busca dos valores humanos pelo veio do humor, e como consequência o nascer da liberdade.

“Na outra encarnação eu quero vir ao mundo: ou cantor ou jogador de futebol, menos voltar metido a intelectual. Quero vir assim burro...” e no final desse Sermão aos Peixes (que creio ser uma das faces mais fecundas da contemporaneidade) ele arremata: “Vou ser rico, vou ter até automóvel. Escrever livros é mania de cretinos e, ser cretino basta uma vez na vida. A liberdade fica esperando o lúdico para se restaurar.

Em Poética do Pós Modernismo Linda Hutcheon leciona que não é preciso apanhar *nenhuma visão total*. A atitude é *questionar*. O Autor passa o tempo questionando tudo para não erigir nenhuma coisa absoluta... Havia no experimentalismo os traços de alguma desordem: fragmentação instituinte, a comilança humanística, as rupturas das imagens míticas e místicas, tudo servindo para que a contestação desenvolva e formate a arte libertária e libertadora:

“Geração moderna deve procurar nas cousas atuais elementos para construir um mundo melhor.”

O PROJETO CONTEMPORÂNEO

Aquelas fraturas e desarrumações trazem a liberdade incerta e tal incerteza de liberdade constitui uma marca contemporânea. Necessário compreender a noção DE LIBERDADE sem defini-la nem pelo lado da semiótica com seus signos e muito menos pela margem da vida: a busca das definições ou conceitos talvez esmague a liberdade criadora daqueles escritores (Rubens e Gervásio) ou de um Wladimir ou Silva Freire. Essa trupe instala na falta/falsa de seus textos/imagens a fabricação da arquitetura conceitual (homenagem à Andreza Moraes Branco Leiria). O projeto propõe mudança radical na concepção da obra de arte, vista não + como representação direta da natureza ou imitação, mas como algo de qualidade diversa e de autonomia razoável, o que transgredir os princípios da concepção literária.

O CIDADÃO E A CIDADE

A ascensão das cidades, emergência contemporânea do espaço citadino, por consequência das mudanças DO SISTEMA GLOBAL DE PRODUÇÃO, atinge a forma de procedimento textual da literatura. O Rubinho passeando pela cidade mostra o seu afeto pela paisagem urbana. Nada exclui bem ao contrário como o Flaneur de Baudelaire toma posse do que vê e devolve tudo como um fruitor para deleite do seu público. Ressaltei na Face satírica que tal observação começa da janela de sua casa bem aqui pertinho e depois sai pelas ruas parando aqui e ali, saudando os Josés e os Antônio, seus pés são pesquisadores e os seus olhos registram absolutamente tudo para depois com suas mãos tecer em suas escrituras Lendas, biografias, dicionários e crônicas etc.

CUIABÁ

Bendita, sejas tu, ó minha terra amada...

Tu que és do meu Brasil a pérola engastada

-Em pleno coração da América do Sul!

Pelas ruas, indivíduo e multidão se encontram e se desencontram, desesperando-se na queda do individualismo.

Cuiabá terra amada e amante!

O SIGNO CORPO E PAIXÃO NO TEXTO

A ambiguidade do texto erótico revela os polos opostos vida e sombra, luz e escuridão que amplia a poética do nosso homenageado. E é só na poética que encontramos a tensão do desejo. Autores explicam que o amor tem sua origem no mesmo impulso que faz nascer à linguagem. O escritor através das palavras quer possuir o mundo bem como com o amor quer possuir o Outro. Esse outro erótico é completamente desvelado com o surgir desse outro que a diferença é instaurada, conhecida. Nessa explosão de cores fortes, nessa sofreguidão da construção de um texto sexualizado o erotismo inventa o corpo do desejo, o faz grávido de sabedorias. Vem distraído e é um ato marginal, não assenta EM CODIFICAÇÃO. Único e singular, cada repetição dele não é a mesma imitação. Assim é um som que sempre novo provoca o gozo da Beleza. A poética de Rubens cria a persona do outro. É o que sentimos em certos poemas. Rubens foi de ontem é de agora e será de sempre. Um grande autor para qualquer tempo! Satírico, erótico e contemporâneo.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PRESIDENTE DA AML E FILHA
DE GERVÁSIO LEITE, MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE,
POR OCASIÃO DA ABERTURA DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO
DE NASCIMENTO DE GERVÁSIO LEITE

19/06/2015

RECADOS DE GERVÁSIO LEITE

A melhor maneira, o melhor recorte para mostrar quem foi Gervásio Leite é deixar que ele mesmo aponte e revele os vários caminhos por onde seu pensamento transitou.

Desde o início de sua vida, já mostrava seu jeito incandescente, vibrante e arrebatador de descobrir, apreciar, lançar signos indiciais e finalmente iluminar as trilhas por onde trafegou e que deixou registros até hoje.

Em carta de meu pai Gervásio Leite extraio texto enviado para António de Arruda, em que ele assinala:

Não mudei meu lema ou brasão d'armas: ou vai ou racha! Dele não sairei por motivo algum. Aos 22 anos o que posso ser? Ou covarde ou revolucionário. Não há outra escolha. Vou para Cuiabá como D. Quixote, pois sei perfeitamente que ainda há moinhos de vento na idade da máquina. Nada de progresso a conta-gotas. Tem que ser furacão. E quem for fraco que fique pela estrada.

Eis a sua decisão lutar e lutar - muitos se lembram dele como guerreiro, traço que permeia sua vida e obra. Nascido pobre, entendeu que o único caminho para seu viver era buscar o estudo, a riqueza era empregar a inteligência a serviço do homem e o destino lançar a Imprensa, a Educação, a Justiça, a Ciência/Técnica, o Direito e as Letras no desenvolvimento dos Homens. Necessitou transitar no todo humano para verificar o emergir, as concretudes, os múltiplos rostos da vida posto que, sem conhecer o todo, sabia que as parcelas escapam, fogem, sem nada que as suporte. Dizia constantemente “de nada adianta reservar um tanto de saberes parciais se não alcançar uma mirada integral do arcabouço humano”.

Em seu trabalho jornalístico soube tirar proveito, das pautas, dos assuntos para seduzir os leitores: Bric-a-Brac uma de suas colunas deixa entrever o gosto multifaceado. Seu afeto pela imprensa começou desde cedo no Liceu Cuiabano quando afirma: “... adquiri o vício da Imprensa.” Escreveu para quase todos os jornais do Brasil: *Tribuna de Petrópolis*, *A Manhã* (RIO), *O Estado de São Paulo*, *Correio do Sul* (SC) entre outros, e aqui fundou *O Estado de Mato Grosso* e colaborou em quase todos os jornais surgidos: *Social Democrata*, *Diário de Cuiabá* e, por fim, no início dos anos 70 colaborou com um jornal de *Ferrara-Itália*, onde tinha uma AMIGA TRAZIDA PELAS MÃOS DO VELHO SPINELLI. Assim sua rota na Imprensa.

Em 1947, já Deputado Constituinte, pensa as bases do que depois seria o Estatuto da Criança e do Adolescente exortando: “É por isso que hoje estamos lançando com decisão os fundamentos dos Direitos da Criança pois que ao lado dos Direitos do Homem, ao lado das conquistas que hoje constituem os direitos da mulher precisamos considerar, como anterior a estes os direitos fundamentais da criança”. Como deputado, pugnou sempre pelos altos interesses dos municípios, do Estado e dos homens tanto na economia como pela via cultural!

Outra preocupação era a EDUCAÇÃO e, empolgado como sempre, escreveu: EDUCAÇÃO NESSE INSTANTE HISTÓRICO NÃO É APENAS A TRANSMISSÃO DE UM CONJUNTO DE CONHECIMENTOS, O ENSINO DE ALGUNS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS OU, APENAS, A REVELAÇÃO DE ARTES, COMO LER, ESCREVER E CONTAR QUE SE TRANSMITE POR SIMPLES MECANIZAÇÃO. Quando tratou do “ASPECTO MATOGROSSENSE DO ENSINO RURAL”, no VIII Congresso Nacional de Educação, disse algo que faço questão de destacar: O PROBLEMA, ALIÁS, TORNOU-SE MAIS AGUDO, EM CONSEQUÊNCIA, JUSTAMENTE, DAS REFORMAS DE GABINETE.

Em seu livro “*UM SÉCULO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA*” afirma veementemente: “ERRADICAR O ANALFABETISMO ATRAVÉS DE UM EXCELENTE ENSINO PRIMÁRIO É, VERDADEIRAMENTE, OBRA DE ESTADISTA”.

Sempre cuidando da educação em todos os segmentos, escreve, a propósito de nossa Universidade Federal, em *DESTINO SUL-AMERICANO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO* O SEGUINTE: “É URGENTE QUE FORMEMOS UMA UNIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA, O QUE SERÁ POSSÍVEL ATRAVÉS DAS UNIVERSIDADES LATINO AMERICANAS, ENTRE AS QUAIS A JOVEM UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, PELA SUA POSIÇÃO GEOGRÁFICA DEVE DESEMPENHAR UMA ATIVIDADE CATALIZADORA, UMA AÇÃO POLARIZADORA E NÃO SÓ POR ISSO, COMO, AINDA PORQUE UNIVERSIDADE NOVA EM ESTRUTURAÇÃO PODE E DEVE PREPARAR-SE PARA A REALIZAÇÃO DESSA MISSÃO”. Questões com a educação e a América do Sul acompanharam sua estrada.

E palmilhando nesse rumo encontramos o historiador, que buscou retratar grandes homens, como Marechal Rondon com estas palavras retiradas do texto: “Rondon: Um homem a serviço da humanidade” QUE HOMEM SERIA ESSE EXPONENCIAL, CUJA VIDA FOI UMA LINHA RETA ENTRE O BERÇO HUMILDE DO MIMOSO E A GLÓRIA DA MORTE COMO UM PATRIMÔNIO COMUM DA HUMANIDADE? MAIS ADIANTE QUESTIONA: *Seria um homem do Destino? Seria uma criatura eleita a quem Deus tivesse legado de uma só vez, o patrimônio total das virtudes e das grandezas da criatura humana?*

Sobre os homens que admirava, extraio o seguinte trecho: “Rubens de Mendonça, escritor completo, mestre em todas as modalidades literárias...” assim ele homenageava aqueles que realmente tinham significância. Sobre Estevão de Mendonça diz: “Historiador é aquele que tendo bem pesquisado o ontem, cria no presente todo o passado. Lenine Póvoas foi outro que mereceu sua reflexão por ter sido destacado Professor de Geografia “e um dos vultos mais expressivos de sua geração”, Radiografia de Mato Grosso escrito no Social Democrata em 25 de junho de 67. Para ele, a história era feita de fatos diversos e de homens que de algum modo sobressaiam.

Importava a transcrição em certo sentido da ontologia da solidão. Percebi inúmeras vezes que para o processo de criação de Gervásio Leite, meu pai, o que ascendia era a força das ações de inquietude postada em solidões. Foi a sua inquietação unida à solidão que permitiu a criação das reflexões mais variadas em todos os temas. Dele, resalto no Direito falando sobre transplantes: “*Devemos ainda levar em linha de conta que a lei não cogita de heroísmos inúteis, nem de doações visando fins publicitários. Tem em mira a cura ou recuperação do paciente desde que esgotadas as possibilidades comumente oferecidas pela Medicina. As doações prometidas sob intensa publicidade objetivando fins promocionais, devem incidir na censura da lei*”.

A completude dos seus pensamentos estão crivados pelas intenções de busca do aperfeiçoamento pessoal em direção ao topo da civilização humana: a coexistência para ele implicava em existir porque somos pelos e para os outros. Em seu texto CIÊNCIA, TÉCNICA E DIREITO ACLARA: “*Está, assim, o homem na encruzilhada do seu destino. Ou afunda no estado tecnocrata submetido à fria certeza e à gélida infalibilidade dos computadores que substituirão no homem as atividades criadoras do seu espírito, ou aparelha-se no plano das chamadas ciências culturais, para aterrar o fosso que separa humanistas e cientistas e, reconquistando o terreno perdido, criar um novo humanismo sobre os largos alicerces que a Ciência e a Técnica assentaram*”.

A serenidade que buscou apaixonadamente e que se apoiou em sua poética destaque nestes versos que caíram em minhas mãos, pelo gesto delicado do Sr. Ailon do Carmo, que registra em seu livro “Dicionário de Rimas e Noções Básicas” como versejar:

SINFONIA DA ESPERANÇA
HÁ GARÇAS VOANDO
NO INFINITO DO MEU PEITO!
QUANDO NASCI
PARA O MUNDO ESTA MANHÃ,
DO VENTRE ENSANGUENTADO
DOS MEUS SONHOS,
AS GARÇAS VOAVAM
NA AMPLIDÃO DO MEU PEITO,
E DERAM A SENSAÇÃO DE LIBERDADE
NUM MUNDO SEM FRONTEIRAS...
SAIO PELA ESTRADA MATINAL
DENTRO DESTE MUNDO
CHEIO DE PROMESSAS.
SOU UM HOI MEM LIVRE:
NINGUÉM PODE ME TIRAR
ESTA SENSAÇÃO INAUGURAL DE SER LIVRE,
PORQUE NINGUÉM PODE DETER
AS GARÇAS QUE ESTÃO VOANDO
NO INFINITO DO MEU PEITO...

E assim, tentei arriscar alguns dos recados mais ricos de Gervásio Leite. Falou sobre quase tudo, tentou melhorar o ser tanto na vida política quanto na vida da magistratura O HOMEM SEMPRE FOI o seu interesse maior. Se nasceu pobre, morreu rico em pensamentos e na paixão pela VIDA! Obrigada e Viva Gervásio Leite, o povo de Mato Grosso e esta Casa de letras que ele tanto amou!

DISCURSO PROFERIDO PELA PRESIDENTE MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DO ESPAÇO JUSTIÇA, CULTURA E ARTE GERVÁSIO LEITE, JUNTO AO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MATO GROSSO

16/09/2015

É com grande entusiasmo, alegria e orgulho que minha família esta aqui. Nada melhor do que *ESPAÇO JUSTIÇA, CULTURA E ARTE GERVÁSIO LEITE* PARA COMEMORAR O CENTENÁRIO DE MEU PAI. A JUSTIÇA, A CULTURA E A ARTE - TRIPÉ DE APOIO ENQUANTO VIVEU.

Sobre a justiça sempre entendeu que o Direito Público deveria estar mais atento ao ente ainda que surjam do âmbito das normas imperativas porque em suma é o interesse geral que deve ser preservado. e, em certo sentido, praticava técnicas rebeldes quando, por exemplo, escreveu a Inexistência das Fundações Públicas. Disse ele: “TODO AQUELE – CIDADÃO OU ENTIDADE – QUE RECEBE QUAISQUER PARCELAS DOS COFRES PÚBLICOS TEM A OBRIGAÇÃO DE PRESTAR CONTAS. Mas tal obrigação não converte o particular ou o ente subvencionado em pessoa de direito público” Importa ressaltar quantas vezes ele saiu de dentro do Tribunal e foi soltar preso que requereu habeas corpus em papel de embrulho de pão.

Sou testemunha das inúmeras conversas que ele mantinha com seus pares como Des Domingos Sávio e outros ilustres desembargadores cito Des Benedito Pereira do Nascimento, DESA. Shelma Lombardi Di Kato e muitos outros. Aqui fez grandes amigos dos desembargadores até o Vicente que foi seu motorista. Um homem aberto para a Justiça e o Direito sempre foi sua bússola

Com relação à cultura, como apaixonado, asseverou: “A cultura deve ter um sentido condominial. Não tem dono, Pertence a todos e quanto mais o povo brasileiro usufruir e distribuir os seus saberes e fazeres tanto mais será um povo participativo por igual cujos benefícios terão maior cunho social [...] devemos lutar pela igualdade cultural, erradicando o analfabetismo, revolucionando o ensino em todos os seus graus e eliminando das escolas a praga da mediocridade magisterial”.

Em recente material DE ENTREVISTA que recebi como presente de Claudete Rachid Jaudy com esforço de Fidel Fiori para recuperar a fita cassete com a voz de meu pai fiquei espantada com alguns conceitos emitidos sobre teatro. No fundo, o que ele dizia àquela época é coisa que até hoje tem percurso e processo: para Gervásio Leite, Arte deve ser uma parte em que entretenimento estrutura a alegria. Arte deve ser feita como festa, ser evanescente é sua função e harmonia para espantar universo pontuado por caradura; pensar diverso daquilo que ele enfeixava para as letras. Elas deviam aprofundar no constructo humano, pois é na expressão literária que há o alcance libertário do cabedal de conhecimentos.

Enfim, senhoras e senhores, afirmo que na estrutura do Jurista Gervásio Leite havia a busca incessante da imagem da balança.

Quanto à cultura, seu esforço partia sempre para o OUTRO com amor encenando o gesto rebelde de rupturas.

Com referência a arte amava o samba de Noel, o tango, a Sinfonia nº 40 de Mozart e trouxe para eu ouvir os deleites de jazz. A arte de Humberto Espíndola, Dalva e João Sebastião encantavam. O cinema era uma DE SUAS GRANDES PAIXÕES.

Ele Imaginariza o prazer e edifica a artesanania do signo/singular. Eis Gervásio Leite, meu pai, um homem apaixonado pela vida aqui e em todos os espaços que ocupou.

E sobrou em todos nós o resto/rosto de sua carícia que resiste heroicamente, sempre almejando um destino mais Justo para todos e um país sul americano de convivência permanentemente afetuosa.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PRESIDENTE MARÍLIA BEATRIZ
DE FIGUEIREDO LEITE, POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DA
TRILOGIA BANQUETE DE PALAVRAS, DE AUTORIA DO ACADÊMICO
JOÃO ANTONIO NETO

24 DE NOVEMBRO DE 2015

A PROPÓSITO DE COISAS LINDAS E LETRAS ENCANTADAS

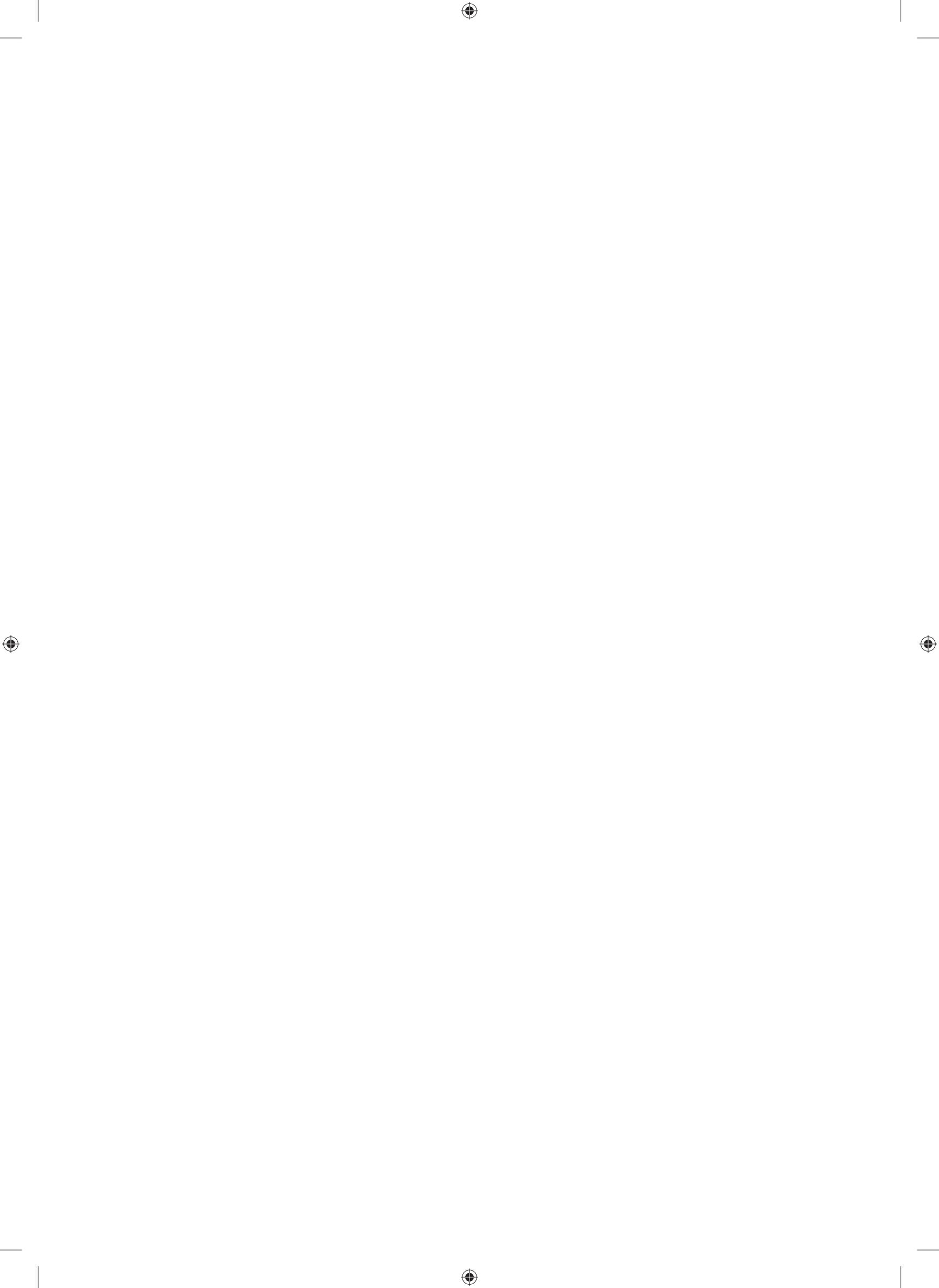
Senhoras e senhores

Meu querido Professor, amigo e escritor/mágico João Antonio Neto.

A presente coleção é fundamento de uma das maiores alegrias minhas neste ano. Ter convivido com o senhor em minha casa, abrindo o meu coração, ampliando o meu horizonte, enchendo de ruídos e conversas de letras, roçando entre uma palavra e outra para descobrir o quanto há de envolvente e sedutor em suas insinuações degustativas.

Enquanto prestava atenção em que uma palavra apresentada COMO novidade à mesa, pressentia o escrevente perpetrando a receita para saborear outro termo. Era um nunca acabar de sentir e querer afundar naquelas vasilhas, naquelas louças para que todas as maravilhosas iguarias, os deliciosos petiscos incorporassem e escavados em minha mente nunca mais de lá escapassem.

Mas, devo confessar que a minha humana imprecisão não deu conta de apreender todo o gosto, tudo de saboroso que há em João Antonio Neto. Notável é que meu pai, Gervásio Leite, já havia ensinado a admirar e sempre afirmava: “A lírica de João Antônio Neto é música para a VIDA.” Assim, senhoras e senhores, meu querido JAN, desejo que o nosso paladar saiba APRECIAR COMO É DEVIDO O SEU BANQUETE. !



DISCURSOS DO PRESIDENTE EDUARDO MAHON

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON, POR OCASIÃO DA ABERTURA DAS FESTIVIDADES COMEMORATIVAS DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE RUBENS DE MENDONÇA

24 DE JULHO DE 2014

Estamos homenageando não apenas o intelectual Rubens de Mendonça. Marcar o centenário de um dos maiores escritores mato-grossenses pela própria biografia, seria óbvio. Quem publicou mais de três dezenas de livros essenciais para a compreensão da nossa região seria lembrado independentemente se houvesse pertencido à Academia de Letras ou ao Instituto Histórico. Felizmente, o prolífico pesquisador somou esforços conosco, fazendo com que a Casa Barão de Melgaço sintasse orgulhosa em festejar o centenário de um de seus mais destacados associados.

Comemoramos hoje o nascimento de um humanista. O que é ser humanista? É centrar as investigações intelectuais nas várias formas de expressão humana. O acadêmico Rubens de Mendonça foi historiador, poeta, jornalista, cronista e, por que não dizer?, polemista. Libertário e angustiado com o próprio tempo, estudava com afinco o passado e debochava da modernidade, da política e da sisudez das convenções sociais. Rubens de Mendonça foi, na verdade, um homem-universidade. Nele convergiam o caminhante e o caminho; fosse ligado à música, seria ele todo orquestra. É por esta razão que passaremos um ano inteiro conhecendo as múltiplas facetas deste intelectual pluritemático: impossível falar de Rubens no singular se ele já nasceu no plural.

Ao contrário de engrandecer a própria biografia ao participar da Academia de Letras e do Instituto Histórico, Rubens de Mendonça emprestou brilho às instituições das quais participou. Conferiu credibilidade, intelectualidade, serviço ininterrupto e publicações constantes. Era daqueles monges que, em silêncio, trabalhava em suas iluminuras para multiplicar o saber. A obra deixada já está imortalizada pelas pesquisas científicas e citações bibliográficas; o homem está consagrado ao batizar escolas e vias públicas de nossa capital. Indubitavelmente, Rubens de Mendonça honrou o próprio pai, Estevão de Mendonça, fundador desta Academia de Letras, razão pela qual seremos eternamente gratos à família Mendonça. Inclusive porque, anote-se, também contribuiu para o nosso acervo ao doar documentos, fotos, livros de ambos os imortais.

O maior mérito do literato, mergulhado de/na humanidade, foi o de compartilhar conhecimento. Recebia alunos em sua própria casa e fazia de lá um centro de estudos. Empréstava livros, doava o que tinha de seu, não retinha informação. Não se encastelava numa intelectualidade esnobe e egoísta. Sim, senhores, alguns estudiosos equivocam-se ao acreditar que precisam se afastar do viés popular. Aliás, há muita confusão entre cultura e erudição. Nosso homenageado transitava nos mais altos círculos culturais com a mesma desenvoltura com a qual habitava os bares cuiabanos. Nem por isso, o “Rubinho” da família, dos amigos e dos bares era menor do que o imortal Professor Historiador Rubens de Mendonça. Não precisava de aparência para conservar a essência.

Em resumo: Rubens era grande, sabia da própria dimensão e nem por isso era enfadonho. Informal e didático na escrita, desenvolto e dialógico, seus livros não eram um monumento à amarga erudição criptografada, ensimesmada, egoísta. Parecem mesmo uma conversa agradável com o leitor e, por isso, é sempre contemporâneo e atrativo. Deixou marcado o humor como maior símbolo de inteligência, pela unanimidade dos relatos que nos chegaram. As famosas tirinhas que Rubens encontrava nos próprios bolsos e até mesmo nos bolsos dos amigos eram composições sobre o cotidiano, de métrica perfeita ou de pé-quebrado, como costumava dizer. Por ser tão generoso em dividir cultura e poupar-nos a todos de erudição, essa personagem tornou-se imortal. Hoje, o nome de Rubens de Mendonça foi desapropriado da família para a posteridade, em favor do Estado de Mato Grosso e de todos os que vivem nele.

Nomeamos os acadêmicos Benedito Pedro Dorileo, Elizabeth Madureira Siqueira e Marília Beatriz de Figueiredo Leite como apoiadores deste evento, em nome da Academia Mato-Grossense de Letras. Registramos especialmente o trabalho da Profa. Dra. Elizabeth Madureira na organização e digitalização da obra completa do imortal, serviço que democratizará o conhecimento enciclopédico do acadêmico. Não poderíamos esperar outra coisa de nossa atual vice-presidente que dignifica o assento de Virgílio Alves Correa Filho e Virgílio Alves Correa Neto, dois grandes historiadores e membros desta Academia. A atual curadora da Casa Barão, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso mostra enorme disposição e força ao apreender continuamente trabalhos de pesquisa e compilação, razão pela qual acredito que a presidência da Academia de Letras deva ser o próximo assento a ser ocupado pela dedicada intelectual.

Agradeço à família por eleger a Casa Barão de Melgaço para humildemente acolher a sociedade mato-grossense. Obrigado Dra. Adélia Badre Mendonça de Deus pelo desapego em dividir conosco o querido pai, permitindo que nós também o abracemos. É amor demais querer e saber compartilhar as memórias de Estevão e de Rubens de Mendonça, brindando a sociedade com obras inéditas e com traços íntimos que revelam a faceta mais amorosa do homem – a de pai. Por derradeiro, agradeço à cuiabania, essa gente que sempre atende ao chamado da tradição, preservando o nome e a obra de Rubens de Mendonça como patrimônio imaterial desse microuniverso Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON, POR
OCASIÃO DA ABERTURA DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO
DE NASCIMENTO DE GERVÁSIO LEITE

19 DE JUNHO DE 2015

GERVÁSIO AGARRATIVO UM HOMEM TRANSFLUVIAL

“Nesse universo todo de brilhos e bolhas
Muitos beijinhos, muitas rolhas
Disparadas nos pescoços das Chandon
Não cabe um terço de meu berço de menino
Você se chama grã-fino e eu afino
Tanto quanto desafino do seu tom
Pois francamente meu amor
Meu ambiente é o que se instaura de repente
Onde quer que chegue, só por eu chegar
Como pessoa soberana nesse mundo
Eu vou fundo na existência
E para nossa convivência
Você também tem que saber se inventar
Pois todo toque do que você faz e diz
Só faz fazer de Nova Iorque
algo assim como Paris
Enquanto eu invento e desinvento moda
Minha roupa, minha roda
Brinco entre o que deve e o que não deve ser
E pulo sobre as bolhas da champanhe que você bebe
E bailo pelo alto de sua montanha de neve
Eu sou primeiro, eu sou mais leve, eu sou mais eu
Do mesmo modo como é verdadeiro
O diamante que você me deu”.

Gervásio Leite, esse homem alto, delgado, moreno, é uma alma transfluvial. Enquanto a província pastava na mesmice, assuntando a vida do parapeito das janelas, aboiando o rio piscoso que vai para algum abatedouro marítimo, ele queria dar braçadas para além dessas águas. Pertenceu a um seletto grupo intelectual impensado entre o passado e o futuro, em plena transformação urbana que o faria *agarrativo* em memórias e desgarrado em vanguarda.

Para transcender a gravidade cuiabana, estudou fora e de fora trouxe uma cabeça renovada, cheia de ideias para enxergar a própria cidade além do buraco da fechadura. Dizia ele a António de Arruda, seu futuro colega de letras desta Academia: “*não mudei meu lema ou brasão d’armas: ou vai ou racha! Dele não sairei por motivo algum. Aos 22 anos, o que posso ser? Ou covarde ou revolucionário. Não há outra escolha. Vou para Cuiabá como D. Quixote, pois sei perfeitamente que ainda há moinhos de vento na idade da máquina. Nada de progresso a conta-gotas. Tem que ser furacão. E quem for fraco que fique pela estrada*”.

O homem transfluvial se amoldou às circunstâncias: fez muito do pouco e do muito, o máximo. Formou-se em Direito, litigou nos tribunais do júri como tribuno criativo e temível orador e somou experiência à cúria do desembargo, transitando entre duas togas, duas óticas, duas vidas. Assumiu a Corregedoria Geral de

Justiça e presidiu o sodalício, sobrevoando os planaltos por onde transitava. Da cátedra da escola estadual, dos grupos escolares, chegou à presidência da Academia Mato-Grossense de Letras, num tempo de produção intelectual pré-universitária: difícil, onerosa, sacrificante. Quando se consolidou o método científico, mais uma vez Gervásio ultrapassou o comodismo quotidiano e começou a ensinar na universidade. Aprender e ensinar, fluxo e refluxo do homem de letras.

Gervásio prezava a vanguarda. Todo ele era futuro. Nas citadas correspondências com o colega desembargador António Arruda do qual tenho a honra de suceder nesta Casa, provocava: “*as escolas literárias foram, são e serão apenas duas: romântica e parnasiana. A primeira é a história dos chorões, a segunda dos meticulosos. Na primeira, escrevem-se besteiras, erradamente; na segunda, não se diz nada de forma impecável*”. Isso era o homem: um provocador nato, sem censura. Ele mesmo dizia que “*o indiferentismo é crime*”, exigindo posição da nata intelectual da época. Os padrões estéticos convencionais eram duramente criticados por nosso homenageado, fazendo-nos rever o conceito de pós-modernidade em Mato Grosso que, para falar francamente, já está superado a considerar um Silva Freire, um Wladimir Dias-Pino, um Rubens de Mendonça, o próprio Gervásio Leite.

Atualmente, a tão propalada transversalidade já era natural nas décadas de Gervásio: fazer dialogar os vários saberes entre si e formar uma opinião consistente para a sociedade. Poeta, jurista, jornalista, político, cronista, nosso homenageado é plural e inclassificável. A sensibilidade dele, esse traço magnífico de personalidade “à margem” da época, conduziu o interesse pela poesia enxuta, talento superlativo em meio a profissionais que se apegavam a discursos barrocos e grandiloquentes. Incorporando o espírito modernista, compôs uma métrica diversa daquela consagrada por essas plagas – simples, provocativo, contemporâneo.

Cosmopolizou-se e exorcizou o provincianismo. Agarrou-se e desgarrou-se de Cuiabá. Sobre o tema, é essencial a percepção do grande poeta Aclyse de Mattos sobre a dualidade de quem fica e de quem vai: “*Cuiabá/ não sei se sou/ pau-fincado/ que rodou/ pau-rodado/ que fincou/ tanto andei/ enchi, voltei/ nestas águas/ me agarrei*” (do livro Festa, pág. 20). Dividido entre a saudade do passado e a esperança pelo futuro, Gervásio desabafou: “*lá adianta-se o lugar onde dormem, no sono eterno, os nossos antepassados. Dali mesmo podereis ver o futuro no fundo do claro horizonte que se levanta no bairro do Lavapés. Os indomáveis cavalos no tempo da doida corrida arrastando os dias, as semanas, os meses, os séculos. Mas a cidade ficará*” (Terra Agarrativa e Linda, 1969). Cabia perfeitamente nas cores, cheiros e sabores da terra, transbordando cuiabania no humor cáustico, irreverência desbocada que lhe valeu o respeito e admiração dos contemporâneos e dos pósteros.

Talvez conhecendo melhor o nosso centenário Gervásio possamos ir a fundo nas raízes desse povo admirável, realista e poético ao mesmo tempo. Como todo cuiabano que se prezasse, criticava o atraso local, mas inadmitia a crítica alienígena; debochava dos maneirismos, mas censurava o escárnio alheio. Era uma bússola livre em Cuiabá e, ao mesmo tempo, um norte cuiabano no mundo. Pensando nele, a letra de Caetano Veloso poderia ser adaptada: pois todo toque do que você faz e diz/só vai fazer de Cuiabá algo assim como Paris. Esse tipo *sui generis* amava a terra, sem ser bairrista e acreditava no mérito porque ele mesmo venceu pela força dos concursos que prestou e foi aprovado. Talvez tenha querido lançar uma importante mensagem: o nome não deve pesar nem para o próprio dono.

Gervásio Leite tinha um *ethos*, mas não um *locus*. Não cabia num só lugar, muito menos num só tempo. Era um homem que queria saber de tudo, estar a par das novidades, frequentar todos os lugares, os salões, os botequins, os tribunais, flanando como pé-de-valsa do Lavapés a Copacabana, do Coxipó a Buenos Aires, do Baú a Paris. Os 100 anos do nascimento desse singular intelectual serão comemorados por aqueles que têm olhos de luneta. Que orgulho teria o pai ao ver as filhas aqui conosco, olhando o passado com lentes de futuro... Anunciamos ao povo do rio acima e do rio abaixo: em forma de furacão, eis o nosso homem longilíneo de sorriso largo. É Gervásio transfluvial, agarrativo e lindo que, enfim, amansou os doidos cavalos do tempo nos cochós da eternidade.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON, POR OCASIÃO DA ASSINATURA DO CONTRATO DE PARCERIA ENTRE AML E IHGMT COM O GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO

22 DE JULHO DE 2015

EXMO. SR. GOVERNADOR
JOSÉ PEDRO GONÇALVES TAQUES

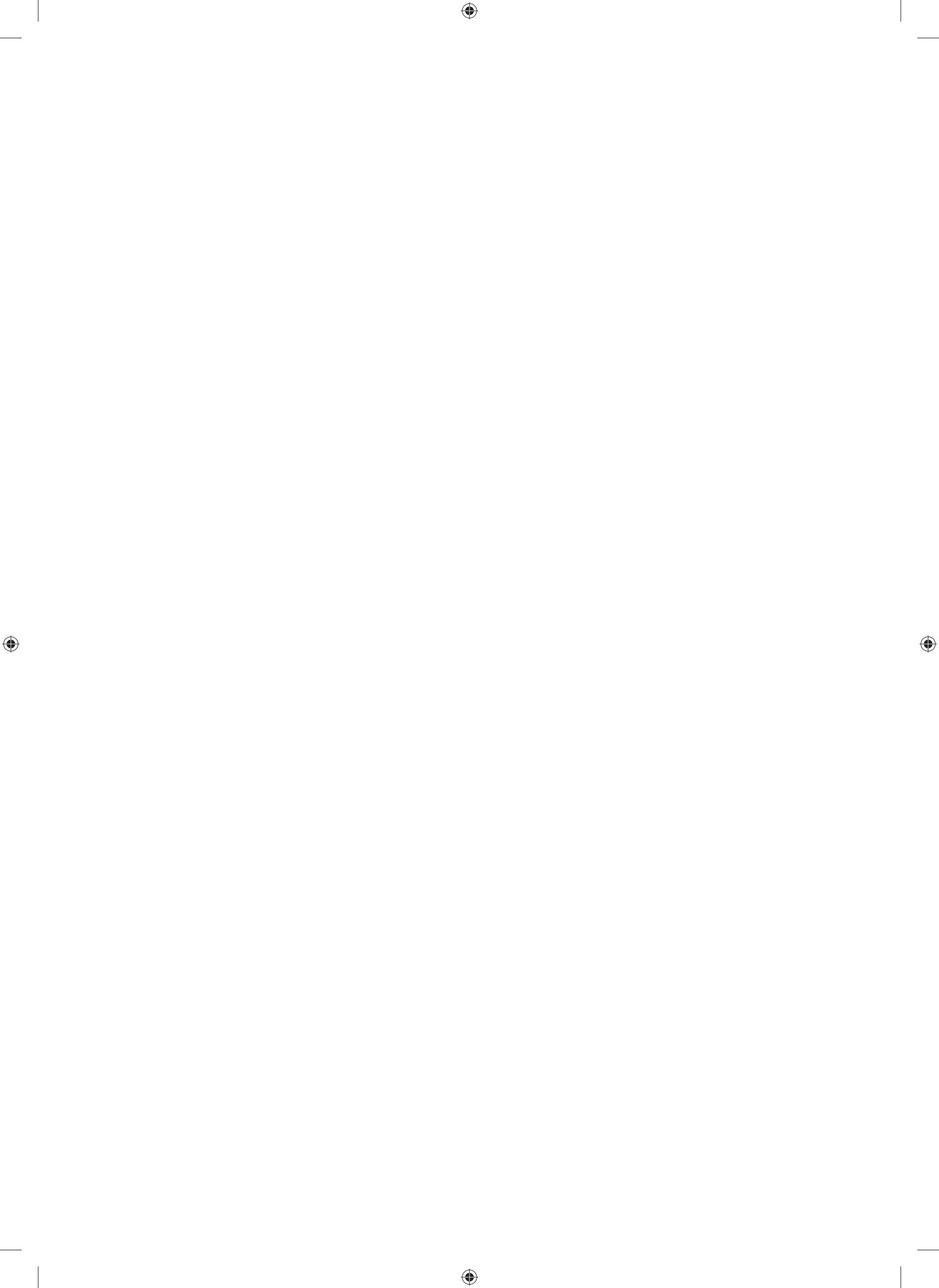
Há exatos 85 anos, o grande historiador Virgílio Corrêa Filho, então Secretário Geral do Estado de Mato Grosso, fazia o pronunciamento que seria decisivo para o futuro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-Grossense de Letras. Em 23 de novembro de 1930, agradecia a doação da Casa Barão de Melgaço promovida pelo Cel. Antonino Menna Gonçalves. O interventor pretendeu o contraponto à política anterior de Mário Corrêa da Costa que flertara com projetos de transferência da capital de Cuiabá para uma futurista e insólita Mariópolis. Portanto, a Casa Barão de Melgaço significou um reduto de resistência cultural mato-grossense, com forte identidade cuiabana. No discurso, Virgílio Corrêa Filho, então titular da Cadeira 29 da Academia Mato-Grossense de Letras, lembrou o lema de Augusto Leverger – *Sempre Prompto*. Representava a disponibilidade do almirante para servir o Brasil e Mato Grosso.

Passado o tempo, prevalece sempre o mérito. O objeto do presente ato é a parceria governamental, tendo como objeto o antigo quintal do Barão de Melgaço, terreno cedido à sede para a 1ª Faculdade Federal de Direito, antes mesmo da fundação da Universidade Federal de Mato Grosso. Naquela ocasião, os nossos sócios doaram-se integralmente ao sonho do ensino superior em Cuiabá, sacrificando o patrimônio particular em favor da educação. Após longa luta de 45 anos, logramos recuperar o complexo na integralidade reunindo a até então desmembrada Casa Barão de Melgaço, e por esta oportunidade, somos chamados mais uma vez pelo Estado de Mato Grosso a cooperar, sediando e administrando a Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça. Estamos aqui, à disposição de Mato Grosso.

Tenho a honra de ocupar a Cadeira 11 da Academia de Letras, cujo patrono é o próprio Augusto João Manuel Leverger – o Barão de Melgaço, e foi inaugurada por Estevão de Mendonça que, aliás, também foi morador da casa do ilustre almirante. Não creio ter sido coincidência. Muito ao contrário. Saiba, Sr. Governador, rejubilamo-nos com a incumbência de fazer daquele espaço novamente um centro cultural e de ensino, sobretudo no ano-centenário do filho do patrono da Biblioteca Estadual, o igualmente brilhante Rubens de Mendonça. Em oportunidades como esta é que percebemos como uma Academia de Letras, mesmo longeva, pode ser tão vanguarda.

Em nome da Academia, tenho o orgulho de assinar o pacto que nos garante a retomada produtiva do que nos foi originalmente legado, devendo sublinhar o trabalho do Sr. Secretário Leandro Carvalho e sua diligente equipe como maestros desse novo estilo de ver o setor cultural: políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de um circuito autônomo, menos dependente de projetos individuais e, portanto, autossustentável socialmente. Enfrentando ruídos de toda a ordem, o atual Secretário procura excluir desafinados desta nova partitura pública. Será a Casa Barão de Melgaço uma das parceiras a promover a transformação conceitual, como foi pioneira no estudo de história, geografia e literatura no início do século XX.

Por ocasião da posse de V. Excelência como presidente honorário do IHGMT, já tive oportunidade de deixar assentada a reflexão sobre a memória, honraria que o tempo lega a quem merece. Lembraremos de Joaquim Augusto da Costa Marques por fundar a Biblioteca cujo 1º Diretor foi Estevão de Mendonça, de Francisco Aquino Corrêa por fundar o Instituto Histórico e a Academia de Letras, do Cel. Antonino Menna Gonçalves por instalar ambas as instituições na Casa Barão de Melgaço e, agora, José Pedro Gonçalves Taques será lembrado por recuperar integralmente o símbolo histórico de resistência cultural e fomento educacional, num feliz encontro entre os sonhos de intelectuais e a realidade da administração pública. Eis uma nova perspectiva para o nosso cotidiano. De nossa parte, mantemo-nos fiéis à divisa de Leverger – sempre prontos!



DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE E ACADÊMICO DA AML,
EDUARDO MAHON, POR OCASIÃO DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA
ACADÊMICA ILEUDES MÜLLER NA CADEIRA OCUPADA POR LENINE DE
CAMPOS PÓVOAS E DE SUA POSSE COMO SÓCIO CORRESPONDENTE DA
ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CAMPO GRANDE 02/10/2015

“Minha responsabilidade neste momento é imensa porque a minha escolha para este Areópago é uma homenagem que se presta não a mim, mas aos homens de letras do meu Estado, à intelectualidade mato-grossense, em cujo cenário e em cujo horizonte histórico repontam, como cumeadas inatingíveis talentos fulgurantes.

[...]

Devo dizer-vos que o orgulho que sinto por esse extraordinário patrimônio cultural que hoje merece a vossa homenagem, não é apenas meu, nem só dos mato-grossenses, mas é também vosso, dos intelectuais de Mato Grosso do Sul, pois tendes nele o vosso quinhão, como integrantes do velho Mato Grosso e herdeiros legítimos de suas glórias”.

(Trechos do Discurso de Posse de Lenine de Campos Póvoas, proferido em 13 de novembro de 1987)

Eduardo Mahon

Excelentíssimo Senhor Presidente da ASL

Excelentíssimo Senhor Presidente do IHGMS

Excelentíssimo Senhor Governador de MS e demais autoridades presentes

É dia de festa. Numa mesma sessão solene, a poeta Ileides Müller tem a honra e a responsabilidade de suceder o Dr. Lenine de Campos Póvoas, um dos nossos mais brilhantes intelectuais, ex-presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, na cadeira outrora reservada àquela Casa Barão de Melgaço. Por nós formalmente indicada formalmente, sob a anuência da centenária Família Póvoas, os confrades sul-mato-grossenses reconheceram-na em talento. Como associado desta Academia, trago comigo o agradecimento pessoal e da intelectualidade mato-grossense pela deferência em me acolher pelas mãos da propositura do atual Secretário Geral, Rubenio Marcelo e de outros queridos amigos de letras, o que redundou nesta eleição unânime inspirada em esperança e saudade. Esperança em re-unir culturalmente o que as fronteiras afastaram e saudade compartilhada, também por nós, dos irmãos que ficaram afastados. É por isso que, doravante, entrego aos senhores uma parte dessa identidade lamentavelmente esmaecida, proferindo o discurso no mais legítimo cuiabanês:

Shas Criança! De mamano a caducano... Tá todo mundo enfadado com este canivete curtido só que rodea-toco? Os pessoá verdolengo de fome com essa moage. Gente de quem que ele é? Gente de onde será? Ispiaí - esse falatório nem num acaba mais, é bem ladino esse povo da Academia, né? Mas espera: tá todo mundo ocio pro refresco com bolachinha de Dona Ileides. Ocês ainda não assuntaram? Ê-Á! Agora quando! Essa posse é só discurpa pra coalhar de gente pro fuxico e pra manducá até supitá! Tem tanto trem supimpa que é pra empatxá. Nem um chêro de mata-bicho serviram? Bão, vamo aguardá a falação pra depois tomá uma bem gelaaaada!

Hodje vamo falar de um cuiabano de tchapa e cruz: Dr. Lenine de Campos Póvoas. Dgente nosa, de um Mato Grosso sem fim. De um tempo em que os salãos tava atapetado de gente, todo mundo ajojado pra ver Dunga tocá uns limpa-banco, Mesquita discursá, D. Aquino rezá... Era só pitché e alfenim, mais bolo-de-arroz, putxa-putxa, mané-pelado, francisquito. Agora, tá tudo meio amudado, meio calado; Cuiabá pra cá, Corumbá pra lá. Ê-á! Parece que as terra tomou fermento pra espitchá. Como não?

Dr. Lenine parecia um lorde inglês. Demás de cumprido, tão magro que até vergava, falava bem bonito, precisava de vê. Tinha berço. Ocês sabe o que que é berço, né? De tchapa e cruz, era cuiabano de quatro costados. Filho de Rosa Campos co'Nilo Póvoas, o guri deu pra estudá. Gastava os oio da cara nos livro lá no Rio de Janeiro. Virou dgente de peso: deputado por duas gestãos, ministro de contas, tchegando a vice-governador e presidente da nossa Academia de Letras. Um orgulho pra nossa tradiçãos. É que a cuiabania não pode dá-no-padre, né? Tem que ficá viva. Essa sem-graceira de caçoá co'cara do cuiabano: “Cuia, Cotxipó entcheu?”. Vamo pará com essa anarquia!

Agora, a dgente tá separado, tudo crescido, tudo mudado. Num tem mais montueira de coisa boa que dá sardade. A gente então namorava com o pau-de-cabeleira atrás, só segurando vela. Era um tar de passar-dia no Porto, pagando café pra turma. E tomava um quebra-torto na casa de um e de outro, até ficá estufado. Ah, agora quando! Se alembra que a dgente flertava até pidi pra casá? Óia o poeminha do Acryse de Mattos: *Xos braço, xas mão,/ eu vou pedir/ xo corpo todo/ pra xeu Jão./ Xas canela, xas cotxa.../ Rufá xas coisa;/ ruma a mala,/ djunta a trotxa.// Xia minina, xia moça,/ vamo simbora./ Tá na hora, ruma a trotxa.// Xos cabelo, xos beidjo/ é goiabada nos xo beiço,/ eu viro queidjo.// Xos olhinho, xos queitxo,/ e se xa mãe vim te buscar/ eu num te deitxo./ Xa cintura, xos peito/ e aproveito/ enquanto tá tudo no djeito.// Xas oreia, xos olhinho/ e aproveito/ pra pedir xo umbiguinho.// Xa boca, xa pretcheca,/ Eu ixcrusive/ quero toda ocê compreta.// Xas perna, xa xana,/ Eu quero ocê,/ num tem mais beira/ pra xa mana./ Xos braço, xas mão.../ Bão, bão, bão!*

A gente saía assim, franano na noite carcado só de bambolê, sem somá co'nada. Andava pra comprá-porco. Era tudo amigo. Tomá guaraná na casa de um, chupá caju na casa de outro. Entonce, era um tempo demais de bão! Pouca gente enricava, era tudo simples, de botá cadeira na calçada à tardinha. Num tinha ninguém abonado, com a-ufa de soja, de boi, com a burra cheia! Aonde que Dr. Lenine tinha soja? Tchá por Deus! A riqueza desse era os livro. Demás de sabido, escreveu a vida toda: *Introdução ao Estudo da Geografia Humana* (1944), *Panorama sombrio: análise da situação financeira do Estado de Mato Grosso*, (1950); *Síntese Geográfica dos Estados Unidos* (1955); *Radiografia de Mato Grosso* (1957); *Viagem a Portugal* (1970 e 1986); *Mato Grosso, um convite à fortuna* (1977); *Sobrados e Casas senhoriais de Cuiabá* (1980); *História da Cultura Mato-Grossense* (1982); *Influência do Rio da Prata em Mato Grosso* (1982); *Perspectivas Democráticas e Econômicas da Grande Cuiabá* (1983); *Cuiabá de Outrora* (1983); *O Ciclo do Açúcar e a política de Mato Grosso* (1983); *Roteiro Sul-Americano* (1984); *Síntese de História de Mato Grosso* (1985); *O Estado de Mato Grosso* (1985); *História de Cuiabá* (1987); *Cuiabanidade: crônica sobre Cuiabá e sua gente* (1987); *Na tribuna da Imprensa* (1987); *Cadeira nº 40: discurso de Posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras* (1987); *O Caos Brasileiro* (1988); *Os Italianos em Mato Grosso* (1989); *Nilo Póvoas, um mestre* (1991); *O Barão de Melgaço* (1994); *As raízes portuguesas de Cuiabá* (1988); *História Geral de Mato Grosso* (1996, 2 v.), dessas que a dgente conta sem o Estado dividido, porque não se usava falá Mato Grosso do Norte e Mato Grosso do Sul.

Era bem tranquilo a terra de Dr. Lenine. Tinha uns oréia, carne-de-pescoço que quando comia um engasga-gato ou brigava na politicagem, fazia piseiro. Daí os coroné arrepiava e ficava tudo em paz de novo. Diz-que.... Dr. Lenine era adevogado também. Dos bão. Djunto com Renato Pimenta, Dgervásio Leite, Silva Freire, dos melhó de Mato Grosso. Lembro de tudo esse, alisando a roupa, aprontano lidgero pra ir pra escola. Nós ia com o cabelo a trouxe-mouxe suportá aqueles professor casca-de-ferida. Era uma viagem pra chegá no Cotxipó-da-Ponte, alembra? E pra tchegá em Corumbá? Fiiiiga! Só de pacote.

Pois é, shô mano! Parece transanteontem...Dá uma tristura quando a dgente não reconhece mais nossa terra. Tô meio djururu. Nhô sim! Duvidá, tem pouca dgente que ainda sente orgulho de ser mato-grossense. É da sabença de todo mundo que esses pessoar da curtura não é quarta-feira e há de lembrá das vertude dos antigo, dos tempo do Dr. Lenine. Os povo tá co'saudade de se incontrá no espeio e sabê que tem vida no sul e no norte, dgente que é irmões de coraçãos.

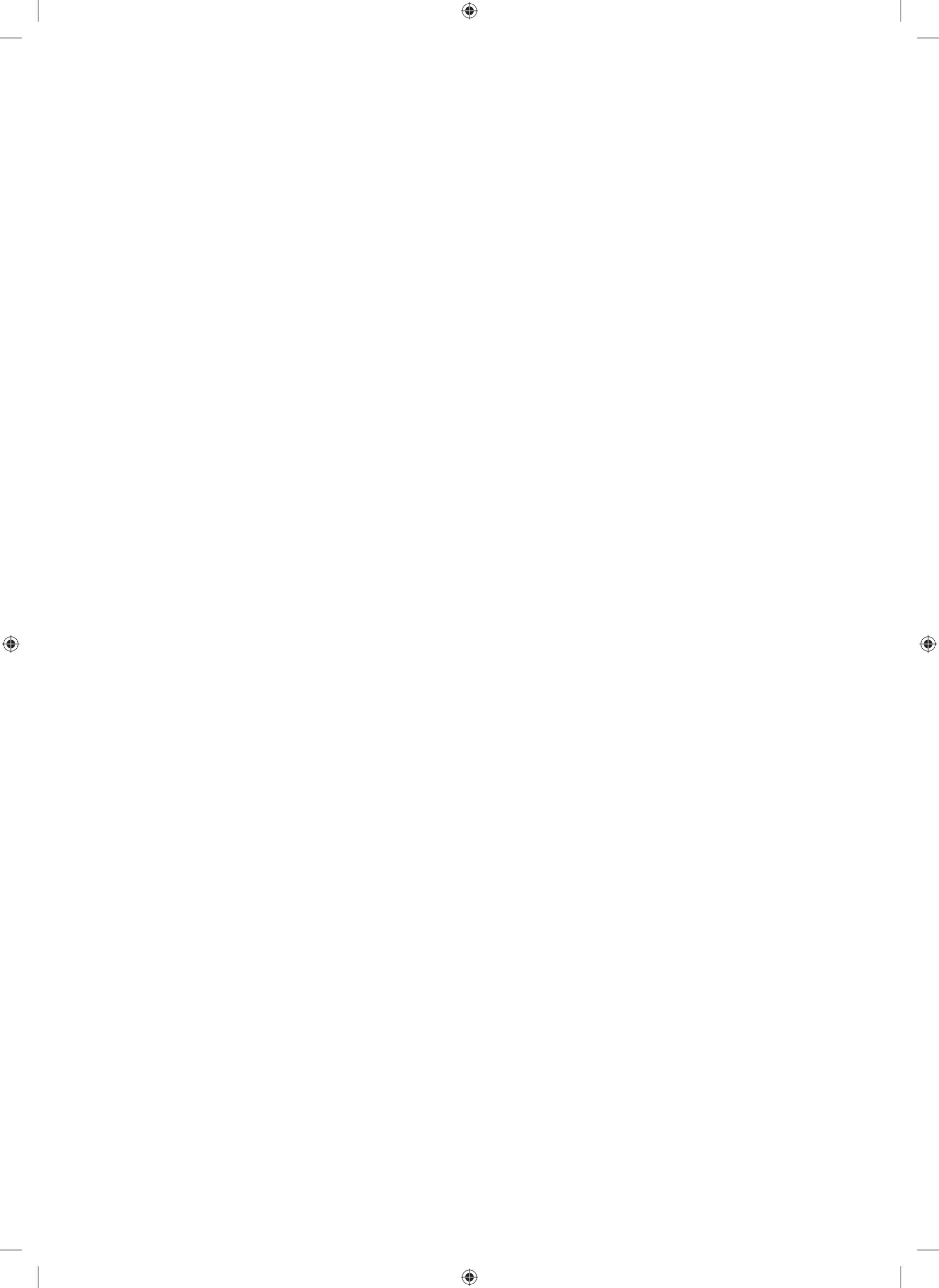
Prestenção, abestado! Larga de mão! Ninguém aqui é bocó. Nós fala anssim pru-quê é da terra. Gente do Rio-Abaixo, Gente do Rio Acima, Gente do outro lado do Rio, dgente de Amambai, dgente de Aquidauana, dgente de Dourados, dgente de Três Lagoas, dgente da Bodoquena, dgente do Pantanal e dgente de Campo Grande. Como não? É tudo Mato Grosso, viu? Quem ama num separa, adjunta. Só os povo da cultura pra djojá tudo nós de novo! Sodaaaade de vocês! É por isso que a dgente é demás de agradecido pelo título de membro correspondente desta Academia. Tchique no úrtimo!

Conheceu, papudo? Num me entendeu? Quem não sabe as língua dos povo, é tudo bobó tchera-tchera! Bocó-de-fivela! Num é pra ficar murdido, shô mano! Só tô tchuçando pra ver se as turma aprende! Tamo abanando, shás criança – tô só na capa da gaita! Djá falamu do Dr. Lenine, djá agradecemu os diploma. Tá bão de falações! Bons anos pro 'cês. Mas, óia, não esquece de riscá no vovó contano as novidade. A dgente tem que se fala más. Afinal, tamu djunto e misturado. Quem é digoreste não usa mais falá pau-rodado. É tudo pau-fincado, tudo irmão!

Quem bejô, bejô... quem não bejô não beja más!

Tirim, tirim, fetchô o balaio!

Gradecido.



DISCURSO DE DESPEDIDA DO ACADÊMICO EDUARDO MAHON POR
OCASIÃO DA PASSAGEM DA PRESIDÊNCIA DA AML À ACADÊMICA
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

10/09/2015

Dos teus bravos a glória se expande

De Dourados até Corumbá
O ouro deu-te renome tão grande
Porém mais, nosso amor te dará!

Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos em paz e união
Teu progresso imortal como a fênix
Que ainda timbra o teu nobre brasão

Salve, terra de amor, terra do ouro
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Pelo Decreto n. 208 de 05 de setembro de 1983, o então Governador Júlio José de Campos instituiu como hino oficial a “Canção Mattogrossense” de Francisco de Aquino Corrêa. Mesmo no calor dos acontecimentos que desaguarão na divisão do “novo colosso do ocidente do imenso Brasil”, como diria o fundador desta Academia de Letras, os mato-grossenses fizeram questão de deixar intocado o trecho que remete aos antigos limites originários. Não ousaram desfigurar nossas tradições pantaneiras ou desconhecera os longínquos ervais. É que, pelo Decreto 38 de 3 de maio de 1983, a Comissão Especial responsável por esses estudos foi formada por membros da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico: Aduino Dias de Alencar, Pedro Rocha Jucá, Archimedes Pereira Lima e Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Nossos confrades não permitiram extirpar da nossa história a querida Corumbá, retomada dos invasores pelo cuiabano Cel. Antonio Maria Coelho, em 13 de junho de 1867, falecido como Marechal na cidade por ele protegida a 29 de agosto de 1894. Portanto, deve-se aos membros da Casa Barão de Melgaço a clarividência intelectual que, desde sempre, superou divisionismos políticos para abraçar convergências culturais.

Com enorme orgulho, na iminência de comemarmos os 95 anos de fundação da Academia Mato-Grossense de Letras e passados quase 45 anos em que Ulisses Serra declarou criada a coirmã Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – então chamada Academia de Letras e História de Campo Grande – recebemos o nosso povo novamente na bicentenária Casa Barão de Melgaço, festejando-os como irmãos a reconhecer-lhes autonomia e identidade própria, oriunda de uma mesma tradição que, hoje, alarga-se num colosso ainda maior do que naqueles tempos cujos braços tocam da sulista Amambai até a nortista Apiacás, extensões novas que precisam da atenção integradora das nossas instituições culturais. A acolhida do novo associado Rubenio Marcelo marca essa bem-querença que desconhece fronteiras imaginárias, provando que não há distâncias enquanto houver boa vontade.

De fato, a simbiose cultural entre as nossas Academias é tamanha que parece enxergarmos no espelho uma à outra, quando percebemos que fazem parte dos patronos daquela Casa Sulista personagens como: Francisco de Aquino Correa, José Barnabé de Mesquita, Franklin Cassiano, Lobivar de Matos, Joaquim Duarte Murinho, Cândido Mariano da Silva Rondon, Visconde de Taunay. Recentemente, foi eleita a poeta Ileides Müller para a Cadeira 40 da ASL, posição ocupada por nosso ex-presidente Lenine de Campos Póvoas. No que me toca particularmente, um dos patronos daquela Academia de Letras é Estevão de

Mendonça, primeiro ocupante da Cadeira 11 na qual me assento, cujo patrono é o próprio Augusto João Manuel Leverger.

O primeiro e único Barão de Melgaço casou-se com a cuiabana Ignez de Almeida Leite, teve duas filhas, Emília Augusta e Augusta Malvina. Emília Augusta casou-se com Cesário Corrêa da Costa e tiveram quatro filhos, entre eles, Augusto Leverger Corrêa da Costa. Este, por sua vez, casou-se com Miquelina Corrêa da Costa e tiveram nove filhos, dos quais destaco Dario Correa da Costa que se casou com Umbelina Dias para gerar uma prole de oito filhos, dos quais sublinho Ruth Maria Correa da Costa que se casou com Manoel Paulo de Campos, gerando outros oito filhos. Conosco, senhoras e senhores, está uma filha deste casal, a tataraneta do Barão de Melgaço – Senhora Suely da Costa Campos.

Como se vê, o que não falta numa cidade tricentenária é tradição, berço e orgulho. Essa é uma das mágicas cuiabanas que encantam os povos que convergem para o Centro Geodésico da América do Sul. Talvez seja a cabeça de pacu que prenda os visitantes, a florada do caju, ou mesmo o falar arrastado desse povo que habita as calçadas a assuntar quem chega e quem parte. Talvez seja, no fundo, um senso cosmopolita na província, pelo qual se vê o mundo inteiro do parapeito da janela. Essa universalidade cuiabana sob lâmina do microscópio pode ter sido decisiva na poesia de um dos mais brilhantes filhos da terra, Manoel de Barros. Percebamos o quanto de cuiabania – sofisticada ingenuidade – há na composição: *Dou respeito às coisas desimportantes/ e aos seres desimportantes/ Prezo insetos mais que aviões/ Prezo a velocidade/ das tartarugas mais que as dos mísseis/ Tenho em mim esse atraso de nascença/ Eu fui aparelhado/ para gostar de passarinhos/ Tenho abundância de ser feliz por isso/ Meu quintal é maior do que o mundo.*

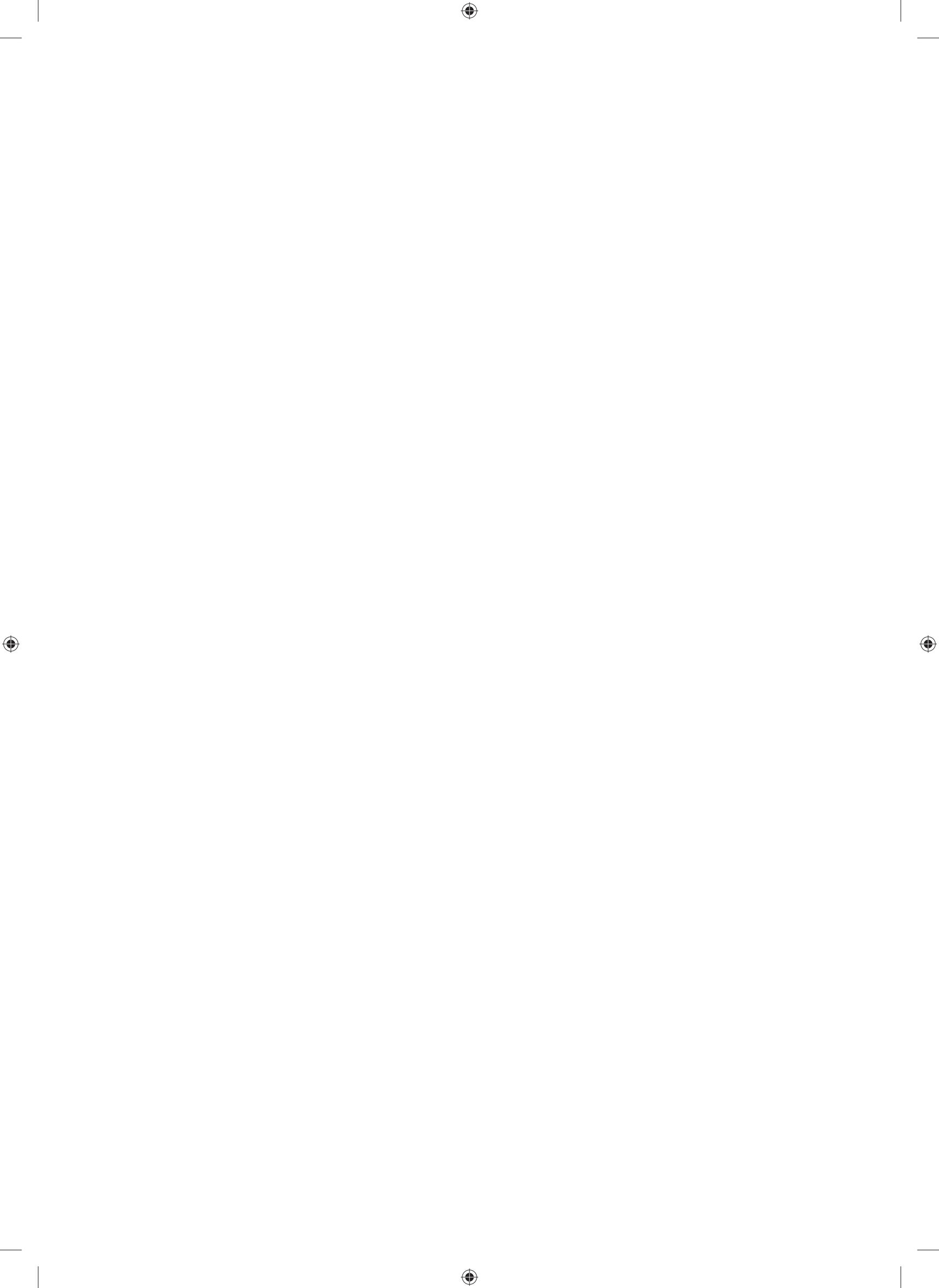
Que alegria tem Marília Beatriz de Figueiredo Leite em assumir a Academia Mato-Grossense de Letras, em meio à 1ª Sessão Conjunta das instituições literárias mais tradicionais de ambos os Estados. Imagino o orgulho dessa família ao sabê-la não só responsável pela consolidação de um dos mais lindos hinos brasileiros, como agora eleita por unanimidade para a presidência que, há exatos 40 anos, foi do próprio pai – o poeta, jornalista, cronista, jurista, desembargador Gervásio Leite. Essa é mais uma das brincadeiras do tempo que passa diferente aqui no Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: o passado faz velhos mesmo os novos e o futuro faz novos mesmo os velhos. Nossos amigos vieram do sul para saudar essa re-união, trazendo na alma a mesma esperança de José Antonio Pereira quando, em 1874, funda Santo Antonio de Campo Grande, representado neste ato pelo tetraneto presente, Senhor Nelson Fonseca. Quanta nobreza nesta noite. A posse de Marília Beatriz tem na genética a legitimidade que forjou numa mesma pessoa tradição e vanguarda.

Senhoras e Senhores, despeço-me do cargo sem inventários de conquistas. Essa vaidade não me domina. Só me resta agradecer primeiramente à minha família que disponibilizou o exíguo tempo de um pai de trigêmeos recém-nascidos, dividindo-o com a vida acadêmica. Em seguida, abraço meus grandes companheiros de Diretoria: Elizabeth Madureira Siqueira (1ª Vice-Presidente), Avelino Tavares (2º Vice-Presidente), Fernando Tadeu de Miranda Borges (1º Secretário) e Agnaldo Rodrigues da Silva (1º Tesoureiro) e a todos os acadêmicos que se somaram à proposta de renovação administrativa, popularização da literatura, fomento cultural e sensibilização social. Se eu pudesse rebatizar a instituição, não seria ela uma Academia e sim uma Epidemia de Letras, arrebatando milhares de jovens com o incurável vírus literário.

Encerro a atual administração, como sempre, saudando o futuro. Nessa altura, registro a dança do tempo numa poesia publicada no meu livrinho *Palavrazia*, da trilogia a ser lançada brevemente.

| | |
|--|--|
| <p><i>amanhã não há nunca pelo menos por hoje mas o futuro sempre rebenta solene e convicto como um onda parida na praia</i></p> <p><i>fiquei olhando o presente senti que fazia anteontem no ar olhei agora já foi, já fui passou, passei e fiquei assim: atrasado para mim amanheci meia noite ou meio dia? não sei bem ando meio entardecido mas ainda</i></p> | <p><i>sou cedo para o depois quando... vinte?, trinta? cinquenta anos? talvez mais talvez menos só depende da gravidade</i></p> <p><i>por hora aqui ou ali desde que não seja agora parece que vou outonar e cair por aí desfolhado</i></p> <p><i>estou quase passado, faz tanto tempo que tanto faz se faz bom tempo</i></p> |
|--|--|

Como último ato administrativo, em nome da Academia Mato-Grossense de Letras, presto homenagem ao nosso decano Francisco Leal de Queiróz, titular da Cadeira 30 desta Casa e ocupante da Cadeira 37 da coirmã Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Ao mais antigo da Casa, levem o nosso carinho, outorgando-lhe em nosso nome o título de “*Mar de Xarayés*” pelo qual estaremos eternamente unidos na memória das águas que compartilhamos.



DISCURSO DE AGRADECIMENTO DA DIRETORIA 2013-2015,
AO PRESIDENTE EDUARDO MAHON, PELA ACADÊMICA E
1ª VICE-PRESIDENTE, ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA

10/09/2015

Gostaríamos, enquanto Diretoria, de fazer um especial agradecimento ao Presidente Eduardo Mahon, que hoje encerra seu mandato à frente da Academia Mato-Grossense de Letras. Como seus auxiliares diretos, podemos asseverar que sua gestão foi timbrada por uma dinâmica intensa, visto que Mahon, durante 24 horas diárias e por dois anos consecutivos, pensou a Academia Mato-Grossense de Letras, tanto fisicamente, quando procedeu a pequenas e necessárias reformas, mas, sobretudo, pensou intelectualmente a Instituição, e com isso estabeleceu parcerias, fez contatos, o que resultou em maior visibilidade à Instituição, o que foi conseguido com muito êxito e reconhecimento público.

Particularmente, a convivência com o Presidente foi-nos bastante enriquecedora, visto que ele, ao assumir a presidência, com 45 anos de idade, foi capaz de estabelecer um contraponto dialógico muito interessante com os membros da Diretoria, que eram cotidianamente brindados com múltiplas possibilidades, dando-nos condições de voltar a sonhar e a acreditar ainda mais na Instituição. Essa sinergia se estendeu aos Acadêmicos, que se engajaram nas proposituras e participaram de forma efetiva e colaborativa.

Sua administração teve início com a Academia Mato-Grossense de Letras exposta no Shopping Goia-beiras, evento indicativo de que essa gestão seria, certamente, diferencial. Depois, como bom articulador, visto ser muito respeitado, Mahon, ao longo do seu mandato, engrenou a Academia Mato-Grossense de Letras com inúmeras instituições de cunho cultural, educacional e artístico.

Sua luta, ao lado do IHGMT, também se verificou com a retomada definitiva do edifício da Comandante Costa, quando o imóvel foi devolvido, pelo prazo de 40 anos, à Casa Barão de Melgaço, integrada pelo IHGMT, sob a presidência de João Carlos Vicente Ferreira, e AML, sob a batuta de Mahon, mas, principalmente, graças à visão prospectiva do Secretário de Cultura, Leandro Carvalho, e do Governador Pedro Taques. Assim, as duas instituições conseguiram, definitivamente, perceber que a luz do túnel começava a ser ainda mais visível e fulgurante, apontando para inovadoras perspectivas.

Atualmente, estão sedimentadas as relações com duas importantes instâncias governativas estaduais – a Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer – SECEL, e a Secretaria de Estado de Educação – SEDUC - em convênios já assinados, indicando maiores possibilidades futuras. Da mesma forma, foram estreitados os laços com a UFMT e a Unemat. Dez novos Acadêmicos foram admitidos no seio institucional, ensejando a inclusão de inovadoras propostas, como encontros lítero-musicais, palestras, lançamento de livros e cursos. A sociedade ganhou muito com esse movimento. O estreitamento de relações com Mato Grosso do Sul foi construída ao longo de sua gestão e hoje materializada, quando temos presentes, membros da Academia coirmã, o que muito nos honra.

A visibilidade institucional foi expandida na *Internet* com sua apresentação da página da AML, mas essa ação promoveu também pleno acesso ao Arquivo da Casa Barão de Melgaço, onde o consulente pode, com antecedência, privilegiar a documentação que deseja consultar. O *Artbook*, que será lançado proximamente, consubstancia, com muita sensibilidade, arte e competência, o percurso institucional e as potencialidades da Academia Mato-Grossense de Letras, materializadas em trabalhos primorosos que resgatam sua tradição.

Para encerrar, queremos reiterar nosso agradecimento ao Presidente Eduardo Mahon, que dialogou e acolheu a colaboração dos membros da Diretoria, que com ele muito aprenderam, numa demonstração de que a juventude tem, certamente, muito a ensinar aos mais velhos. Deixamos os cargos bem mais enriquecidos de quando assumimos a dois anos atrás, visto que mais felizes e esperançosos, olhando a Instituição sob nova perspectiva. Obrigado, Mahon. Sua inteligência e dedicação timbraram uma moldura institucional marcada por muitas possibilidades futuras, que serão daqui para frente levadas a cabo e ampliadas pela dinâmica Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite e sua diretoria, que hoje assumem o próximo biênio.

Geraldo Vandr e, na década de 1960, já dizia: “*quem sabe faz a hora, não espera acontecer*”, assim fez Mahon   frente da Academia Mato-Grossense de Letras. Muito obrigada!





PARTE 2

DISCURSOS ACADÊMICOS





☪ CADEIRA 5 ☪

PATRONO

ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES



OCUPANTES

ARLINDO DE ANDRADE FRANCISCO AYRES

CLÓVIS PITALUGA DE MOURA

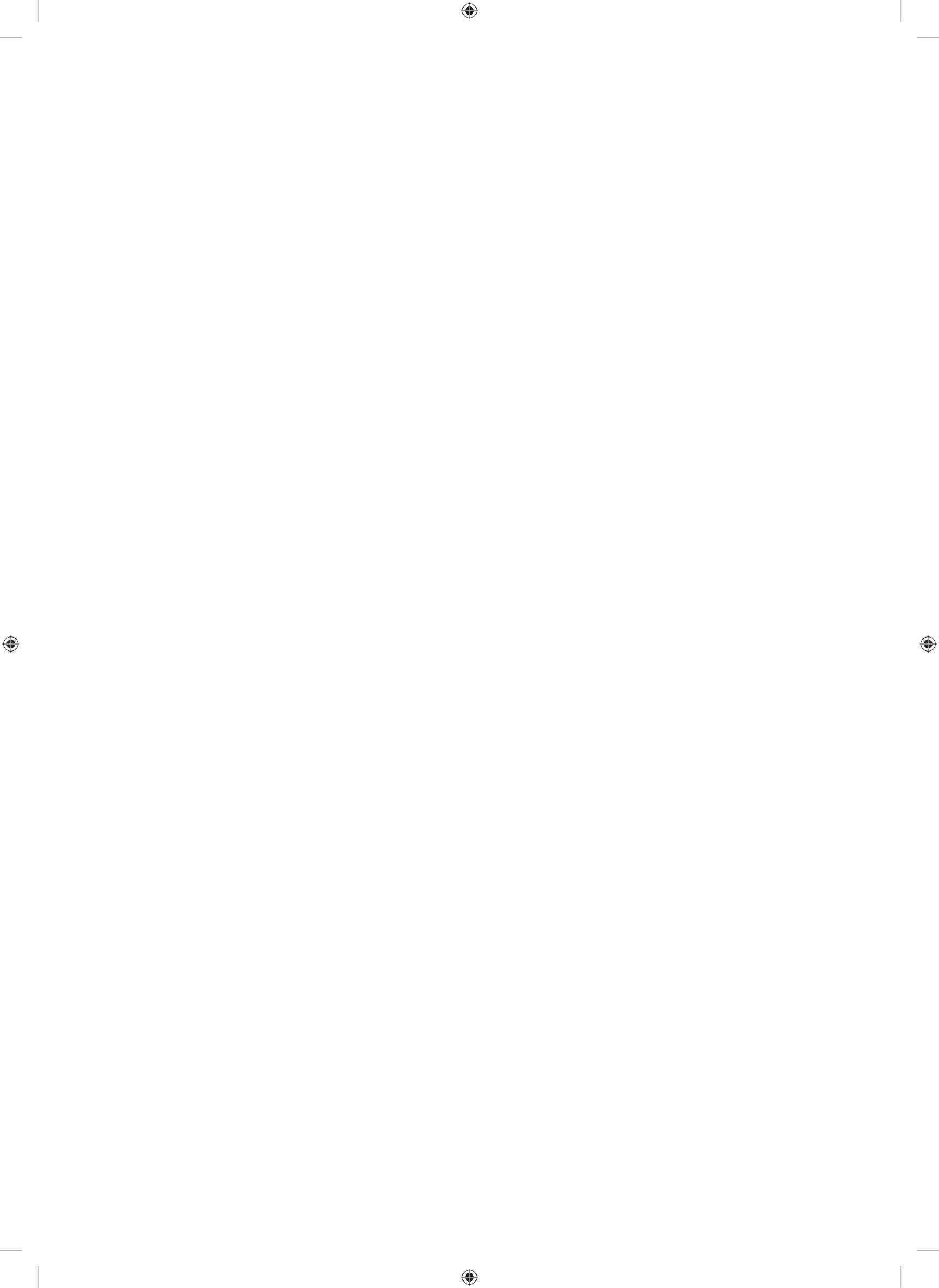
WANDERLEI JOSÉ DOS REIS



SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
WANDERLEI JOSÉ DOS REIS

16 de novembro de 2007

- ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO WANDERLEI JOSÉ DOS REIS, PELO PRESIDENTE DA AML, ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO
- DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO WANDERLEI JOSÉ DOS REIS, PELO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA
- DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO WANDERLEI JOSÉ DOS REIS



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO WANDERLEI JOSÉ DOS REIS, PELO PRESIDENTE DA AML, ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO

Dr. Paulo Inácio Dias Lessa, Digno Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, Dr. Rodrigo Roberto Curvo, Vice-Presidente da Associação Mato-grossense de Magistrados, representando o seu Presidente, Dr. Ruben Mauro Palma de Moura, filho e aqui representante dos familiares do saudoso Dr. Clóvis Pitaluga, Dra. Ana Paula Ribeiro dos Reis, senhoras e senhores acadêmicos, meus senhores e minhas senhoras.

Uma vez mais esta Casa das Letras mato-grossenses se engalana para receber um de seus novos Membros.

Vossa Excelência, Dr. Wanderlei, está sendo recebido na Casa de Dom Aquino Corrêa, na Casa de José de Mesquita, duas das mais eminentes figuras que este sodalício e este Estado já possuíram. Unia ambos, a lei do amor às letras, além da participação distinguida na vida pública e social deste Estado.

O primeiro, emérito e culto sacerdote que aos 29 anos fora consagrado o mais novo Bispo do mundo, e que teria, nos anos seguintes, intensa participação na vida religiosa, cultural, social e política deste Estado, do qual foi inclusive governante. Amante das letras e poeta laureado, estimulou a criação desta Instituição, dela se tornando eterno Presidente de honra. Foi igualmente Membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

José Barnabé de Mesquita é um de nossos mais eminentes confrades. Personalidade relevante de nosso mundo culto e social reputo que seja, ainda hoje, a figura de intelectual mais importante que Mato Grosso já teve. Versátil, atuou em diversas áreas do conhecimento. Poeta, cronista, romancista, valendo dizer que foi um dos primeiros a exercer esse gênero no Estado, incursionou ainda pela produção jurídica. Incansável, foi Presidente, por mais de dez anos, do Tribunal de Justiça e por cerca de trinta anos da Academia Mato-Grossense de Letras.

Além da participação como homens de letras e de ação, uma linha mestra os unia: a dignidade e a atuação ética.

Novel acadêmico Wanderlei José dos Reis, as Academias têm sido vistas ao longo do tempo como um reduto de sábios, conceito que, não raro, sofre alguma distorção ao ser tomado no sentido de que estes sejam homens afastados das agruras e das dificuldades do homem comum.

Precisamos afastar em definitivo essa imagem. O acadêmico, o intelectual, tem que ser um homem envolvido com as questões de seu tempo, voltado e preocupado para as angústias dos homens e das mulheres que são seus contemporâneos.

Quando a Academia Brasileira de Letras foi organizada, alguns dos mais eminentes de seus membros fundadores, entre os quais Machado de Assis, achava que a Academia deveria de ser um tanto distanciada, porque ela era um reduto do pensamento, um local de homens voltados para as elucubrações, para o pensamento meramente teórico.

Eu me permito nessa noite ler a opinião de um dos grandes poetas brasileiros que, quando foi divulgada a ideia da criação da Academia Brasileira de Letras, aos moldes da Academia Francesa, ele veio a público, pela imprensa, dizer que isso se tratava de um equívoco, e ele estava combatendo o mais importante dos romancistas deste país, que é José Maria Machado de Assis. Olavo Bilac escreveu: “somente um louco ou um egoísta monstruoso poderia viver e trabalhar consigo mesmo trancado a sete chaves dentro dos seus sonhos, indiferente ao que se passa cá fora no campo vasto em que as paixões lutam e morrem, em que anseiam as ambições e choram os desesperos, em que se decide os destinos dos povos e das raças.”

Vivemos um momento, meus senhores e minhas senhoras, tumultuado, em que há verdadeira erosão de valores, em que a ética está valendo cada vez menos, e é por isso mesmo que o intelectual deve exercer o seu papel em ser um sinalizador, ainda que corra o risco de estar equivocado. Penso que jamais um acadêmico, um intelectual, um homem de pensamento, pode estar distanciado do que Bilac chamava de os destinos dos povos e das raças, esse campo vasto que as paixões lutam e morrem. É desta forma que, na Presidência desta Casa, venho me empenhando e é por isso que vejo com bons olhos a perspectiva que se nos apresenta de Vossa Excelência, com este propósito, vir conosco somar.

Em seu discurso de posse, em janeiro de 1955, na Academia Brasileira de Letras, Francisco de Assis Chateaubriand, um dos mais importantes jornalistas polemistas que esse país já teve, se manifestou em certa passagem com a qual este Presidente concorda integralmente. Disse ele:

“A Academia, senhores, é uma infinita exploração dos lençóis subterrâneos e das áreas abertas da inteligência, ela rasga todo dia caminhos que dão acesso a elementos qualificativos de primeira ordem, todas as suas formas de atividades implicam esforço, virtude, dignidade, verdade, caráter, emulação e beleza. A Academia é contra o feio, é contra o medíocre, é contra o piloso. Tersistes e Jade, duas figuras da mitologia grega não poderiam ser acadêmicos porque eram feios e covardes, tinham na alma a insígnia do escorpião.”

E eu completo: e aqueles, meu caro novo acadêmico, que a ela chegam e com o tempo se percebem deslocados e inadequados?

Tenho certeza que não será este o seu caso. Aqui, Vossa Excelência deverá ser um dos militantes a favor da beleza e da dignidade. O senhor irá ocupar uma Cadeira cujo Patrono é um cientista, Antônio Pires da Silva Pontes, que teve papel relevante na demarcação dos limites definitivos do Brasil. Mineiro, que aqui veio, depois de estudar na Universidade de Coimbra, e que desenvolveu um trabalho até hoje reconhecido pelos estudiosos da geografia, dos mais importantes realizados por este país e que teve papel também relevante na história de Mato Grosso ao ajudar a delimitar os marcos dos rios Paraguai e Guaporé. Mais de um século depois, Rondon, o grande Rondon, a quem nunca devemos nos cansar de elogiar, iria destacar a grande importância desse empreendimento. Pontes publicou vários trabalhos e faleceu no janeiro em 1805. Naturalmente, com o passar do tempo, o senhor há de querer conhecer alguns desses trabalhos científicos.

Vossa Excelência está sucedendo também a uma grande figura. Clóvis Pitaluga de Moura foi, em sua essência, um profissional dedicado à medicina. Realizou diversos cursos na área médica e exerceu diferentes cargos públicos neste Estado, por breve período, o de Secretário de Educação e por mais de três anos o de Secretário de Saúde. No início da década de 80, e isso foi me dado testemunhar, foi ele um dos primeiros a lutar contra a devastação que o rio Cuiabá estava sofrendo, de modo que ele, muito merecidamente, deve receber as nossas homenagens como um ecologista militante, atuante, um de primeira hora em Mato Grosso. Mas, além disso, há que se destacar o seu trabalho humanitário, ao qual sempre me referi, em todos os momentos em que eu me dirigi aos jornais sobre essa vaga. Por ocasião do falecimento do Dr. Clóvis, ao fazer a oração derradeira em sua homenagem fiz questão de ressaltar a figura de eminente humanista que foi, de homem comprometido com a dor de seu semelhante.

Portanto, novel acadêmico estás sob o patronato de um grande cientista e sucedendo a um grande humanista. Auguro que possais se unir, com seu amor e com a sua atividade acadêmica nesta Casa, às mesmas virtudes encontradas no Patrono e no último ocupante da Cadeira, ou seja, o conhecimento científico aliado ao trabalho humanístico e filantrópico, marcas de um e de outro.

Machado de Assis dizia que a Academia Brasileira de Letras e, por conseguinte, as demais Academias, era a glória que fica, honra e consola.

Espero que essa glória que fica, que honra e que consola faça parte de Vossa Excelência a partir desse momento.

Sede bem-vindo! Esta Casa é vossa.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO WANDERLEI JOSÉ DOS REIS, PELO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA

Senhoras, senhores, convidados e familiares do Novel Acadêmico, Wanderlei José dos Reis.

Queridas confeitadeiras, queridos confrades.

A recepção ao novo acadêmico deve ser compartilhada por todos nós. Portanto, somos ou formamos aqui nesta Casa, uma torre de transmissão de pensamentos, de poesia, de contos, romances e história, irradiamos!

Essa voz não é só minha.

Ela é a voz de todos os membros desta Academia. É a voz de todos que recebem o novo membro da casa. É a voz de cada um.

Em 1925, Albert Einstein esteve no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. Estava a caminho de Buenos Aires. Ficou apenas um dia na cidade maravilhosa, ficou deslumbrado com as belezas da cidade e com a exuberância de nossa flora... Depois eu conto o final desta visita, que tem ligações com essa cerimônia.

Aqui são registrados pelos nossos escritores, poetas e cultores da palavra, os mais importantes feitos e os barulhos produzidos pelas engrenagens cerebrais de cada membro deste sodalício.

Confrade Wanderlei José dos Reis, aqui estão pessoas originais. São homens e mulheres de ideias originais, que trabalham com um raciocínio não-convencional, que olham as coisas sob uma perspectiva diferente.

Pelo seu *curriculum* percebe-se que o senhor é original e diferenciado.

Sua carreira construída sobre desafios e movida pela paixão de conquistar e realizar seus objetivos. Essa paixão de compartilhar é um ato sublime e reservado aos iluminados e originais.

Construir uma família, uma carreira, um projeto pessoal exige esforço e competência, determinação e coragem. Foi assim que Wanderlei José dos Reis enfrentou os desafios, mergulhou na busca de novos caminhos e, com força e abnegações, competiu e venceu.

Cultua-se aqui a palavra, a leitura, a beleza do bom texto...

Deveríamos formar avenidas cheias de bibliotecas, onde o menino, a menina, o jovem, o velho, pudessem ler... ler... Porque quem gosta de ler, não gosta de matar.

Teríamos uma sociedade melhor.

Quero falar de Wanderlei José dos Reis eleito para ocupar a Cadeira 5, cujo patrono é Antônio Pires da Silva Pontes e o último ocupante Dr. Clóvis Pitaluga de Moura, ilustre e culto médico cuiabano.

Wanderlei José dos Reis é natural de Seberi, Rio Grande do Sul, onde nasceu em 11 de dezembro de 1970. Está, pois com 37 anos. Wanderlei é filho de Arezoli José dos Reis e de Elsa Schafer. Casado com Ana Paula Ribeiro dos Reis. Pai de Wanderlei José dos Reis Júnior e Gabriel Ribeiro dos Reis.

Em 1972, mudou-se para a cidade de Palmeira das Missões; em 1983, passa a residir em Canoas, ambas no Rio Grande do Sul.

Em 1984, muda-se para Dourados/MS. Na bonita Dourados faz o 1º e 2º grau na Escola Estadual “Ministro João Paulo dos Reis Veloso”.

Em 1989, o novel acadêmico ingressa na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Curso de Matemática - Licenciatura Plena, em Dourados. Iniciou, neste mesmo ano, estágio no Banco do Brasil - CESEC, em Dourados, no horário das 18 às 23 horas e 30 minutos.

Em 1990, é aprovado no Concurso Nacional de Admissão aos Cursos de Formação de Sargentos de Carreira do Exército Brasileiro.

Em 1991, muda-se de Dourados para a cidade de Três Corações/MG, para incorporar-se nas Fileiras do Exército Brasileiro, como aluno da Escola de Sargentos das Armas. Em novembro de 1991, conclui o curso e fica em 3º lugar da Escola dentre os 958 concluintes. De Três Corações, retorna a Dourados, por opção própria, onde passa a prestar serviço no 28º Batalhão Logístico. Wanderlei José dos Reis passava, assim, a galgar posições. Estudar era seu desafio. Assim, em 1992 transfere-se do curso de Matemática para o de Ciências Físicas e Biológicas, que o conclui em 1994, obtendo a média final nove (9), láurea universitária. Foi orador na solenidade de colação de grau de todos os cursos de magistério, Matemática, Letras, Pedagogia, Ciências Físicas e Biológicas e Educação Artística.

Em 1995, inicia sua carreira Jurídica ao ingressar no curso de Direito da SOCIGRAN, em Dourados. Mesmo cursando Direito Wanderlei José dos Reis ministrava aulas.

Em 1997, depois de figurar no quadro de acesso para promoção a 2º Sargento de Carreira do Exército, decidiu pedir baixa das fileiras do Exército, pois acabara de ser aprovado no concurso para o Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul. Deixou o Exército depois de 6 anos, 5 meses e 5 dias de serviço prestado. Nesse período recebeu 15 elogios escritos de seus comandantes, sem nunca ter recebido nenhuma punição disciplinar. Tendo comportamento ÓTIMO.

Na Justiça Eleitoral realizou e ministrou inúmeros cursos.

Wanderlei José dos Reis é um obstinado pelos estudos, pelos livros.

Em 1998, fez curso de Pós-graduação em nível especialização, em Educação, Supervisão Escolar, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Em 1998, Wanderlei estudava Direito e como professor e funcionário da Justiça Eleitoral ministrava aulas e treinamentos.

Em 1999, concluiu o curso de Direito na UNIGRAN, média final 9,23, melhor nota das três turmas - láurea universitária.

Lá também lecionou Direito Comercial, como professor titular de Direito.

Ainda em 1999, em Cuiabá, presta prova do concurso de Delegado de Polícia de Carreira do Estado de Mato Grosso. Obteve o 1º lugar dentre os 3.063 candidatos. Foi escolhido para orador na solenidade de conclusão do Curso Técnico Profissional (Delegados e Escrivães de Polícia).

Depois dessa aprovação mudou-se para Cuiabá em 2001, quando assumiu o cargo de Delegado de Polícia e ficou pouco tempo na Polícia Civil. Em 20 de julho de 2001, requereu exoneração do cargo de Delegado para dedicar-se ao Magistério Jurídico.

É a partir desta data, a fase que Wanderlei José dos Reis vai mostrar todo o seu talento, sua lúcida inteligência, admirável agilidade e invejável experiência docente, lecionando com brilhantismo ímpar na Universidade de Cuiabá, UNIC, as disciplinas de Direito Administrativo, Constitucional, Penal, Processual Penal e Processual Civil.

Essas mesmas disciplinas, Wanderlei as ministrava na Escola Superior de Direito de Mato Grosso - ESUD, cujo Diretor é o confrade Luiz Orione Neto, nos cursos preparatórios para o exame da OAB e concursos públicos na área Jurídica.

Em 2003, concluiu o Curso de Pós-Graduação em Direito Público Avançado pela UNIRONDON. Obteve conceito A na monografia apresentada.

Convidado a dar aulas no Instituto de Estudos Luiz Flávio Gomes em São Paulo, recusou o convite, pois estava se preparando para o concurso da Magistratura de Mato Grosso.

Prestou o Concurso de Ingresso à Magistratura de nosso Estado. O resultado? Aprovado em 1º lugar com média 92,26, dentre 1.236 candidatos inscritos.

O talento, a inteligência do jovem de SEBERI conquistava seu espaço na operosa e brilhante Magistratura Mato-grossense.

Tomou posse em 9 de dezembro de 2003 e foi o orador na solenidade de posse dos novos magistrados.

Foi Juiz da Vara Única da Comarca de Chapada dos Guimarães, Diretor do Fórum e Juiz Eleitoral da 34ª Zona (que abrange os municípios de Chapada dos Guimarães, Nova Brasilândia e Planalto da Serra), em 2003 e 2004.

Presidiu as Eleições Municipais em 2004, na 34ª Zona Eleitoral.

Foi convidado, em 2003, para lecionar na cadeira de Direito Administrativo do IELF – Instituto de Estudos Luiz Flávio Gomes (Curso Preparatório para as Carreiras Jurídicas, transmitido, via satélite, pra todo o Brasil).

Autor de 3 (três) obras jurídicas, publicadas em nível nacional: Direito Penal para Provas e Concursos, Temas de Direito Penal e Recursos Penais.

Autor de vários artigos jurídicos publicados em revistas especializadas.

Em sua gestão à frente do Fórum de Chapada dos Guimarães, este foi considerado, em 2004, pelo Ministério da Justiça, como o 5º Melhor Modelo Nacional de Gestão.

Em 2004 e 2005, foi Juiz Coordenador da Construção do Fórum e da Instalação da Comarca de Nova Ubiratã/MT (até então, termo da Comarca de Sorriso), instalada em 24/09/05.

Recebeu o Título de Cidadão Honorário de Nova Ubiratã, pelo empenho, dedicação e contribuição com aquele município.

Em fevereiro/06, o Fórum da Comarca de Sorriso, sob a sua gestão como Juiz Diretor, recebeu o inédito *Prêmio Top Of Mind Brazil* de Consagração Pública, pela excelência na qualidade do Serviço Judiciário prestado à população sorricense.

Recebeu, em 31/07/06, o Título de Cidadão Honorário de Chapada dos Guimarães, pelos relevantes serviços prestados àquele município.

Foi patrono da 1ª turma do Curso Normal Superior da FAIS – Faculdades Integradas de Sorriso, sendo Orador na Solenidade de Colação de Grau do Curso de Administração de Empresas e Normal Superior da FAIS.

Recebeu, em 23/11/06, o Título de Cidadão Honorário de Sorriso, pelos relevantes serviços prestados ao município.

Recebeu, em 03/04/07, o Título de Cidadão Honorário de Mato Grosso, pelos relevantes serviços prestados ao Estado.

Atualmente, é Juiz de Direito da 1ª Vara (Cível) e Diretor do Fórum da Comarca de Sorriso/MT, desde 03/11/2004, onde coordena, também, os trabalhos de construção do novo Fórum da Comarca.

Wanderlei José dos Reis tem nome de acadêmico, nome de imortal... sucede um dos mais ilustres membros desta Academia. Ocupará o lugar de Clóvis Pitaluga de Moura, cuja obra e vida serão aqui narrados pelo próprio Wanderlei.

É preciso, e disso tenho a mais plena certeza, que Wanderlei José dos Reis, ocupará a Cadeira n. 5 de maneira tão pura e tão luminosa que sobre ela não caia a amargura do esquecimento: Clóvis Pitaluga de Moura é vivo, é imortal. Aqui não se mata, nem se esquece de nossas tradições.

Aqui se cultua a poesia, o romance, o conto, a novela, a história, a beleza das letras, das palavras, a nossa literatura.

Esta Casa, Academia Mato-Grossense de Letras, se transforma num grande entroncamento de ideias, distribuidor de pensamentos e de riquezas literárias. Somos assim, representantes da cultura, da grandeza da nossa literatura. Somos produtores das letras.

Espalharemos nossos conhecimentos projetando nossos olhos para o futuro.

Wanderlei José dos Reis inaugura nesta noite um noviciado de produção literária, capaz de abranger a mente e amadurecer a imaginação do homem, da mulher, do jovem mato-grossense.

A Academia Mato-grossense de Letras deve ser um laboratório e um instrumento fundamental para provocar a transformação saudável em nossa sociedade. É um laboratório.

Está aqui, confrade Wanderlei José dos Reis, a oportunidade de participar, de se comprometer, de se envolver, de se engajar com a nossa literatura, nossa cultura, nossa história. Aqui é a vertente criadora da consciência dos nossos lastros culturais. Para reforçar esta afirmativa busco apoio no poeta cuiabano: Manoel de Barros.

Diz ele “Na troca de prosa ou de montada, o pantaneiro por cima das cercas”. E acrescenta: “Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras... É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites”.

E, em outro poema, Manoel de Barros nos fala de seu desapontamento com a civilização atual, com a agressão, com a violência do meio urbano. Diz o poeta:

*“Quando meus olhos estão sujos da civilização,
cresce dentro deles um desejo de árvores e aves.”
“A razão, irmã do amor e da justiça”.*

Antero de Quental

Por amor à Justiça, ao Magistério, Wanderlei José dos Reis escreveu:

Direito Penal para Provas e Concursos, Editora Juruá.

Temas de Direito Penal, Editora Oásis Jurídico, do saudoso Jarbas Venturoli.

Recursos Penais para o Exame da Ordem.

É autor de vários artigos jurídicos publicados em revistas especializadas.

Suas obras são dedicadas preferentemente aos alunos do Curso de Direito, mas advogados e outros operadores do Direito encontram orientação segura para os problemas que afligem o profissional da advocacia. Escritos em linguagem simples, extremamente didática, que permitem uma visão segura dos princípios e regras da ciência do Direito Penal Moderno.

A reputação é a segunda vida do homem.

Querido confrade Wanderlei José dos Reis, aqui se começa então uma segunda vida para você. Sua reputação como acadêmico fará sua responsabilidade de homem ligado às palavras e às letras, além de magistrado competente e justo, um defensor incondicional da Cadeira que passa a ocupar... Somos vigiados, observados. Dizem até que acadêmico é como Whisky Escocês. Melhor com a idade, sempre.....

O poeta, o confrade, o desembargador João Antônio Neto, aliás sua poesia precisa ultrapassar as fronteiras brasileiras, nos diz:

“O Juiz não deve ser apenas um fabricante de sentenças, um mero catedrático que, do seu sólio, dita os comportamentos que devem seguir o decreto das leis.

O Juiz é também mestre da sociedade, conselheiro de homens e fundador de destinos úteis.

O Juiz é bússola e leme da sociedade...

O Juiz não somente julga, mas corrige e constrói modos de vida fraternas e solidárias.”

Wanderlei José dos Reis espalhou esses conceitos do acadêmico João Antônio Neto, por onde passou. Nas comarcas que julgou deixou sua marca, seus exemplos.

“A boa forma é a melhor herança do mundo.” (Bernardim Ribeiro)

Essa herança Wanderlei José dos Reis a conquistou através de muito desvelo, amor à educação e à justiça. Volto ao poeta, desembargador confrade João Antonio Neto, que nos diz:

“A justiça é a esperança, em forma pura de amor.

No equilíbrio da balança, é uma rosa, é uma rosa.

Ela está sempre desperta noite e dia, com a larga porta aberta da harmonia.

Tece paz, e une as mãos, faz irmãos.

Sem fátiga não tem sono, sem jamais adormecer.

Dá ao dono o que é seu.

Não tem raça, não tem cor, é a esperança, paz e amor.

No equilíbrio da balança é uma rosa, é uma rosa.”

Ao som brilhante das palavras do poeta João Antonio Neto, dou-lhe as boas vindas confrade Wanderlei José dos Reis.

Nos ajude neste entroncamento de ideias, de conhecimentos. Participe... realize... produza... As gerações futuras não podem e nem devem ficar decepcionadas com seus acadêmicos. Temos responsabilidades enormes.

O senhor, a partir de hoje, faz parte de um seletivo grupo de pessoas chamadas de imortais.

Como se sabe, vivemos em um mundo problemático, dividido, desorientado.

O indivíduo busca a sua identidade de modo até desesperado. E, nesse contexto, a literatura resiste e persiste de forma também problemática; ela espera as tensões das quais a maior parte das pessoas quer fugir porque não sabe como resolver.

Por isso, para entender literatura, é preciso perceber antes como ela faz parte do seu mundo.

A nossa literatura, a literatura Mato-grossense é uma das mais bonitas, das mais puras e características do Brasil. Temos uma literatura muito rica, ela tem sua origem na imaginação brilhante de nossos escritores.

A Academia Mato-Grossense de Letras é o alicerce para a construção da nossa identidade cultural. Essa identidade começa a sofrer modificações: a globalização promovida pela mídia, TV, internet, jornais, revistas, e outros meios, e, também, a chegada de novos brasileiros com hábitos e costumes diversos, essa rica mistura acontecerá porque o cuiabano é bem receptivo. Com isso levamos vantagem sobre outros Estados.

A migração de raças e culturas diversas nos dará uma identidade ainda mais forte, mais saborosa.

Para homenagear o novel acadêmico me utilizo da poética do imortal Moisés Mendes Martins:

“Meu espírito todo dia toma um traguinho de poesia e cuspe pela janela do tempo a ignorância...”

Requeri ações do desprezo contra meus sonhos, por inadimplência no pagamento dos aluguéis.

Quanto arrependimento! Mudaram-se em frente, seus espaços foram ocupados pela solidão.”

Esta Academia de Letras, fundada por José Barnabé de Mesquita, em 1921, comemorou seus 86 anos no dia 7 de setembro.

Wanderlei José dos Reis coordena como Juiz Diretor do Fórum, as obras de construção da nova sede do Poder Judiciário da Comarca de Sorriso.

Como Diretor do Fórum tem recebido elogios da OAB, dos jurisdicionados, demonstrando elevado grau de satisfação pela comunidade. Na verdade o Dr. Wanderlei José dos Reis implantou avanços no serviço judiciário da Comarca. A Nova Sede, o Novo Fórum da Comarca de Sorriso, será inaugurado e entregue a população dia 12 próximo.

O Dr. Wanderlei José dos Reis, hoje acadêmico, recebeu no ano passado o prêmio *Top Of Mind Brazil* de Consagração Pública, pela excelência na prestação do serviço Judiciário à população sorrisense.

A tradição da Academia Mato-Grossense de Letras mais uma vez está vivendo o novo. A tradição, no entanto, será sempre um símbolo deste sodalício.

Seus membros são sucedidos e jamais substituídos.

Que Deus lhe dê lucidez, competência, responsabilidade e muita humildade.

Antes de terminar, preciso contar sobre a visita de Albert Einstein ao Rio de Janeiro em 1925. Depois de passar um dia no Rio de Janeiro a caminho de Buenos Aires, o gênio da Teoria da Relatividade comentou que ficou deslumbrado com o que viu... beleza, muita beleza.

Um mês depois, estava de volta. Agora com uma semana à disposição. Apesar de mostrar-se amável e gentil, em seu diário queixava-se de discursos e solenidades enfadonhas que tinha de presenciar.

Espero que não tenham se sentido Albert Einstein neste meu discurso.

Para homenagear o novel Acadêmico reproduzo aqui versos de um dos mais brilhantes poetas mato-grossenses o imortal Rubens de Castro:

*“Cuiabá nos diz sorrindo,
mostrando a porta da rua;
meu filho, seja bem-vindo;
pode entrar... a casa é sua.”*

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO WANDERLEI JOSÉ DOS REIS

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Mato-grossense Letras, Doutor Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Excelentíssimos Senhores Acadêmicos desta Casa, Excelentíssimo Senhor Desembargador Paulo Inácio Dias Lessa, Digníssimo Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, Excelentíssima Senhora Nilza Queiroz Freire, Secretária desta Academia, Excelentíssimo Senhor Doutor Rodrigo Roberto Curvo, neste ato representando a Associação Mato-grossense de Magistrados, Ilustre Senhor Rubem Mauro Palma de Moura, filho do Doutor Clóvis Pitaluga de Moura, último ocupante da Cadeira 5 desta Casa, Doutora Ana Paula Ribeiro Gomes dos Reis, minha estimada esposa, na pessoa de quem estendo o cumprimento a todos os demais integrantes da Mesa de Honra.

De proêmio, agradeço a presença dos conspícuos desembargadores do Tribunal de Justiça deste Estado, dos ilustres colegas juízes, dos membros do Ministério Público, dos ex-colegas delegados de polícia de Mato Grosso, dos ex-companheiros de farda do Exército Brasileiro, dos ex-colegas do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul, dos colegas professores, dos servidores do Fórum de Chapada dos Guimarães, dos servidores do Fórum de Sorriso, dos servidores do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, das demais autoridades civis, militares e eclesiásticas. Senhoras e senhores.

Falar neste dia tão especial a tão distinto público é para mim motivo de orgulho e de júbilo imensuráveis.

Sou grato a Deus, Nosso Pai Onipotente, Onipresente e Onisciente, que nos dá fôlego de vida, por esta ocasião ímpar em minha vida, momento em que concretizo um sonho – receber a pelerine adentrando aos umbrais da Casa do insigne Barão de Melgaço, Casa de Dom Aquino, Casa de José de Mesquita e de todos os outros brilhantes acadêmicos que já deixaram seus nomes insculpidos nos anais deste Sodalício, bem como Casa do Ministro Gilmar Ferreira Mendes e demais acadêmicos de hoje que continuam fazendo história em Mato Grosso.

Agradeço as palavras do eminente Presidente desta Excelsa Casa de Cultura, acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, do preclaro advogado e jornalista acadêmico José Cidalino Carrara e as poesias declamadas pelos acadêmicos Avelino Tavares e Tertuliano Amarilha.

Por oportuno, registro o meu enternecimento com a recente partida do confrade Hélio Serejo, o nio-aquense que deixou um legado de mais de sessenta obras e que, apesar dos seus noventa e cinco anos de idade, ainda com completa lucidez, parabenizou-me da cidade morena pela nossa eleição, que ele já antevera.

Por questão de justiça, rendo minhas homenagens aos notáveis acadêmicos que ocuparam a Cadeira 5, que ora me assento. Patrono: Antônio Pires da Silva Pontes; Ocupantes: Arlindo de Andrade; Francisco Ayres e Clóvis Pitaluga de Moura.

Antônio Pires da Silva Pontes Leme – filho de José da Silva Pontes e de sua esposa, uma senhora da família Paes Leme, de Minas Gerais, pai do desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, nasceu em Mariana (MG), depois do ano de 1750, e faleceu no Rio de Janeiro a 21 de abril de 1805.

Doutor em matemática, astrônomo e cartógrafo, diplomado pela Universidade de Coimbra-Portugal, como fruto de seus trabalhos de engenharia, deixou-nos Antônio Pires da Silva Pontes várias obras científicas: Construção e análise das proporções geométricas e experiências práticas para servirem de fundamento à construção naval, Lisboa, 1798; Diário das explorações que fez desde o rio Branco e suas cabeceiras na província do Pará até as cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú, São Paulo, 1841; Diário da diligência e reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajós e Jaurú que se acham todos debaixo do mesmo paralelo na serra dos Parecis, 1789; Breve diário ou memória do rio Branco e de outros que neles desaguam, conseqüente à diligência; Memória físico-geográfica, acompanhada de um plano das lagoas Gaíva, Uberaba e Mandioré, 1790; Diário da viagem que fez o doutor Pontes ao tirar a configuração do

rio Guaporé; Diário da viagem do reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados, 1783; Diário da diligência e reconhecimento do rio Paraguai e rio Verde por ordem do Exmo. Sr. Luiz de Albuquerque e Mello Pereira e Cáceres, 1789; Relatório de uma parte do rio Paraguai e das lagoas Uberaba e Gaíva, 1787; Notícia do lago Xaraiés; Considerações sobre o manifesto de Portugal aos soberanos e povos da Europa na parte relativa ao reino do Brasil; Carta geográfica de projeção esférica ortogonal da Nova Lusitânia ou América portuguesa e Estado do Brasil, 1798; Plano geográfico do rio Branco e dos rios Uraricará, Magari, Parimé, Tacutú e Mahú que nele desaguam, aonde vai notada a grande cordilheira de montes que demeia entre o Orinoco e o Amazonas, de que nascem os mencionados rios, 1781-1782; Carta geográfica do rio Doce e seus afluentes, 1862; Nova carta do recôncavo marítimo da enseada da Bahia de Todos os Santos, e parte da costa do oceano brasileiro desde a ponta de Santo Antônio da Barra até o porto de Garcia de Ávila etc., 1800; Pertenceu ele à Academia Real de Ciências de Lisboa e foi agraciado com a comenda da Ordem de São Bento de Aviz.

Arlindo de Andrade nasceu em Timbaúba, Estado de Pernambuco, no dia 16 de abril de 1884. Seus pais, Manoel da Cunha Andrade Gomes e sua mãe, Maria Cavalcanti, muito fizeram para que seus onze filhos tivessem aprimorada formação. Aprendeu ele a ler com sua progenitora, cujo aprendizado fora-lhe básico para os estudos posteriores, culminados na Faculdade de Direito de Recife, onde se formou. Ao lado das lides estudantis, Arlindo de Andrade engajou-se no jornalismo, prestando substancial colaboração junto ao “Diário de Pernambuco”, onde iniciou como revisor e mais tarde redator de anúncios e comentarista político.

Francisco Ayres – nasceu em Portugal, a 05 de dezembro de 1903, na Freguesia de São Julião, Conselho de Chaves, viveu até os sete anos na Freguesia de Samaiões, ali onde nasceu o grande vate Eça de Queiroz, cujo retrato de vida veio a constituir um dos seus mais festejados livros.

Aos sete anos surpreendia seu guia espiritual o piedoso Padre Silvino, ao afirmar com evidente convicção: “*Eu quero ser médico e brasileiro*”. E assim se fez!

Muitas obras literárias de Francisco Ayres tiveram repercussão nacional e internacional. Entre suas inúmeras obras literárias cite-se: Jesus Cristo meu companheiro; Krishnamurti; A verdade nua; Eça de Queiroz, vida e glória; Caminhão de destinos; Terra vermelha; Bases para a construção de um mundo novo; Espiritismo; Poemas da vida e do sonho; Portugal descobridor; Ronda de desejo; Memorial do solar; e Uma visão de Fernando Pessoa.

Clóvis Pitaluga de Moura – Para falar nesta ocasião sobre o saudoso médico e humanista Dr. Clóvis Pitaluga de Moura, último ocupante da Cadeira 5, e não cometer nenhuma injustiça, foi necessário o subsídio de seu filho Rubem Mauro Palma de Moura.

O Dr. Clóvis Pitaluga de Moura, embora em sua certidão de nascimento conste Cuiabá, na verdade, segundo seu filho Rubem Mauro, nasceu no Município de Santo Antônio de Leverger, na Fazenda Baía dos Pássaros, nas barrancas do Rio São Lourenço. Isso aconteceu porque o seu pai, em uma de suas viagens que ocorria uma vez por ano em Cuiabá, aproveitou e fez o seu registro de nascimento aqui.

Cursou o primário na Escola Modelo Barão de Melgaço - Cuiabá (1923/1926); o secundário na Liceu Cuiabano - Cuiabá (1928-1931); o superior na Faculdade Nacional de Medicina - Universidade do BRASFI - Rio de Janeiro (1934-1939);

Cursou Pós-Graduação em Curso de Organização e Administração Hospitalares - Departamento Nacional de Saúde do Ministério de Educação e Saúde - 1947 - Nível de Especialização; Curso de Formação de Oficiais de Reserva do Serviço de Saúde do Exército - Cuiabá, 16º BC -1943; Curso de Cirurgia Torácica - Hospital Santa Maria - Rio de Janeiro - 1952; Curso de Organização e Administração Hospitalar - MES/Divisão de Organização Hospitalar - Rio de Janeiro - 1952; Curso de Administração e Organização Hospitalares - Regional de São Paulo da Ordem dos Arquitetos do Brasil - São Paulo - 1953; e Curso de “Coordenador de Medicina do Trabalho” - Fundação Centro Nacional de Medicina e Engenharia do Trabalho - FUNDACENTRO - São Paulo - 1975.

Foi Professor de Biologia da Escola de Comércio de Cuiabá -1956; Professor de Clínica Obstétrica, Patologia Cirúrgica e Anatomia da Escola de Auxiliar de Enfermagem “Dr. Mário Corrêa da Costa” - Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso -1952/1956; Professor do Curso de Adestramento de Pessoal

de Nível Auxiliar de Maternidade e Centro de Puericultura - Cuiabá/MT -1947; Professor do Curso de Formação de Pessoal Auxiliar de Maternidade Puericultura Maternidade e Puericultura do Departamento Nacional da Criança MES -1956; Coordenador do Curso de Medicina do Trabalho - Convênio UFMT/FUNDACENTRO - Cuiabá/MT - 1975; Coordenador do Curso de Tecnólogos em Saneamento Ambiental da UFMT - 1974/1981. Orientador Acadêmico - Departamento de Medicina - UFMT; Médico Chefe do Centro de Saúde de Cuiabá - Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso -1943/1945; Diretor do Departamento de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Mato Grosso -1943 -1945 -1947; Diretor da Maternidade e Hospital Geral de Cuiabá / Mato Grosso - 1946/1966; Chefe de Divisão de Assistência à Criança do Departamento de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Mato Grosso - 1957/1966; Secretário de Saúde do Estado de Mato Grosso -1966/1969; Secretário de Educação do Estado de Mato Grosso - 1966; Presidente Executivo do Conselho Deliberativo da Fundação de Saúde do Estado de Mato Grosso -1966/1969; Chefe do Serviço de Câncer da Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso 1975; Médico Chefe do Posto de Urgência do SANDU/INAMPS -1969/1971; Assessor de Saúde do Governo do Estado de Mato Grosso – 1958/1962; Assistente Técnico Sanitarista do Departamento de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Mato Grosso -1957; Distinções Especiais: Medalha do Mérito Legislativo “Paschoal Moreira Cabral” Câmara Municipal de Cuiabá - 1984; Diploma e Insígnia de Ordem do Mérito Nacional - Grau “Oficial” Presidência da República do Brasil - 1964 Diploma “Paul Harris Fellow” Rotary Foundation of Rotary Internacional - 1980; Diploma e Insígnia da “Ordem do Mérito Estadual” - grau “Comendador” Governo do Estado de Mato Grosso - 1986.

Os filhos de Clóvis Pitaluga são três: Eliete de Moura Bouret, nascida em 28/07/44, casada com Dr. José Anibal de Souza Bouret, formada em secretariado pelo Instituto Alvares Penteado na Cidade de São Paulo, residente em Cuiabá; Fernando Roberto Palma de Moura, nascido em 02/07/46, casado com Regina Del Barco, economista formado pela UnB, residente em Cuiabá; Rubem Mauro Palma de Moura, nascido em 26/06/49, casado com Marcia Glória Vandoni de Moura, é engenheiro civil formado pela UnB (com especialização em hidráulica e saneamento pela USP-São Carlos e Mestre em Ambiente e Desenvolvimento Regional pela UFMT), residente na Rua São Paulo n.º 85, Bairro Ribeirão da Ponte, Cuiabá.

Quando criança, na década de 1950, ocasião em que a TV nem sonhava em passar por Cuiabá, o passeio noturno da família era visitar os pacientes internados na Santa Casa e Maternidade e consultas particulares residenciais.

Durante vários anos na sua atuação como médico, todos os dias, na Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá, após as cirurgias matinais, atendia pessoas carentes, que não podiam pagar por consultas médicas e que eram selecionadas pelas irmãs de caridade que administravam aquele hospital. Naquela ocasião não existia um atendimento como hoje é feito pelo SUS. Isso lhe rendeu uma legião de amigos e compadres, que lhe foram fiéis por toda a vida. Lembra seu filho Rubem Mauro de uma passagem que ocorreu durante uma viagem que faziam para a região de Barão de Melgaço, onde até hoje têm uma propriedade dele herdada, quando deram carona a uma senhora, que no desenrolar da conversa, quando soube que era o Dr. Clóvis, não cabia em contentamento, dizendo que ela e vários conhecidos foram salvos por ele em várias cirurgias e consultas que fazia gratuitamente, a pedido dos prefeitos das cidades, todos seus amigos.

Em determinada época de sua vida, deixou a sua clínica particular, que foi por muitos anos a maior de Estado, para fazer, como servidor estadual, um curso de administração hospitalar no Rio de Janeiro, a fim de ter subsídios para ajudar no projeto e na implantação do Hospital e Maternidade de Cuiabá, um sonho e orgulho, hoje hospital escola da UNIC.

Quando estudante no Rio de Janeiro, sem recursos para se manter, uma vez que seu pai, que fora um próspero fazendeiro do pantanal, havia perdido tudo, fez concurso para enfermeiro do hospital escola e, até depois de formado médico, trabalhou nessa profissão, juntando dinheiro para voltar à sua querida Cuiabá. Ao término das aulas práticas como acadêmico, voltava auxiliando colegas na sua função de enfermeiro. Sempre admirado e querido por colegas e professores, os quais não se conformavam com a sua volta para o interior, pois o consideravam muito capaz para, segundo eles, a pequenez de Mato Grosso. Salvo engano, foi ele o primeiro cirurgião a abrir um tórax no Estado de Mato Grosso.

Nas muitas e animadas conversas com os filhos, quase sempre em uma pescaria, contava-lhes casos da sua vida como médico. Disse-lhes, certa vez, que em torno de 70% das mulheres que atendia em consultas

em seu consultório, iam lá para tratar de doenças da alma e que ele as escutava e aconselhava, quase sempre sobre os seus problemas domésticos. Muitas entravam, passavam às vezes horas chorando e, só após estarem mais calmas, retornavam para suas casas.

Na década de 1980, passou por uma angioplastia na cidade de São Paulo, quando então no seu retorno disse a seu filho Rubem Mauro: “*Meu filho, foi preciso eu ficar doente para poder sentir na pele, quanto um paciente sofre na mão de médicos robotizados*”. Disse mais: “*Essa medicina que se faz hoje, eu não sou nem seria capaz de fazer*.” Daí, talvez, dos três filhos, dois homens e uma mulher, nenhum ter feito medicina, quiçá por não se sentirem capazes de praticar a medicina da maneira como ele fez, como um verdadeiro sacerdócio.

Das suas atuações, as que mais marcaram foram: No ano de 1976, como coordenador do Curso de Saneamento Ambiental da UFMT, a sua batalha contra a Daw Química, produtora do agente laranja usado na guerra do Vietnã, denunciando-os de estarem comercializando no Estado restos desses produtos; e, em 1982, foi o principal articulador de uma campanha memorável “*O Peixe é Nosso*”.

Clóvis Pitaluga de Moura saiu para estudar medicina no Rio de Janeiro em uma lancha pelo rio Cuiabá, retornando oito anos depois, já médico, em um hidroavião que desceu nas mesmas águas do nosso rio Cuiabá, até então limpas.

Clóvis Pitaluga, além de médico e humanista, empunhou a bandeira de defesa do pantanal e do nosso Rio Cuiabá, sempre engajado na causa de preservação ambiental.

A Policlínica do Bairro Planalto de Cuiabá leva o seu nome, como lembrança e reconhecimento pelo grande homem que foi – Doutor Clóvis Pitaluga de Moura.

Essa é uma brevíssima síntese do vasto currículo do extraordinário acadêmico que foi Clóvis Pitaluga de Moura, que deixa seu nome, sua história e suas obras *ad immortalitatem* e cujas homenagens rendemos aos seus familiares aqui presentes nesta noite.

Permitam-me algumas breves reminiscências pessoais, e como bom brasileiro, que se vulnera por emoções, posso abrir as porteiças dos olhos e deixar a alma entornar suas lágrimas sinceras sob o empuxo de um sentimentalismo arraigado e tão forte que trazemos no peito.

Recordo-me de minha saudosa e querida mãe, que se aqui estivesse, tenho certeza de que muito se alegraria de ver seu filho caçula seguir seus conselhos e alçar um lugar que ela jamais sonhara. Ela, que nos deixou tão cedo, mas que tanto se sacrificou e se empenhou para que seus cinco filhos estudassem e cujas palavras e conduta lembrarei eternamente.

Gratidão ao meu querido pai por mostrar-me, desde cedo, o caminho a seguir, por ensinar-me que o trabalho árduo é que constrói e que na vida o lugar ao sol deve ser conquistado a cada dia, com honra, dignidade e respeito às pessoas, e que nada vem ao acaso, e por continuar a me ensinar nos seus setenta e um anos, que completará amanhã.

Registro o meu amor, o meu carinho e minha gratidão à minha esposa Ana Paula, companheira que Deus me deu, que, direta ou indiretamente, sempre tem me apoiado em tudo o que eu faço, sobretudo na criação e educação de nossos dois filhos, que a têm como professora, mãe e amiga.

Ainda sensibilizado com o dia de minha eleição, registro, também, as palavras carinhosas e emocionadas externadas por cada um dos acadêmicos que, naquela oportunidade, de braços abertos, me pré-recepcionaram aqui mesmo neste recinto, no 12 de julho deste ano, naquela feliz e inesquecível manhã. À guisa de recordação, obrigado pelas palavras do advogado e escritor Dr. Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Presidente desta Academia, que naquele momento se referiu aos aspectos positivos e inusitados que minha eleição proporcionara à Casa; à digna acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira; ao preclaro acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior; à colega acadêmica Amini Haddad Campos; ao digno acadêmico João Batista de Almeida; ao douto acadêmico Luiz Orione Neto, que rememorou os anos que lecionei na Escola Superior de Direito de Mato Grosso – ESUD; ao ilustre acadêmico José Ferreira de Freitas; ao festejado acadêmico João Antônio Neto, que não pôde estar presente hoje neste ato em razão de estar dedicando cuidados especiais a uma pessoa querida de sua família em São Paulo; ao distinto acadêmico Clóvis de Mello, que de forma ímpar, emocionada e sensibilizadora, externou na ocasião a admiração pelo conspícuo e imortal Dom Aquino Correa; ao ilustre acadêmico José Cidalino Carrara; ao grande poeta mato-grossense acadêmico

Tertuliano Amarilha; ao brioso acadêmico Natalino Ferreira Mendes; à tão dinâmica acadêmica Nilza Queiroz Freire, que na oportunidade se referiu à nossa versatilidade em usar a toga no Fórum e o capacete no canteiro de obras do novo Fórum de Sorriso; ao erudito acadêmico Avelino Tavares, que nos declamou a poesia “Oferenda”, de Margarida Lopes de Almeida, externando sua alegria com a nossa chegada a esta plêiade de literatos. Muito obrigado a esses e a todos os senhores acadêmicos.

Não sou nativo desta terra, migrante gaúcho como tantos que aqui em Mato Grosso se radicaram. Há vinte e três anos, quando tinha treze de idade, eu chegava a Dourados, Mato Grosso do Sul, com meu pai e meus quatro irmãos. Na mala não trazia riquezas, apenas muita esperança, muitos sonhos, muita vontade de trabalhar e vencer. A origem humilde não impedia de acalantar o sonho de cursar uma faculdade, de escrever versos, de ser um escritor, ser um poeta, ser um juiz... Os primeiros versos, na verdade, já haviam sido alinhavados aos doze anos e as primeiras poesias já tinham sido declamadas. De braçal de serraria a Magistrado, nunca deixei de estudar. Impressionou-me um dia quando li que Rui Barbosa só dormia quatro horas por noite, a partir dali passei a exigir muito mais de mim mesmo. De neófito aluno da Escola de Sargentos das Armas do Exército a instrutor de tiro e de treinamento físico militar, nunca deixei de ser formador, orientador, professor e doutrinador. A cada contingente de centenas de soldados incorporados, anualmente, uma nova história, uma nova motivação, uma nova emoção, culminando com a entrega da boina preta, no dia 25 de agosto – dia do soldado.

Este momento de hoje é de grande emoção em minha vida, assim como foi o dia do nascimento do meu primeiro filho Wanderlei Júnior, depois o segundo, Gabriel, assim como o dia em que recebi a toga, empossado na magistratura de Mato Grosso, esta data muito representa para mim e marcará a minha história.

Por fim, presto o necessário reconhecimento a todos os meus mestres, desde o meu primeiro mentor intelectual.

Concluindo esse breve retorno virtual, faço menção aos meus milhares de alunos do Curso de Direito do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN, da Universidade de Cuiabá – UNIC e da Escola Superior de Direito de Mato Grosso – ESUD, alguns dos quais aqui presentes que, de certa forma, contribuíram para a publicação da segunda e terceira obras, como subsídio para os seus concursos jurídicos, para a universidade e para as carreiras jurídicas.

De Mimoso o Brasil recebeu o grande Marechal Rondon, o gênio da pacificação, patrono da Arma de Comunicações do Exército Brasileiro, justamente a qual pertenci pelos quase sete anos que passei pela caserna... Comunicações, cuja canção: “*os nossos fios, as nossas antenas, transmitem essas vitórias...*” resta impregnada na mente do militar, como a canção do Exército, o comunicante do Exército Brasileiro reverencia Rondon, este mimosiano, cujo lema “*morrer se preciso for, matar nunca*” imortalizou-se além-mar.

Mato Grosso do tuiuiú, Estado pujante por natureza, agricultura e pecuária – celeiro do Brasil, terceira maior extensão territorial do país, despontando no cenário nacional com o biocombustível. Orgulho-me deste Estado, orgulho-me de ser cidadão mato-grossense, de ser membro do Poder Judiciário de Mato Grosso, que é uma das Justiças mais céleres do país e que está à frente de seu tempo, com a instalação do Diário da Justiça Eletrônico, com a digitalização dos processos, com a instalação da Ouvidoria, com um portal na rede mundial de computadores, com a instalação da central de conciliação de precatórios, concretizando uma Justiça acessível, efetiva e transparente. Ações que desenvolvemos, projetos que são incubados aqui são modelos para o Brasil. Mato Grosso é exemplo de Justiça, é exportador de ideias.

Mato Grosso é referência nacional no âmbito da Justiça e no cenário cultural não é diferente. Nosso Estado é abastado em ideias, é rico em cultura, e esta Casa é uma ilha de conhecimento.

Tive a oportunidade, como juiz, de atuar nas Comarcas de Chapada dos Guimarães e Sorriso, onde estou atualmente, e por onde quer que eu venha a passar terei sempre comigo o amor à toga, a dedicação e o comprometimento com a população do Estado de Mato Grosso.

Em 1745, o rei Frederico II da Prússia, ao olhar pelas janelas de seu recém-construído palácio de verão, não podia contemplar integralmente a bela paisagem que o cercava. Um moinho velho, de propriedade de seu vizinho, atrapalhava sua visão. O rei não se perturbou. Foi à procura do dono do moinho e lhe ofereceu dez vezes mais o que valia a velha propriedade. O moleiro não aceitou nenhuma proposta, sob a alegação de que se tratava de herança e de que o moinho pertencera a muitas gerações de sua família, inexistindo preço

que o pagasse. Irritado com a postura do aldeão, o rei mandou demolir o moinho e, em seguida, enviou intermediários para ressarcir os prejuízos.

Consta, daí, que o moleiro não aceitou o pagamento da indenização, limitando-se a dizer: “*Eu vou para Berlim, pois ainda há Juízes em Berlim e lá terei Justiça*”.

Depois de muitos dias de viagem, o inflexível moleiro chegou à grande cidade e levou a sua queixa ao conhecimento dos magistrados que, atentos à sua história, condenaram o rei a reerguer o moinho, no mesmo lugar e nas mesmas condições. O rei, embora surpreso, ao invés de mandar enforcar os juízes, acatou a sentença, afirmando aos seus atônitos cortesões: “*Fico feliz em saber que em meu reino há Juízes justos, honestos e corajosos*”.

Para Luigi Ferrajoli, o sentido dessa famosa frase: “*ainda há juízes em Berlim*” é que devem existir juízes independentes que intervenham para reparar os danos sofridos, para tutelar o indivíduo ainda que a maior parte ou até mesmo a totalidade dos cidadãos cerrem fileiras contra ele, para absolver quando não houver provas, ainda que a opinião comum desejasse a condenação ou para condenar, na presença de provas, ainda quando a mesma opinião gostaria de uma absolvição. Eis a tônica do Estado Democrático de Direito.

Arguta a lição do jurista Jorge Adelar Finato (Juiz de Direito em Porto Alegre/RS e Diretor do Departamento de Cultura da AJURIS): “*A justiça com que sonhamos e pela qual lutamos é a que se funda no pensamento humanista, no respeito incondicional ao ser humano, na capacidade do juiz em compreender o indivíduo em sua difícil missão de viver. Para o bom julgador, é imprescindível o contato com a literatura, o teatro, o cinema, a música, as artes plásticas, a filosofia, a história, etc. Mas todo esse arsenal de pouco valerá se o magistrado não tiver humildade e, acima de tudo, se não amar as pessoas. É necessário gostar de gente para ser um bom juiz.*”

Assim como disse em meu discurso de posse na magistratura estadual, em 2003, o ingressar hoje na Academia de Letras representa, também, para mim, não uma fita de chegada, mas sim mais um ponto de partida em minha vida, uma nova fase se inaugura, outrora toga, hoje pelerine, é o inflamar-se da chama de literato já acesa em minha vida desde a infância, desde os berços escolares, cotejada sempre com o exercício da judicatura.

Reafirmo hoje, meu compromisso com esta Terra de Rondon, em especial no campo da cultura, pois a cultura é arte, é educação, comunicação, cidadania, proteção social e economia. A cultura é fundamental para a nossa formação enquanto povo, enquanto nação. O direito à cultura é em nosso país um direito de cidadania, tão essencial quanto o direito à moradia, à saúde, à educação e ao voto.

Para Josué Montello: “*A história de um povo ou de uma nação não é feita, apenas, com fatos e ilações, mas, sobretudo com exemplos. Exemplos que uma geração recolhe nas gerações precedentes, para acrescentar a esses paradigmas as suas próprias lições, com espírito de continuidade harmoniosa.*”

Indubitavelmente, um lugar que marca eternamente a vida de um homem, é a caserna. Mas, como sempre disse aos meus alunos, não é preciso ser catedrático em heráldica ou vexilologia, ciências que estudam, respectivamente, os brasões e as bandeiras, não é necessário passar pelas fileiras do Exército Brasileiro para aprendermos a cultuar os nossos símbolos, cultuar o que é nosso, pois “*um país se torna forte, quando o seu povo conhece os seus símbolos cívicos*”.

Cultuar nossos símbolos é cultivar nossa história, e um povo sem história é um povo sem passado, é um povo sem identidade, é um povo sem futuro, é como casa sem alicerce, é como árvore sem raiz.

O cultuar a língua portuguesa é como cultuar os símbolos da pátria. Oh! Os nem sempre lembrados quatro símbolos nacionais, o selo, o brasão, a bandeira e o hino nacional.

Daí a virtude da nossa bela Praça das Bandeiras de Cuiabá, um verdadeiro centro cívico, no dizer do confrade Pedro Rocha Jucá, autor do livro “*Símbolos Oficiais de Mato Grosso*”, bem como a importância deste Templo, legado de várias gerações anteriores. Sendo que a história desta Casa se confunde com a própria história do nosso Estado, daí lembrarmos que o amarelo, do verde, amarelo, azul e branco da nossa bandeira de Mato Grosso e da bandeira do Brasil traz em si o brilho da luz, da cultura, da riqueza, do poder e da glória, consolidando a autoridade com as bases da sabedoria.

Pois é necessário “*preservar e valorizar a memória nacional: a língua como instrumento do conhecimento e da convivência; as letras como reveladoras/formadoras da identidade nacional; a cultura preservada e ha-*

bilmente inserida em processo civilizatório que seja também caracteristicamente brasileiro. Sem deixar de fora nada do que é humano: a ciência, que reside no espírito, que observa e explica; e a poesia, que habita a alma, que sente e compreende.” (Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça).

Concessa venia, deportar-me-ei a uma história de Malba Tahan, cujo nome verdadeiro era Júlio César de Mello e Souza, escritor árabe nascido em 1885, na aldeia de Muzalit, Península Arábica, perto da cidade de Meca, um dos lugares santos da religião muçulmana, o islamismo, foi um caso raro de professor que ficou quase tão famoso quanto um craque de futebol. Em classe, lembrava um ator empenhado em cativar a plateia. Escolheu a mais temida das disciplinas, a matemática. Criou uma didática própria e divertida, até hoje viva e respeitada.

Malba Tahan escreveu diversos livros, dentre eles “O homem que calculava”, um dos primeiros que li em minha faculdade de matemática, e “O Tesouro de Bresa”, que nos ocuparemos agora.

Conta o autor que, na Babilônia, um pobre e modesto alfaiate, chamado Enedim, homem inteligente e trabalhador, não perdia a esperança de vir a ser riquíssimo. Como e onde, no entanto, encontrar um tesouro fabuloso e tornar-se, assim, rico e poderoso?

Um dia, parou na porta de sua humilde casa, um velho mercador da Fenícia, que vendia uma infinidade de objetos extravagantes.

Por curiosidade, Enedim começou a examinar as bugigangas oferecidas, quando descobriu, entre elas, uma espécie de livro de muitas folhas, onde se viam caracteres estranhos e desconhecidos.

Era uma preciosidade aquele livro, afirmava o mercador, e custava apenas três dinares.

Era muito dinheiro para o pobre alfaiate, razão pela qual o mercador concordou em vender-lhe o livro por apenas dois dinares.

Logo que ficou sozinho, Enedim tratou de examinar, sem demora, o bem que havia adquirido.

Qual não foi sua surpresa quando conseguiu decifrar, na primeira página, a seguinte legenda: “o segredo do tesouro de Bresa.”

Que tesouro seria esse?

Enedim recordava vagamente de já ter ouvido qualquer referência a ele, mas não se lembrava de onde, nem quando.

Mais adiante decifrou: “o tesouro de Bresa, enterrado pelo gênio do mesmo nome entre as montanhas do Harbatol, foi ali esquecido, e ali se acha ainda, até que algum homem esforçado venha encontrá-lo.”

Muito interessado, o esforçado tecelão dispôs-se a decifrar todas as páginas daquele livro, para apoderar-se de tão fabuloso tesouro.

Mas, as primeiras páginas eram escritas em caracteres de vários povos, o que fez com que Enedim estudasse os hieróglifos egípcios, a língua dos gregos, os dialetos persas e o idioma dos judeus.

Em função disso, ao final de três anos Enedim deixava a profissão de alfaiate e passava a ser o intérprete do rei, pois não havia na região ninguém que soubesse tantos idiomas estrangeiros.

Passou a ganhar muito mais e a viver em uma confortável casa.

Continuando a ler o livro encontrou várias páginas cheias de cálculos, números e figuras.

Para entender o que lia, estudou matemática com os calculistas da cidade e, em pouco tempo, tornou-se grande conhecedor das transformações aritméticas.

Graças aos novos conhecimentos, calculou, desenhou e construiu uma grande ponte sobre o rio Eufrates, o que fez com que o rei o nomeasse prefeito.

Ainda por força da leitura do livro, Enedim estudou profundamente as leis e princípios religiosos de seu país, sendo nomeado primeiro-ministro daquele reino, em decorrência de seu vasto conhecimento.

Passou a viver em suntuoso palácio e recebia visitas dos príncipes mais ricos e poderosos do mundo.

Graças a seu trabalho e ao seu conhecimento, o reino progrediu rapidamente, trazendo riquezas e alegria para todo seu povo.

No entanto, ainda não conhecia o segredo de Bresa, apesar de ter lido e relido todas as páginas do livro. Certa vez, teve a oportunidade de questionar um venerando sacerdote a respeito daquele mistério, que sorrindo lhe esclareceu:

“O tesouro de Bresa já está em vosso poder, pois graças ao livro você adquiriu grande saber, que lhe proporcionou os invejáveis bens que possui. Afinal, Bresa significa saber e Harbatol quer dizer trabalho.”

Com estudo e trabalho pode o homem conquistar tesouros maiores do que os que se ocultam no seio da terra.

Tinha razão o velho sacerdote.

Bresa, o gênio, guarda, realmente, um tesouro que qualquer homem esforçado e inteligente pode conseguir, essa riqueza prodigiosa não se acha, porém, perdida no seio da terra nem nas profundezas dos mares, encontrá-la-eis, sim, nos bons livros, que, proporcionando saber aos homens, abrem para aqueles que se dedicam aos estudos, com amor e tenacidade, as grutas maravilhosas de mil tesouros encantados.

Daí a precisão de Monteiro Lobato, um dos escritores brasileiros mais influentes do século XX, ao asseverar que *“Um país se faz com homens e livros”*. Frase celeberrima, que deveria ser obrigatória em toda e qualquer sala de aula no Brasil, seja instituição de ensino público ou privado, seja nas salas de maternal das pequenas escolas ou nas salas de doutorado nas grandes universidades.

Castro Alves, o poeta dos Escravos, elevou sua voz, no poema “O Livro e a América”, e bradou:

*“Oh, bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmen que faz a palma,
É chuva que faz o mar”.*

Destarte, imperativo se faz a difusão do conhecimento técnico-científico, fruto da pesquisa científica, mister se fazem (faz????) escritores, literatos em todas as áreas do saber...

Jorge Luís Borges, considerado o maior poeta argentino de todos os tempos, disse certa vez que, dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Dizia que os demais instrumentos, como o microscópio, o telefone e o arado, seriam extensões do corpo humano. E o livro, por sua vez, uma extensão da memória e da imaginação.

Assim, necessário se faz em nossas vidas, como o orvalho que nutre as flores e anuncia um novo dia, que sejamos renovados a cada instante, que tenhamos disposição e alegria no que fazemos, pois o aprender se renova a cada dia, a cada manhã, daí sermos eternos aprendizes, já que, no dizer de Isaac Newton, *“o que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”*.

Preocupo-me quanto à nossa parcela de contribuição para a sociedade, o Brasil que queremos deixar aos nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos, quando reflito no poema “Sinto Vergonha de Mim”, deixado por Rui Barbosa, em 1892, quando, desiludido, deixou o Senado da República.

*Sinto vergonha de mim
por ter sido educador de parte desse povo,
por ter batalhado sempre pela justiça,
por compactuar com a honestidade,
por primar pela verdade
e por ver este povo já chamado varonil
enveredar pelo caminho da desonra.*

*Sinto vergonha de mim
por ter feito parte de uma era
que lutou pela democracia,*

*pela liberdade de ser
e ter que entregar aos meus filhos,
simples e abominavelmente,
a derrota das virtudes pelos vícios,
a ausência da sensatez
no julgamento da verdade,
a negligência com a família,
célula-mater da sociedade,
a demasiada preocupação
com o “eu” feliz a qualquer custo,
buscando a tal “felicidade”*

*em caminhos evitados de desrespeito
para com o seu próximo.*

*Tenho vergonha de mim
pela passividade em ouvir,
sem despejar meu verbo,
a tantas desculpas ditadas
pelo orgulho e vaidade,
a tanta falta de humildade
para reconhecer um erro cometido,
a tantos “floreios” para justificar
atos criminosos,
a tanta relutância
em esquecer a antiga posição
de sempre “contestar”,
voltar atrás e mudar o futuro.*

*Tenho vergonha de mim
pois faço parte de um povo que não reconheço,
enveredando por caminhos
que não quero percorrer...*

*Tenho vergonha da minha impotência,
da minha falta de garra,*

*das minhas desilusões
e do meu cansaço.*

*Não tenho para onde ir
pois amo este meu chão,
vibro ao ouvir meu Hino
e jamais usei a minha Bandeira
para enxugar o meu suor
ou enrolar meu corpo
na pecaminosa manifestação de nacionalidade.*

*Ao lado da vergonha de mim,
tenho tanta pena de ti,
povo brasileiro!*

*“De tanto ver triunfar as nulidades,
de tanto ver prosperar a desonra,
de tanto ver crescer a injustiça,
de tanto ver agigantarem-se os poderes
nas mãos dos maus,
o homem chega a desanimar da virtude,
a rir-se da honra,
a ter vergonha de ser honesto”. (Rui Barbosa)*

Entendo que cada um de nós, cada qual com sua chamada social, nós acadêmicos em particular com nossa pena, temos muito a contribuir com a sociedade brasileira. Que cada um plante sua semente, para que não seja contemporâneo o poema secular do grande Águia de Haia.

Para Picasso há dois tipos de artista: “*aquele que faz do sol uma simples mancha amarela e o que de uma simples mancha amarela faz o sol*”. Escritor é esse que transforma manchas amarelas em sóis é aquele que sabe, como Shakespeare, que *palavras sem pensamento não vão para o céu – não alçam vôo*.

A Casa Barão de Melgaço, hoje revitalizada em sua estrutura física, é uma ilha de saber em Mato Grosso, seu nome é uma homenagem à figura erudita de Augusto João Manoel de Leverger, grande intelectual da segunda metade do século XIX, que aqui morou por quarenta e três anos, Agremiação esta que desperta a atenção pelos valiosíssimos tesouros intelectuais que encerra, verdadeiros tesouros de bresa, contribuindo com a sociedade mato-grossense no labor da ciência e das letras, criando, preservando e aprimorando o nosso patrimônio intelectual, pois, vislumbramos na Academia o *locus* ideal para tudo isso, o terreno fecundo para o cultivo da literatura e das artes (*pulchritudinus studium habentes* – os estudiosos da beleza ou cultores do belo).

Quero eu cooperar com este Templo do Saber, com o labor dos Imortais, desejo eu de fato ser mercedor desta tão honrosa distinção de estar em meio a este círculo privilegiado de escritores, primeiramente, com minhas singelas e humildes produções científicas, produto de alguns momentos de cátedra universitária, mas sempre como juiz, que ama o que faz, como um garantidor da efetivação dos direitos dos cidadãos, inclusive das minorias, e, *pari passu*, como acadêmico e eterno professor, aumentar, ainda mais, a minha contribuição para a difusão do conhecimento e da cultura jurídica, e também ser um difusor de valores cívicos, morais e éticos para os nossos jovens discentes. Toga e pelerine, faces da mesma pessoa, como a aurora e o crepúsculo são faces do mesmo sol.

Senti-me deveras honrado em submeter meu nome pela vez primeira e única a esta cátedra e receber maciça votação dos conspícuos acadêmicos desta Corte, pelo que lhes agradeço o voto de fidúcia, mesmo eu não sendo mato-grossense de berço e não estando residindo ainda em Cuiabá, ainda que não me conhecessem pessoalmente, os senhores, do elevado altar do saber, depositaram em mim seu voto de confiança. Farei o que estiver ao meu alcance para estar à altura dessa honraria, pois, olho-vos com respeito e admiração,

exultante da conquista da pelerine – símbolo acadêmico, firmando compromisso perene com a literatura e com a história quase secular desta Casa –, e sabedor da missão e dos costumes desta Agremiação de Altaneiros. Regozijo de estar entre vós, cômico que o meu ingresso nesta Academia faz-me transitar do meu anonimato literário para o grande palco das intensas luzes que iluminam os eminentes pares deste Pórtico.

Por isso, chego a esta Casa pedindo licença aos confrades e confradeiras, é assim que venho, com sinceridade, com o espírito manso e humilde, semeando e propagando harmonia, paz e entendimento, como sempre fiz em todos os profícuos ambientes por onde passei, venho para agregar, para somar, para acrescentar, venho para contribuir ainda mais com a sociedade de meu querido Mato Grosso, venho para continuar trabalhando com muito amor, dedicação e empenho, pois tudo o que tem que ser feito, merece ser muito bem feito, deve ser feito com amor. Amor, que no dizer do apóstolo Paulo, em sua primeira epístola aos Coríntios, é o dom supremo. Diz-nos ele:

1. Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.
2. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.
3. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.
4. O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece,
5. não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal;
6. não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade;
7. tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
8. O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará;
9. porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos.
10. Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.
11. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.
12. Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido.
13. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor.

Vós, cultores do saber, da perfeição da forma, da inteligência, da sensibilidade e da memória dos grandes vultos que iluminaram a humanidade, vós cultores do belo, dão-me a glória de me assentar convosco, e que o mesmo amor com me recepcionaram seja eternamente recíproco e crescente em nosso convívio.

Para encerrar, muitos textos e frases vieram-me à mente, mas o faço com as lições do homem mais sábio de toda história, o grande Rei Salomão, e as do teatrólogo e poeta alemão do século XX, Bertolt Brecht, respectivamente:

“De tudo que tem ouvido, o fim é: teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem.” (Eclesiastes 1:13)

*“Há homens que lutam um dia, e são bons;
Há homens que lutam por um ano, e são melhores;
Há homens que lutam por vários anos, e são muito bons;
Há outros que lutam durante toda a vida, esses são imprescindíveis.”*

Sejamos homens imprescindíveis e que o temor do Senhor jamais se aparte de nós!

Que o nosso Deus, o Deus de Abraão, de Isaque, de Jacó, de José, o Deus de Davi, esteja com suas mãos estendidas sobre este lugar, abençoando esta Casa, os seus membros, a nossa querida Cuiabá, nosso Estado de Mato Grosso e o nosso Brasil!

Uma boa noite a todos!

Muito obrigado!

☪ CADEIRA 6 ☪

Patrono

FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA



Ocupantes

ERNESTO PEREIRA BORGES

ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS

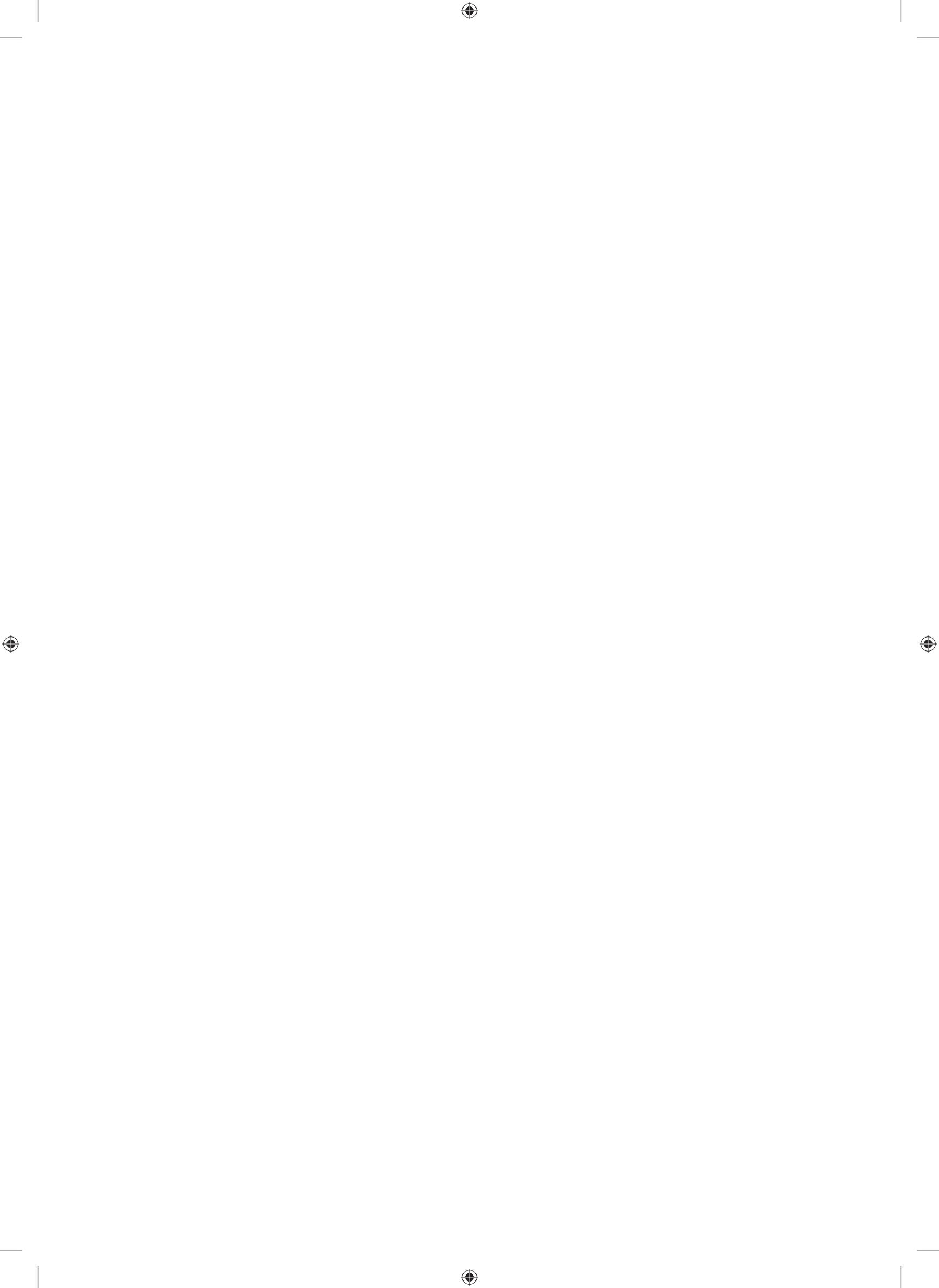
LOUREMBERGUE ALVES



SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
LOUREMBERGUE ALVES

Abril 2013

- DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO LOUREMBERGUE ALVES,
PELA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA
- DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LOUREMBERGUE ALVES



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO LOUREMBERGUE ALVES, PELA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA

Mais um mato-grossense ingressa na Academia Mato-Grossense de Letras, o historiador e jornalista Lourembergue Alves. Como sua ex-professora e também historiadora, é uma honra introduzir o ingresso do citado acadêmico no interior da mais antiga instituição das letras mato-grossenses, criada no ano de 1921, ocasião em que foi instalado o Centro Mato-Grossense de Letras, sob a direção de José Barnabé de Mesquita.

Sinto-me fortalecida com a admissão de mais um historiador, pois nossa tarefa, junto à Academia Mato-Grossense de Letras é e será sempre relevante, visto que responsável pela preservação de sua memória histórica.

Lourembergue Alves nasceu em Alto Paraguai-MT, aos 18 de julho de 1957.

Graduou-se em História pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Mestre em História pela Universidade de Cuiabá - Unic, defendendo sua dissertação *A Educação Pública Mato-grossense de 1º e 2º Graus: 1964/1985*, sob a orientação da Profa. Martha Johanna Haug, defendida no ano de 2002.

Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior, também pela Unic (1996-1997), defendeu a monografia *Processo de democratização do ensino secundário no Estado de Mato Grosso: 1942-1960, sob a orientação da Profa. Maria do Socorro de Góes*.

É um dos autores que mais escreve sobre política contemporânea em Mato Grosso. Lecionou inicialmente na UFMT e hoje é professor de História na Universidade de Cuiabá-Unic.

Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, na categoria de sócio efetivo, tendo assumido a Vice-Presidência da instituição na gestão 2000-2002, ocasião em que eu me encontrava presidindo a instituição. Nessa ocasião, nossos laços foram estreitados e passamos a nos conhecer melhor.

Participou e venceu concursos de monografias, a exemplo de *Generoso Ponce – o condutor da massas*, em 1991, e *Dr. Arnaldo – o último cruzado*, no ano de 1993, concursos promovidos pela Fundação Júlio Campos.

Cientista político, colabora nos jornais de Cuiabá, participando também dos debates televisivos de Mato Grosso.

Sua produção intelectual é muito interessante, visto ter utilizado seus conhecimentos históricos para discorrer sobre diversas áreas de conhecimento, vejamos:

Publicou, em artigos publicados em periódicos científicos:

- Sociedade de informação ou sociedade de amontoado de notícias? Cuiabá, *Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá*, v. 5, p. 47-56, 2003.
- O porquê de monografia em ciências jurídicas. Cuiabá, *Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá*, v. 5, p. 57-68, 2003.
- Artigo científico. Cuiabá, *Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá*, v. 2, p. 81-89, 2000.

Em livro:

O rádio no tempo da radionovela. Cuiabá: EdUFMT, 1999, obra que abordou inédita temática, o rádio em Cuiabá.

Caetanada: violência e luta armada como estratégia de obtenção e manutenção de poder. São Paulo: Scortecci, 2002, consubstanciando extensa pesquisa sobre um período pouco estudado em Mato Grosso, qual seja, os anos de 1915 a 1917, quando o Estado foi governado por um dos mais polêmicos administradores, Caetano de Albuquerque, cuiabano retirado do cargo por denúncia da Assembleia Legislativa, que abriu o caminho para seu *impeachment*.

No momento, Lourembergue está desenvolvendo intensa pesquisa sobre o ex-governador de Mato Grosso, Arnaldo Estevão de Figueiredo, visando posterior publicação.

Caro Acadêmico Lourembergue Alves, quero, em nome de todos os Acadêmicos, que represento nessa solenidade, registrar a alegria de recebê-lo em nossa Instituição, para a qual você oferecerá os seus múltiplos talentos.

Seja bem-vindo.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LOUREMBERGUE ALVES

Este é um cenário especial, tomado por um misto de emoção, gosto e prazer. Não me preparei para este momento. Mas, confesso, vaidade à parte, já o esperava há muito tempo. Talvez, desde o instante em que vi o meu primeiro texto publicado nas páginas de jornal. De lá para cá, foi longa a minha jornada. A década de 80, porém, parece não estar tão longe. Para o historiador, as distâncias mais longas são aquelas que o separa dos documentos, dos livros e das falas dos atores sociais. Em meio a esse caminho, inúmeros são os obstáculos. Todos transponíveis evidentemente, basta “perscrutar outro tempo” com o intuito de conhecer os fatos, tal como se passam, e a visualização do tempo e espaço como algo dinâmico, em movimento.

Como resultado desse lidar com as coisas idas e vividas da gente e do Estado mato-grossense, nasceu o meu primeiro livro, com o qual acalentei o sonho de adentrar nesta Augusta Casa. Entretanto, o passaporte que trazia na bagagem, o de historiador e de professor, não teve o carimbo desejado. Surpreso e desiludido – não sei bem distinguir qual destes sentimentos – fui tomado, talvez por ambos, pois fizera – e ainda fazem – parte desta plêiade de intelectuais vários operários da arte de historiar. Entre os quais, por exemplo, a minha grande mestra e, agora, confreira por duas vezes, a professora-doutora Elizabeth Madureira Siqueira – pesquisadora incansável, intelectual cuidadosa e escritora do mais alto valor, que embala o aprendizado de estudantes e facilita o trabalho dos professores por meio de suas obras didáticas, tais como o faziam outros historiadores-acadêmicos. Ainda ecoa neste recinto a voz do maior deles, Lenine de Campos Póvoas que, ao presidir a sessão de posse do acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro, na cadeira n. 34, pronunciou as seguintes palavras:

“A minha observação tem revelado que há, por parte de algumas pessoas, uma distorção ótica ao encarar a finalidade da Academia e os requisitos daqueles que devem integrá-las. Há quem supunha que a essas entidades devessem pertencer somente os poetas ou os que tenham produzido romances (...) Ao conferir ao Centro Mato-Grossense de Letras, nome com o qual esta Academia, o eminente Dom Aquino Corrêa resumiu (...) o seu elevado objetivo: ‘estudioso do belo’. Dessa forma, o nosso ilustre fundador traçou o rumo a ser seguido pela entidade, de cultivar o belo; a beleza da forma através da pureza do vernáculo e a beleza da matéria, na qual se deve dar destaque aos temas da terra natal (...) E a Academia (...) tem permanecido fiel (...) ao roteiro que lhe foi traçado pelo grande arcebispo. Intelectuais e escritores das mais diversas ocupações profissionais por aqui passaram e ainda aqui se encontram, como estudioso do belo” (1).

Assim, esta Academia é constituída de “intelectuais e escritores das mais diversas ocupações”, tal como são todas as outras, inclusive a original: a de Platão – fundada em 387 a. C., próxima a Atenas -, dedicada às musas, pretendia reunir contribuições de diversos campos do saber. A Academia Brasileira de Letras não fugiu a essa regra, ao longo dos seus cem anos de existência, conseguiu reunir, entre seus membros, autores que contribuíram para a formação da literatura brasileira.

Afinal, a chave para a compreensão de uma sociedade encontra-se num complexo terreno das ações e realizações do ser humano, nas experiências de cada grupo social e de cada povo, nas suas relações materiais e em toda a sua produção cultural. Tudo é importante. Nada pode ser ignorado. Por conta disso, não se deve erguer um muro divisor entre a história e a poesia/prosa, pois elas, enquanto saber ou discurso, são feitas de palavras e vêm de uma mesma origem (2); valem-se de metáforas, diálogos, modos de aumentar o suspense, etc.(3); e têm como objeto o homem e a mulher em ação. Uma se realiza no dinamismo das civilizações, outras se apropriam da realidade histórica, transformando-a em realidade estética pelo imaginário. Tais aspectos não podem ser separados, possibilitando alcançar o pensamento transdisciplinar que, além de não se quebrar nas fronteiras entre as áreas do saber, permite o diálogo pluralista com vistas ao conhecimento do Estado de Mato Grosso (4).

Daí a importância deste Sodalício que é a Academia por excelência, ao longo dos seus quase oitenta e dois anos de existência, conseguiu reunir, entre seus membros, autores que contribuem para a formação da literatura mato-grossense, historiadores, juristas, militares, religiosos, engenheiros, professores, jornalistas,

médicos, dentistas, políticos e cientistas, cujas obras e vida profissional constituem uma referência em suas respectivas áreas.

Isso me fez manter o sonho de um dia, como membro, adentrar na Casa de D. Aquino, de Dunga Rodrigues e de Lenine Póvoas. “Os sonhos” – afirma James Allen (5) – “são as sementes da realidade”. Esperei por esse dia, embalado por palavras de estímulos de amigos, agora confrades. São tantas que estas páginas não fornecem espaços suficientes para transcrevê-las. A leitura, porém, de trechos de três correspondências faz-se necessária. Em uma delas, o confrade Carlos Gomes de Carvalho escreveu: “Estou remetendo hoje para AML o meu voto para a sua eleição. Faço-o com satisfação. Sei que seu espírito estudioso e a sua dedicação às atividades da cultura, só enriquecerão a nossa Casa” (6). Numa outra, a confeitira Vera Randazzo afirmou: “(...) mandarei meu voto, pois sou grande admiradora sua, de sua cultura, do seu trabalho e principalmente do seu desejo de ingressar na gloriosa Academia Mato-Grossense de Letras” (7). Na terceira, deixando-me completamente emocionado, Dona Maria de Arruda Müller, generosamente, escreveu:

“Com muito e intensivo apreço respondo hoje a carta, em a qual V. S. exprime o louvável propósito de candidatar-se a uma cadeira da nossa Academia de Letras. Vossa brilhante exposição na qual demonstra elevado amor às letras, grande conhecedor da história já o condiciona à cadeira que pretende presentemente ocupar.

Com jubiloso darei o meu voto ao preclaro professor e historiador nessa eleição pelo qual Mato Grosso e sua Academia mais uma vez honrarão na caminhada para o seu apogeu. Com votos de unânime acolhida sou de V. S. conterrânea admiradora” (8).

Diante dessas palavras, senhores acadêmicos, não poderia de maneira nenhuma fraquejar. Tampouco desistir, mesmo ciente da fase difícil em que se encontrava a Academia Mato-Grossense, sem recursos para suas mais elementares necessidades – situação que, infelizmente, ainda perdura – e com os seus membros envolvidos e separados por uma contenda. Ganharam as páginas da televisão e do rádio. Nenhum deles, claro, estava satisfeito, no qual se moviam. Triste momento. Felizmente, tudo isso já passou. As coisas normalizaram-se – com o velho casarão, encravado no coração da antiga Rua do Campo, hoje Rua Barão de Melgaço, retomando suas atividades, florescendo a cultura regional. Nessa nova aurora para a Casa, no dia 31 de janeiro próximo passado, na primeira sessão do ano, fui eleito para ocupar uma de suas cadeiras.

Sinto-me honrado e feliz por dirigir-me aqueles que intrinsecamente possuem a luz. Atravessei pórtico venerável da Casa de Barão de Melgaço com a alma regurgitante de mato-grossense. Adentro-me no seu salão nobre com humildade de aprendiz. Não o faço sozinho. Entram comigo minha família, irmãos de fé, amigos, confrades e confeitiras do IHGMT, convidados, alunos e todos os meus colegas da Universidade de Cuiabá – Instituição de educação superior a qual, orgulhosamente, pertence e, ao mesmo tempo, sempre agradecido pelas oportunidades que me vem permitindo, sem as quais não poderia desenvolver minhas potencialidades. O que favoreceu o meu ingresso neste Sodalício para ocupar a cadeira n. 6, em plena semana de aniversário de Cuiabá que o poeta Carmindo de Campos (9), assim homenageou:

*“(…), minha velha e lendária cidade,
 Você está remoçando...
 Está ficando mais bonita...
 Está ficando mais, cada vez mais catita!...
 Se o Pascoal Moreira Cabral visse você agora,
 Garanto! Não iria mais embora.
 Nem Pires de Campos e nem outro bandeirante,
 Porque você, minha velha, está fascinante!
 Você bem merece a liderança
 Desse velho e valente Mato Grosso!
 Você tem um quê que prende a gente.
 Você, minha velha, é um colosso!
 Tudo em você, tudo, rescende a Brasil!
 Seus morros, seu rio piscoso, seu céu de anil!...*

*Seu rio é seu pai, e igual não há:
 Foi ele que lhe deu esse nome poético: Cuiabá!
 Oh! Minha cidade linda, não sei porquê.
 Quando longe, sinto imensa saudade de você.
 Sinto saudade do pacu, do bagre, da piraputanga,
 Do licor de piqui, do doce de caju e da manga!
 Sinto saudades desse calor sadio.
 Que às vezes é melhor, muito melhor que o frio.
 Oh! Minha cidade linda, igual não há;
 Oh! Minha velha e idolatrada Cuiabá!”*

Semana memorável não só para a cidade e seus municípios, mas particularmente para um menino que nasceu nas cercanias do nascedouro do rio Paraguai, numa cidade garimpeira e cresceu em meio à aventura de se encontrar o que não se guardou, presenciando a labuta diária de homens e mulheres entre barrancos de cascalhos e córregos, movidos pela esperança de qualquer hora encontrarem a sorte grande e mal podiam acompanhar o crescimento de seus próprios filhos que, na sua maioria, apresentavam feições de gente velha, mal cuidados e desdentados. A atividade dos pais retirava-lhes o próprio futuro. “Um futuro que poderia ser bem outro se dedicassem aos estudos”, ponderava minha mãe.

Segui o nobre e valioso conselho de minha mãe – mulher guerreira, que Deus a chamou prematuramente. Mas, certamente, lá do alto dos céus, está atenta a todos os meus passos. Com certeza ajudou-me nesta primeira tarefa como acadêmico: o da feitura deste texto. Aliás, não se pode entrar para uma Academia de Letras, sem se fazer um discurso. Indispensável exigência estatutária, à maneira de profissão de fé, a ser aqui feita, no pórtico de entrada.

Senhor Presidente
 Senhores e Senhoras
 Senhoras Acadêmicas
 Senhores Acadêmicos

Esta não é uma tarefa fácil. Bem sabeis. Procurei realizá-la com afinco. Foi uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa. Segui as pegadas dos que me antecederam. Logo, a minha imaginação começou a abrir as páginas da História regional. O passado tornou-se presente. E, como por encanto, as imagens foram surgindo uma a uma, formando uma enorme estampa fotográfica à minha frente. Nela, via a Cuiabá antiga, com suas ruas mal alinhadas e calçamento de pedra-cristal, tendo às suas margens as casas em estilo lusitano, beirais, janelas retangulares, caixilhos, nos fundos, quintais enormes repletos de pés de mangas, cajus, laranjas, goiabas, etc., etc.

Foi esse cenário que foi fundada a Academia Mato-Grossense de Letras que, hoje, abre seu portal a minha entrada para ocupar a Cadeira número 6.

FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA

Seu patrono, Francisco José de Lacerda e Almeida, nasceu em São Paulo. Era formado em ciências matemáticas pela Universidade de Coimbra. Em 1782, veio para a Capitania de Mato Grosso (10), embrenhando-se pelo sertão, onde “permaneceu em serviço por mais de dez longos anos” (11), prestando relevantes levantamentos e demarcações *in loco* (12), como componente da Comissão de Limites. Suas aventuras foram consideradas “*odisseia*” e “*saga*”, pois – ao lado de Antônio Pires da Silva Ponte4s (patrono da cadeira n. 5), de dezoito praças de pré e cem índios, e sob a liderança de Ricardo franco de Almeida Serra (patrono da cadeira n. 3) – percorreu “*o inferno verde da Amazônia*” até aportar-se em Vila Bela, travando uma “*luta áspera e insana contra os perigos ocultos da selva, os ataques dos índios e a mais insidiosa das inimigas – a malária*” (13). Embora com a saúde debilitada, ele não se deixou abater. Continuou admiravelmente a cooperar na execução da grandiosa obra empreendida pelo mais notável dos Capitães-Generais e Governadores da região mato-grossense, Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres, “*tanto de valia científica, pelo*

melhor conhecimento de vasta região, como política” (14), visando garantir os limites fronteiriços estabelecidos pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777). Assim, ajudou a levantar a coreografia do território, desde a faixa limítrofe, cujas linhas geodésicas constituem a baliza divisória entre o Brasil e a Bolívia; executou o reconhecimento do Paraguai, da boca do Jaurú à Baía Negra e o reconhecimento das grandes lagoas: Uberaba, Galva, Mandioré e Tamengo, e dos rios Paraguai-Mirim, São Lourenço e Cuiabá (1786-1792); e o mapa geográfico da Capitania de Mato Grosso.

Toda essa rica experiência ficou registrada. Nada lhe escapou, apesar do cansaço pelo trabalho diário que tinha princípio ao romper do dia e acabava pelo anoitecer, seguido da perda de grande parte das noites nas observações astronômicas. Tudo foi minuciosamente anotado e transformado em obras, tais como: *“Distancias avaliadas em 1788 entre o Cuiabá e Porto Feliz, e os lugares mais notáveis desta navegação”*. *“Mapa do rio Madeira”*, *“Carta geográfica do Guaporé”*, *“Diário de Vila Bela à cidade de São Paulo pela ordinária derrota dos rios no ano de 1788”*, *“Observações feitas no rio Madeira e dos rios que nele confluem, desde a sua foz sobre o rio Amazonas, com todas as que se praticaram, dentro dos limites da vasta Capitania de Mato Grosso”* (15).

Trabalhos tão valiosos que, segundo o saudoso historiador Lenine de Campos Póvoas, o Marechal Rondon, ao percorrer as mesmas fronteiras, em começos do século XX, declarou que eles (os trabalhos) *“lançam sobre as páginas da história da Capitania de Mato Grosso um fulgor de talento, de hombridade e operosidade de que em vão se procuraria equivalente”* em outras plagas (16).

O astrônomo e matemático Francisco José de Lacerda e Almeida, portanto, deixou traços perenes para a história e para a literatura mato-grossenses. Por conta disso, não em vida evidentemente, teve, juntamente com Antônio Pires da Silva Pontes, seu nome gravado em um dos municípios mais prósperos do estado de Mato Grosso, Pontes e Lacerda; bem como na cátedra n. 6 deste Sodalício, ocupada por ilustres figuras do cenário intelectual e litero-cultural mato-grossense.

CECÍLIO DA SILVA ROCHA

O primeiro deles, Cecílio da Silva Rocha nasceu em Corumbá, a 22 de novembro de 1907. Após cursar o primário na sua cidade natal, mudou-se para Campo Grande, atual Capital do Estado de Mato Grosso do Sul, onde terminou o secundário e o superior, diplomando-se em Odontologia e Farmácia. Conciliou as atividades de jornalista e a de funcionário público. Não chegou a ocupar a cadeira pela qual foi eleito em função de sua transferência em definitivo, antes da data de sua posse, para o Estado de Goiás. Passando, então, para a condição de sócio correspondente (17).

ERNESTO PEREIRA BORGES

Ocupou-a, de fato, pela vez primeira, o ínclito magistrado Ernesto Pereira Borges, nascido em Cuiabá no dia 18 de agosto de 1910. Tornou-se, após passagem como promotor de Justiça por diversas comarcas mato-grossenses e pela presidência do Tribunal de Justiça, uma das mais brilhantes culturas jurídicas do Estado. Desempenhou, ainda, as funções de Secretário do Interior, Justiça e Finanças no governo de João Ponce de Arruda (1956-1961). Além disso, colaborou, com presteza e talento, em jornais do Estado: *“O Mato Grosso”*, *“A Cruz”*, *“O Estado de Mato Grosso”* e *“O Correio da Semana”* (18). O que lhe garantiu sua eleição para a Academia Mato-Grossense de Letras, no final dos anos 40. Ao saudá-lo, o acadêmico Alirio de Figueiredo, ocupante da cadeira n. 18, assim se expressou: *“(...) toda a vossa grande cultura, no exercício dessas atividades do espírito, exposta em vernáculo e elegante exterioridade de forma, bem vos confere o galardão de homem de letras”* (19).

Autor de dois volumes de direito aplicado e numerosos trabalhos jornalísticos. Publicou, em 1949, seu discurso de posse neste Sodalício e, depois de dez anos de desaparecimento, retomou a edição da revista jurídica *“Anais Forenses”* em 1948 (20). Somam-se a estes feitos, os artigos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, tais como *“Centenário de D. Aquino”* (1985), *“Historiador Luiz Phillipe Pereira Leite”* (1986), *“Professores do Liceu e da Escola Normal”* (1989), *“Dois Prelados resignatários: D. Antônio Campelo de Aragão e D. Antônio Barbosa”* (1987), *“Centenário de Filogônio Corrêa”* (1987), *“Ainda a divisão do estado”* (1982), *“Marechal Dutra”* (1983), *“O Estado é o credor da União”* (1980) (21). São todos eles, textos simples e de um alcance extraordinário, que ultrapassam os muros do tempo, deixando transparecer com lucidez e tenacidade a figura maior das nossas letras:

“Se ainda vivesse, D. Aquino Corrêa completaria, a 2 de abril de 1985, o centenário de seu nascimento em Cuiabá – a cidade verde terra natal.

Sem embargo do tempo já passado de seu falecimento, é deveras impressionante a permanência, cada vez mais nítida, da invulgar personalidade do venerado Arcebispo, que refulge na memória e na admiração dos que tiveram especial privilégio de conhecê-lo.

Sua lembrança jamais de nós se apagou. Bem ao contrário: sobrepõe-se ela ao próprio tempo e continua a ser evocada em todas as oportunidades que se nos apresentam.

(...) No Salão Nobre da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, o busto do seu fundador e presidente perpétuo atesta a lembrança de sua presença (...)” (22).

O acadêmico Ernesto Pereira Borges apresenta uma linguagem escorreita, elegante e clássica. Transformou-se num literato autêntico e artista primoroso pela grandeza do pensamento. Textos profundos, levando seus leitores a pensar em si próprios e na construção do próprio Estado brasileiro. Neste particular, afirma: *“(...) Sabe-se que a Colônia não tinha personalidade jurídica. Não tinha soberania. Não tinha nenhum direito e nenhuma garantia a dar aos seus nativos, diante de Portugal colonizador”* (23). Mais adiante, exaltou a participação africana no processo cultural nacional:

“Os africanos trouxeram para o Brasil, as suas genuínas tradições. Os seus costumes próprios, a sua religião, o seu rito, o seu Candomblé, o seu Orixá, o seu atabaque, o seu cântico dolente e até a sua arte musical, ao som do choroso do rústico berimbau de corda retesa, tocada com ritmo próprio, pela varinha manejada com maestria, mudando a sonoridade com a ponta do berimbau colocado ao canto da boca que deixava vazar o lamento de sua alma” (24).

Valorizava a cultura brasileira, exaltando todos os elementos de sua composição. Exaltava o humano pelo seu ser, não pelo seu ter, o coletivo, não o individual. No seu discurso de posse, escreveu:

“O homem deve ser considerado não em relação a grupos ou classes, mas sim em função da humanidade, todos comuns na sua origem e destinação rompendo as algemas do individualismo, pela emancipação do espírito trabalhado pela cultura. É cultura que há de imprimir à civilização o novo sentido humanista: assim a cultura reabilitará a civilização e a civilização reabilitará o homem, exaurido no conteúdo intrínseco de suas prerrogativas fundamentais. Daí o relevante papel reservado hoje à literatura nesse grande movimento cultural de reabilitação do homem: o humanismo” (25).

Humanista convicto, posicionou-se contra o positivismo jurídico por *“operar a completa relativização do Direito”*, uma vez que esta visão – unilateral e redutora – tende a enxergar todo o Direito na ordem social estabelecida pela classe e grupos dominantes, diretamente através das leis do estado; assim como também a qualquer forma de opressão, inclusive a de ideias, para que *“as aspirações e anseios da personalidade humana encontrem ressonância e correspondência na consciência coletiva, numa atmosfera de paz, de concórdia e de harmonia universal, redimindo a geração presente e transmitindo o maior legado aos dias incertos e sombrios da geração futura”* (26).

Defendia suas ideias com tenacidade, sem, contudo tornar-se prepotente; empunhando a pena, lutou em prol da democracia e do humanismo jurídico; e difundiu suas opiniões, valendo-se das páginas da imprensa. Aliás, esta última transformou-se em prática-instrumento-comum entre os ocupantes da cadeira n. 6.

ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS

O terceiro eleito para esta cadeira, embaixador Roberto de Oliveira Campos, sucessor do desembargador Ernesto Borges, nasceu no Beco do Meio – no Distrito do Porto – em Cuiabá, no dia 17 de abril de 1917. Levado pela mãe, D. Honorina, andou peregrinando, de Penápolis-SP para o Pantanal da Nhecolândia e, dali, para Corumbá, depois pela Capital paulista e, finalmente, Guaxupé-MG, onde, aos dez anos, entrou para o seminário de Nossa Senhora Auxiliadora. Terminou o curso de Teologia e recebeu as ordens menores. Mas, antes de ordenar-se padre, abandonou o Seminário. Foi professor em Batatais-SP (27), onde

conhecera e namorou D. Stella Ferrari Tambellini. Pouco depois, ainda solteiro, mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar como professor no Colégio Santa Cecília e no curso Mattos. Tempo depois, logrou aprovação em concurso para o Itamaraty, fazendo parte de um grupo que Oswaldo Aranha, então Ministro das Relações Exteriores, chamou de “*os 18 do Forte*” (28). Já com um status diplomático resolvido, retornou a Batatais para unir-se em casamento com D. Stella (1939). Foi embaixador do Brasil nos Estados Unidos e na Inglaterra, colaborou com o presidente Juscelino Kubitschek na elaboração e redação do Plano de Metas e na condução do BNDS e, com o golpe burocrático-militar, revestiu-se de ministro no governo Castelo Branco – responsável pela organização do Banco Central, o FGTS (Fundo de garantia por Tempo de Serviço), o Banco da Habitação, a Caderneta de Poupança e elaborou o Estatuto da Terra. Retornou à embaixada brasileira em Londres. Permanecendo por lá, sete anos, sete meses e sete dias. Voltou ao país, inaugurando uma nova fase de sua vida: o de congressista. Foram, ao todo, 16 anos no Parlamento, os primeiros oito anos como Senador por Mato Grosso e as duas legislaturas seguintes como deputado federal pelo Rio de Janeiro.

Paralelamente à carreira diplomática e de parlamentar, dedica-se também à pesquisa e à leitura, as quais lhe permitiram escrever as seguintes obras: “*Antologia do bom senso*”, “*Guia para os perplexos*”, “*Ensaio de história Econômica e Sociologia*”, “*O Século esquisito*”, “*Ensaio imprudentes*”, “*Reflexões do crepúsculo*”, “*A técnica e o riso*”, “*Do outro lado da cerca*”, “*Ensaio contra maré*”, “*O mundo que vejo e não desejo*”, “*Na virada do milênio*” e “*Lanterna da popa*”. Estas, no dizer do acadêmico Antônio Olinto, impuseram um estilo novo às análises sociais e econômicas escritas no Brasil, ao mesmo tempo em que revelavam uma excelência literária que, no caso de sua autobiografia “*Lanterna na popa*”, ganhou o Prêmio Ermínio de Moraes concedida pela Academia Brasileira de Letras (29).

Em todos os seus livros – observa aquele membro da ABL – há uma pregação, numa série de análises claras e lúcidas sobre os tempos atuais, sua gente e suas opções (30). Com elas (obras), atraiu admiradores e viu crescer o grupo de opositores. Muitos discordavam de suas ideias, porém jamais deixaram de reconhecer sua competência e capacidade de argumentação. Ele defendeu suas convicções com argumentos consistentes, sem ser turrão. Soube rever posições. Ajudou a criar as estatais que produziram boa parte do rombo atual nas contas públicas e depois passou a atacar a estatização. “*O imbecil é aquele que não muda. Mudei e aprendi*”, justificava-se. Em seguida, arrematava: “*a primeira coisa a fazer no Brasil é abandonarmos a chupeta das utopias em favor da bigorna do realismo*” (31).

Irônico, meticoloso no saber, o acadêmico Roberto Campos era um adepto fervoroso da escola liberal. Leitor incansável dos economistas clássicos, desde Adam Smith – passando por David Ricardo, David Hume e James Milo – até Mario Henrique Simonsen, bem como de José Guilherme Merquior, Michel de Montaigne e de François René Chateaubriand. Frasista tão fulminante quanto Nelson Rodrigues. Tinha, de acordo com Olinto, “*o gosto pela precisão da palavra e pela curteza das afirmações, contidas numa técnica literária cujas descrições, mesmo as aparentemente não-opinativas, na verdade insuflam e propõem opiniões*” (32).

Era, de fato, um “*pregador de ideias*”. Não se pode, com isso, coloca-lo no grupo dos causadores de controvérsia, pois – como ele próprio dizia – “*controvertido é quem controverte comigo*” (33). Incomodava-o muitíssimo a “*capacidade de acomodação*” proporcionada pela “*lambança geral do estado brasileiro*” que “*atrapalha as decisões racionais e o gerenciamento eficiente, que consiste simplesmente em cobrar resultados. Ainda temos um resto de mentalidade colonial*” (34).

Em um de seus textos, observou:

“defrontamo-nos com um mundo cada vez mais globalizado. É uma expressão de que muita gente não gosta mas, cá entre nós, não dá para dizer: vou cair fora, disso eu não brinco. Todas as mudanças têm o seu lado penoso, ainda mais para aqueles que se sentiam bem na situação anterior. O desejo de segurança é inerente ao homem. Mas, plagiando Hegel a ideia de a liberdade é a consciência da realidade. Não adianta o Brasil procurar adiar, empurrando com a barriga. A insegurança competitiva na sociedade da informação é o único caminho. Ainda mais, é preciso mudar a maneira de pensar: temos de começar a raciocinar como sociedade da informação. Gandhi sonhava com a economia de subsistência das aldeias. Levou um tiro, e hoje a Índia, paupérrima e superpovoada, exporta cérebros – entre eles, analistas e programadores – porque se preocupou com a excelência da formação”

desse pessoal. O Brasil, espontaneamente, deu saltos (...) A ação agora é acelerar. Ou então, a opção preferencial pela infopobreza” (35).

Crítico contumaz, Roberto Campos era homem do seu tempo com os olhos fixos no futuro, sem contudo ignorar a maior das injustiças: a pobreza. Seu ciclo, escrevia, *“que tende sempre a se auto-reproduzir, provoca destruição dos solos produtivos, desmatamento e práticas agrícolas ineficientes (70% dos danos aos solos agrícolas do mundo resultam disso) e acaba associado a baixo nível de educação, criando inadaptabilidade ao trabalho em condições modernas” (36).* Assim, a seu modo, descrevia o Brasil, lamentando pelas suas deficiências:

“Estamos atravessando dias pesados, um ambiente de insatisfações e sombras. Os mais jovens sentem-se angustiados diante das incertezas do futuro, da ameaça de desemprego, de falta de horizontes. Os mais velhos tentam lembrar-se daqueles períodos em que o Brasil não atravessava um estado de crise permanente. Salvo alguns breves anos do começo do Plano Real, parte da era Kubitschek e o otimismo do milagre econômico do fim dos anos 60 – que, no entanto, foi tisonado pela situação política de exceção – todo o resto de nossa História contemporânea é um confuso mosaico de problemas e condições institucionais instáveis (...) Falta-nos reduzir os excessivos contrastes em matéria de educação, informação e saúde – demanda social justa, mas não um impedimento real ao nosso desenvolvimento tecnológico ou industrial (...) A verdade é que nosso grave subdesenvolvimento não é só econômico ou tecnológico. É político. Somos um gigante preso por caguinhas dentro de estruturas disfuncionais. A máquina político-administrativa que rege hoje nossos destinos é uma fábrica de absurdas distorções cumulativas. O regime presidencialista e o voto puramente proporcional, cada um dos quais, já de si, dificilmente funcionam bem, transformam-se, quando combinados, numa crise quase ininterrupta (...) Não é que os políticos só pensem em si ou sejam corruptos de nascença. Esse é uma visão popular deformada. A maioria é dedicada e séria. Mas o deputado, o senador, o prefeito, o governador e, obviamente, o presidente têm de ser eleitos, ponto de partida do qual não há escapatória. Nas eleições proporcionais de hoje, os deputados são obrigados a catar votos por todo o Estado, garimpando aqui e ali – um processo caro e tremendamente incerto, porque eleitor em geral não sabe como discriminar entre dezenas de representantes eleitos. Como é que o eleitor médio vai se lembrar de quem propôs medidas ou leis, para poder avaliar quem merece o seu voto? (...) No Brasil, cobrar o quê, de quem? Mal acaba de ser eleito por um partido, o deputado ou senador se sente à vontade para mudar de partido. Não existe sanção. A eleição presidencial então é sempre uma trama violento, agravado pela percepção de que o vencedor passará a controlar a máquina pública, os mecanismos de dar ou negar favores. Gerir a coisa pública é, entre nós, um contínuo varejo (...) O mundo está cansado de esperar pelas reformas brasileiras. E de ouvir lamentações sobre a nossa pobreza” (37).

Essa leitura do Brasil é atualíssima. As reformas – políticas, fiscais, previdenciárias e educacionais – ainda estão muito distantes. A realidade é bem outra. Talvez, por isso, o Estado brasileiro continue injusto, aprisionando um número muito grande de patricios no labirinto da pobreza; enquanto as elites esbanjam fartura e riquezas. Crescem, então, as distancias entre o rico e o pobre, entre a periferia e o centro, à medida que aumentam os entraves e levantam-se os muros. Nada mais espantoso do que uma sociedade, assentada num único torrão natal, dividida em “os mais iguais” e “os desiguais”. Esta política perversa, entre outras cousas, gera como consequência o crescimento da violência que, por sua vez, transforma o espaço público em privado, bem como dificulta o trilhar democrático – pois priva a maioria da população dos meios de vida essenciais.

Em épocas de crise como a que se está vivendo agora, cada um de nós tem o dever de se auto-interrogar sobre as raízes dos problemas que afligem o povo e repudiar posições doutrinárias fundadas num reducionismo econômico. A Academia Mato-Grossense de Letras tem a responsabilidade, como guardião do belo e foro permanente do debate cultural da região, de impedir que se venha ignorar os germes da crise atual que já corroíam nosso organismo social na fase de rápido crescimento das forças produtivas do país. Afinal, diria o acadêmico Roberto Campos, *“perdeu-se tanto tempo nos descaminhos da economia brasileira que ainda temos pela frente um decênio de confortável mediocridade” (38).*

“As memórias de Roberto Campos são um documento precioso sobre a evolução da economia brasileira” (39). Na verdade, nos últimos quarenta anos, ele participou da história econômica do Brasil em

três dimensões. Num breve período em que esteve afastado da função pública, manteve-se como espectador influente pelo poder de persuasão e de crítica de seus artigos. No serviço diplomático e no BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) foi destacado ator coadjuvante. E no período de 1964-67 assumiu o papel de protagonista, sob a regência do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco (40). Por isso, muito mais do que um livro de memórias, “A Lanterna na Popa” é um documento precioso sobre a evolução da economia nacional nesse período. Leitura, portanto, obrigatória. Afinal, seu autor é um intelectual com presença marcante na cultura do Brasil, pertencente à chamada “velha guarda” que passou pelos governos burocrático-militares. Saiu-se – a exemplo de Mário Henrique Simonsen, nas páginas da revista “Exame”, e Delfin Neto, nas da “Folha” – muitíssimo bem no palco dos debates, através das colunas semanais da “Folha de São Paulo” e do ponto de vista da revista “Veja”, pois – no dizer do acadêmico Satyro de Oliveira – era “*detentor de sólida sabedoria, redige muito bem, num agradável tom, vez por outra escurinho, a quando e quando bíblico; da frase, nunca vulgar, o torneio sávido, em suave harmonia com análise percuciente*” (41).

De fato, o economista Roberto Campos era um autor primoroso. Dono de uma rica produção literária. Mas, devo grifar, equivocadamente apoiou e participou do regime burocrático-militar que, entre outras coisas, acelerou a desigualdade social, política, econômica e cultural da produção brasileira. Contudo, longe de fixar os olhos no retrovisor observando os anos de chumbo daquele regime e tampouco para selar o esquecimento sobre o passado, devo, isto sim, ater-me ao trabalho intelectual de um dos maiores representantes da Academia Mato-Grossense de Letras. “*Catedrático da modernidade*”. Articulista com o gosto da ironia. Seus textos, construídos à moda de quem lapida uma pedra preciosa, atraem até os seus opositores que, acertadamente, reconhecem-no como bom escritor e “*o mais veemente polemista, no plano da pregação econômica*”. Razão pela qual, a exemplo de tantos outros não adeptos do liberalismo ou do neoliberalismo, tornei-me um de seus inúmeros leitores. Era a primeira coluna que lia, tanto na “Folha de São Paulo” (aos domingos) como na revista “Veja” (uma vez por mês). Quase sempre discordava de suas opiniões, mas o reconhecia – e o reconheço – como um escritor “*com a boa cultura clássica*” e “*elegância da forma, num testemunho a mais de que a palavra foi dada ao homem para que a transformasse em obra de arte*” (42). Infelizmente, no dia 10 de outubro de 2001, veio a falecer no Rio de Janeiro. A partir de então, meu repertório de leitoras dominicais não foi mais o mesmo.

É certamente uma honra para eu suceder-lhe na cadeira n. 6. Agradeço a generosidade dos companheiros acadêmicos pela acolhida nesta Casa – geratriz e a guardiã da cultura, perpetuando-a – e que, por isso, seus membros são imortais. Sabedor de que outros, com maiores créditos, poderiam evocar a escolha para si. E, no ensejo de meu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, cabe-me jurar o respeito ao estatuto da Casa e contribuir para com a perpetuação da cultura regional, registrando a beleza desta terra e a bravura e o labor de sua gente. Reverenciar agora à memória de todos os que por aqui passaram. Ao venerando Patrono, Francisco José de Lacerda e Almeida, e aos ilustres antecessores, Ernesto Pereira Borges e Roberto Campos, minhas homenagens, confortado pela presença subjetiva que a imortalidade confere. Agradeço à magnanimidade³ do honorável presidente Satyro Benedicto de Oliveira e da confreira Elizabeth Madureira Siqueira aos quais devo agradecer o estímulo e as belas palavras com que fui apresentado e recepcionado. Devo agradecer, ainda, a todos, aqui, presentes, pela paciência com que me ouviram.

Sr. Presidente

Sras. Acadêmicas

Srrs. Acadêmicos

A homenagem que recebo – ao me elegerem e empossarem – divido-a com a minha esposa e meus filhos. Muito obrigado!

NOTAS

- 1 – PÓVOAS, Lenine de Campos. Discurso de abertura da sessão solene de posse, realizada a 5 de maio de 1991. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Cuiabá, n. 1, p. 36, 1991-1992.
- 2 – WHITTE, Peter. Apud. ALVES, Lourembergue. Literatura e história, um diálogo possível. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá, v. 59, p. 42, 2001.
- 3 – BURKE, Peter. Apud. ALVES, Lourembergue. Op. cit., p. 42.
- 4 – ALVES, Lourembergue. Op. cit.,
- 5 – MELLO, Clovis de. Discurso de posse. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Cuiabá, n. 1, p. 28, 1991-1992.
- 6 – CARVALHO, Carlos G. *Correspondência endereçada a mim* no dia 20 de janeiro de 2003.
- 7 – RANDAZZO, Vera. Correspondência datada de 20 de dezembro de 2002.
- 8 – MÜLLER, Maria de Arruda. Correspondência datada de 29 de julho.
- 9 – Apud. PÓVOAS, Lenine de Campos. *História da cultura mato-grossense*. 2 ed. São Paulo: Resenha, 1994, p. 92.
- 10 – MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário bibliográfico mato-grossense*. Cuiabá: IHGMT/AML, 1953, p. 15.
- 11 – BORGES, Ernesto Pereira. Discurso de posse. *Revista Comemorativa do Jubileu de Diamante da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-1996)*. Cuiabá, p. 79, 1996.
- 12 – MENDONÇA, Rubens de. Op. cit., p. 16.
- 13 – CAMPOS, Roberto, *Discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras*. Cuiabá, 15 set. 1995 (cópia).
- 14 – CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994, p. 411.
- 15 – SILVA, Paulo Pitaluga C. e. *Estudo bibliográfico da história, geografia e etnologia de Mato Grosso*. 1 ed. Cuiabá: CCS, 1992, p. 38.
- 16 – PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Resenha, 1994, p. 23.
- 17 – BORGES, Ernesto Pereira. Op. cit., p. 79.
- 18 – MENDONÇA, Rubens de. Op. cit., p. 24.
- 19 – Apud. CAMPOS, Roberto. Op. cit.,
- 20 – MENDONÇA, Rubens de. Op. cit., p. 26.
- 21 – SILVA, Paulo Pitaluga C. e. op., cit., p. 72.
- 22 – BORGES, Ernesto Pereira. Centenário de D. Aquino. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá, t. CXXIII-CXXIV, ano LVII, p. 8, 9, 1987.
- 23 – _____. Centenário da abolição da escravatura. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá, t. CXXIX-CXXX, ano LX, p. 103, 1988..
- 24 – Idem, p. 105.
- 25 – BORGES, Ernesto Pereira. *Discurso de posse*. Op. cit., p. 157.
- 26 – Idem, p. 158.
- 27 – MONTEIRO, João Alberto Novis Gomes. *Discurso de recepção ao acadêmico Roberto Campos*, 15 set. 1995.
- 28 – OLINTO, Antônio. *Discurso de recepção ao acadêmico Roberto Campos*. Rio de Janeiro: AML. Disponível em: <http://www.abl.org>. Acesso em: 12 dez. 2002.
- 29 – Idem.
- 30 – Ibidem.
- 31 – Apud. SOARES, Lucila. O homem que tinha razão. *Revista Veja*. São Paulo, n. 33, ano 35, p. 40, 17 out. 2001.

- 32 – OLINTO, Antônio. Op., cit.,
- 33 – CAMPOS, Roberto de Oliveira. *Discurso de posse na ABL*. Rio de Janeiro: ABL. Disponível em: <http://www.abl.org>. Acesso em: 12 dez. 2002.
- 34 – _____. Info-ricos e info-pobres. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Opinião, 20 ago. 1994, p. 5.
- 35 – _____. Opção preferencial pela info-pobreza. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Opinião, 20 ago. 1995, p. 5.
- 36 – _____. Globalização. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Opinião, 22 fev. 1998, p. 5.
- 37 – _____. Repetindo o óbvio. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Opinião, 20 jan.. 2000, p. 5.
- 38 – Apud. NASSIF, Luis. Memórias de um construtor. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Opinião, 30 out.. 1994, Livros, p. 6-8.
- 39 – SOMONSEN, Mario Henrique. Três dimensões da história. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Opinião, 30 out. 1994, Livros, p. 5.
- 40 – Idem.
- 41 – OLIVEIRA, Satyro Benedicto de. *Discurso pronunciado na sessão solene de 15 de setembro de 1995*, data da posse do acadêmico Roberto Campos na cadeira n. 6.
- 42 – MONTELLO, Josué. Apud. OLIVEIRA, Satyro Benedicto de. Op. cit.

☪ CADEIRA 11 ☪

Patrono

BARÃO DE MELGAÇO



Ocupantes

ESTÊVÃO DE MENDONÇA
ANTÔNIO DE ARRUDA
EDUARDO MOREIRA LEITE MAHON



SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO EDUARDO MAHON

Cuiabá, 13 de dezembro de 2007

- DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO EDUARDO MAHON, PELO PRESIDENTE SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO EDUARDO MAHON, PELO PRESIDENTE SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO

13 de dezembro de 2007

Senhoras, Senhores

Prezadas confeitras, meus caros confrades

Novel acadêmico Eduardo Moreira Leite Mahon

O acadêmico Alberto Venâncio Filho tem um relato sobre os históricos dos discursos de posse na Academia Brasileira de Letras. Conta ele que um acadêmico, ao falar do antecessor, pelo qual não nutria maior admiração, em tom patético declarou da tribuna: “Senhores, o que é que eu vou falar desse homem?”

Felizmente, Dr. Eduardo Mahon, não é este o vosso caso. Vossa Excelência tem a ventura de suceder a dois dos mais eminentes homens de cultura que esta terra já produziu. O primeiro ocupante da Cadeira 11 foi um cidadão que fez do labor da pesquisa a sua própria razão de existir, desprezando as vantagens que a atuação na política partidária lhe poderia proporcionar, tendo recusado elevados cargos públicos no Estado, para estar mais disponível ao estudo, para ser o que sempre quis ser, professor e pesquisador. Com efeito, Estevão Anastácio Monteiro de Mendonça forma, como escrevi em *‘Perfis Matogrossenses’*, ao lado de Augusto de Leverger e de Virgílio Corrêa Filho, o trio de ouro de nossos mais antigos e profícuos historiógrafos. Foi ele que iniciou o culto levergeriano, e como disse na fundação do Colégio Augusto Leverger: “Tudo quanto, desde então, se fez em prol da memória de Leverger ou nasceu de minha iniciativa ou teve a minha colaboração imediata”. Por isso, tendo sido um dos fundadores da Academia Mato-Grossense de Letras, é que escolheu, para ser o Patrono da Cadeira que ocuparia, precisamente o Barão de Melgaço.

Estevão de Mendonça foi sucedido por outro eminente matogrossense. Antônio de Arruda não foi apenas o estudioso e o operador do Direito, que atuou no Tribunal de Justiça deste Estado por mais de uma década como desembargador, mas foi igualmente o prolífico escritor sobre as coisas de nossa terra, pesquisando e relatando sobre a nossa gente, o seu linguajar e expressões idiomáticas, e sobre a qual contou seus casos, ora dramáticos ora histriônicos, mas sempre com uma pena que demonstrava grande conhecimento do vernáculo.

Coroando a Cadeira 11 está a figura de cientista, de político, de militar e de polígrafo que foi Augusto João Manoel de Leverger. Além do mais pode ser ele considerado, quase que como um símbolo dos mais representativos, daqueles, entre tantos, que vieram para esta terra com o ânimo definitivo e a adotaram como sua, para nela se dedicarem o mais precioso de sua vida. Esse francês que aqui chegou em 23 de novembro de 1830, com 28 anos de idade, nunca mais abandonou a terra a que denominaria de “agarrativa”. Nos cinquenta anos em que aqui viveu, até o seu falecimento em 14 de janeiro de 1880, o futuro Barão de Melgaço iria construir uma trajetória de realizações em sua vida pessoal, no campo da política, por três vezes foi presidente da Província, sendo inclusive o primeiro estrangeiro a ocupar tal posto no Brasil, e igualmente daria grande contribuição na área da pesquisa científica e histórica. Certamente, que Vossa Excelência advogado Mahon irá tracejar com profundidade em seu discurso a presença marcante desse grande homem, significativa não apenas na História deste Estado, mas de grande alcance para a História mesma de nosso país.

Mas o que quero, novel acadêmico, nestas breves palavras é ressaltar a enorme responsabilidade que neste momento é assumida por Vossa Excelência, não só por suceder a tão eminentes personalidades da cultura matogrossense, mas, sobretudo, por colocar a sua existência neste sodalício sob a égide deste a quem Virgílio Corrêa Filho denominou de “o bretão cuiabanizado”. E essa particularidade senhor Eduardo Mahon deve ser entendida como um vigoroso estímulo, como uma espécie de acicate, para que, de posse das honras acadêmicas, V.Excia. possa continuar produzindo mais e melhor.

Esta é uma Casa de Letras, *lacto sensu*. Por vezes se fazem observações críticas quanto ao elevado número de labutantes do Direito, sejam advogados, promotores ou juízes, que fizeram e fazem parte deste sodalício. Desde mesma a sua fundação vários homens ligados ao mundo jurídico iniciaram por dela fazer parte. Talvez o maior de todos tenha sido José de Mesquita, a quem reputo dos intelectuais mais completos que esta terra já produziu. Isto não significa, porém, que haja qualquer tipo de especial predileção por esta categoria de profissionais. Ocorre que, em grande parte, são homens e mulheres, mais que em outras atividades profissionais, voltados para as letras, literárias ou jurídicas, ou para ambas. Assim, não há outra razão senão esta para explicar a presença de tantos operadores do Direito entre os acadêmicos. E ademais, senhores e senhoras, na riqueza milenar dos códigos jurídicos está, por vezes, toda a expressão da vida humana. Li, alhures, um testemunho do conhecido romancista Josué Montello. Conta-nos ele que, ao abrir ao acaso um exemplar do Código Civil pode “prontamente reconhecer que, em cada artigo, lido salteadamente, aflorava um romance” a espera que sua imaginação o desenvolvesse. A seguir ele nos diz que “foi no artigo 219, completado no artigo seguinte, que prontamente me fixei. Refere-se esse artigo aos chamados erros essenciais de pessoa no ato conjugal. (...)”. E conclui: “Foi ali que confirmei minha convicção de que, em todo artigo do Código Civil, há realmente um romance à espera de seu romancista”. E o romance que Montello produziu foi *A Décima Noite*. Nele, a noiva, filha única de um velho advogado, deixa de entregar-se ao seu marido na noite nupcial, levando-o a suspeita de que ela só irá entregar-se na décima noite. Ou seja, quando findasse o prazo da prescrição.

Senhor Eduardo Moreira Leite Mahon os exemplos dos advogados que brilharam nas academias de letras, Brasil a fora, são inúmeros. Que eles nos sirvam de modelos, e não somente a aqueles que têm a formação jurídica. Entre os maiores destes beletristas está certamente Rui Barbosa, o grande cultor do idioma, o grande civilista. E é com ele que quero encerrar esta saudação inicial. O grande tribuno, ao comemorar o seu Jubileu Cívico, dirigindo-se a Deus, diz: “Senhor, (...), ainda será lícita a ousadia de pedir daqui, do alto desta solenidade, juntemos todas as nossas orações às que se elevam aos vossos pés, pela regeneração de vossa obra, desnaturada hoje totalmente com a renascença do antigo paganismo da política anticristã, que banuiu a moral, o direito e a verdade, substituídos pelo interesse, pela servidão e pela mentira.”

Este é, senhores e senhoras, o desafio que se coloca aos homens e às mulheres de nosso tempo, ou seja, a de lutar para a construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais solidária, em que o conhecimento e o saber se tornem na bússola a orientar a nossa caminhada, e que a única servidão dos homens e das mulheres seja a servidão à verdade e à busca da justiça. Este certamente foi e tem sido o pensamento e o ideal mais constante dos fundadores, da grande maioria daqueles que pertenceram e dos pertencem a este sodalício. Certamente Vossa Excelência Senhor Eduardo Mahon compartilha desse mesmo desiderato. De outra parte, cabe-nos igualmente, como acadêmicos, a manter viva a chama e a tradição de nossa cultura. Estevão de Mendonça, certamente num momento de desilusão, mas, sem dúvida com grande realismo, disse que “morre duas vezes, quem morre em Cuiabá”. Ele se referia à morte física, seguida pela morte da memória. Com essa afirmação cortante ele queria profligar o esquecimento a que os grandes nomes do saber e da cultura de nossa terra parecem estar destinados. Cabe-nos, aos membros da Academia Mato-Grossense de Letras, o dever imperioso de não permitir a morte definitiva, o esquecimento, daqueles que tanto se dedicaram ao trabalho intelectual e que muito honram o sangue vital que corre nas veias de nossa terra. Nesta Casa de Cultura não se encontra a riqueza material, não tem sentido as glórias mundanas proporcionadas pela transitoriedade do poder. Aqui haveremos de deixar marcada a nossa presença apenas pelos desígnios da busca do saber e do conhecimento, pela produção de nossa inteligência. E é isto, e apenas isto, que constitui a nossa imortalidade.

A festa desta noite é, por certo, uma festa de matogrossenses. Mas me permitam que saia um pouco roteiro para prestar uma homenagem, que é desta Casa também, a um grande brasileiro. Depois de amanhã, um gênio da raça, um poeta das formas, das pedras e do concreto, que nos inspira a todos que vivemos este tempo, completará cem anos. Oscar Niemayer, essa figura extraordinário, tem eternizado a sua tenacidade e a sua inspiração, como um exemplo a todas as gerações de brasileiros.

A nossa grande expectativa, a expectativa de seus confrades e confreriras, é de que venhais a contribuir com o ânimo de sua juventude e com a sua reconhecida inteligência com as atividades acadêmicas nesta Casa e que possais com o seu labor intelectual defender as mesmas virtudes encontradas no Patrono e nos ocupantes da Cadeira. Sede bem-vindo. Esta Casa é vossa.

☪ CADEIRA 15 ☪

Patrono

JOAQUIM MENDES MALHEIROS



Ocupantes

AUGUSTO CAVALCANTI DE MELO



FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES

NATALINO FERREIRA MENDES

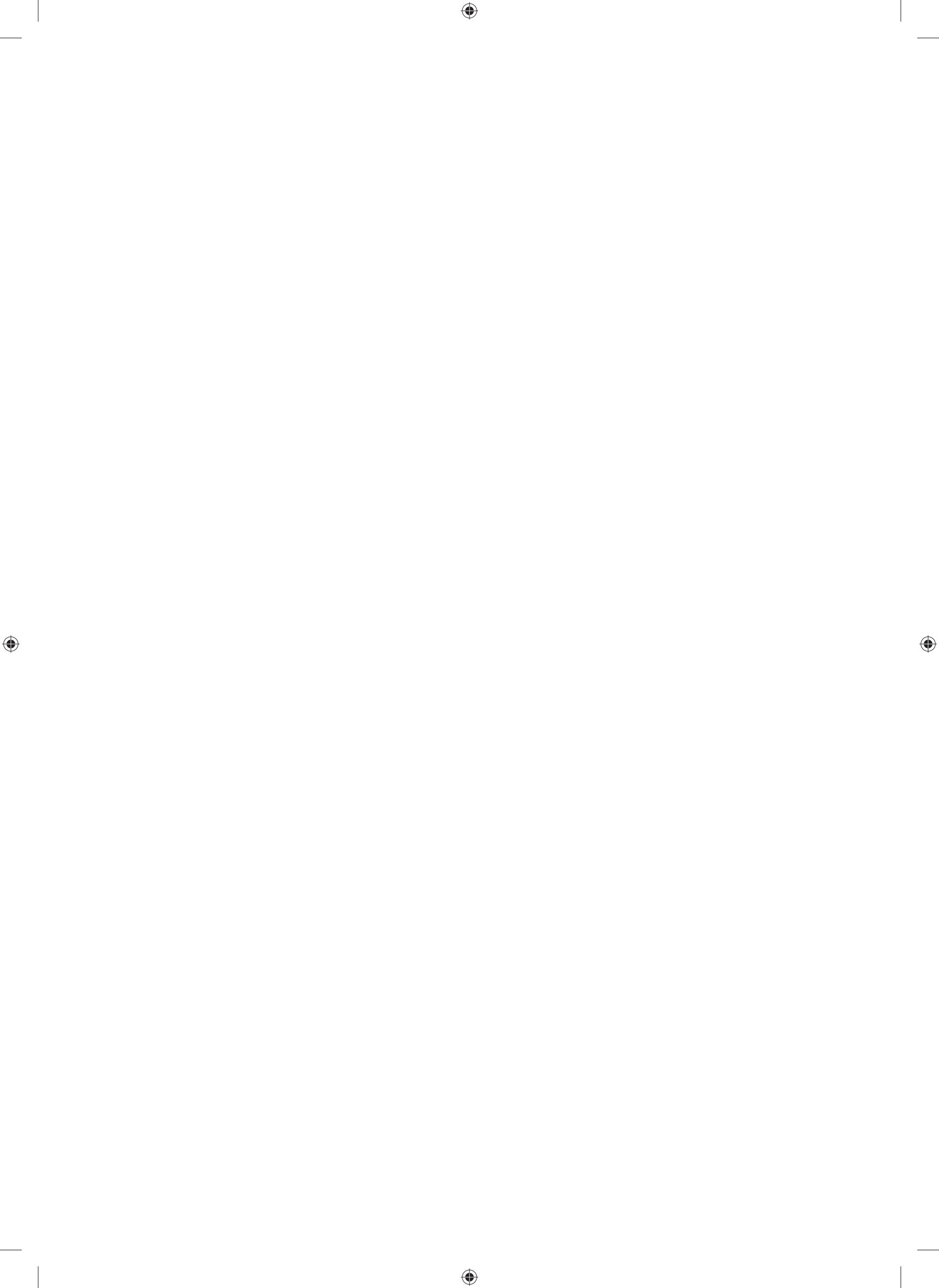
OLGA CASTRILLON MENDES



SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA
OLGA CASTRILLON MENDES

29/05/2015

- ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA OLGA CASTRILLON MENDES, PELO ACADÊMICO EDUARDO MAHON
- DISCURSO DE RECEPÇÃO DA ACADÊMICA OLGA CASTRILLON MENDES, PELO ACADÊMICO MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR
- DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA OLGA CASTRILLON MENDES



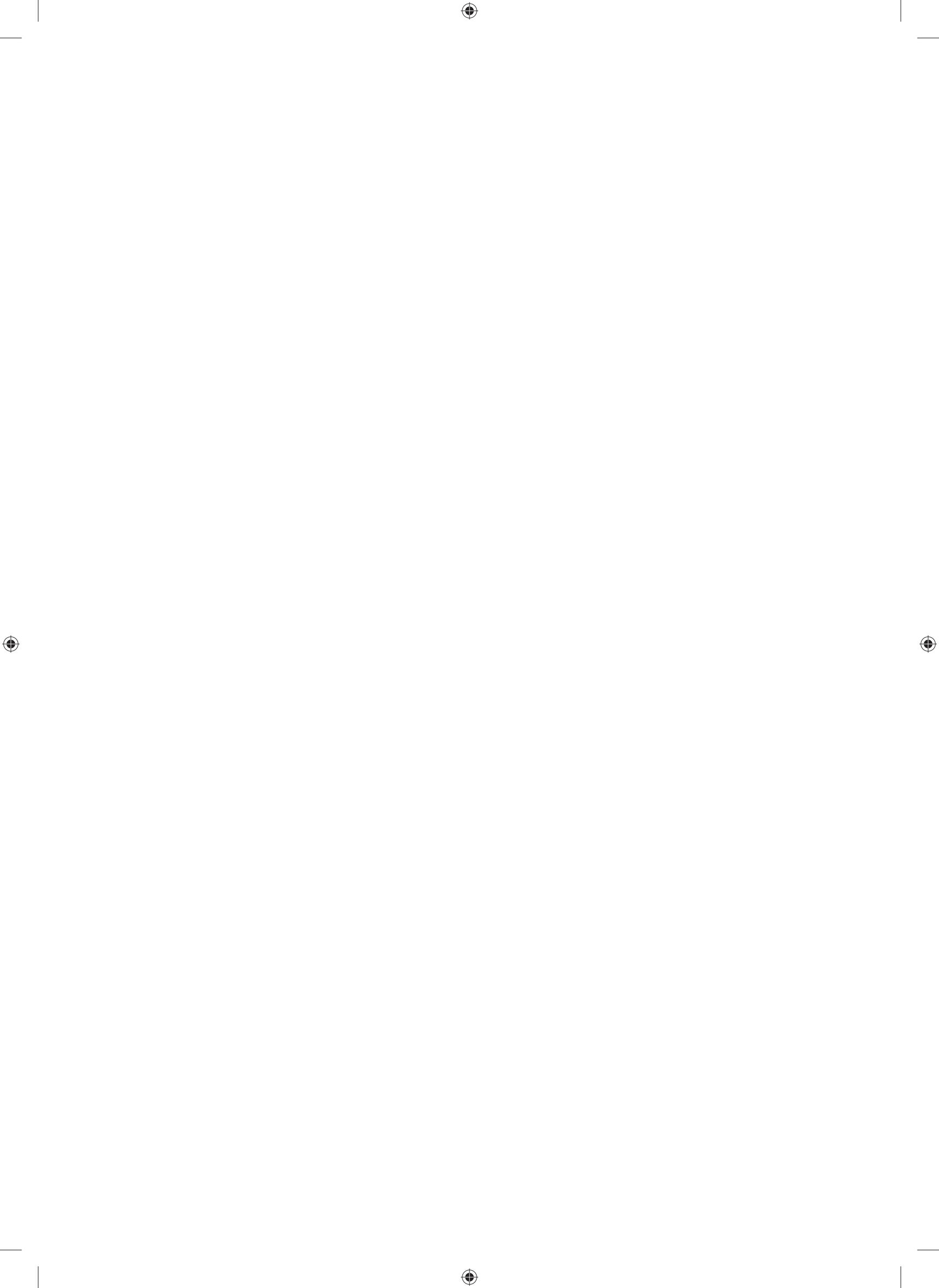
ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA OLGA CASTRILLON MENDES, PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON

A eleição de Olga Castrillon Mendes foi uma mostra do poder da convergência. Com ela, convergem para a Academia Mato-Grossense de Letras a trajetória nos estudos universitários, as seculares tradições cacerenses e a memória do encantador intelectual Natalino Ferreira Mendes a nos lembrar do nosso compromisso de enxergar valores em toda a vastidão do Estado de Mato Grosso. Portanto, para além da própria acadêmica, estão contemplados pelo sufrágio nela valores que a Academia de Letras quer perpetuar: a um só tempo, a elegância e a ética de um homem exemplar e o acolhimento intelectual de todas as regiões mato-grossenses. Nosso abecedário acadêmico será cada vez mais ampliado para outras regiões a depender do nosso esforço para abraçar a literatura de todos os recantos deste Estado continental.

Nossa tradição não prevê vaga hereditária. Não foi, não é e nem será esse o critério. A eleição nesta Academia é livre, é íntegra e dá-se pelo mérito. Aqui não prospera pressão de nenhum tipo, mormente as plantadas em notas vulgares que acabam por se voltar contra os semeadores de cizânia. Ao contrário de disputas tradicionais, convém anotar que nunca fomos traídos por gente com berço verdadeiro. O filho do acadêmico Nilo Póvoas foi Lenine de Campos Póvoas, nosso presidente; o filho do acadêmico Estevão de Mendonça foi o querido Rubens de Mendonça, secretário perpétuo desta Academia, o filho de Olegário de Barros, João Moreira de Barros, contribuiu da mesma forma que o filho de Virgílio Alves Correa Filho, Virgílio Correa Neto e, mais recentemente, a filha de nosso presidente Gervásio Leite, acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite haverá de coordenar o centenário vindouro. Como se vê, há casos em que o mérito suplanta o indivíduo e passa a ser da família que batalha pela cultura, legando a literatura de uma geração à outra.

A dança do tempo na Casa Barão de Melgaço não só immortaliza as obras dos colegas, como sublinha a contribuição de famílias na sofrida empreitada pelo conhecimento num Estado distante e, por vezes, esquecido. É o caso dos Ferreira Mendes. De 1983 a 1986, Olga Maria Castrillon Mendes foi diretora geral do Instituto de Ensino Superior de Cáceres, o que viria ser a atual Universidade do Estado de Mato Grosso, professora e escritora. Não só temos a honra de receber a filha de Natalino Ferreira Mendes; abraçamos uma sucessora da mesma estirpe e estatura, gente que merece estar numa academia pela produção, pela elegância, pela conduta pessoal, enfim. Olga Castrillon Mendes é daquelas pessoas que engrandecem quaisquer instituições das quais fazem parte e, certamente, contribuirá na Casa Barão de Melgaço com a excelência do próprio trabalho.

É certo que a Academia de Letras não é faculdade. Nem quer ser. Será forte ao incluir diversas manifestações da escrita e imbatível ao não excluir nenhum estilo. No nosso caso, temos a felicidade de ostentar dois escritores que também contribuíram com o universo científico: Benedito Pedro Dorileo, cofundador da UFMT e agora, Olga Maria Castrillon Mendes, cofundadora da UNEMAT, reitores que promoveram a democratização do conhecimento onde antes a formação profissional demandava longas viagens e despesas. Reitor vem do latim *rector* – líder. Auxiliaram na republicanização desta província pela força do mérito, longe das fantasiosas aristocracias. Os reitores apontam para igualdade de oportunidades por meio do concurso público. Esse legado favorece a civilização, a república, a democracia brasileira e ensina moralidade e impessoalidade em regiões onde poderia prosperar o compadrio. Na noite de hoje temos a mais genuína prova do sufrágio livre desta Academia de Letras que escolheu demonstrar em Olga Maria Castrillon Mendes que a liberdade, o estudo e a classe valem a pena. Ajude-nos a dar essa lição a toda a sociedade mato-grossense, querida confrreira.



DISCURSO DE RECEPÇÃO DA ACADÊMICA OLGA CASTRILLON MENDES, PELO ACADÊMICO MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR

“Um povo que no rebuscar do seu processo histórico, encontra motivações para homenagear seus filhos, é um Povo que não morre, mas que vive eternamente plasmado qual cicatriz tenaz, graniticamente nos gametas da hereditariedade, nos genes dos seus DNAs, banhando-se nos líquidos salutaros dos seus ácidos desoxiribo nucleicos e gozando a imortalidade da alma albergada nas suas obras” (Moisés Martins).

Ao adentrar os Umbrais desta colenda Academia Mato-Grossense de Letras, em 21 de abril de 1992, utilizei as palavras anteriormente proferidas, e volto a usá-las neste discurso de recepção à novel Acadêmica Dra. Olga Maria Castrillon Mendes, que ocupará a cadeira nº 15, nesta Academia Mato-Grossense de Letras.

Período noturno, sala dos alunos do segundo ano de Direito da UFMT, curso que não terminei, adentra a sala de aula o Emérito professor de Direito Romano, Magistrado Dr. Domingos Sávio Brandão de Lima (*in memoriam*). Começa sua magistral aula, trazendo informações sobre o Império Romano, fruto das suas pesquisas. Na primeira informação, fala-nos sobre as Gladiadoras romanas (pesquisa de Alfonso Manas - Universidade de Granada na Espanha), causando-nos surpresa! Dizendo ainda que, no ano de 268 a.C. existiu uma “casta” de mulheres preparadas para lutas marciais, as Gladiadoras, que lutavam contra homens e feras, satisfazendo o “fetiche” dos Imperadores romanos.

Na segunda informação, que serviu de base para sua douta aula, falou-nos da existência de um Clube de Elite de Gladiadores, dentro de um espaço no Coliseu Romano. Nos umbrais deste espaço, havia enorme e pesada porta de madeira, fechada por gigantesca tranca, onde somente o gladiador com enorme força muscular, conseguiria removê-la, adentrando o espaço, sendo então, recebido e aceito como um dos integrantes do seletto Clube de Gladiadores, numa noite de festa e gala!

Espelho-me nestas informações do emérito professor de Direito Romano (à época) para, de maneira semelhante traçar, evidentemente estabelecida as proporções, ao adentramento neste Coliseu, Panteão, espaço, onde o “Pulchri Tudinis Studium Habentes”, (Estudiosos da Beleza) é digladiado.

Dizeres timbrados desde 1921, pelo Acadêmico Dom Francisco de Aquino Corrêa, um dos seus fundadores. Certamente, que agora não se trata da força muscular e sim INTELECTUAL, que propiciou à novel Acadêmica remover a tranca e penetrar neste espaço de intelectualidade e cultura mato-grossense, vindo conosco ombrear as responsabilidades e liderar os destinos dos estudiosos da beleza da cultura deste rico Estado de Mato Grosso. E esta LIDERANÇA deve ser executada, sob a égide do entendimento do Grande Águia de Haia, Ruy Barbosa: “O excelente líder, não é o que controla seus liderados, mas o que os estimula a fazer escolhas. Não é o que faz tremer, mas o que faz crer. Não é o que produz pesadelos, mas o que faz sonhar!”

A Neo acadêmica conseguiu com sua força intelectual remover a imensa tranca, que guarnece esta Academia Mato-grossense de Letras, de tantos Gladiadores do labor intelectual, tanto do passado, quanto do presente, que estão a sustentar a cumeeira da intelectualidade mato-grossense e brasileira.

Na qualidade de simples Gladiador, tomo emprestado o Elmo, a Armadura e a espada, neste caso elementos simbólicos da intelectualidade do imortal Dom Francisco de Aquino Corrêa, mentor intelectual, filosófico e ético desta Academia Mato-grossense de Letras, ouvindo seus ensinamentos, que também poderão ser uteis a todos nós Estudiosos da Beleza! “O belo é aquilo em cuja percepção deleita-se o espírito” (S. Tomaz de Aquino).

O QUE É A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS?

Podemos sem medo de errar, dizer com férrea certeza, que a Academia Mato-Grossense de Letras, pauta-se, filosófica e eticamente nos dizeres, graniticamente esculpido há quase um século, quais tábuas:

da “*Duo dex Lex Tabularum*” (Lei Mosaica das doze tábuas) e os mandamentos, entregues ao líder Moisés no Monte Sinai, após deixar o deserto de Rafidim. Escrito por um dos seus fundadores, Dom Francisco de Aquino Corrêa! “*Pulchritudinis Studium Habentes*” (Os Estudiosos da Beleza). Ouçamos trechos explicativos, emitidos pelo próprio autor!

O BELO:

Entrando a falar-vos de tão simpático tema, volta-se-me instintivamente o espírito para os doces e estudiosos anos vividos em Roma, eterna escola do belo, onde tudo vibra musicalmente em sensações estéticas, desde a formosura divina dos seus Apolos, até os mármore modernos e veludosos de Canova; desde as criações vivas e suaves de Rafael até o misticismo dourado e vaporoso de Francisco Angélico, desde as veneráveis e graves harmonias de Palestrina, até as leves canções populares, que revoam nas primeiras brisas da primavera! Deixando assim à margem a filosofia do belo, tão rica, aliás, de transcendental poesia, contemplemo-lo apenas através do prisma literário, único que, nesta hora, aqui nos ocupa e interessa.

A BELEZA DA FORMA:

“Assim como, à luz da critica, na obra literária, duas entidades, a forma e a matéria de fundo, assim também, resplandecem nelas duas belezas: a beleza da forma e a beleza da matéria. Cultivá-las, eis a missão da Academia”.

O ESTUDO DO VERNÁCULO:

Frisemos apenas o seu postulado máximo: o cultivo do vernáculo. A língua para o parnasiano é o mármore para o artista. Versos límpidos e cantantes, rimas claras e opulentas, estrofes impecáveis, imagens plásticas esplendorosas, tudo isso iria parar em aspiração ou sonho quimérico, sem a pureza, a correção, a elegância da Linguagem. Seja, pois, aspiração primordial da A.M.Letras, esmero da linguagem, sem o que não há, nem pode haver beleza literária.

A BELEZA DA MATÉRIA:

“A Academia Mato-grossense de Letras deve mostrar-se verdadeiramente mato-grossense. Lançar as bases da literatura Regional, eis a grande finalidade que deve de imprimir cunho característico, ao programa da sua atividade”.

BELEZAS DA TERRA NATAL:

Que poesia! Esflorai, de leve, os capítulos da sua história. Desdobrai lhe a primeira página, que exala ainda o perfume das crônicas prime vás./ Ouve-se a marcha triunfal dos conquistadores./ É o ciclo das Bandeiras. É a cavalaria andante do sertão. É a sagrada Serra dos Martírios feita a São GRAAL dos rudes cavaleiros Bandeirantes, que vem de longes terras em conquista de ouro e pedrarias./ Ei-las, mais tarde, as figuras dos Capitães Generais, a povoarem de castelos medievais os vales do Guaporé e do Paraguai, iluminando este último pelo heroísmo de Ricardo Franco nos baluartes de Coimbra duas vezes gloriosa. E quem poderá enfeixar em breves palavras toda essa epopeia, ou melhor, todo esse vasto encadeamento de epopeias rutilantes que se chama a campanha paraguaia? Mato Grosso foi então a mais heroica vitima nacional, e a seus pés, por fim, veio expirar tragicamente a guerra, na última golfada sanguinolenta de Lopes à beira do Aquidabã.

QUE BELEZA QUE POESIA:

Contemplai a sua natureza, esta natureza que nos sorri ainda na eclosão virginal de beleza encantadora, que nem o cientista mais frio pode estuda-la, sem arrebatarse insensivelmente da atmosfera serena da observação, para essa outra onde revoam sonoramente as fantasias e sonhos do poeta. Quanta beleza! Quanta poesia! Pesquisai as nossas lindas tradições populares. Que riquezas inéditas!

LETRAS E MORAL:

Bem inspirada em princípios sadios a A.M.Letras, se propõem a fazer uma literatura que não só respeite a moral, mas a edifique, exale e a sublime. Nosso fim é cultivar as belas letras, que sugestivamente são

chamadas boas letras. Não queremos as literaturas das pornografias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando, a miúdo, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios. /Devemos evocar a beleza da forma de se expressar; o estudo do vernáculo, isto é, da língua portuguesa, para que seja pura, sem estrangeirismo; a beleza da natureza mato-grossense; a nossa terra natal; a beleza das letras e da moral preocupando-nos com literatura que não agrida a família e a sociedade.” (Fonte: Revista da A.M.Letras, Comemorativa, ao nonagenário de fundação, p. 12-16)

“Mas, para que tanto esmero no maneiço da Língua? Não vai acaso aí um mero prazer da arte pela arte?. O estilo é uma flor e o ideal é o aroma. Tirai o perfume e a flor parecerá morta, e sem alma./ Mas por sua vez, o aroma sem flor, é muito vago, e aéreo, se evapora e se perde. Da mesma maneira: Letras sem ideal, flores sem perfume. Ideais sem o receptáculo cristalino das Letras, são essências voláteis, dispersas no ar, que pouco ou nada aproveitam. Mas as Letras animadas pelo ideal, eis a flor com seu aroma, a flor perfeita. /Uma única diferença: o aroma é para flor, mas as Letras, elas é que são para o ideal!” (Fonte: Dom Aquino- revista comemorativa ao centenário de nascimento do autor).

Após esta aula que nos concede o autor dos dizeres que timbram nossa quase Centenária Instituição, podemos lhe afirmar Dom Francisco de Aquino Corrêa, que vosso dizer tem sido o nosso “*Vade Mecum*”, a nossa Bíblia e a nossa postura nesta Academia Mato-grossense de Letras.

DOM AQUINO? ETA CARA DIGORESTE! DIRIA “MANEZINHO FARTA PEDAÇO”, LÁ DA BAIÁ DE CHACORORÉ aquele que perdeu dois dedos abocanhados por uma piranha” / “Totinha”, meu jardineiro, estava eu saindo para o trabalho, e ele me chama: Doutor (embora não seja doutor), venha ver a “Belizura” desta rosa “Bremeiá”, nascendo de um “Gáio” verdinho! Um grande poeta num Simples Jardineiro!

Nada melhor para mensurarmos a força intelectual da Novel Acadêmica, que, dividirmos a responsabilidade, com o parecer emitido pela douta Comissão de Admissibilidade e Mérito, que examinou seus documentos e a sua bagagem intelectual, subsidiando aos demais Acadêmicos, para a disputa na escolha, através do voto livre, secreto e soberano, escolhendo-a para ocupar a Cadeira de Número 15 nesta Academia Mato-grossense de Letras.

Ela vem, com seu alforje, lá das barrancas do Rio Paraguai, da “Princesinha do Paraguai”, Vila de São Luís de Cáceres, fundada em 06 de outubro de 1778, pelo Tenente de Dragões Antônio Pinto Rego, ordenado pelo 4º Capitão General da Capitania de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Cidade que possui dois patrimônios do Brasil em Mato Grosso, O Rio Paraguai e o Marco do Jauru, colocado à margem do Rio Jauru, em 18 de janeiro de 1754, pelo então Capitão General da Província de Mato Grosso, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares relembrando o Tratado de Madri. Hoje o Marco encontra-se na Praça da Catedral em Cáceres.

Filha do emérito historiador e poeta cacerense, professor Natalino Ferreira Mendes e da senhora Olga Castrillon Mendes. Graduada em Letras pela UFMT, com diversas qualificações, que a fez atingir o estágio de Pós-doutoramento por uma das mais consolidadas e conceituadas universidades do País, a Universidade de São Paulo (USP).

Doutorado em Teoria e História Literária, pela UNICAMP; Mestrado em Linguística. Especialização em literatura Infantil e Juvenil, pela PUC/Minas Gerais. Especialização em Língua e Literatura, pela UFMT, apresenta uma produção literária que enriquece sobremaneira os seus dados biográficos.

É Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres. Além de compor o quadro pioneiro dos fundadores da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), onde ainda atua como docente de Literatura, tanto na graduação, quanto na Pós-graduação.

Uma das líderes do Núcleo de Pesquisa sobre questões históricas e compreensão da Literatura Brasileira, tendo Mato Grosso como foco básico de suas pesquisas. É Professora adjunta da Educação Superior na UNEMAT, campus de Cáceres e foi professora da Educação Básica Pública no Estado de Mato Grosso/ SEDUC até 1995, professora Colaboradora da Fundação Católica Rainha da Paz entre 2001 a 2004, cargos de coordenadora e subcoordenadora no Instituto Superior de Cáceres (IESC), atual Universidade do Estado de Mato Grosso, Coordenadora de Centros, Núcleos e Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão na UNEMAT, em diversos períodos de sua trajetória acadêmica/docente.

PUBLICAÇÕES:

O parecer da comissão de Admissibilidade e Mérito prolatou que, a produção literária da nobre Acadêmica é visivelmente qualificada.

No Livro *Opiniões*, de 1988, que em havendo colaboração da nobre professora, levou o Emérito Acadêmico Lenine de Campos Póvoas assim a se pronunciar: “À professora Olga Mendes, Diretora do Instituto Superior de Cáceres, destacada do magistério mato-grossense, assim se manifestou:

Cuiabá de outrora não só emociona como transporta o leitor a um mundo de sonhos e imaginação peculiares das cidades centenárias. A história vivida e recontada com amor é o exemplo maior da preservação do nosso passado. Oxalá a sua obra sirva de estímulo para muitos que tiveram a felicidade de conhecê-la. Aceite meus parabéns mais sinceros por mais uma imortal criação literária.

Publicação do Livro *Taunay viajante: construção imagética* de Mato Grosso Editora (UFMT, 2013). Nessa obra Olga Mendes produz um estudo sobre o franco-brasileiro Alfredo D’Escranolle Taunay, o Visconde de Taunay, título concedido pelo Imperador D. Pedro II, na sua relação política, literária e artística com o Império Brasileiro em ações nas terras mato-grossenses daquele período histórico. A autora apresenta uma pesquisa densa e instigante, em escrita segura e clara, permitindo o revelar de um grande militar, viajante e literato que se destacou frente ao centro sociocultural e político do Brasil, com foco nas relações de fronteira entre Brasil/Paraguai.

Colaborou com artigo intitulado: “O discurso de construção da fronteira de Mato Grosso”, onde desenvolveu estudo sobre o discurso oficial do século XVIII, através das cartas de Rolim de Moura e Luís de Albuquerque, em posição ao discurso das Instruções emanadas da Corte Portuguesa.

Apresentou o artigo: *Taunay e Mario de Andrade: da caderneta de Campo à ficção*, na coletânea *Diálogos Literários*, organizado pelo Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva. No livro *Brasil e Paraguai: uma releitura da guerra*, organizado pelo Acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges e a Professora Maria Adenir Peraro, publicou o texto: *Taunay e a guerra da triplíce aliança: entre o olhar ético e estético*. Nesta pesquisa a autora pensa a relação entre o escritor Visconde de Taunay e o conflito político da guerra Triplíce, Aliança contra o Paraguai, em um diálogo entre a literatura e a história. Publicou o artigo: *Percepção imagético-discursiva da viagem na literatura brasileira*, no Livro: *Nas dobras do Mundo*, organizado por Aroldo José Abreu Pinto, PPGEL/UNEMAT.

Publicou os textos: *Literatura e arte no (entre) meio da viagem: um estudo de Visconde Taunay; Espaços Regionais, identidades plurais: reflexões em torno da produção literária em Mato Grosso*, no livro *Trilhos e desvios da Linguagem*, organizado por Agnaldo Rodrigues da Silva. Trata-se de uma produção investigativa que segue no lastro da coerente escrita da autora. Colaborou com o texto: *O marco e o poeta no discurso histórico literário*, no livro *História e Memória*, organizado por Otávio Ribeiro Chaves (História/Unemat).

Apresentou o texto: *Viajantes Lusos em terras tropicais: uma questão de fronteira*, no Periódico ECOS, vol.04 e, no Vol. 08, publicou o texto: *Papel do viajante na Utopia de Thomas More*, o autor de “UTOPIA”, amigo do Rei Henrique 8º da Inglaterra (organização de Agnaldo Rodrigues da Silva).

Na Revista da IEB, Instituto de Estudos Brasileiros/USP, publicou o texto: *Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira*.

Em *Cânone e Anticânone*, organizado por Betina Ribeiro Rodrigues Cunha, Paulo Nolasco e Mário Cesar Silva Leite, brinda o leitor com o texto: *Universalização da Arte: (des) caminhos e conceitos*.

No Livro: *Dos labirintos e das águas: entre barros e dikes*, organização de Madalena Machado e Vera Maquêa, a autora publicou o texto: *Os (des)caminhos do universo telúrico de Manoel de Barros*.

Outros: *A formação do romance em Mato Grosso; Entre as luzes as sombras do romance em Mato Grosso*, sobre o romance de Feliciano Galdino de Barros, de 1917 e vários estudos sobre a produção literária em Mato Grosso, como os poetas Silva Freire, Manoel de Barros e D. Pedro Casaldáliga.

Na Revista de História, publicação da Biblioteca Nacional nº 110, publicou o texto: *Do Relatório se fez ficção, sobre a metamorfose do diário de viagem em ficção*, na obra do Visconde de Taunay.

No trabalho Literário: *Literatura, Política e Religiosidade*, obra em dois volumes, a autora fez o trabalho de organização, juntamente com os professores Vera Maquêa, António Manuel Ferreira e Maria Fernanda

Brasete, os dois últimos da Universidade de Aveiro/Portugal, com a qual a Unemat possui convênio de cooperação acadêmica. Participou, ainda, do livro *Pelos Mares da Língua portuguesa*, organizado por essa Universidade portuguesa.

Apresentou dois prefácios: no livro: *Pássaro Vim-Vim e História de Cáceres* (Tomo II), ambos da autoria do Ilustre Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, seu genitor!

Seus trabalhos estão perfilados nas linhas de pesquisa Literatura, História, Memória Cultural, Literaturas de Língua Portuguesa e Literatura e Ensino.

Possui vários projetos de pesquisa, atuando, tanto como coordenadora, quanto como componente de grupos de trabalho. Colabora em trabalhos de Extensão como membro do Instituto Histórico de Cáceres, tanto os ligados à produção da Diocese, quanto do Patrimônio Histórico.

PRÊMIOS E TÍTULOS:

- 1998 – Honra ao Mérito pelos relevantes serviços prestados à UNEMAT.
- 2002 – Diploma de Sócia-efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres Mato Grosso.
- 2005 – Certificado de homenagem, conferido pela UNEMAT.
- 2008 – Diploma de Mérito Universitário, conferido pela UNEMAT.

Eis o texto conclusivo oriundo da comissão de admissibilidade e Mérito, desta Academia de Letras: “Olga Maria Castrillon Mendes é uma escritora que sempre privilegiou Mato Grosso nos seus livros e textos, tornando-se referência teórica e crítica sobre cultura, Literatura e arte da região mato-grossense”.

ISTO É APENAS UM “CHIRIRI” DA BAGAGEM INTELECTUAL E CULTURAL DA NOVEL ACADÊMICA!

Neo Acadêmica Professora Dr^a. Olga Maria Castrillon Mendes, podeis adentrar a este Coliseu da Cultura e Intelectualidade, de Mato Grosso e tomar assento na cadeira n° 15. Agora sois Acadêmica! Por certo declinareis os nomes e obras do Patrono e demais Ilustres Acadêmicos ocupantes desta cadeira, cumprindo desta forma o ritual da nossa Augusta Casa de Letras!

Finalizando, saúdo-a poeticamente, com este soneto, escrito especialmente para a nobre Confreira:

À GUISA DA RECEPÇÃO ACADEMICA

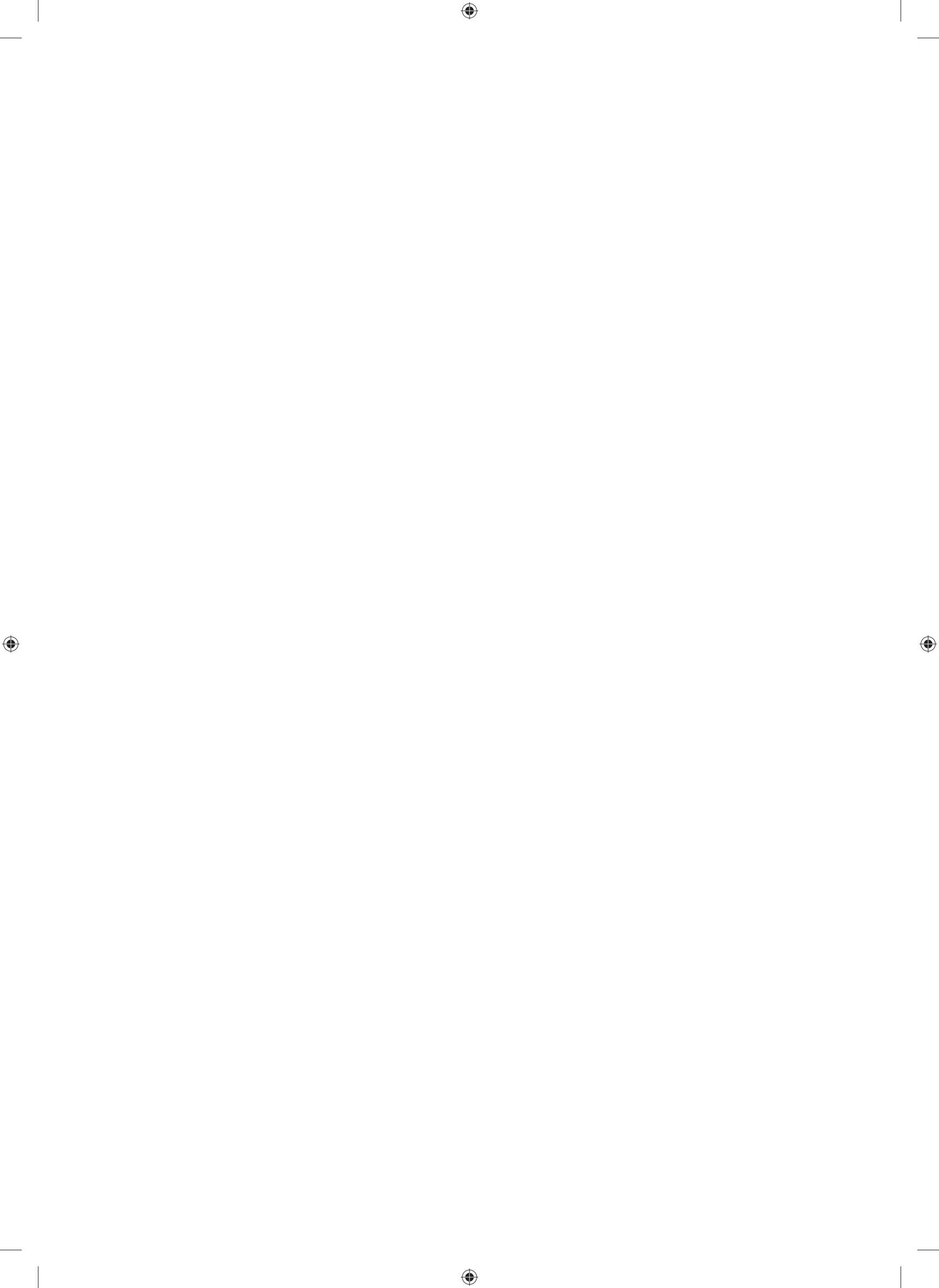
Venha com o coração alegre, pulsando,
quais lépidas asas do Beija Flor, flutuando no ar
O néctar salutar da belíssima rosa sugando
para conosco responsabilidades ombrear!

QUE SEU DISCURSO PANEGÍRICO, TRIUNFANTE POSSA AOS OUVIDOS DOS ANCESTRAIS CHEGAR

*Qual Hino suave, calmo e reconfortante
Que sua escrita estimule a juventude a amar!
Alçando voos quais águias nos píncaros da Gloria
Moldando personalidades em tenra idade a emergir
Na busca de nova e consistente Vitória
Com mais valor intelectual, que a abominável vaidade
Fazendo-os na dura caminhada prosseguir
Na esperança e busca da beleza da verdade!
Moisés Martins.*

A nós outros, sejamos Estudiosos da Beleza, pois, se assim não o fizermos, poderemos ser guerreiros, mas nunca heróis, sacerdotes mas nunca Rabi, trabalhadores, mas nunca idealistas!

OBRIGADO!



DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA OLGA CASTRILLON MENDES

ESCRITOR E CRIAÇÃO: POIESIS DO ABSOLUTO

Começo com uma imagem – a ansiedade simbólica de uma flor levada pela fonte, no belo (e conhecido) poema romântico de Vicente de Carvalho – cujo sentido inexorável da vida repercute no leitor:

A fonte e a flor

“Deixa-me, fonte!” Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria
Cantava, levando a flor.

“Deixa-me, deixa-me, fonte!”
Dizia a flor a chorar:
“Eu fui nascida no monte...
“Não me leves para o mar”.

*E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.¹*

Venho, assim, acompanhada pela ansiedade dos rituais de iniciação, das breves cenas que sucedem e se confundem no ato da escrita, da simbiose de sentimentos, dos impactos das manifestações cotidianas da vida, presentes num encontro, no diálogo, no abraço ou no aperto de mãos.

No torvelinho de memórias, entre homens e mulheres que formam nosso acervo de leitura e pesquisa, coexistem acontecimentos que secretam intuições, sensações, símbolos, imagens, contaminações, nervosamente tecidos. Retalhos que se juntam em escrituras do chão mais íntimo, que unem vozes como aquelas do poeta Silva Freire: “a terra, o pasto, o túmulo!”, acompanhado pela resposta do confrade-amigo Natalino Mendes, feita do mundo novo, construído pelo mundo-de-todo-dia, e entre ele, o Poeta, o co-operador de palavras e sentidos¹.

A cena construída entre o humano e o estético tem um secreto motivo: a *poiesis* em busca do absoluto, o “religare com o cosmo”, nas palavras daquele que me recebe aqui, Acadêmico Moisés Martins².

A aparência simples de um ritual iniciático, como o da flor levada pela fonte, reveste-se de intensidade, ganha mais que lucidez. Faz-nos contemplar e viver uma amplitude cósmica, paradigma do humanístico, que se materializa em atos simbólicos.

Pergunto-me, então, que secretos motivos me conduziram até às portas desta quase centenária Casa de Letras, morada simbólica dos que se tornaram imortais pela criação, pela arte, pelo poder da argumentação e pelo estudo?

A secreta ansiedade plasmada pelo canto telúrico que embalou o berço, plantou a semente, fincou a raiz, fez produzir a seiva que vivifica o espírito, colocando-nos entre palavras de fogo, muitas vezes sagradas. A secreta ansiedade está determinada por faróis balizadores de homens e mulheres dotados de integridade aliada às asperezas da vida, características que enriquecem o Ser, pleno da própria natureza e com capacidade de preencher a natureza do outro. Não só a capacidade de ver, mas o *como* ver freudiano: de não sermos

1 Cf. MENDES, Natalino. *Discurso de Posse na AML*, em 6 de março de 1987.

2 Cf. *Do Cerrado, Pantanal ao cosmo; um passeio poético* (Cuiabá: Ed. do autor, 2008, p. 185).

“apenas o que pensamos ser, [...] pois somos mais: somos também, o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos que cedemos... sem querer”³.

Desvelo, portanto, o ato simbólico de que estou revestida, neste momento em que sou conduzida à Cadeira Nº. 15 da Academia Mato-Grossense de Letras e revejo o meu percurso quando me encontro entre livros e documentos que me levaram a reconstruir a memória e o universo criativo dos seus ocupantes. Não sou poeta, mas sou achada pelas palavras. Escrevo sobre o que leio. Sinto a alma dos poetas, das personagens. Reinvento imagens e recrio conceitos. Mas meu instrumento é (e sempre foi) a palavra sedenta de vida renovada, repensada no universo dos significados e imagens, pois à função fabuladora compete inventar o mundo e as pessoas.

Por esse caminho recriador, tenho aceitado os desafios de acreditar no seu poder transformador, na fruição do verbo, posto no desejo barthiano de ser possuída pela palavra. Escrever é um ato de fé, de entrega, de despojamento: o poema “abriu o roupão pra mim. Ele deseja que eu seja”⁴. É impulso, é exorcização dos fantasmas ao mesmo tempo em que são os mistérios ocultos das imagens, metáforas e símbolos que salvam o escritor. Tanto os poetas, quanto os críticos participam do mesmo inevitável mundo; reveem-se e se refazem, construindo a própria história.

A literatura tem feito parte da minha vida de professora, de leitora e de pesquisadora, buscando sempre a amplitude dos escritores locais para além do seu pertencimento. A palavra inventa o futuro, retoca o passado e é viva no presente, oferece-nos o risco do voo (o “voar fora da asa”⁵) e da viagem. É brinquedo, mesmo quando bélica.

Caros Acadêmicos, escolhida pela maioria deste Sodalício, aqui estou como um símbolo: da minha bicentenária Cáceres e desta quase centenária Casa de Letras. Pelo duplo movimento da histórica simbologia, deposito aqui as armas com as quais aprendi a lutar: as palavras, e pelas quais declaro a minha profissão de fé na sua força arrebatadora e no seu poder construtivo e transformador. A magia do símbolo, portanto, não está apenas na sua representação, mas no ritual de passagem, da mesma forma como somos passageiros do tempo e como personagem da nossa própria história temos um papel social importante e comprometedor: discutir a relação entre o nosso trabalho e a ética no mundo contemporâneo. A ética como condição de pensarmos o que nós queremos deste mundo, o que estamos produzindo como mundo, pois estamos inviabilizando a condição de outros viverem nesse mundo, ou seja, de outros terem história e esse é um alerta fundamental para os historiadores, como diz Manoel Salgado Guimarães, um alerta para todos os pensadores, os intelectuais conscientes do seu papel. É preciso estabelecer formas de contatos com o outro⁶, livre das sorradeiras vaidades humanas.

Investida desses valores básicos que trago do berço é como uma despreziosa, mas produtora viajante de passagem que me apresento, desejosa de arrebatado o conhecimento que aqui flui. Por isso, peço licença para, humildemente, aprender no exercício da partilha e oferecer à sociedade o fruto desse trabalho, num abrangente horizonte de possibilidades e de reflexão.

O que me conduziu até aqui está embasado em dois motivos: o primeiro profissional, num momento em que me encontro nas penúltimas horas das minhas atividades docentes na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT e vislumbro, nesta Casa, rara oportunidade de permanecer ligada a uma Instituição cultural e de pesquisa que me manterá atendida pelas profícuas relações acadêmicas.

O segundo motivo liga-se ao desejo (e até orgulho) pessoal de suceder, na Cadeira Nº 15, aquele que foi em vida (e continua em alguma estrela) a me acompanhar com seu brilho singular: o meu pai-amigo-leitor-orientador e Mestre, Natalino Ferreira Mendes. Por alguma razão que ainda desconheço recebia eu, nos seus últimos tempos entre nós, o incentivo para que repensasse sobre esta possibilidade. E aqui estou, não para substituir, mas para, simbolicamente, sucedê-lo, o que nos coloca em situação de auto-avaliação e

3 In: www.andreamansur.com.br

4 Cf. Manoel de Barros. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

5 Idem. *Livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

6 Reflexões do saudoso Manoel Salgado Guimarães, historiador e professor da UERJ e da UFRJ, retomadas da entrevista na Revista de História da Biblioteca Nacional, de 2/10/2009. Revistadehistoria.com.br, acessada em 9/1/2015.

avaliação do percurso de grande parte de uma vida a serviço da educação literária que é, ao mesmo tempo, a postura perante o incerto, mas necessário devir. Suceder-lo tem para mim significado especial, impossível de expressão verbal. Nele sobressai a mansidão e a ternura de um filósofo, herança, talvez, dos ancestrais; nele, as qualidades de elevado estilo natural, com toques de nobreza, carregados de beleza espiritual, próprios do homem simples de coração e atitudes. A mim me coube suceder um nome, mas não o homem, alçado à imortalidade pelo que construiu no coerente exercício da vida e no eficaz labor do verbo tecido entre a árdua tarefa do historiador e do poeta, motivos fortes para mim, talvez não suficientes para suprir as necessidades requeridas por esta Casa e pela sociedade. Mas foram os que me mobilizaram no contato com o seu acervo e inéditos a mim confiados e que aguardam estudos, principalmente, sobre o seu papel enquanto intelectual no interior de Mato Grosso. Um intelectual que, no embalo telúrico da inexorável correnteza do histórico rio Paraguai, acreditava como Tolstoi, que para conhecer o mundo é necessário primeiramente, conhecer e falar de sua vila, como retoma o imortal Rubens de Mendonça no prefácio à obra *História de Cáceres*, de 1973, sobre o qual, mais adiante, teceremos considerações. Unindo olhares sobre sua urbe, como aqueles registrados por D. Aquino e Ulisses Cuiabano, Mendes traz um quadro poético de composição romântica que diz muito do sentido de identidade e de pertencimento à terra que norteou os escritores da primeira metade do século XX. Diz D. Aquino:

Cáceres

*Essa que aí vês, à flor da bruta praia,
Vila Maria apelidada outrora,
Foi a primeira que a onda paraguaia
Beijou neste áureo tálamo de Flora.*

*Em suas matas virgens, Pluto mora,
No tapete aroma da verde poaia,
E além, na aberta do seu campo afora,
O belo gado inúmero se espraia.*

*Hoje o seu nome rememora ao mundo
O grande que a fundou, gênio fecundo,
Novo Hércules de feitos opulentos.*

*E o amplo rio, a cismar a sós consigo,
Como um fragmento de poema antigo,
Cáceres! Cáceres! Murmura aos ventos.
(CORRÊA, 1985, p. 53)⁷*

E Ulisses Cuiabano:

Cáceres

*Toda garrida e meiga, irradiando
Um sorriso grácil de simpatia,
Cáceres – a cidade da alegria,
O nosso coração vai conquistando.*

*Beija-a, faceiro, o Paraguai e, quando,
Todo repleto de galanteria
Os pés da heril princesa acaricia,
Um rosário de amor vai desfiando.*

⁷ CORRÊA, Francisco de Aquino (Dom). *Poética*: Terra Natal. Comemorativa do Centenário de nascimento do autor. Brasília/DF, 1985.

*Luiz de Albuquerque, o grande Capitão,
Quando lançou, no extremo oeste, a pista
Da Lusitana civilização,*

*Foi de uma audácia excelsa e varonil
- Firmando das Bandeiras a conquista
- Dilatando a grandeza do Brasil
(MENDES, 1998, p. 15)⁸.*

Ambos os poetas trazem a essência do telúrico, a síntese da arte, florescendo a inefável grandeza do divino sobre uma cidade mato-grossense. A beleza da forma cultiva a beleza da matéria, missão do poeta parnasiano. São a representação do artista empenhado, do culto às belas letras impressas no estético com o qual fez penetrar a essência do belo, “em cuja percepção deleita-se o espírito” (*Poética*, p. 17). Desta forma, o interior do Estado mantinha estreita relação com a capital, o que possibilitava aos escritores a saudável relação de produção e a partilha.

Ulisses Cuiabano, que esteve em Cáceres, em 1948, representou o governador do Estado Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo, durante a inauguração do Ginásio Onze de Março, conforme registra o Jornal “*A Razão*”, de 7 de abril desse ano⁹.

São estas vozes, unidas a de meu antecessor que ressoavam em mim, mostrando-me, desde cedo, a possibilidade de, um dia, participar desse processo de construção cultural, principalmente, através da pesquisa nos arquivos e das trocas entre parceiros pesquisadores. E aqui estou, com a vontade juvenil e os olhos infantis, transcendendo meu próprio eu, na busca da experiência da palavra e de seu poder transformador, com a mesma ansiedade poética da flor sendo levada pela fonte, como relembro, inicialmente, na poesia deste encontro.

Ao trazer a figura do meu pai Natalino faço-o com sentimento de celebração dos mistérios, tanto da vida quanto do seu oposto, a morte; da renovação e do poder divino que nos tornam mais sensíveis aos segredos que exalam do etéreo sistema do universo. Relembro-o como uma fulgurante luz que jamais se apagará nos nossos corações e no coração daqueles que virão depois de nós. Mas também, revejo-o como o homem que viveu com intensidade e soube compor o ciclo vital: do menino, do homem, professor, pai, pesquisador, funcionário público e amigo, parceiro das conversas ao pé do morro, no acalanto do luar da bocaina, à beira do rio Paraguai, na varanda da casa do Angical onde toda a família se reencontrou na primeira metade das nossas vidas. Certamente ele pôde dizer, como o apóstolo Paulo: “combati o bom combate, venci, não perdi a fé”, palavras repetidas pelo Bispo Dom Vilar, à beira do seu esquife, num simbólico ato de finalizar as últimas parcerias na construção da Revista Centenária da Diocese de Cáceres. Continuamos nós também a professar essa mesma fé que atinge a crença na humanidade, no sentimento de partilha, na firmeza do caráter, na amizade sincera. Ao deixar-nos, legou-nos histórias de vida, o sentido do amor e a plenitude do Ser – aquele capaz de ouvir e entender estrelas, como aquelas cantadas por Bilac:

*“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!”
E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto [...]”¹⁰*

Nessa necessidade histórica de auto-compreensão, acesso o mundo a partir da Vila Maria do século XVIII, surgida da presença de Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o 4º Capitão-General da capitania de Mato Grosso, do tempo da demarcação das fronteiras entre Cuiabá e Vila Bela; da cata do ouro e da preação do indígena; das posteriores entradas bandeirantes e Expedições científicas; do comércio

⁸ MENDES, N. F. *Memória cacerense*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 1998.

⁹ Cf. MENDES, 1998, op. Cit., p. 15-16.

¹⁰ BILAC, Olavo [1888]. *Poesias*. Org. e prefácio de Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

da poaia com o mundo, das figuras lendárias do poaieiro, do sertanejo e do boiadeiro. Entre as fechadas matas e o férax Pantanal a terra produz e se estende pelos vastos campos de agricultura e pecuária. O Brasão inserido na Bandeira cacerense anuncia sua vocação: *Ad Sum* (Presente). Responde ecoando os antigos sítios históricos (Jacobina, Caiçara, Ressaca, Descalvados); a Igreja Matriz, o rio Paraguai e seus afluentes: Sepotuba, Jauru e Cabaçal; a memória das ruas (13 de junho, Maravilha, Tapagem, Frei Ambrósio); dos Colégios Sant’Ana, Grupo Escolar, São Miguel, Rodeio, São Pedro, Garcez); o Cemitério São João Batista (pelo qual o Acadêmico Luiz-Philippe Pereira Leite nos levou e compreender a saga da Fazenda Jacobina); os Leões do Porto Mário Corrêa (dos quais só se guarda a memória oral e poucas imagens); os lampiões de rua; a presença do Marechal Rondon (concluindo mais um trecho da extensão da linha telegráfica em direção ao Amazonas), e tantos outros fatos e personagens que compõem a galeria dos que ajudaram a construir a história da Vila Maria e da cidade de Cáceres. Como diz o memorialista:

Mas a gente, que para cá se deslocara, lançou-se à luta e da exuberância deste solo tirou a subsistência, fazendo, do excedente, lucrativo comércio, baseado no tripé da sustentação: agricultura, pecuária e extrativismo animal e vegetal. Hoje, passados tantos anos, voltamos ao ponto de partida em novas dimensões: Cáceres projeta-se no cenário mato-grossense, nacional e mesmo internacional, pela inigualável posição que ocupa o cruzamento de estradas, na cabeceira do Pantanal e com o potencial telúrico de que dispõe. Volta a ser, como queria Albuquerque, uma porta de comunicação não só com São Paulo, mas com o mundo. Tanto cresceu Cáceres nos anos setenta, que houve a grande explosão, dividindo-se o nosso vasto território em novos centros de produção e comércio, formando a constelação de municípios que povoam e civilizam a região sudoeste de Cuiabá (*Memória Cacerense*, p. 30-31).

Em muitos aspectos a cidade se transformou, sofreu as crises do abandono e a sua tradição bicentenária grita pela recuperação do notável patrimônio material e imaterial. Novas investidas e novas posturas clamam por atitude cidadã e projetos verticalizados, como os que já acontecem relacionados ao Patrimônio Histórico da cidade. Uma luta que depende muito mais da atitude cidadã que do poder público.

Senhores Acadêmicos, caros amigos.

No delírio ou no espanto é que vejo a AML abrindo os seus braços para mim e eu me entrego nesse elã fraterno e me ofereço ao labor do devir promissor do aconchego do espírito. Ao fazê-lo venho conduzida pelo verbo manuelino do criancamento das palavras, madurez de alma, tateando nos arituncs, receando e vibrando pela fruição do verbo. No princípio e no delírio do verbo. No meu percurso de produção intelectual esse delírio é ainda contido pela ciência da língua, pelo contato árido das análises, mas dessa forma é que tenho sentido a vibração que me liga à busca dos sentidos de/sobre Mato Grosso¹¹.

Essas experiências que se sobrepõem de forma muitas vezes irreconciliáveis, demandam busca incessante da nossa função enquanto escritores e poetas, estas antenas da raça (Ezra Pound) em cuja representação social tem recaído a forma de pensar o mundo como um produto transnacional, acessado a partir do *locus* enunciativo de cada um, como fala o pesquisador uspiano Benjamin Abdala Júnior.

Questões como quem somos? De onde viemos e para onde vamos? Me acompanham desde que, numa dedicatória paterna da primeira edição da *História de Cáceres* foi-me dada a refletir sobre os sentidos da vida. É por ela que busquei criar uma linha de compreensão dos ocupantes da cadeira N° 15 desta AML.

Quem foram Joaquim Mendes Malheiros, Augusto Cavalcanti de Melo, Francisco Alexandre Ferreira Mendes e Natalino Ferreira Mendes, seu último ocupante?

Assumiram a Academia, envergando a bandeira da cultura, personalidades que dedicaram uma vida inteira ao labor intelectual, entremeado por altos cargos na Administração Pública, nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Incansáveis pesquisadores e profícuos autodidatas da tradição cultural de Mato Grosso.

Todos constituíram paradigmas, tanto como estudiosos, quanto como filósofos-professores, cada qual em suas diferenças e em sua historicidade. No percurso de cada um deles subjaz a ideia de ciclo, encenado em atos individuais. São representantes de várias gerações, sedimentadas desde a primeira metade do século XIX.

11 Cf. *Nas raias de Mato Grosso: o discurso de constituição da fronteira*. Dissertação de Mestrado em Linguística (1998, no prelo) e *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed.UFMT, 2013, ambos de minha autoria.

Em suas particularidades, representam, ao lado de todos os outros que compõem a vasta galeria desta Casa de Letras, a rica vida intelectual de Mato Grosso nos caminhos da pesquisa que levam à compreensão do papel social e a consequente (e necessária) socialização das obras aqui produzidas.

Há entre eles uma explosão de sentimentos e reflexões que entram na composição da busca de uma identidade cultural em que o percurso proporciona revisão, olhar sobre o outro, para a tradição, o devir pelo ser/estar, o *hic et nunc* (aqui e agora), mesmo diante da finitude humana e muitas vezes causa da sua frágil infelicidade.

Então, trazer a tradição e a memória diante dessa fragilidade é participar da aridez do velho com a avidez do novo – reler o passado pelos lugares de memória para reinventar, preencher lacunas, reescrever e participar. O olhar de hoje que aponta erros e acertos, mas principalmente reescreve a história, recuperando aquilo que foi deixado de fora, como se coloca o lema do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, criado em 2002, como parte do Projeto de Interiorização do IHGMT, na gestão do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira.

Adentro, portanto, um lugar em que a história encontra-se em constante devir; nunca acaba ou se completa. Nesse precário mundo, mobilizamos memórias. Por elas tracei a linha de sucessão da cadeira N° 15.

E o que se desenha para nós? Quatro nomes ligados por uma coerência de produção e de comportamento, formando uma rede discursiva que une pontos distantes, todos compondo a diversidade cultural brasileira, cujo foco busco a gênese em Mato Grosso.

Como Mato Grosso aparece nesse cenário ao mesmo tempo uno e díspare? Que imagem se construiu ao longo da quase centenária presença da AML somente através dos ocupantes desta cadeira que, de forma responsável e produtiva, passo a ser parte?

Escorre do espírito e da pena dos meus antecessores um desejo incontido, ao mesmo tempo, de uma profissão de fé e um lugar imparcial de como tradição e identidades estão expressos como atitudes humanas, inevitavelmente, disseminadoras de valores humanos. Buscam o ordenamento do passado em variadas formas do discurso pelo qual se dissemina o entendimento do sistema global em que a cultura de Mato Grosso é uma peça significativa na cartografia nacional.

Fazem parte, portanto, da galeria de intelectuais que construíram uma forma de ler o mundo e, coerentemente, vivê-lo numa temporalidade cósmica que os atravessa e os ultrapassa. Preencheram, com grandeza da alma e talento, um espaço absolutamente próprio para o seu tempo, sedimentado pelas conquistas que surgem das duras experiências da vida. Por isso foram homens discretos e firmes, instruídos na ciência e educados na consciência. Criaram para si, valores que os transformaram em memória digna. Biografias que educam e proporcionam reflexão. Basta apenas que, nas palavras de Natalino Mendes, “afinemos as cordas da nossa compreensão para reconquistar a justa harmonia ainda neste mundo”¹².

JOAQUIM MENDES MALHEIROS: O PATRONO (*CUIABÁ, 30/03/1830; + RJ ?)

Nos poucos dados biográficos a que tivemos acesso, encontramos que o Dr. Joaquim Mendes Malheiros nasceu em Cuiabá, em 1830, tendo sido encaminhado pelos pais, Joaquim Mendes Malheiros e Maria Madalena de Mesquita para a Faculdade de Direito de São Paulo. Conseguiu se projetar, tanto na vida pública, como Deputado pela Província de Mato Grosso e Juiz Municipal, em Cuiabá, quanto como professor na Escola Militar do Rio de Janeiro. Desenvolveu aptidões para línguas estrangeiras, filologia, música e artes plásticas¹³.

Como Juiz Municipal do termo de Cuiabá sofreu, em 1857, um atentado injusto, como diz Ferreira Moutinho em sua *Notícia sobre a Província de Mato Grosso*: “Uma das inteligências mais notáveis - nobre e honrado como deve sê-lo um juiz imparcial e recto, sofreu uma injustiça revoltante de que a história não tem

12 Palavras de incentivo à criação histórica de Hugo Studart, por Natalino Ferreira Mendes, em correspondência virtual (Acervo do autor).

13 Cf. *Dicionário biográfico de Mato Grosso*, de Rubens de Mendonça; *Figuras e coisas da minha terra*, de Firmo Rodrigues, *Os primeiros bacharéis de Mato Grosso*, de José de Mesquita e *Discurso de posse na AML*, de Natalino Ferreira Mendes. No Dicionário Biográfico registrou-se a cidade do Rio de Janeiro como sendo o local de seu falecimento. No entanto, a Revista comemorativa aos 90 anos da AML (1921-2011), traz a cidade de Cuiabá, também em data não conhecida (Cf. Revista 90 Anos – AML. Cuiabá, 2011, p. 74).

outros exemplos [...] nobreza de sentimentos, notabilidade [...]. O Dr. Malheiros honrará sempre a província onde estiver [sic]. Seus conhecimentos foram adquiridos por longos anos de fadigas nas academias [...]”¹⁴.

Certamente Mendes Malheiros garantiu aspectos de sua biografia gravados na memória dos amigos e conterrâneos que o admiravam. Uma boa forma de registro histórico-social, sem os quais teria sido impossível trazê-lo neste momento em que se celebra a memória dos meus antecessores.

AUGUSTO CAVALCANTE DE MELO: O PRIMEIRO NA LINHA DE SUCESSÃO

Menos referenciado, mas com um importante acervo literário a ser pesquisado, é o alagoano que sucedeu o Dr. Joaquim Mendes Malheiros na Cadeira Nº 15.

Nasceu Augusto Cavalcanti de Melo, na Comarca de Passo de Camaraxibe, em 1864 da união entre os agricultores Manuel Cavalcanti de Melo e Maria Pastora Cavalcanti de Melo. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, tendo sido Desembargador do Tribunal da Relação de Mato Grosso. O conjunto de sua obra, conforme registrado está composto por poemas e peças teatrais escritas, entre as décadas de 1920 e 1950, sob o pseudônimo de D’Archangelus: *Capanema* (1922); *O Aparento* (comédia em 5 atos); *O Leão cativo* (1922); *A morte da águia* (1924); *O Galgo e o Mastin* (1924); *Elogio e Veiga Cabral* (1926); *Na Academia* (1926); *O Amor assassino* (1926); *Xaraés* (1927); *Drama floral* (1927); *A visão de Caim* (1927); *Da imitação de Cristo* (1928); *O assalto do castelo e o barão normando* (1928); *A morte de Gilliat* (1930); *O impostor* (1930); *22 de julho de 89* (1934); *Da leitura da escritura santa* (1935); *A beleza da mulher* (1951)¹⁵.

Ressalta-se a quantidade de textos inexplorados, cujos títulos chamam atenção pela temática: a religiosa (*A visão de Caim, Da imitação de Cristo, Da leitura da escritura santa*); a histórico-social (*Capanema, Na academia, O amor assassino e 22 de julho de 89*), a intertextual (*O aparento, O leão cativo, A morte da águia*) e a ficcional (*Drama floral; O assalto do castelo e o barão normando; A morte de Gilliat, O impostor*) que, certamente virão à luz pelas mãos de especialistas em literatura e dramaturgia, como do conterrâneo, acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva, cujas pesquisas sobre o teatro têm ampliado a compreensão da dramaturgia de/em Mato Grosso.

FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES: NOS LIMITES ENTRE DOIS MUNDOS

Francisco Mendes constitui uma antiga admiração pessoal que se liga ao período em que eu cursava Letras na UFMT, nos anos 1970 e me enveredava pela escrita de uma monografia de especialização sobre o garimpeiro de Mato Grosso, influenciada que estava pela presença do meu sogro baiano, Mário Macedo Araújo, o primeiro a trabalhar em uma lapidação de diamantes em Cuiabá, entre os anos 1948 e 1950.

Intimidada pelo ar austero do professor Francisco, descobria aos poucos a sua doçura, desprendimento e uma incrível capacidade de contar a que só tive acesso alguns anos mais tarde. O surgimento de Cuiabá, a vida monçoeira dos desbravadores à cata do ouro, os massacres indígenas, o povoamento, a ocupação da fronteira oeste do Brasil, o preconceituoso conceito de distância e isolamento de Mato Grosso, tudo isso permeado por indicações bibliográficas que até hoje fazem sentido em minhas reflexões. E pensar que não consegui nem ligar o gravador e não tive tempo de voltar a vê-lo porque já estava de malas prontas para a derradeira viagem. Mas continuei o meu roteiro nas sementes que plantou em minha vivência acadêmica, por pistas cada vez mais verticalizadas em busca dos múltiplos sentidos que ainda estavam por ser descobertos.

Dele ficou, além da carinhosa lembrança, o legado de uma obra insistentemente revisitada. Pode-se dizer que *Lendas e Tradições Cuiabanas e Folclore Mato-Grossense*, ambas de 1977, são antológicas. Constituem horizontes de perspectiva entre um passado revisitado em suas longas e profícuas leituras, reflexões e escritura, e um futuro almejado, no estilo do universo utópico necessário, de Ernst Bloch. Entre a necessidade de manutenção do substrato popular e a incerteza do porvir o estudioso esteve nos limites conflituosos do passado, a ser preservado, e do futuro que significava o enfrentamento do progresso ameaçador.

14 Cf. Joaquim Ferreira Moutinho. *Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida de um roteiro da viagem da sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Schroder, 1869, p. 338-9. No Tomo VIII. N. 1, outubro, novembro e dezembro, da Revista do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros/Instituto dos Advogados Brasileiros, encontro a matrícula n. 56 de Joaquim Mendes Malheiros no quadro dos membros efetivos do Instituto, segundo a ordem de antiguidade das matrículas. RJ: Typographia Presença, 1870, p. 137. Ver <https://books.google.com.br>

15 Ver Revista 90 Anos da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2011), Cuiabá: AML, 2011, p. 74.

Natalino Mendes sintetiza esse preponderante aspecto de sua obra:

Francisco Mendes percebe nessa contraposição o novo sentido de que deve tomar a luta pela defesa do passado e estende o seu estudo até a própria alma do povo. Dedica-se ao nosso fabulário e ao nosso folclore, procurando, através deles informar e manter a continuação histórica da nossa sociedade, perpetuando a vida da cidade na descrição de esquecidas lendas ouvidas nos serões de solar avoengo, lendas simples, histórias singelas, que assinalam, porém, a índole de um povo e definem o caráter de uma raça forte e respeitável na sua crença e na sua fé¹⁶.

Essa dualidade, ao mesmo tempo em que o coloca no conflito, dá um novo sentido ao estudo, chegando à exploração da alma do povo, através das manifestações populares. Dedica-se ao fabulário, ao folclore, buscando a manutenção da continuidade histórica da sociedade e definindo a índole do mato-grossense, tal qual o fizera o historiador da literatura, Sílvio Romero de quem era leitor.

Francisco Mendes tem o domínio do léxico que manuseia com prestimosa escolha a ponto de suas peças narrativas soarem como poemas¹⁷.

O sentimento de pertencimento acentua em sua obra a reconstituição das imagens constituidoras da identidade mato-grossense. É ainda Natalino Mendes que trabalha com a ideia de que o seu antecessor foi professor e educador em tudo que fez, falou e escreveu. É o professor que se “lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado da terra natal”. É o professor que se “manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista”¹⁸. Para o Acadêmico Benedito Pedro Dorileo, é o padrão de professor, o cultuador da língua, tomando-o como paradigma da profissão “que exige sempre renúncia, renúncia e renúncia”¹⁹.

Das terras diamantinenses buscou a ciência nesta cidade de Cuiabá de onde nunca mais lhe foi dado retornar, porém continuou, na imprensa, a cantar a poesia e a riqueza do sertão nortista. Diz sobre a honra de assumir o Centro Mato-Grossense de Letras: “não é minha unicamente, mas é a glorificação do meu norte, cuja poesia está na vida livre, nas passifloras magníficas, nas campinas maravilhosas, na mata veneranda”²⁰.

No intuito, portanto, de contribuir com estes estudos já feitos pelo meu antecessor, interessa-me agora o Francisco Mendes jornalista, escrevendo ativamente n’*A Cruz*, n’*O Estado de Mato Grosso*, n’*A Revista Violeta* e como correspondente de *O Estado de São Paulo* e *O Jornal*, do Rio de Janeiro. Embora não tenha conseguido abarcar todos estes periódicos, alguns aspectos estão sendo perseguidos, frutos de um projeto posterior que não cabe neste espaço de reflexão.

Encontro, ainda, no Discurso de recepção de Francisco Mendes na AML, feito pelo poeta Oscarino Ramos, na Revista do Centro Mato-Grossense de Letras, um fragmento singular em que o juiz saúda o professor:

[...] entre a função de julgar e a de educar há uma grande e palpável afinidade. São os paralelos que correm para o mesmo destino. São dois rios que deságuam na mesma foz. São dois sacerdócios iguais [...]. O professor instruindo os cérebros infantis e o juiz assegurando os direitos dos seus concidadãos são fatores da grandeza de um país.

Vistos como sacerdócios similares, a função do professor está em consonância com a do juiz. Ambos instruem e asseveram direitos, possíveis da grandeza do Ser humano.

Por sua vez, e coroando o processo de entrelaçamento das funções humanas, Francisco Mendes conceitua o ato da própria escrita no discurso de posse da AML:

Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza livre, correndo, bebendo nas fontes vivas e quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n’água, nadando contra a

16 MENDES, Natalino Ferreira. *Discurso de posse*. Ed. do autor, 1987, p. 21.

17 Dentre alguns textos veiculados na RIHGMT, destacam-se: “O folclore na obra de José de Mesquita”. RIHGMT. Anos XXII-XXIII. Tomos XLIII-XLVI, p. 104-108; “A bondade de D. Aquino”. Ano XXIV. Tomos XLVII-XLVIII, 1956, p. 20-21; “O teatro em Cuiabá”. Anos XXV-XXVI. Tomos XLIX-LII, 1957-1958 e republicado nos Tomos XCVII-XCVIII. Ano LIV, 1982, p. 9-15; “A mata do Angical”. Tomo LV, Ano XXIX, 1962, p. 114-119; “Tragédia mesopotâmica”. Ano XLIX. Tomos XVII-CVIII, 1977, p. 55-56.

18 Idem, p. 17.

19 Ver “Homenagem ao Professor Francisco A. Ferreira Mendes”. In: RIHGMT, tomos CVII-CVIII. Ano XLIX, p. 93-97.

20 MENDES, Francisco A. F. *Discurso de posse*. Revista da AML, p. 66.

correnteza. Poesia para mim é água em que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam muito medidos, podem ser água, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas – rio que corre ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.

Em águas mansas ou revoltas, Francisco Mendes acredita na tradição renovada, sem perda da identidade cultural, na fé na terra e na essência da vida humana, da mesma forma como se ligará ao trabalho acadêmico o seu sucessor Natalino Mendes.

Por uma coincidência (ou não) a história de Francisco Mendes se uniu à minha quando, no início da carreira como professora efetiva do Estado, trabalhei na escola que, merecidamente, carrega o seu nome, no Bairro Boa Esperança, próximo à casa onde eu morava, à beira do histórico e, até então, piscoso rio Coxipó.

NATALINO FERREIRA MENDES: O PÁSSARO-POETA

Como último ocupante da Cadeira que dignificou Mendes Malheiros, Cavalcante de Melo e Francisco Mendes, Natalino Ferreira Mendes compõe, uma linha tênue que se liga pelos estudos da cultura mato-grossense, desta feita, elegendo a cidade natal como o lócus pelo qual acessou o mundo.

Desde *História de Cáceres: administração municipal* (1973 e 2009), passando por *Marco do Jauru* (1983), *Efemérides cacerenses* (1992), *Memória cacerense* (1998), *História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada* (2010), além de publicações avulsas e artigos veiculados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso²¹, Natalino Ferreira Mendes tece fatos e personagens da história, registrando e transcrevendo documentos dos arquivos públicos com os quais compôs seus escritos, tanto em formato de datas, quanto de crônicas, de narrativas históricas e poemas.

Pelas linhas mais interiores, do sertão nortista de Francisco Mendes à beira do caudaloso rio Paraguai de Natalino Mendes, até que ponto o sentido do trabalho intelectual vai significar paradigma de uma época e como se pode compreender o papel que esses homens exerceram na sociedade mato-grossense, tanto como cidadão empenhado, quanto como atuante membro de Instituições sociais a que pertenceram?

Natalino Ferreira Mendes, nasceu no dia 3 de janeiro de 1924, descendendo do humilde lar de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes, na bifurcação da Rua Pe. Casemiro, esquina com a Rua Treze, até ao Sangradouro, no Bairro Cavahada, como canta em versos:

*Nessa esquina, à direita da enxurrada,
construíra meu pai a nossa casa de morada.
Acordei para a vida
nesse ponto da cidade,
e os meus encantos de criança
eram a chuva copiosa
de verão
e o conseqüente escachoar
das águas correndo
impetuosas
barulhentas
por sobre o calçamento irregular
da ladeira de pedra
da rua Padre Casimiro
(MENDES, 2010, p. 14)²²*

Da periferia da cidade ao centro de formação da mentalidade mato-grossense, proliferou sua obra marcada pelas raias fronteiriças pelas quais compreendeu o sentido sócio-histórico e cultural do povo. Teve vida

21 Destacam-se alguns: “Cáceres: 200 anos” (Tomos CIX-CX, Ano L, p. 35-36, 1978); “Ao IHGMT” (Tomos CXIII-CXIV, Ano LII, p. 250, 1980); “Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres: homenagem ao fundador de Poconé”, por ocasião do bicentenário daquela cidade, 21/01/1981 (Jornal Equipe, Cuiabá, 25/01/1981 e na RIHGMT, Tomos CXV-CXVI, Ano LIII, p. 3-12, 1981); “D. Aquino: culto a Maria”. RIHGMT, Tomos CXXIII-CXXIV, Ano LVII, p. 32, 1985; “Sabinada: 150 anos”. RIHGMT, Tomos CXXIX-CXXX, Ano LX, p. 67, 1988; “Um marco na formação de Mato Grosso”. RIHGMT, Tomo CXLVI, Ano LXX, comemorativa aos 250 anos da Capitania de MT, p. 70, 1998.

22 MENDES, N. F. *Pássaro vim-vim: poesia da terra*. Cáceres-MT: Ed. UNEMAT, 2010.

longa e produtiva. Foi um raio de sol para a família, a cidade e para várias gerações de alunos. Foi também um desses homens de fé que convencem pela postura e pela coerência, que busca a unidade na diversidade de pensamentos. Ao falar da Cavallhada, o bairro mais antigo da cidade, da Ponte de Pedra, do sentido de uma cidade portuária para Mato Grosso, das raízes, costumes e ocupação do município, da contribuição de Cáceres para o cururu mato-grossense, encontra luzes que ajudam a esclarecer as posturas e a mentalidade do povo. “As expressões da cultura, presentes no viver da comunidade, dão espaço para novas expressões, vindas de fora, que chamam atenção pela forma e conteúdo, diferentes das nossas” (Cf. *Cururu*, 1998, inédito)²³.

Esse é o substrato com o qual adentrou a Casa Barão de Melgaço, por incentivo do amigo, na época vereador em Cáceres, Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho. Cuidou de elaborar o seu discurso de posse, ouvindo “repetirem-se no seu íntimo palavras de fogo do Senhor a Moisés, partidas da sarsa ardente: ‘Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa’”²⁴. Bebendo sua inspiração no livro que costumava ter à mão, bastou-lhe, como para Moisés, apenas a fé: bastou saber que o Senhor estaria com ele.

Professou a fé, somada ao húmus da terra que, mesclado ao destas terras cuiabanas, sabiamente engrandeceu sua obra e solidificou amizades, cujos frutos colhi em cada contato mantido com os ilustres acadêmicos desta Casa. Muitos deles, amigos de longa data que me sintetizaram sua personalidade: “a cultura domesticada pela humildade, pois a humildade no sábio não é qualidade, mas condição”²⁵. Ou ainda amigos mais jovens que passaram a admirá-lo: “elegante como pessoa e influente como intelectual”²⁶.

Pergunto se o exercício diuturno como diretor e professor do *Colégio Onze de Março*, que ajudou a fundar, juntamente com o também idealista Capitão Candido Nunes, do 2º Batalhão de Fronteira, aliado às extenuantes funções na administração municipal de Cáceres, moldou o seu caráter, a sua visão de mundo, a sua paixão pela terra?!

Nos lugares de memória que exploro é possível divisar imagens do homem público que exerceu a função de auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso; diretor e professor de português do *Instituto Onze de Março* e Secretário de Administração, de Educação e Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres, por mais de três décadas, sempre atento aos documentos com os quais se constituiu garimpador-de-acervo e autodidata. Pela pesquisa encontrou o sentido da própria existência, manteve-se firme na condição de pai e mestre para os 6 filhos, 13 netos e 10 bisnetos, muitos deles aqui presentes hoje. Apregoava a crença no homem e no mundo pela voz e pela pena, na ponta da qual surgiram os poemas de louvor à vida e à terra natal, como na *Lenda da Princesa do Paraguai*.

*Descia o rio dos Paiaguás
princesa linda das terras diamantinas
do alto Paraguai.
Vinha de longe, muito longe,
num airoso barco ornado
de Vitória-Régias...
- Seu nome ninguém sabe.*

*Encantada com a visão
das terras que se espraiam
desde o rio
até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai*

23 Palestra proferida na Academia Mato-Grossense de Letras, no dia 26 de maio de 1998.

24 Cf. Discurso de posse de Natalino Ferreira Mendes, p. 11.

25 Palavras do Ac. Benedito Pedro Dorileo em contato telefônico.

26 Palavras do Ac. Eduardo Mahon em contato via e-mail.

*graciosa curva descreve
antes de procurar o sul. [...]*

*Em êxtase ficou
voltada para o poente...
Alguns naturais correram
e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.*

*Assim nasceu Cáceres, a princesa do alto Paraguai.
(MENDES, 1993, p. 16)²⁷*

Presentifica-se, na epopeia romântica que funda a cidade, as raízes do fabulário, aliadas às fecundas pesquisas em documentos oficiais com que construiu a base da sua produção. Bebeu na fonte escorreita da escrita de Machado de Assis e D. Aquino Corrêa, autores que o acompanharam toda uma vida produtiva de leitura e reflexão.

O conjunto da obra o imortalizou em variados lugares de memória, como a Escola Professor Natalino Ferreira Mendes, os Auditórios da Fundação Cultural de Cáceres e da Faculdade do Pantanal/FAPAN; os trabalhos de pesquisa publicados nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e de Cáceres (IHGMT e IHGC) e na Academia Mato-Grossense de Letras/AML, nesta última atuante por 24 anos. Em todas as Instituições veiculou os escritos mais importantes sobre sua gente e sobre a História de Cáceres, cujos feitos cantou e contou nos gêneros da crônica e da poesia, como em *Memória cacerense*, *Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro vim-vim* (2010), sua última publicação em vida.

Entre a história e a *poiesis*, o discurso da/sobre a cidade exala o fascínio sobre os pioneiros, os símbolos perenes (e silenciosos) da memória e, principalmente, do povo e das riquezas culturais que produz. Hoje, revisitamos a história através das pesquisas que reverberam o verdadeiro sentido da imortalidade:

*Cedinho levantam-se elas
as lavadeiras
(da minha infância).
Preparam o 'quebra-torto'.
Das roupas a lavar
fazem trouxas,
munem-se de sabão, anil e porrete.
Tudo posto na bacia
- alvissareiras –
seguem para o rio
As lavadeiras.*

*Lá dividem-se em setores
no porto preferido:
- Furadinho
Malheiros
Fonseca
Dom Thomaz
Carne Seca.
(MENDES, 2010, p. 10)²⁸*

27 MENDES, N. F. *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra. Passo Fundo/RS: Ed. Pe. Berthier, 1993. Do pesquisador Edson Flávio Santos me vem a informação que o poema foi musicado pelo Grupo Raízes, de Cáceres.

28 MENDES, 2010, op. cit.

A poética, aliada à narrativa histórica, como escrevi no prefácio ao livro de poemas *Pássaro vim-vim*, e reproduzo em parte aqui, é chave que interpenetra palavras plurais, definindo certo tom de diálogo com a memória do leitor. Modulam as frequências do coração e profusões telúricas de modo que não é de saudade que fala, mas de resíduos de lembranças que estão coladas nos compassos da vida. Há, então, certa juventude eterna e irreprimível nos versos que brotam do canto do pássaro-poeta. Essa poesia é o cântico à natureza e à cidade. O lirismo empresta ao tom memorialista um novo matiz. Toda a memória com cheiro e cores de infância, reflete a alma de poeta romântico. Num desfilar de aves, cantos e rumores de lembranças remetem aos mais remotos pontos da cidade: na “ladeira de pedra”, no “beco das oliveiras”, na “capelinha em ruína”, no “campanário da matriz” onde Cecilinho comunicava vida e calor aos seus sinos. Evoca o que conhece e exalta, elegendo o motivo do seu canto. O poeta não quer apenas gravar a música do passado, mas sugerir-lhe o movimento, as sensações táteis e emotivas, todas testemunhas derradeiras da memória.

Como objetos desse poder linguístico estão a “mangureira deitada”, a vetusta piuveira do sangradouro, a draga fundeada no porto da Serraria Castrillon, o porto novo no velho ancoradouro do Fonseca, a Ilha de Cáceres, o Marco do Jauru, a Tapagem, o cumbaru de ouro, a casa da panela, o carro de bois, o vapor Etrúria, o lampareiro, o poaieiro, o pé-de-garrafa... filigranas delicadamente entrelaçadas, tecendo o curso da existência.

O universo todo cabe neste pedaço de chão do Pai Congo, do Padre Mira, da lavadeira Nhá Luiza, do Padre Paulo, do Silva Freire, do mano Nelson, todos, como o próprio poeta, transformados em estrelas.

O canto do pássaro, assim, é a respiração do universo e traz para o poema os mais diversos sons, nele imprimindo um tenaz e contínuo movimento – metáfora da vida e dos sentimentos. A poesia tem luz, som e movimento, mobilizando os sentidos. Existe um quadro, um concerto, fenômeno de interação entre o homem e o ato recriador, permeado pelo divino, como acreditava.

O que foram, então, os 87 anos de vida perante o tempo do universo...?! Diria o confrade/amigo Silva Freire, que o recebeu solenemente nesta Casa: “é chuisquinha, aspectos d’água sem punhos do tempo, pois não se tapa o passado, goteira-o por entre dentes”.

E é goteirando nos espaços simbólicos guardiões dos secretos motivos que unem as almas das pessoas, que se busca definir a existência (i)material de Natalino Ferreira Mendes.

Homem chão. Não viajava, pois se atravessasse a Ponte Marechal Rondon ou o Trevo de São Luiz, já sentia saudades. Permaneceu nos (des)limites do rio e no encontro de caminhos da entrada da cidade, forjado pelo *silêncio orgânico* das palavras. Fez do seu chão o sentido da busca da própria existência.

Por várias vezes foi homenageado com diplomas, comendas e mérito legislativo e acadêmico, sem nunca perder a natural simplicidade. Participou ativamente da vida na comunidade, contribuindo com a criação de várias instituições, dentre elas a APAE, o Hospital *O Bom Samaritano*, o IESC (embrião da UNEMAT), o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, dentre outras, seguindo a linha de Rubens de Mendonça da escrita da história do Brasil a partir das várias regiões culturais que compõem a sua imensa geografia.

Sua trajetória aqui atesta a “suavidade do meu caminho preparado por ele”²⁹. Plantou sementes que fecundaram amizade e admiração sinceras, sentidas em todos os que me receberam, ajudando-me a tecer estas memórias. Neles e em todos os que compõem o campo intelectual do Estado, temos configurado o quadro sistêmico da cultura brasileira produzida em Mato Grosso, para utilizar a sábia expressão do pesquisador Mário César Silva Leite, da UFMT³⁰ de cujo grupo de pesquisa tenho o prazer de participar.

Caminhando entre os atores sociais, é possível divisar, tanto a responsabilidade de que todos são revestidos, quanto o papel social a ser desempenhado, principalmente no tocante à socialização da produção encastelada nas Instituições, tarefa a que tenho me empenhado nos últimos anos e proponho implementar como associada desta Instituição. Não esquecendo, porém, dos valores básicos: a sincera amizade, a partilha e, principalmente, o desenvolvimento dos valores humanos que dignificam os homens e mulheres desta Casa, preocupados que estão, também, com “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”, como canta o poeta Drummond.

29 Referência sobre o Acadêmico, feita pela Confreira Elisabeth Madureira Siqueira.

30 O professor Mário é líder do atuante Grupo RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (UFMT/CNPq)

Descubro, então, entre o legado da memória oral e escrita do meu antecessor, quatro faces do seu labor intelectual: do cronista-historiador, do professor-pesquisador, do pássaro-poeta e do menino-mateiro. Todos forjados na rica experiência do lar paterno, no contato com a sala de aula e na administração pública, em cuja base corria a seiva do amor. Exercitava e pregava o maior e mais difícil dos mandamentos: “amar ao próximo como a si mesmo”. Ao final da vida fez surgir a figura do menino voltado para raízes morroqueanas. Na lida com a terra, de onde brotaram as flores que ornamentam esta cerimônia, Nas conversas com o boiadeiro e na contemplação muda do etéreo reafirmou a fé nos homens e compôs hinos de louvor à vida.

Além da morte

[...]

Da fronde de copada árvore,

Em cuja sombra estou,

Folhas caem.

Folhas verdes...

Uma após a outra vão caindo,

Sucumbindo.

Mas a árvore, essa é a mesma,

Viçosa, viridente,

Copa voltada para o firmamento,

Estuante de vida,

Esperançosa de frutos.

Na própria natureza uma lição!

O que interessa é a vida!

- Mas, que é a vida?

Ao discípulo que lhe pediu

Para ir primeiro enterrar o pai,

Jesus responde:

- “Segue-me e deixa os mortos

Sepultar seus mortos”.

Quem se ilude?

Jesus é a vida!

- Vida que não admite a morte,

Porque em Cristo ninguém morre.

(MENDES, 1993, p. 86)³¹

Das profundas origens brotaram o cantor da terra, o visionário e o educador em busca incansável da compreensão do mundo e da consciência do dom divino que a tudo governa. Da diuturna dedicação às leituras de documentos, a produção constante em prosa e verso que ficará para além de si mesmo.

Eis o homem e a sua obra por mim definível. Mas há outros construídos por outros olhares que estão sendo revisitados pelas pesquisas em seu acervo.

Caros Acadêmicos, distinta plateia.

Concluo este percurso de pesquisa e reflexão com o que ouvi do filósofo Bertrand Russell em entrevista veiculada nas redes sociais. Indagado sobre o que diria sobre a sua vida e as lições que aprendeu, para as gerações que assistissem ao vídeo daqui a mil anos, responde com dois recados: um intelectual e outro moral.

O conselho intelectual é este: quando você está estudando um assunto, ou considerando alguma filosofia, pergunte a si mesmo, somente: quais são os fatos? E qual é a verdade que os fatos revelam? Nunca se deixe divergir pelo que você gostaria de acreditar ou pelo que você acha que traria

31 MENDES, 1993, op. cit.

benefícios às crenças sociais se fosse acreditado. Olhe apenas e somente para quais são os fatos [...]. O conselho moral é muito simples: o amor é sábio, o ódio é tolo. Nesse mundo que está ficando mais interconectado, temos que aprender a tolerar uns aos outros, aceitar o fato de que algumas pessoas dizem coisas que não gostamos. Só podemos viver juntos dessa forma, se nós vivermos juntos e não morrermos juntos precisamos aprender a bondade da caridade e da tolerância. O que é absolutamente vital para a continuação da vida humana neste planeta.

O pouco que conseguimos conhecer e sentir de/sobre Natalino Ferreira Mendes nos mostra que estava no cultivo do recado moral do filósofo inglês, pois durante toda a vida soube cultivar o Amor, a bondade e a tolerância, herança da qual se orgulhava de ter deixado para os que vieram depois dele.

Minhas derradeiras palavras, enfim, são de gratidão e calorosa homenagem.

Aos meus amigos presentes (e ausentes), mas sempre irmanados; aos alunos, ex-alunos e orientandos, personificados no artista-pesquisador que me emprestou a voz na interpretação do poema-símbolo *Pássaro vim-vim*, o doutorando em Estudos Literários Edson Flávio Santos. Vocês constituem memórias perenes do meu aprendizado.

Aos familiares, aqui representados na figura da minha amada mãe, Olga, e meu tio-mestre, Furlan³², baluartes desta família, presentificando meu ausente pai, figura indecifrável na lembrança que acalenta nossa alma. Ele está aqui, em cada palavra e neste meu momento tão especialmente pensado por ele. Ecoa, ainda, em mim, o derradeiro recado de não perdermos o encantamento pelo mundo, tomando por empréstimo o olhar da criança, a capacidade de fascinação, de êxtase diante das pequenas coisas, da forma como fez.

Obrigada!

32 Fausto Furlan é pintor e cenógrafo de Oderzo/Itália (1927). Produz no Brasil desde 1951 e radicou-se na cidade de Campo Grande-MS.

☪ CADEIRA 16 ☪

Patrono:

ANTÔNIO AUGUSTO RAMIRO DE CARVALHO



Ocupantes

FRANKLIN CASSIANO DA SILVA

ULISSES CUIABANO

PADRE VANIR DELFINO CÉSAR

JOAQUIM AUGUSTO ALVES BASTOS

VALDON VARJÃO

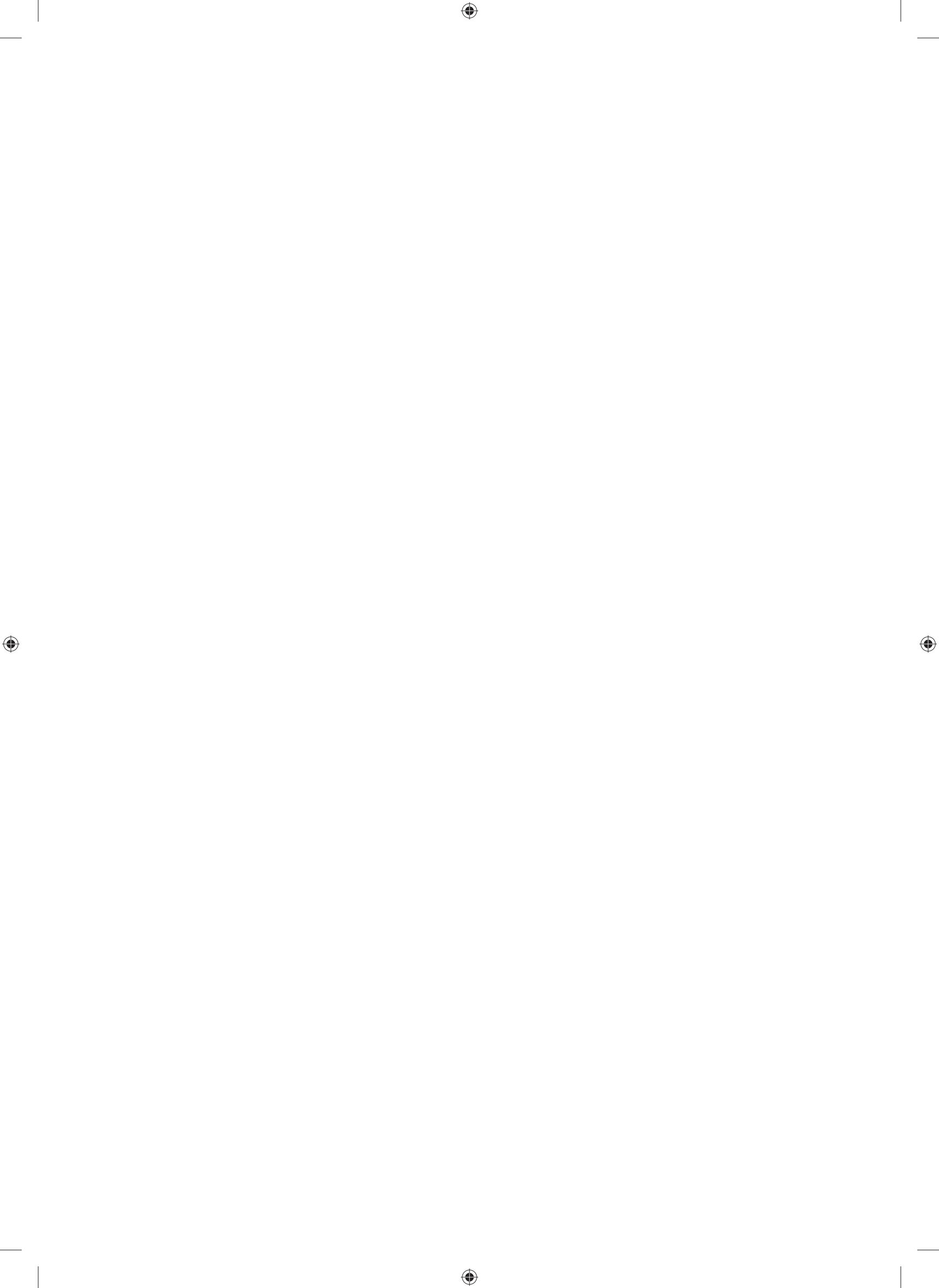
MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS



SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA
MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS

02.05.2015

- ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS, PELO ACADÊMICO EDUARDO MAHON
- DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS, PELA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE
- DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS



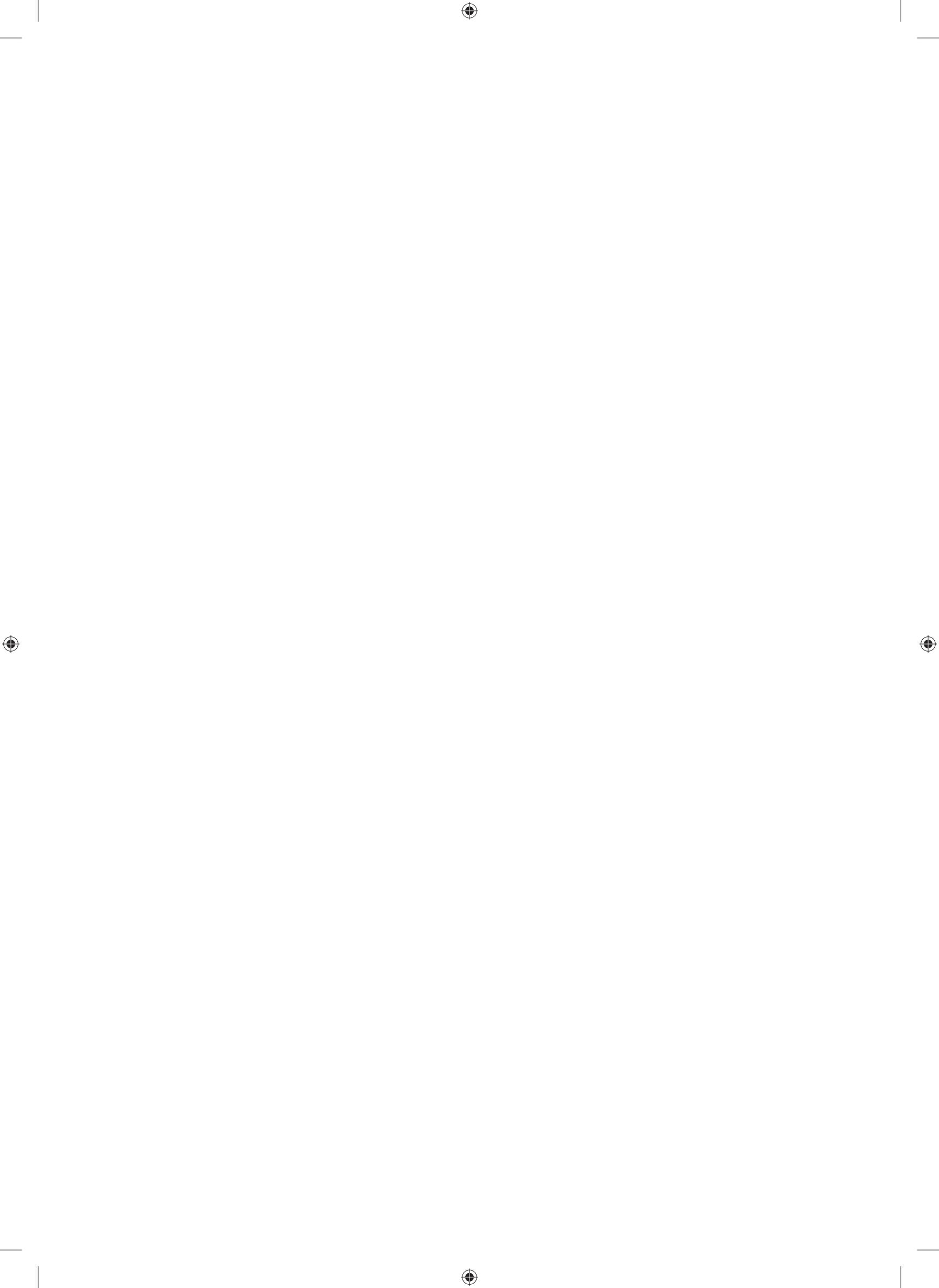
ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS, PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON

O tempo, representado pelo deus Cronos, é devorador. A luta de Zeus contra o pai é, em tudo, a figuração do esforço humano contra a força deletéria do tempo. Inventamos formas de lembrar e, portanto, de produzir cultura. As academias de letras também lutam pela memória, sem que para isso, deva haver um viés de conservadorismo. Com equilíbrio, é possível acolher, no seio do cânon literário, antropofagismos que nos motivem, nos transformem, mas não nos desrespeitem. É o caso, por exemplo, do sufrágio de Cristina Campos, sócia da antiga “academia dos mortais” antigo contraponto necessário e irreverente para a instituição que agora passa a integrar suas inquietudes amadurecidas.

As maneiras da nova acadêmica são avessas aos maneirismos. Admiradora da palavra leve, Cristina Campos formou-se e pós graduou-se na mentalidade irreverente de Wladimir Dias-Pino, um dos ícones do pós-modernismo sincrético: abstrato e concreto, geométrico e desconstrutivista, icônico, mas anti-academicista. Influências de Silva Freire e de Manoel de Barros formaram o espírito poético simples e libertário dessa irrequieta professora que nos escreveu, por ocasião da campanha: *“não sei quem sou/ só sei que sou/ e, entre não saber e ser/ vou/ borboleteando/ esboleteada/ por essa vereda,/ estrada/ que serpenteia sonhos/ e desemboca/ nonada”*. O inventário de talento da empossanda suplanta a prática da crítica da obra alheia para expor-se, ela mesma, à produção literária original, tornando-se, a um só tempo, estudiosa e objeto de estudo.

A prodigiosa mente de Cristina Campos é essencialmente reativa. Questiona, argumenta, critica, acredita no movimento contínuo da literatura que faz e refaz, gera e destrói, repara e deleta. Mesmo depois de entender o vai e vem dessas ondas, não se acomoda com as próprias conclusões num terreno palmilhado. Quando tudo está silencioso de desafios, ela sai borboleteando em busca de novas flores. Quem diria que pousaria pelas bandas da Academia Mato-Grossense de Letras? Por aqui não ficará parada, todavia. Agitará a Casa Barão de Melgaço polinizando-nos inspiração. Não importa o que há de vir, desde que venha. Dessa vez, as ondas nos trouxeram essa grande novidade.

O significado da escrita de Cristina Campos está no que a palavra diz textualmente e no que não diz, mas grita nas entrelinhas. É sempre necessária uma leitura dupla: daquilo que se vê e daquilo que brinca de esconde-esconde. Como exemplo, cito um haicai da nova colega, criado a partir de um diálogo eletrônico nosso com Marília Beatriz de Figueiredo Leite: *“poesia é bote/ espinha de peixe/ fisgada na glote”*. Não foi preciso nada mais para me paralisar com o genuíno talento dessa virtuose das letras responsável por origamis poéticos nas dobraduras menos convencionais. Reinvente-se e reinvente-nos, Cristina Campos. Seja bem-vinda ao eterno lembrar na Academia Mato-Grossense de Letras. Como ser lembrado, só depende de nós.



DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS, PELA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

É preciso saber como e por que certas coisas acontecem. Desde que aqui cheguei espetava Cristina Campos, provocando, estimulando para que a mesma começasse a pensar em fazer parte da grei Acadêmica. Como conheço um pouco essa criatura especialíssima, ela driblava cada hora com uma desculpa até que, no ano passado, percebi que ela estava desposando, a pouco e pouco, a ideia de aqui adentrar.

Das suas notas biográficas, destaco algumas coisas que julgo importantes. Nascida em São Paulo por acaso, é a mais apaixonada cuiabana. A maior parte de seus cursos realizou na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tendo sido minha destacada aluna nos cursos de Especialização em Semiótica e Semiótica da Cultura. Doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo, aposentou-se como professora do IFMT – Campus Cuiabá em 2013. Em todos os espaços pelos quais caminhou deixou sua marca identitária, seu signo. Tanto é assim que, em *Recado em Revista* (Seduc, set. 1997) lemos o seguinte: “Para Cristina, olhar para os lados e enxergar a própria realidade valeu a pena”.

Recebeu a Menção Honrosa da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Proler) e Fundação Biblioteca Nacional.

“Siá dona” (expressão que uso em sua homenagem, Cristina), chegou sua hora e com muita alegria faço esta chegada, pois você veio com as folhas de outono e sabendo da ordem daquelas flores, folhas e fauna que estão encerradas em sua *Conferência no Cerrado*, primor de livro infantil que, por seu saboroso texto e ilustrações, pode ser apreciado em qualquer idade. Há nele coisas como esta: “Dizem que a maldade do mundo inteiro não é suficiente para destruir um coração decidido”.

Quem não afeta o afeto, não consegue construir uma revista/jornal que é *Dazibao*. Creio que este jornal/ revista feito com as letras grandes – pois este é o significado da palavra chinesa *dazibao* – apoia o sentido da tessitura do terreno literário lá construído. Uma produção que derruba certas muralhas para assegurar a liberdade criadora da turma que envolve Cristina e, aqui, chamo o mentor de muitos de nós, Wladimir Dias Pino. Cristina Campos, derrubando as fortalezas e muralhas demasiado acadêmicas, ao produzir este aparato, lança *Dazibao* rumo à abóboda celeste. Cava a verdade como um poço. E perde a visão na imensidão das letras, palavras e imagens. Sabe muito mais daquilo tudo. E assim, porque houve o tempo do nascer de *Dazibao*, existiu o momento de falta desse jornalão (e que falta ele nos faz...).

A nossa novel acadêmica sabe escolher as sementes da terra literária, consegue construir no coração humano a vontade da leitura desejosa. A educadora edulcora, esmerilha. Realiza manufaturas, ao mesmo momento em que enseja a redenção do contemporâneo mais elaborado tecnologicamente. Cuida do tempo para gozar das coisas simples, percebe as dimensões dos emaranhados dizendo: “A complexidade não é apenas um conceito, mas um fato da vida”! Constata o espaço da criação e, com o mesmo rigor, aborda o solo da criatura. Percebe os relâmpagos que cortam os céus, mas também aprecia o tempo em que as águas correndo se vão reunir: *O semantismo das águas profundas*. Nesta obra, creio que a densidade fez morada, o estudo preciso, o olhar perfurante, o ouvido de agudos e graves colocado a serviço da pesquisa elabora texto dos mais preciosos que, conforme a Prof^ª Dr^ª Lúcia Helena Vendrúsculo Possari, brilhante docente da UFMT, afirma: “Este livro é uma metalinguagem do Pantanal mato-grossense. ‘Abençoada a garças’, a autora faz uma trajetória por caminhos diferenciados, preparando o leitor para os olhares, natureza, cultura e imaginário”.

Dele, retiro o seguinte trecho para mostrar a força: “Interessa, aqui, portanto, não o levantamento geral de arquétipos, mas a singularidade de sua apresentação [...]”. Para diante, ela sinaliza com imagens viso=verbais a proposta mais afetiva e efetiva da profundidade das águas, caracteres e meios pantaneiros. Fotos, poesias e textos signos do amálgama retratando o interno e o externo do Pantanal. Eis o tempo da

conquista unido à oportunidade da estabilidade quando a autora expressa, no final do livro: “Um diagrama não possui ponto final, e sim linhas de fuga”. Eis a habilidade do sábio quando tem consciência de que certos temas não se fecham; estão *in* presença eterna.

A ação da autora/pesquisadora/educadora/animadora é sempre de ordem a revelar e revelar aquilo que entende ser necessário ao conhecimento, porém não qualquer conhecimento, e sim o que vem acompanhado do crítico. Conhecimento crítico é aquele que, de algum modo, ata e desata nós do labirinto mental. Torna possível a aceitação dos desalinhados da sorte, como diria Wladimir Dias Pino: “Popularizar a cultura até o direito de uma carnavalização cuiabana” e com isso trazer os saberes para a redenção da Cuiabania. Perceber nos arabescos traços da pesquisa desta chegante a valia generosa encontrada no Silva Freire de *A japa e outros croni-contos cuiabanos*, que soa como uma sedução para atravessar as armadilhas encantadas. O chamamento que ela perpetra ao lançar o texto dos croni-contos enche de semiose a caminhada da leitura: mãos que vasculham as páginas em passeio que leva ao encontro de um homem múltiplo, *Freire*, que tem fome e sede das paisagens destas terras.

Assinalo que cada escrita de Cristina é como cristal em pedra; não há comodidade, as pontas são esperanças para lapidar. A pesquisa em Cristina é sinal de amor; não existe crença no sofrimento. Vejo a letra, pesco a palavra e encontro: “As gerações anciãs certamente ficarão emocionadas ao ler estas páginas que pescam/presentificam imagens do passado, numa rede nervosa e semovente de signos”. A palavra é gesto/gosto, pois em seguida ela manda: “A todos, boa degustação!”. Cristina penetrou em cada escritura de Silva Freire e, ao fazer nela morada, deu-lhe uma outra roupagem. Sinto que é como se ela ouvisse música das notas escrituradas na ‘Japa’. Ela encosta o ouvido nas palavras e ouve a voz de Freire. Assim é você, dona Cristina Campos: audaz, porque galga as montanhas e vai encontrar as especiarias para temperar o tecido textual. E não faz da paisagem do livro um show ou espetáculo. O livro é, pra você, principalmente domínio.

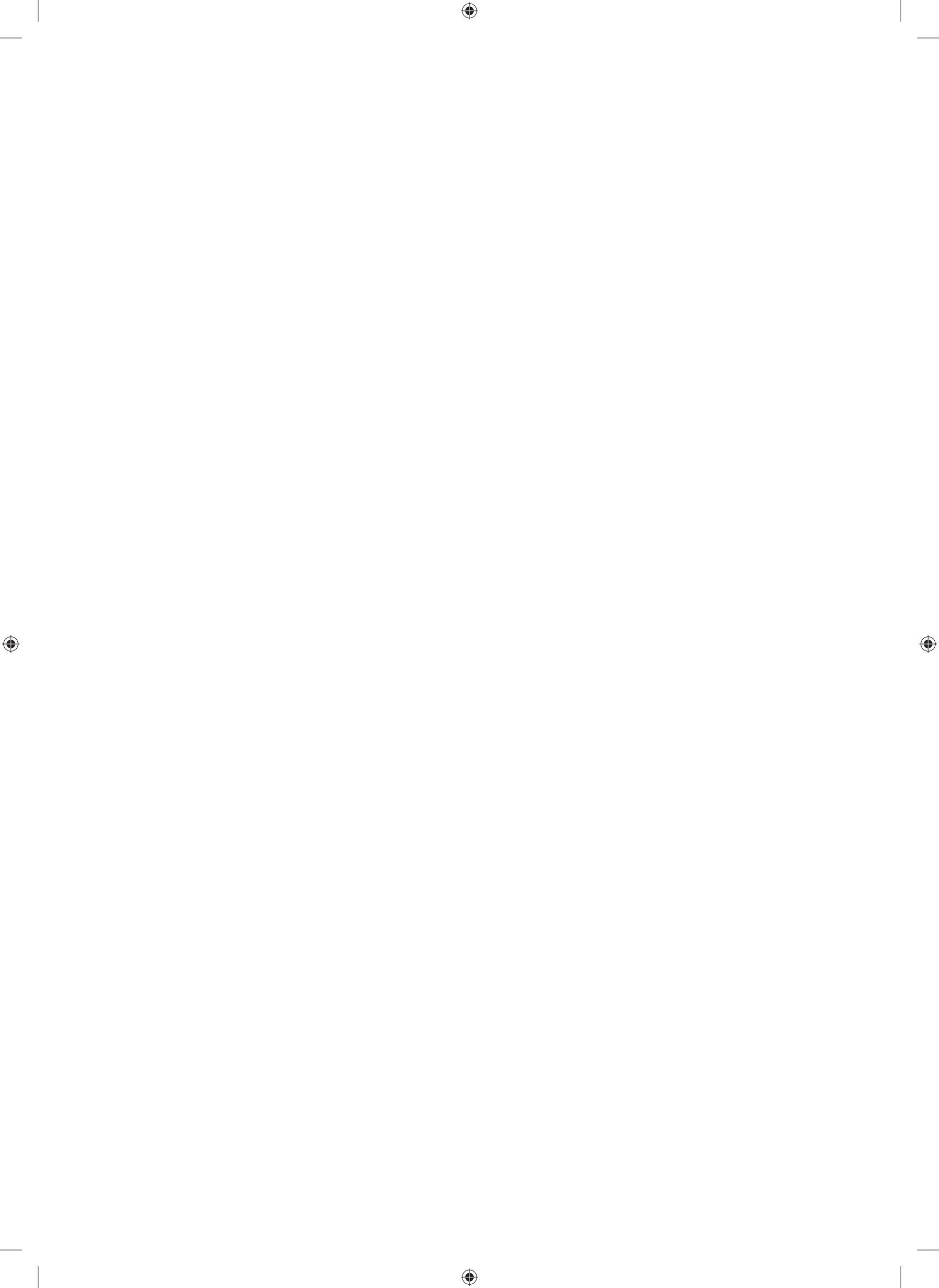
E se você chegou até lá em cima com a possibilidade de imantar palavras ou de solicitar planadores para criar figuras, sensações e sentimentos, é porque fugiu das topadas com as coisas insípidas. Cuiabá em você e para você e de você é algo que reluz e faz de sua substância a essência da letra. Letra que não é liteira, não descansa, pois anda na beira das experiências dos melaços, furrundus, rua de Baixo, rua do Meio e rua de Cima. Letra que jorra canções e melodias mostrando sua forte generosidade com a nossa terra, com todos os causos e coisas: “Cresci em uma chácara paradisíaca às margens do rio Coxipó da Ponte – o sítio do Pica-pau Amarelo da minha infância. Numa Cuiabá de outro tempo, que gradualmente se apaga sob o rolo compressor de um sistema perverso”. Desse jeito macio/forte você sinalizou na carta em que fez sua apresentação para adentrar nesta instituição. Carta com a qual você mostrou seus signos de cuiabanidade. Lugar em que você estabelece sua semelhança com o ambiente citadino. Apesar de derrubar muralhas para afirmar a liberdade, você aponta a abertura do espaço celeste estrelado. É Cristina Campos quem conta: “As águas eram transparentes a ponto de me hipnotizar olhando as pedras...”. Eis aqui um tipo de angústia poética criadora. Ela resolve construir seu espaço citadino no coração viajor. E assim ela escolhe, entre as andanças, sementes qualificadas e vibra com a preferência acolhida. Não ouve a voz insensata, pois, se ouvir, vai esbarrar no espaço dilapidado, com os tesouros inexplorados e com comodidades perdidas por ócio. Sabe que é necessário demolir coisas inúteis e acertar locais que dificultam o caminhar! Desse modo, entende que o homem é livre, o homem é da Praça Pública. Ela, enquanto feitora de sonhos/estudos, cria palácio que é favorável ao pantaneiro poeta. Um palácio em que ela exclama: “É necessário, por parte do pesquisador-colecionador de imagens, o desenvolvimento de um certo *feeling* para se enveredar pelo exercício de uma ciência do Imaginário”. Dessa dicção entendo que a nossa Maria Cristina de Aguiar Campos está consciente de que todo exercício é uma vivência à espera. Um porvir desejado é certo que pode chegar a se realizar. Por ser possível satisfazer o desejo, tal *enveredar* é a esperança que inclui gozo. Em certo experimento, tal *feeling* é um gozo sempre mixado com turvações.

O Homem da Praça Pública, o poeta/coisa pantaneira: *Manoel de Barros – O demiurgo das terras encharcadas – Educação pela vivência do chão* – é mais uma prosa tessitura que enfrenta segmentos que dão força e estatuto a coisa como esta: “Pode-se afirmar que a obra de Manoel de Barros é a tradução da fidelidade a um elemento combinado: o chão encharcado do Pantanal Mato-grossense”.

Força de estatuto é o traço de quem institui, no nome *do poeta*, a armadilha em que o homem é o que é e o que exprime mais além. O trabalho com as nominatas demonstra o apreço e o limite de rigor da pesqui-

sadora em sua pesquisa/escritura. Há um quê de cartorial em certos elementos que ressaltam de *O demiurgo das terras encharcadas*. Cartorial sim, porque não é uma pesquisa simples. Ela mesma registra: “O objeto ‘aparece’ porque o indivíduo nele se reconhece”. Cartório é o lugar em que se arquivam documentos, local em que se realiza, enfim, exato ambiente percorrido por Cristina. Interessa ao modo como ela expõe seus resultados que eles sejam reconhecidos como autênticos. E esse é o jeito de enobrecer tanto sua fortuna conceitual quanto o cabedal crítico.

Não vim aqui, minha prezada Maria Cristina de Aguiar Campos, fazer a leitura aprofundada do seu trabalho. Estou aqui para realizar sua recepção, pois falar da excelência dos seus trabalhos outros já fizeram e, mais adiante, ainda melhor farão. Receber, pelo que entendo, é demonstrar que, quando você chega, a casa está com as portas abertas, conforme você constata. Dizer com toda emoção que agora você se encontra implantada num ambiente dentro do qual há de atuar. Sua existência aqui tem o sentido de ser dádiva de amor desse ser que vai e que transformará este chão, esta Casa Barão de Melgaço, num estar no mundo cordialmente. Desse modo, Cristina Campos, sua assunção neste *locus* não é uma obrigação contraída em troca de determinada contrapartida vantajosa, nem de nenhum convênio benéfico, até porque não gozamos de benesse alguma. Somos carentes de recursos financeiros. Nossos recursos são a cultura e as letras com nosso empenho, nosso espírito, nossa garra e a vontade de crescer. Você chega num momento de troca de direção nesta instituição. Vai embora uma direção marcante e revolucionária, que tem à frente Eduardo Mahon acompanhado por outros tantos confrades e, quem sabe, a novel gestão, mais que nunca, precisará de seu reconhecido esforço. Portanto, há compromissos inarredáveis. Inarredável a menos, senhoras e senhores, confrades e confradeiras, que queiramos escapar de nossa concreta circunstância da edificação da casa que pertencerá sempre aos signos de Mato Grosso. Aqui estamos todos com a nossa subjetividade para lançar à contemporânea intersubjetividade e trazer à publicidade a comunidade amorosa. São visões inatas do que temos que alevantar solidariamente unidas à noção do ser. E valho para tanto de seu texto: “Os novos paradigmas científicos afirmam justamente que o estudo da vida deve ser feito buscando ver o mundo como um todo integrado em infinitas associações”. Importa dizer que há um mistério do qual não podemos fugir. Muitas vezes, tal mistério espande na magia da expressão. O fim de toda instância comunitária, da consciência, é exprimir o que é, porém a expressão é trabalho difícil, lento e labiríntico. O que a Prof^a Cristina faz e fez em *O falar cuiabano* foi muito mais do que expressar o que ela construiu; carregou a significação desse dizer. Ela significou a quem, de certa forma, já conhece: “Aceitei o desafio do convite para produzir este livro sobre o falar cuiabano, direcionado aos professores e jovens alunos da rede pública de ensino, porque entendo ser extremamente importante fomentar o amor e o respeito para com as culturas que tendem a ser absorvidas no processo irracional de (des)envolvimento que se dá em diversas partes do mundo”. Contundência de quem tem como prêmio amar esta terra. A escrita da autora é de ordem a envergar o vocábulo, arrumar as falações com seiva e progredir rumo ao tronco alimentício. Falar é alimento do povo; enquanto o silêncio ressurgente no rosto calmo e sério da chegada que dimensiona e não abre mão do patrimônio de seus traços, de sua herança e da vida que produz metamorfose. Sábia Cristina, a verdade em você e para você é: *Tudo aquilo que não tem ascensão ou passagem não tem sentido nenhum*. E, sendo assim, peço a você, minha querida ex-aluna, que envaidece sua velha professora, *continue sua escala sem repousar, porque aqui você fará mil planadores e enxergará os cantos que precisamos enriquecer*. Essa é a sua história: planar e lançar seus atributos na imensidão entesourada das cercanias de suas variadas moradas: Universitário, Chapada e agora Academia Mato-grossense de Letras! Que todas as divindades e os bons eflúvios acolham você com esta fala do pensador Gadamer: “[...] nenhum texto, como também nenhum livro, fala se não falar a linguagem do outro”. Coloque em seu coração a Casa Barão de Melgaço e seja feliz em nossa Academia!



DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS

Eu agradeço ao Deus e à Deusa onipresentes em cada um de nós.

Agradeço aos senhores acadêmicos pela confiança em mim depositada para compor com eles este soldado, e também pelo carinho com que me receberam.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe aqui presente, pela educação que recebi e pelo convívio que possibilitou que me tornasse quem eu sou.

Agradeço a todos os amigos/parceiros que, direta ou indiretamente, colaboraram para que esta noite acontecesse, num verdadeiro “muxirum”, alegre e descontraído; se fosse nomeá-los, correria o risco imperdoável de omitir algum nome e tomaria quase todo o tempo desta fala. A todos, muito grata e um grande beijo no coração de vocês.

Por que eu me candidatei à Academia Mato-grossense de Letras?

Aposentei-me do magistério em 2013, o que criou um tempo/espço em minha vida, de produção inclusive. Antes, convivia semanalmente com centenas de pessoas, entre alunos e colegas, e depois passei a ficar mais em casa, dedicando-me à Literatura: pesquisa da produção do Intensivismo em Mato Grosso; da obra inédita do escritor Ricardo Guilherme Dicke, a qual espero ainda conseguir publicar; e à minha própria produção poética.

Destaco que, antes, eu (como muitos outros) via a Academia assim como um casarão antigo, de portas fechadas, pelo qual passava diariamente, em visível decadência por sofrer as intempéries do clima e a ação da passagem do tempo, sem conexão com a sociedade – mais ou menos a Castália, do Herman Hesse, em *O jogo das contas de vidro*. No entanto, ultimamente, as coisas por aqui vêm se transformando num sentido positivo (é importante reconhecer o trabalho da atual gestão) e antevejo a possibilidade de convivência com um grupo de intelectuais que possuem o saber e a energia positiva necessários para produzir e oferecer suporte a ações/intervenções relacionadas à Cultura e à Literatura de Mato Grosso.

Antes de iniciar a apresentação de meus predecessores na Cadeira nº 16 desta Academia Mato-grossense de Letras (AML), farei algumas rápidas considerações:

Alguns dias atrás, na Universidade Federal de Mato Grosso, assisti a uma palestra do Prof. Dr. Renato Ferracini, da Unicamp. Suas palavras repercutiram fundo em mim, de modo que decidi desterritorializar alguns conceitos por ele trabalhados e costurar com outros, a fim de situar o olhar com que considero a produção literária mato-grossense.

A partir dos filósofos Spinoza e Deleuze, Ferracini estabeleceu a distinção entre *corpo como instrumento* e *corpo pensante*. Considerar o corpo como instrumento é um legado cartesiano: “*Cogito, ergo sum*”, ou seja, “penso, logo existo”, então, a partir desta máxima, a mente comanda o corpo que, como uma ferramenta, simplesmente obedece, numa reação mecânica. É a noção de corpo com a qual convivemos, pois está instituída em nossa cultura ocidental e capitalista há séculos.

À ideia de corpo como instrumento, o professor contrapõe a noção de *corpo pensante*. Para Spinoza, o corpo é composto de partes que se relacionam. O tipo de conexão estabelece as singularidades. Ainda para este filósofo, *alegria* é quando dois ou mais corpos se encontram e, a partir da relação estabelecida entre eles, ocorre uma expansão, um ganho energético em ambos, ou seja, um salto quântico. Para Ferracini, que também é ator, durante a preparação e a *performance* do seu grupo num espetáculo teatral, o que importa é que os artistas, entre si e com o público, consigam produzir esta *alegria*. A fim de conseguir esta mágica, eles dedicam suas vidas a uma série de exercícios para se colocarem integralmente no presente, no aqui-agora.

O encontro de pessoas para criar uma obra de arte e o encontro de qualquer sujeito com uma obra de arte pode (e deve) produzir essa *alegria*, ou seja, a função da obra de arte é expandir o nível de consciência dos envolvidos. Esse é o primeiro ponto que quero destacar em minha fala.

Outra coisa importante que quero mencionar é que nós, profissionais da área de Letras, transitamos por diversos conceitos de Literatura, desde aquele que considera qualquer produção escrita, o registro de

um sujeito em uma determinada sociedade e período histórico, como literatura; passando pela literatura engajada, que valoriza apenas os escritos que denunciam as injustiças e assimetrias sociais, desconsiderando o que denomina “produção alienada”, por mais bem escrita que possa se apresentar; até aquela que concebe a Literatura como uma das sete Artes, ou seja, como o exercício de expressão mais difícil que o ser humano consegue produzir, chegando a adentrar na esfera mítica da Beleza, e a ser, inclusive, profética, porque antecipa possibilidades de devires... Uma obra de arte neste nível, sem dúvida, deveria provocar a *alegria* mencionada anteriormente, porque toca profundamente a alma humana, mesmo que as pessoas não saibam o porquê.

Desde os anos 1990, dedico minhas pesquisas à cultura mato-grossense, especialmente à Baixada Cuiabana, e à Literatura produzida no Estado. Interessa-me sobremaneira o registro da vida na Cuiabá antiga de meus avós, de meus pais, de minha infância. Isso porque Mato Grosso é (ainda) um Estado de tradição oral e, a partir da política de (des)envolvimento aqui implantada, destacadamente nos anos 1970, com a vinda massiva de migrantes, e 1990, com o agronegócio, espaços tradicionais vêm sendo *deletados* e modos seculares de vida substituídos por algo brutal e nocivo. É importante que seja feito o registro de nossa consciência sobre o que foi (e ainda é, em alguns espaços) a tradição local. Nos textos que encontro, busco as imagens poéticas e simbólicas que os autores constroem e também os mitos e arquétipos a elas subjacentes significativos para o imaginário do artista e da nossa cultura, pois se trata do inconsciente, pessoal e coletivo.

Feitas essas considerações, esclareço que, quando leio os autores mato-grossenses, busco enxergar a terra e as pessoas que ali se inserem no ato daquela escrita, esteja o texto no nível de mero registro ou no literário.

O público brasileiro em geral identificou-se tanto com as estéticas do Romantismo e do Parnasianismo que, quando veio o Modernismo com sua quebra de paradigma, foi um choque. A história da Semana de Arte Moderna, em 1922, é um exemplo que todos conhecem. Na Europa, o Simbolismo teve uma grande força preparatória, exerceu a transição para os experimentalismos de vanguarda. Em virtude de seu relativo insulamento, em Mato Grosso, esse gosto se estendeu por mais tempo: em 1948, a Festa dos Novos, promovida por Wladimir Dias Pino e os poetas do Intensivismo, é que inaugurou a ruptura com o cânone anterior, instituído e liderado por Dom Aquino e José de Mesquita. Então, o gosto pelo soneto, odes e trovas de conteúdo romântico-parnasiano persistiu e, até hoje, ecoa nas produções de alguns escritores.

Do final do século XIX até, pelo menos, os anos 1960, a trajetória dos jovens mato-grossenses, notadamente das elites, era: faziam faculdade fora (sobretudo de Direito), principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, voltavam a Cuiabá e ocupavam cargos públicos, porque havia uma carência de pessoas qualificadas para isso. Compunham sonetos românticos elogiando “moçoilas casadoiras”, filhas de “gente de nome”, casavam-se com elas e se estabeleciam definitivamente no poder, pelo sobrenome e cargo. Alguns – uma minoria – se tornavam padres, o que também era um caminho para a escolarização e o poder.

BREVE HISTÓRICO DA CADEIRA Nº 16

Houve, inicialmente, 12 idealizadores do Centro Mato-Grossense de Letras, os quais escolheram mais 12 membros, considerados efetivos, e, juntos, fundaram o referido Centro, em 07.07.1921. Esta Cadeira nº 16 então recebeu o número 20. Em 1940, quando a elas foram acrescidas mais seis, elevando o seu número a 30, ela recebeu o nº 10. Em 1944, a fim de se equiparar às normas da Academia Brasileira de Letras que, por sua vez, se espelhava na Academia francesa, ampliaram o número de Cadeiras para 40, quando ela finalmente recebeu o nº 16.

Contando com o patrono, sou o sétimo nome da Cadeira 16 (1 + 6 = 7). Ocorreu-me que:

*O sete
encerra
um ciclo
em si.*

O sétimo raio – o violeta – simboliza a transmutação, o fechamento de um ciclo e quiçá, neste caso, a energia necessária para que algumas mudanças se processem: a responsabilidade é grande. Que o ciclo não se feche em si mesmo, mas se abra numa grande espiral!

Feitas essas considerações preliminares, passo a apresentar os nomes que me antecederam na Cadeira nº 16 da AML, a começar pelo seu patrono:

ANTÔNIO AUGUSTO RAMIRO DE CARVALHO

Nasceu em Cuiabá, no dia 28.12.1833. Estudou aqui mesmo e optou, inicialmente, pela carreira militar, a qual abandonou, integrando serviço público no quadro da Tesouraria de Fazenda, onde chegou a ocupar o cargo de Inspetor.

Como poeta, explorava a sátira, através de quadras em redondilhas maiores, nas quais registrava acontecimentos, zombava de personalidades de destaque e políticos da época. Para nós, hoje, a sua produção lembra um achado arqueológico, que demanda uma pesquisa de época para sua decifração.

Franklin Cassiano analisa-a assim:

A bagagem literária de Ramiro, na poesia, é bem pequena e, como versos de oportunidade que são, estão naturalmente condenados ao esquecimento. Com o seu talento e atuando num meio onde o intercâmbio intelectual fosse maior, é de crer que a sua lira se afinasse no diapasão dos maiores satíricos contemporâneos.

No entanto, ele se projetou como jornalista. Monarquista, defendia o ideário do partido Conservador. Em Mato Grosso, colaborava com o jornal *A Situação e 15 de Novembro*; fundou as folhas humorísticas *Dunda e Pega Onça*. A sua arma foi a polêmica. “Polemista vibrante e irônico, acorrentava o seu contendor no segredo de sua lógica tão simples, tão natural, quão espontânea e convincente. À sisudez austera das discussões doutrinárias, preferia nas suas polêmicas a ironia, a galhofa chocarreira que levava ao ridículo o adversário, fazendo rir os leitores” (ibid.). Compunha mordazes quadras.

Dedicou-se à carreira política: foi presidente da Câmara Municipal de Cuiabá, Deputado por duas legislaturas e, por duas vezes, presidente substituto da Província de Mato Grosso.

Faleceu em Cuiabá, em 02.11.1891, com 58 anos de idade.

FRANKLIN CASSIANO DA SILVA

Nasceu em Corumbá, em 01.05.1891. Perdeu cedo os pais e, junto com dois irmãos, passou a viver com os tios. Anos depois, Franklin mudou-se para Cuiabá, residindo na casa do irmão de Ulisses Cuiabano, Luís Pereira Cuiabano. Nesse período, Franklin e Ulisses conviveram intensamente, iniciando, nas palavras de Ulisses, uma “indissolúvel e cordial união durante dilatados anos”. Estudou no Liceu Cuiabano e foi estudante de Direito. Também foi membro do Instituto Histórico de Mato Grosso; professor, poeta, teatrólogo e jornalista.

Ingressou no magistério em 1912, como professor primário, servindo de adjunto da Escola Modelo anexa à Normal Pedro Celestino, em Cuiabá. Foi designado depois para auxiliar da Diretoria da mesma escola. Dirigiu os grupos escolares de Miranda e Senador Azeredo, em Cuiabá, de onde saiu para dirigir o Departamento de Instrução Pública do Estado. Era professor de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal, e de Psicologia e Lógica, do Curso Complementar anexo ao Liceu Cuiabano.

Muitas de suas peças teatrais foram encenadas por alunos e atores amadores, portanto já trabalhava com Arte-Educação no início do século XX.

Publicou *Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato-Grosso* (Calhao e Filho, 1921), também publicado no livro *Do falar cuiabano*, de Maria Francelina Ibrahim Drummond, obra que compôs a série Cadernos Cuiabanos, editados em 1978 pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, além de muitos versos esparsos. Colaborou com vários jornais e revistas do Estado, como *A Imprensa*, *O Mato-Grosso*, *A Liça*, *A Violeta*, *O Revérbero*, *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Democrata*, e outras folhas locais. Usava os pseudônimos Amilcar Santos, Aluizio Dinarte e, como Herodes de Souza, compunha poesias humorísticas de fina crítica, publicadas principalmente em *A Liça*, o que lhe rendeu desafetos. Também participou ativamente da confecção da *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*.

Suas poesias estão reunidas no livro ainda inédito *Crisálidas*, organizado em 1940, em posse de sua família.

A produção poética de Franklin Cassiano enquadra-se na estética do Romantismo e é composta, predominantemente, de sonetos; encontram-se também poesias em redondilhas. Cassiano fala muito de amor e enaltece a natureza, associando-a a estados d'alma; apresenta uma visão pessimista quando o assunto é o ser humano e a vida social, o que caracteriza o mal do século, presente na terceira fase do Romantismo.

OLHOS VERDES

Jun. 1911

*Olhos verdes que me encantastes tanto,
infiltrando em meu peito a luz de amores;
derramai sobre mim o brilho santo,
que possuis. Apagai as minhas dores!*

*Quando vos vejo belos, tentadores,
fico contente e, como por encanto,
evolam do meu peito os amargores
e dos meus olhos seca o triste pranto!...*

*Senhora dona desses dois primores,
faróis brilhantes que, nos meus horrores,
livram-me sempre de cruéis abrolhos!...*

*Fitai-me ao menos uma vez ainda,
matai, oh virgem, esta paixão infinda,
deixai que eu ame vossos verdes olhos!...*

CHUVA

Nov. 1911

*E a chuva não passa. Que tormento!
Ansioso espero,... desespero e nada...
Fumo. E minh'alma voa apaixonada
onde voa meu louco pensamento...*

*Cismo... E a cismar fico um momento...
E a chuva não passa, que maçada!
Fumo e cismo... A resposta desejada,
como custa a chegar, triste eu lamento!...*

*Espero ainda... E o temporal não passa!...
Em nada mais eu acho aquela graça
que outrora achava e me trazia calma...*

*E ao bater da chuva na calçada,
sinto deveras, minha doce amada,
uma chuva de espinhos em minh'alma...*

No teatro, segundo Ulisses Cuiabano, produziu:

- 1918 – *Progresso na zona*;
- 1920 – *Cá entre nós* – em parceria com Ulisses Cuiabano, a peça foi musicada por Zulmira Canavarros;
- 1924 – *Quero i lá pro mato* – com a colaboração musical de Zulmira Canavarros;
- 1926 – *Nhô Chico foi barrado* – em parceria com Maneco Cuiabano;
- *Cuiabá por Dentro*;
- 1931 – *Baile na Goiabeira*.

Toda a sua obra permanece inédita. As pessoas desconhecem a autoria de algumas de suas canções, que se tornaram populares.

Franklin Cassiano faleceu no dia 09.06.1940.

ULISSES CUIABANO

Nasceu em Cuiabá. Bacharelou-se em Ciências e Letras, pelo Liceu Cuiabano. Muito amigo de Franklin Cassiano, compartilhou com ele a trajetória de professor, jornalista, poeta e teatrólogo. Sobre esse companheirismo, no seu discurso de recepção na AML, Francisco Mendes afirmou:

Se é certo que a amizade, essa fina flor do sentimento humano, constitui o elo verdadeiro que estreita as almas que integram as sociedades, não é menos certo que ela é a própria substância que forma a argamassa com que se alicerçam as inteligências, que cimenta a união dos espíritos que intelectualmente se estimam.

Como professor, trabalhou em várias escolas, ocupando o cargo de diretor de um grupo escolar em Rosário Oeste e da escola Senador Azeredo, em Cuiabá.

Como jornalista, colaborou com vários periódicos mato-grossenses como: *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Neophito*, *A Reação*, *A Violeta*, entre outros.

Como era de praxe na época, sua produção poética era divulgada nos jornais. O livro inédito *Grupiaras*, concluído em 1950, encontra-se em posse de sua família, ainda à espera de ser publicado.

A poesia de Ulisses Cuiabano possui alguns tons distintivos dos seus contemporâneos: ainda que uma parte de sua produção comungue com o ideário romântico-parnasiano instituído, com obras que falam de amor, textos descritivos de árvores e da natureza com lições comparativas de moral, ufanismo, presença de pessimismo, ele faz um interessante registro das paisagens e das lendas mato-grossenses. Francisco Ferreira Mendes afirma: “[...] as vossas produções têm um colorido vivo, que realça, que entusiasma, que sugestiona pela singeleza, que são o encanto que traduz os painéis simbólicos do regionalismo mato-grossense”. O que, arrisco afirmar, o insere já na produção do Modernismo, especialmente do Neonaturalismo Regionalista da segunda geração, que é um desdobramento do Romantismo, esse olhar sobre as singularidades locais. Esclarece belamente Ferreira Mendes:

É que tivestes contato com o sertão de nossa terra e essa influência agiu naturalmente no vosso espírito.

Dormistes muita vez em pousos ao relento, à sombra gasalhosa dos timbosais, nas cabeceiras dos veios sem par de nossa terra: respirastes a pureza oxigênica do ar, umedecido com o sereno, fecundado pelas essências balsâmicas que se volatilizam das mimosas passifloras sertanejas; ouvistes a cantiga singela e melodiosa da simples gente do sertão, e a vossa alma de poeta se enlevou no sublime simbolismo dessas cenas tão rubras de lirismo pátrio, que as toadas sertanejas, somente elas, na sua plangência sonora, sabem comunicar aos corações.

E afigura-se-me, na fantasia, passar por vossa mente aqueles quadros tão originais dos sertões mato-grossenses, quando a *hevea-brasiliensis*, então no esplendor da sua pujança, acenava para o mundo a sua munificência – o entrecruzar nas campinas viridentes, nas várzeas matizadas, nos cerrados entrelaçados de lianas, ou nos capoeirões gigantescos, dos lotes de tropas, tangidos pelos meandros sinuosos, conduzindo o rico produto que a imprevidência do tempo e a displicência inconfessável dos homens deixaram tombar na mais desoladora das crises, que haveriam de ferir a economia nacional.

Evoca-me à memória esse cenário rústico, tão peculiar à nossa selva, a clarinada dos pássaros, o esfuzio de insetos num roçar intermitente de élitros, o bimbalar festivo dos cincerros, num contínuo, ensurdecido ruído, enchendo a natureza de harmonias, em que imperava com uma nota mística de saudade a cantiga dolente dos tropeiros, perpetuando a vida nessa policromia encantadora de sublime poesia.

Tive a grata surpresa de encontrar em *Grupiaras* uma narrativa estruturada em sete sonetos de versos decassílabos falando do encontro de um poaieiro, Venâncio, com o temível Pé de Garrafa.

Como exemplo de sua rica produção, deixo registrado o seguinte soneto, que me remete à infância povoada de histórias sobrenaturais, muitas de ambiência cristã medieval:

LENDA DO RIO ABAIXO

*Conta a lenda que em noite albente de luar
um rude canoeiro, a sós, pescando à vara,
de muito “peso” estava e inda nada apanhara,
apesar dos ardis que sabia empregar.*

*“Inda que seja o diabo agora hei de apanhar!”
disse o caboclo, iscando o anzol, e mal jogara
a linhada ao perau, esta logo esticara,
puxada por um peixe enorme e não vulgar.*

*A luta foi tremenda e fatigante a empresa,
até que enfim o bravo e rijo pescador
conseguiu tirar d’água a desejada presa.*

*Hoje vive o caboclo inteiramente gira,
pois fisgara no anzol a própria mãe, que horror!,
por um castigo atroz que o diabo lhe infligira.*

Creio que uma importante Missão que a Academia Mato-grossense de Letras deve abraçar é publicar as obras de nossos autores que se encontram no seio das famílias, muitas se desmanchando nas mãos de quem as manuseia por conta da ação implacável do tempo, a exemplo de *Crisálidas*, de Franklin Cassiano, e *Grupiaras*, de Ulisses Cuiabano. Que se construam parcerias com o governo do Estado, prefeituras, editoras qualificadas e que os empresários também se sensibilizem e colaborem.

Ulisses Cuiabano faleceu a 26.04.1951.

PADRE VANIR DELFINO CÉSAR

Nasceu em Cuiabá, a 26.08.1922. Estudou no ginásio do Liceu Salesiano São Gonçalo. Em 1942, concluiu o curso pré-jurídico no colégio Estadual. De 1941 a 1943, foi funcionário do Ipase e IAPI. Cursos faculdade no Estudantado Filosófico São Joaquim de Lorena, em São Paulo, concluindo-a em 1942. Em 1952, matriculou-se na faculdade de Teologia (PUC-SP), onde concluiu seus estudos.

Exerceu o magistério em diversas cidades do interior de São Paulo, e retornou a Cuiabá tornando-se diretor da rádio Cultura.

Publicou várias poesias em periódicos mato-grossenses.

Foi vice-presidente da AML por dois mandatos, e presidente de 1969 a 1973, ano em que faleceu.

JOAQUIM AUGUSTO ALVES BASTOS

Nasceu em Cuiabá, a 09.09.1900. Iniciou aqui seus estudos, mudando-se posteriormente para o Rio de Janeiro, onde se dedicou à vida militar, chegando ao posto de general. Nas obras *Palmo a palmo* e *Encontro com o tempo*, registrou momentos marcantes de sua carreira e suas ideias sobre os principais momentos da vida política brasileira.

VALDON VARJÃO

Nasceu em 15.12.1923 em Cariús-CE, descendendo de Manoel Cardoso Varjão e Maria Olímpia Varjão.

Foi garimpeiro, comerciante, agropecuarista, tabelião, contador, escritor (poeta e jornalista) e político (vereador e prefeito em Barra do Garças, deputado estadual, deputado federal, senador da República. Em 2004, ocupou o cargo de Secretário Municipal de Cultura de Barra do Garças.

Filiou-se às seguintes instituições: Academia Mato-grossense de Letras, Academia Piracicabana de Letras, Academia do Centro-Oeste, Academia Paulista de História, Ordem Nacional dos Bandeirantes, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

A acadêmica Prof^a Dr^a Yasmin Jamil Nadaf escreveu e me enviou um depoimento sobre a pessoa que foi Valdon Varjão, do qual transcrevo alguns trechos:

Tive o prazer de conhecer o Sr. Valdon Varjão: um homem de vigor admirável, um inquieto divulgador da história e, por consequência, da cultura da região do Araguaia, onde ele viveu grande parte de sua vida [...] Se conheço a história do Araguaia, devo aos seus livros. Neles encontramos dados da região como um todo: Barra do Garças, Araguaiana, Alto Araguaia, Aragarças e entorno, desde a sua fundação até a contemporaneidade. Neste ponto, chamo a atenção para a sua rica iconografia, que nos permite ter acesso aos retratos de seus fundadores, de personalidades que se destacaram em várias esferas, bem como das riquezas naturais do leste de Mato Grosso. Sem essa documentação visual, geralmente de difícil acesso, muito se perderia dessa importante faceta de nossa história.

O Sr. Valdon tinha um cartório e, na gráfica ao lado, ele imprimia, num sistema xerográfico praticamente caseiro, edições de livros e cadernos de autores da sua região (em sua maioria, falecidos) para distribuir aos professores e simpatizantes da literatura e, deste modo, apresentar a profícua literatura do leste de Mato Grosso.

Ele apresentou à Prof^a Yasmin as seguintes autoras: Arlinda Pessoa Morbek; Antídia Coutinho – colaboradora da revista feminina mato-grossense *A Violeta*, natural de Araguaiana; Audenora de Sá Porto, autora de uma dezena de romances.

Valdon Varjão publicou muitas obras sobre História, Geografia, problemas político-sociais, além de poesias. Faleceu em Barra do Garças-MT, no dia 03.02.2008, aos 84 anos de idade.

Obras publicadas:

- VARJÃO, Valdon. *Barra do Garças no passado*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980.
 _____. *Barra do Garças: migalhas de sua história*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1985.
 _____. *Aragarças: portal da marcha para o Oeste*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1989.
 _____. *Barra do Garças: do passado ao presente*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1992.
 _____. *Janela do tempo – Homenagem ao passado – Histórias e estórias vivenciadas*. Barra do Graças, 2000.
 _____. *Como e por que trabalham os pedreiros livres* (obra maçônica)
 _____. *Avante! Filhos da viúva* (obra maçônica)
 _____. *Filinto Müller, um líder* (separata de discurso)
 _____. *Seca do Nordeste* (separata de discurso)

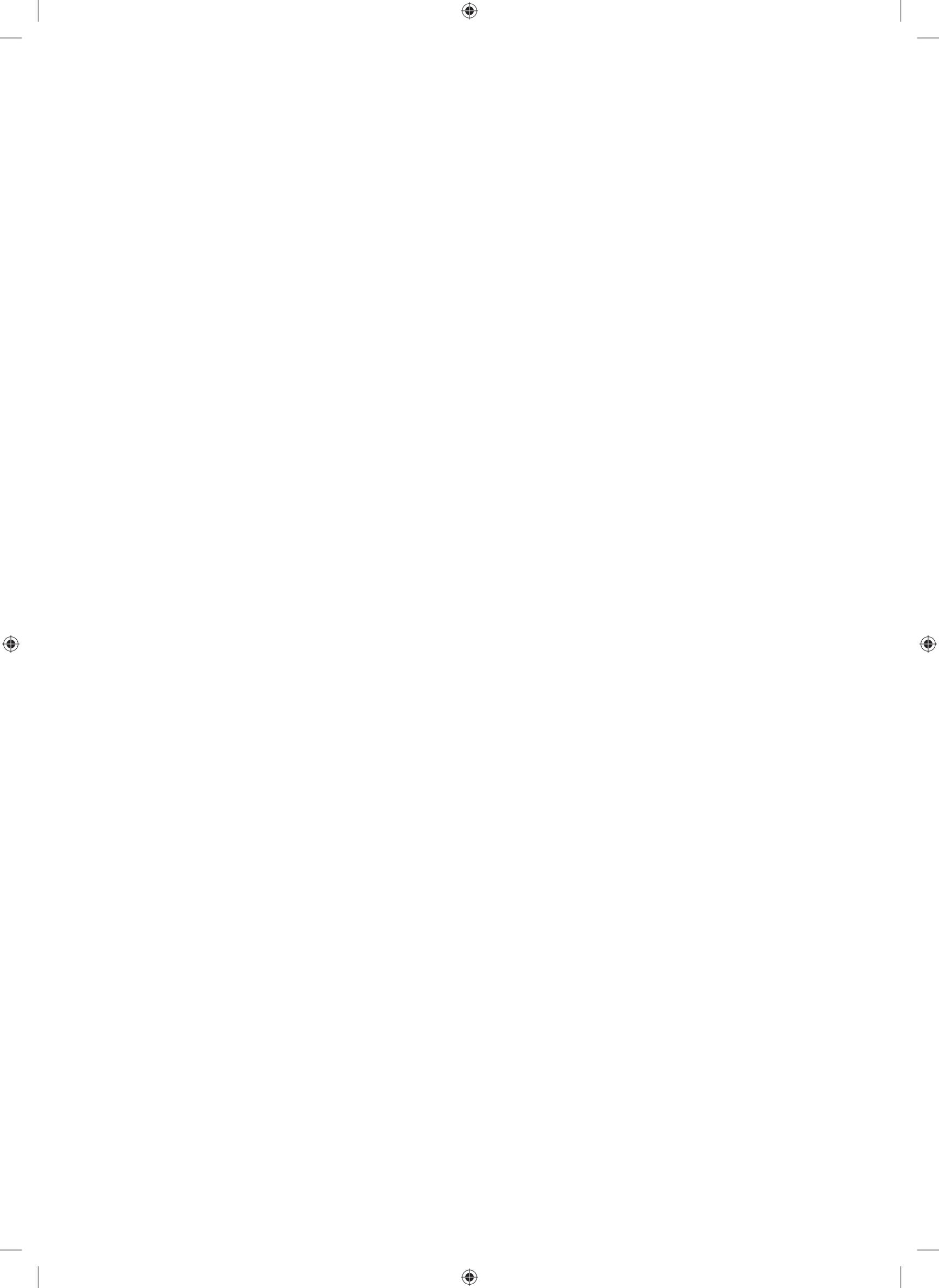
Outras obras citadas nos sítios: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Valdon_Varj%C3%A3o> e <<http://valdonvarjao.com.br/?Pg=Textos&Cat=1&Page=5>>:

- _____. *Expedição Roncador-Xingu 50 anos*.
 _____. *Marcha para o Oeste*. [s.l.]: Fundação Brasil Central, [19--].
 _____. *Balisa, Eféreas Reminiscências*.
 _____. *Barra do Garças: um pouco de sua história: nosso povo, vivência, fatos do passado*
 _____. *Biografia consultada: anais do Congresso*.
 _____. *Epopéia dos Sertões*.
 _____. *Negro Sim, Escravo Não!*.

E as seguintes poesias: *O garimpeiro*; *Quando estive senador*; *Raízes*; *Seca no Nordeste*; *Janela do tempo*, dentre outras.

Enfim, encerro o meu discurso de posse. Reitero meu compromisso com a valorização e divulgação da produção literária mato-grossense através da Academia Mato-grossense de Letras, pois o registro de nosso olhar e de nossa consciência sobre o mundo não pode se perder e se dispersar em arquivos fechados, mas deve ser valorizado e compartilhado com todos.

Muito grata por sua presença.



☪ CADEIRA 24 ☪

PATRONO:

AQUILINO LEITE DO AMARAL COUTINHO



OCUPANTES

OVÍDIO DE PAULA CORRÊA

FRANCISCO BIANCO FILHO

JARY GOMES

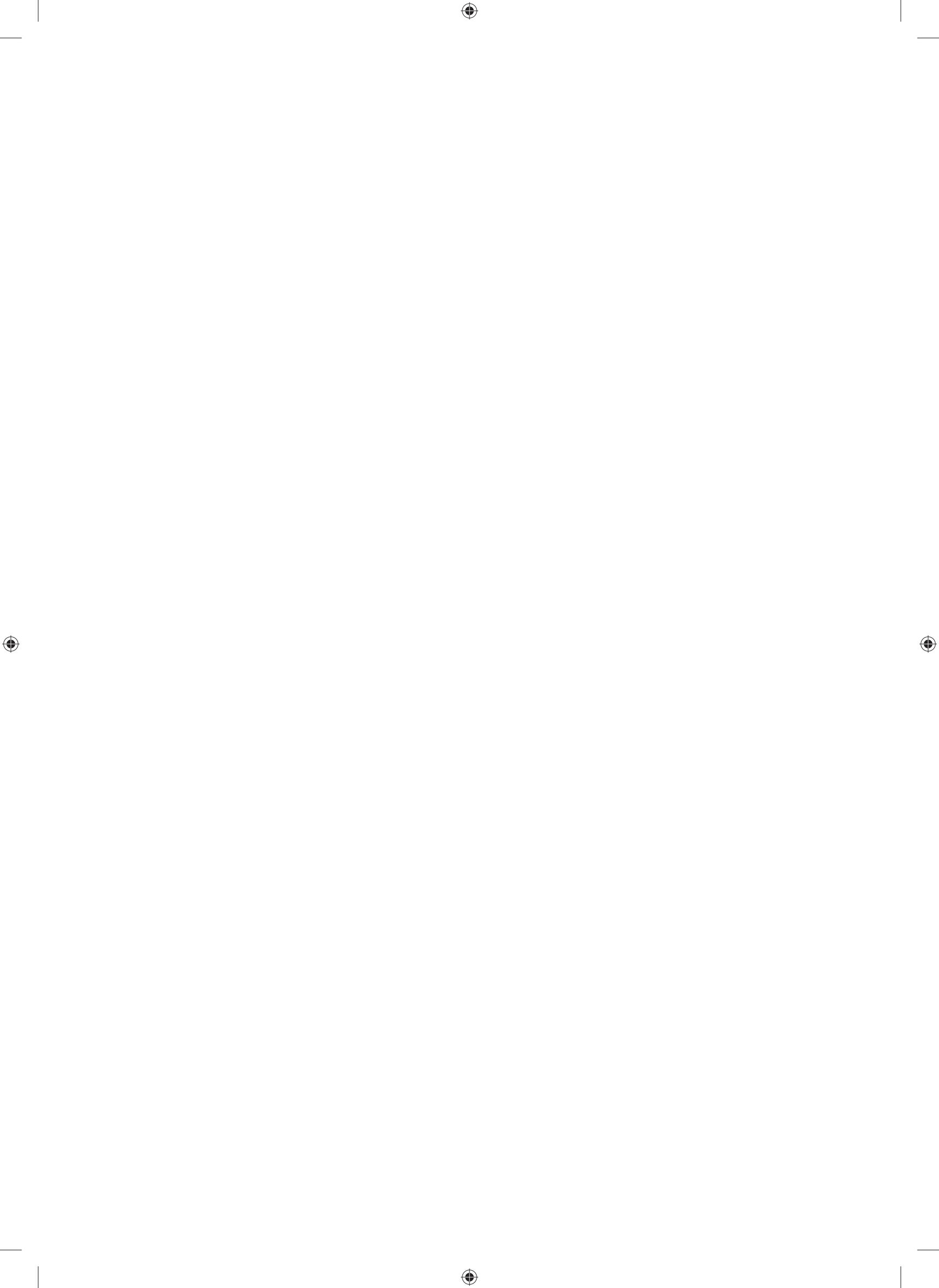
ODONI GRÖHS



SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO ODONI GRÖHS

26/06/1997

- ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO ODONI GRÖHS, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO
- DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ODONI GRÖHS, PELO ACADÊMICO CARLOS GOMES DE CARVALHO
- DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ODONI GRÖHS



ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO ODONI GRÖHS, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO

Ao abrir esta sessão, na qual assumirá a Cadeira nº 24 da Academia Mato-grossense de Letras, o poeta e médico *Odoni Gröhs*, faço algumas considerações sobre a relação que existe entre a Medicina e a Arte.

Considero muito bem colocada a matéria História da Medicina no semestre inaugural do Curso Médico, da Faculdade de Medicina da Universidade de Cuiabá, programado para uma duração de 06 anos. Como Professor da matéria na primeira aula apresento aos alunos o campo de trabalho do médico - a criatura humana em corpo e alma. E, para que os conhecimentos científicos que adquirirão ao longo da formação profissional não os levem a considerar o Homem apenas como uma perfeita e maravilhosa máquina e sim uma criação completa - portadora de um espírito - procuro mostrar-lhes que não há discordância alguma entre a ciência e a religião.

A Teoria da Evolução de Darwin, não está em conflito com o Gênesis, da Bíblia Sagrada; apenas, seus relatos visaram um público-alvo em estágios culturais diferentes. Darwin falou a uma comunidade já possuidora de conhecimentos científicos enquanto o Gênesis procurava explicar, a origem do Homem a sociedades ainda muito primitivas.

Assim, os alunos, antes de lidarem com organismos humanos vivos, ficam conhecendo toda a evolução, através dos tempos, da profissão que escolheram - suas conquistas, seus sucessos e seus fracassos - e aprendem a observar seu paciente como um todo (corpo e alma, movimento e raciocínio, percepção e sensibilidade) passando a considerar, pois, a medicina não só como ciência mas, também como uma arte - a Arte de Curar. O bom relacionamento do médico com o seu paciente é a mais bela expressão desta difícil arte.

Quem procura um médico, geralmente está sob a ação de alguma emoção que lhe altera o comportamento; como disse em meu discurso de posse quando adentrei esta Casa: “..... a minha atividade de médico, que exerci por três décadas e meia, me ensinou a só falar, individualmente, com pessoas no estado super-sensível, que embota os sentidos, com a alma aflorando pela emoção gerada, seja pela alegria de um nascimento ansiosamente aguardado, seja pela agradecida satisfação de uma difícil cura, seja pelo desespero de uma dor, pela angústia de um fim iminente ou pela tristeza de uma irreparável perda”.

Esta vivência, em sintonia alma-a-alma, é que leva um indivíduo sensível que se dedica ao exercício da medicina a se manifestar, também, sob outras formas de expressão artística, principalmente a literatura.

Entre inúmeros, lembremos alguns exemplos de médicos que abraçaram a arte literária além daquela a qual se dedica, como profissional, e que é voltada à cura ou conforto de seus semelhantes.

No plano mundial, como pequena amostra, citarei os escritores François Rabelais, Arthur Conan Doyle - Criador do Sherlock Holmes - A.J. Cronin e Somerset Maughan. Na poesia destacarei o grande Schiller, na dramaturgia Anton Chekov e na literatura infantil Andrew Boorde - autor de “O Pequeno Polegar”.

Na literatura brasileira distinguiram-se médicos que lograram ingresso na Academia Brasileira de Letras: Deolindo Couto, Álvaro Osório de Almeida, Osvaldo Rodrigues Cabral, Hamilton Lacerda Nogueira, Hélio Gomes, Miguel Couto, Aloysio de Castro, Maurício de Medeiros, Miguel Osório de Almeida, Carlos Chagas Filho, João Guimarães Rosa, Pedro Nava, Paulo Pinheiro Chagas, Clóvis Salgado da Gama, Ivo Pitanguy, Júlio Afrânio Peixoto, Clementino Fraga, Otávio Torres, Edgard Rego Santos, Francisco Peixoto de Magalhães Neto e Alberto Alves da Silva.

Médico, também, foi o escritor Emílio de Menezes. Noel Rosa, o grande poeta da Vila Isabel, não chegou a concluir o curso médico, de sua vocação. Os teatrólogos Pedro Bloch - autor do monólogo “As mãos de Eurídice” - e Silveira Sampaio, também, foram médicos, como o é o humorista Max Nunes, de há muito um dos sustentáculos dos programas de Jô Soares.

Escritores e poetas médicos, membros desta Academia, foram Lécio Gomes de Souza, Cyro Furtado Sodré, Francisco Ayres, Humberto Marcílio Reinaldo, Nicolau Fragelli e Jary Gomes - que logo mais terá sucessor na Cadeira que, muito merecidamente, ocupou. Hoje o empossando se une aos colegas de profissão que ainda aqui se encontram: Clóvis Pitaluga de Moura, o decano dos médicos mato-grossenses, e este que vos fala - o primeiro médico a presidi-la.

Dois, entre os grandes nomes da história da medicina mato-grossense, fizeram incursões na literatura: Agrícola Paes de Barros - uma das maiores clínicas que já se formou em Cuiabá - foi poeta; e Clóvis Correa da Costa - grande mestre da obstetrícia brasileira - foi escritor.

Por que tantos médicos figuram na história da literatura?

Digo que é porque, quem é médico por vocação, conhece intimamente a criatura humana - seu campo de trabalho profissional - e, quando tem oportunidade, passa a transbordar os frutos, deste relacionamento, nascidos da capacidade de comunicação que adquiriram no trato a seus clientes.

Senhor empossando, *Odoni Gröhs*, a Academia que hoje vos acolhe, é uma instituição cultural viva, e atuante, e não uma agremiação dormindo à sombra de um grande passado, outrora marcado pelas ilustres presenças físicas de Dom Aquino, Mesquita e tantos outros dos seus notáveis membros.

Aqui, se satisfazendo vossa formação de médico, ireis conviver com o venerando colega Clóvis Pitaluga; como poeta, tereis por confrade o genial Rubens de Castro - o qual, sem receio, cito como o maior valor atual da poesia clássica no Brasil e um dos grandes poetas brasileiros em todos os tempos - o que poderia ser constatado, por toda a nação, se sua bela e farta obra tivesse a divulgação que merece.

Senhores, ainda que, nas Academias de Letras - entidades voltadas à cultura do belo como forma de expressão literária - devam desaparecer qualquer título que o empossando traga - uma vez que ao integrá-la, todos passam a ser apenas acadêmicos, com direitos e deveres iguais, por mais destacados que sejam, ou tenham sido, na Sociedade - me é muito grato este momento em que, à nossa Casa, adentra alguém que, sendo médico e poeta, deve trazer consigo toda a beleza do sentimento de amor e respeito ao próximo - preceito estabelecido pelo próprio Criador para nortear a conduta dos homens.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ODONI GRÖHS, PELO ACADÊMICO CARLOS GOMES DE CARVALHO

Novel Acadêmico

A nossa Academia Mato-Grossense de Letras engalana-se para recebê-lo. Abre-se em festa e regozijo. As posses em nossas instituições acadêmicas devem simbolizar uma espécie de nascimento para um novo patamar, deve ser estímulo e força revigoradora. Alguns aqui aportam consagrados já, muitos ainda na construção de sua obra, mas, para uns e outros, a Academia deve ser sopro estimulador para dar continuidade na árdua luta do fazer literário e da produção intelectual. Daí porque se justifica o entusiasmo do grande Euclides da Cunha que, ao receber o comunicado de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, disse ao presidente Machado de Assis não haver “*nenhum posto mais elevado neste país*”.

Ao atravessar os umbrais desta instituição, Vossa Excelência nos traz o seu saber, a sua verve poética e o seu humanismo e nós lhe oferecemos o compartilhar fraterno de nossos anseios, ambições, sonhos e esperanças.

Esta é uma Casa em que brilharam historiadores, cronistas, oradores e filólogos, poetas e prosadores. E ao cravar em seus alicerces imateriais a homenagem definitiva a Augusto João Manuel Leverger, cognominado “Barão de Melgaço”, personalidade paradigmática de estudioso e de homem de ação, quis se fazer de templo onde se cultua o saber e a dignidade. Este sodalício abrigou homens que honram o nosso passado cultural e político. Nomes que ilustrariam qualquer cenáculo do país. Figuras do porte de um D. Aquino Corrêa, também membro da Academia Brasileira de Letras, de um José Barnabé de Mesquita, de um Virgílio Corrêa Filho, historiador de nomeada, de um Cesário Neto, Philogonio de Paula Corrêa, Estevão de Mendonça, dos irmãos Nilo e Isác Póvoas, de Luís-Phillipe Pereira Leite, que tão recentemente nos deixou, e de tantos, tantos outros. E ainda hoje, contemporâneos nossos aqui tomam assento como figuras exponenciais de nossa cultura regional.

A Casa Barão de Melgaço vem sendo, nestas quase oito décadas de sua existência, o regaço para onde convergem os que se sentem fustigados pela chama da criação intelectual. Não estiveram, e não estão, aqui somente literatos, beletristas, poetas mas também homens de pensamento e de cultura. Formações profissionais e culturais as mais variadas aqui tiveram, e têm, assento. Houve um momento em sua história, em que esta Casa, por algumas dezenas de anos, desfrutou de grande prestígio político, obtendo significativo apoio governamental para a realização de suas atividades, e tal não se dava apenas porque entre seus membros se contavam vários parlamentares e até um Governador; mas há outros momentos, estes mais recentes, em que esta Casa vem se debatendo em grandes, e por vezes quase intransponíveis, dificuldades materiais. *O tempora, o mores!* - exclamaria novamente Cícero.

Não obstante, a nossa instituição, guardiã das mais legítimas tradições culturais e históricas deste Estado, vem se mantendo viva, pulsante e respeitada pelos concidadãos mais simples. Demonstra assim que os desígnios para os quais foi criada - o do estímulo ao estudo da literatura, o da defesa do idioma, o da valorização do saber e da ciência, enfim o da preeminência do pensamento - são valores permanentes no destino humano, ainda que a civilização contemporânea pareça estar vivendo sob o signo do desprestígio da cultura em favor do conhecimento superficial, do reinado do efêmero, da valorização do transitório, do estímulo ao espetacular, do conhecimento fútil, do saber fugaz, do elogio do fátuo, do marketing da vulgaridade, enfim, da banalização das coisas do espírito. É talvez por isso mesmo, diante de tantos obstáculos, levantados seja pela alienação da população manipulada que vem sendo pelos meios de comunicação de massa, seja pela fragilidade cultural de nosso sistema de ensino ou pela vergonhosa indiferença dos poderes públicos, que, mais que nunca, cresce a importância de permanecerem vivas e atuantes instituições como a nossa. Humildemente, sem alardes, sem pompas, circunscrita a modéstia de suas instalações, a nossa Academia

Matogrossense de Letras parece estar cumprindo seu desiderato. Daí porque, a ela e a outras instituições que se lhe assemelham, com propriedade se pode repetir o que PIERRE MILLE escreveu à propósito da Academia Francesa de Letras:

“Ela faz algum bem e mal nenhum. É conhecida, pelo menos de nome, do último dos camponeses e dos operários. É a prova antiga, e sempre viva aos olhos deles, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco”.

Deve-se no entanto buscar entrar para uma Academia de Letras não pela glória vã ou em busca de uma pseudo aristocracia do saber, ainda que ao acadêmico se o denomine de imortal. O que dele se espera é que o galardão que lhe é outorgado seja um acicate, um estímulo, um incentivo para produzir mais e melhor.

É para esta morada, e com esta condição, que Vossa Excelência, senhor ODONI GRÖHS, está trazendo a sua vivência de médico, de poeta e de humanista.

Senhoras, Senhores

Odoni Grohs é gaúcho de Canoas, onde nasceu em 31 de março de 1947. Muito jovem ainda, recém formado em medicina, veio para Mato Grosso no ano de 1972. Há quase três décadas, portanto, palmilha o generoso chão matogrossense. Aqui vem se dedicando com abnegação ao seu fazer profissional, aqui seus filhos nasceram e crescem e aqui publicou seu primeiro livro. E, por certo, árvores terá plantado. São pois muitos os amores que o unem a esta terra dadivosa e hospitaleira que o acolheu. Assim, não há como deixar de se dizer que estamos diante de um mato-grossense legitimado que, se o destino não quis que aqui nascesse, lhe foi no entanto pródigo pela terra que o fez escolher, para exercer o seu labor como arte e fazer da poesia o seu árduo mister. Desde então vive em Guiratinga, no passado cognominada de “Princesa do Leste”, outrora terra de fartura de diamantes e de outras aventuras, mas que não esteve alheia à presença de homens de letras. Lá viveu até morrer o maranhense Raimundo Maranhão Ayres, ativo colaborador de jornais e ensaísta literário, um dos nomes que enriqueceram este sodalício; por lá passaram alguns anos de suas vidas o médico cearense Luís Sabóia Ribeiro, o advogado baiano Agenor Ferreira Leão, o médico piauiense Humberto Marçílio Reinaldo, o magistrado João Antônio Neto, que Goiás nos mandou, brasileiros cujas obras contribuem para a cultura mato-grossense.

O novel acadêmico faz parte de uma segunda geração de migrantes, cujas presenças está criando um fenômeno sociológico, quicá único e com poucos precedentes no mundo.

Há cerca de quinze anos, publiquei ligeiras anotações, que tenho a pretensão de transformar em ensaio de maior fôlego, intituladas de “O Congresso das Raças”. Nelas escrevi que o processo migratório iniciado a partir das décadas de 40 e 50, estava deslocando para Mato Grosso, e para a Amazônia de um modo geral, gentes do centro-sul, na seqüência das levas nordestinas, iniciadas no século passado. E esse fenômeno social, escrevia, está constituindo nestas paragens o verdadeiro sentido do “ser nacional”. Desde então, o desdobramento desse processo migratório e a natural dinâmica social e econômica dão cores cada vez mais vivas ao painel que então tracejei.

Nossa experiência direta e quotidiana nos faz detectar elementos culturais tipicamente nordestinos se mesclando, se fundindo, se introjectando com elementos caracterizadamente sulinos, e a contrapartida sendo igualmente verdadeira. Usos e costumes, o folclore e a história, a culinária e os falares, e já agora a etnia, estão gerando um processo novo e estimulante plasmando, sob este ângulo, o perfil sócio-cultural mais formidável de nosso país.

Esta característica peculiar, e quase única, consubstancia aquilo a que audaciosamente então denominei o “*ser mato-grossense*”, o “*ser amazônida*”, ou seja, uma expressão cultural própria, autóctone, que se manifesta pelo resultado da simbiose aqui processada das tradições culturais, dos linguajares, dos usos e costumes, da culinária e da etnia de todas as regiões brasileiras amalgamadas que neste momento estão presentes em solo de Mato Grosso. Esse quadro multifacetado torna-se cada vez mais a síntese exemplar da Nação plural e variegada que é o Brasil.

Certamente que o novo acadêmico, com a sua poesia e a sua prosa, o seu pensamento reflexivo, irá contribuir, ao lado de outros, pertencentes ou não a esta instituição, para a formulação dessa expressão nova mato-grossense, desse ser amazônida no limiar de um novo século.

ODONI GRÖHS assume nesta noite a Cadeira 24, cujo Patrono é Aquilino Leite do Amaral Coutinho, advogado, propagandista republicano, Senador. Cadeira já ocupada por Ovídio de Paula Corrêa, Francisco Bianco Filho e Jary Gomes, este último médico. Aliás, não é de se estranhar, embora possa ser raro, o ingresso de médicos em nossa Academia de Letras. Vários desses profissionais aqui tiveram guarida e inclusive um deles, Joaquim Duarte Murtinho, é o Patrono de uma das Cadeiras. Os médicos que aqui ingressaram o fizeram seja por suas qualidades literárias ou, em alguns casos, também por seus conhecimentos científicos. Fazem parte desse ilustre rol Luiz Sabóia Ribeiro, Francisco Ayres, Nicolau Fragelli, Humberto Marcílio Reinaldo, Jary Gomes, Hugo Pereira do Valle, a quem sucedo na Cadeira 40, Lécio Alves, Ciro Furtado Sodré, o atual Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro e este exemplo de sábio e humanitário que é Clóvis Pitaluga de Moura. É nesta linhagem que o novel acadêmico agora se integra.

Mas aqui ele adentra sobretudo como poeta, como criador de imagens, como elaborador de sínteses da vida. Tendo publicado, até agora, um único livro, “*Testamento - Viagem de um Crepúsculo Antecipado*”, é de se dar-lhe alvíssaras.

A primeira coisa a ser dita dessa sua primeira manifestação poética é a de que se trata de uma poesia vivida. Há nela uma forte conexão, não apenas temática como léxica, entre o que o poeta diz e o que o cidadão e médico haure em sua experiência cotidiana. Transmite ele assim componentes riquíssimos de uma praxis extremamente envolvida com o humano. Se é possível esperar uma “mensagem” da poesia - embora se saiba que não se deva exatamente esperar uma “mensagem” de um poema senão que deva ele próprio ser essa “mensagem” - esta é a do profundo envolvimento emocional, político-social e estético deste poeta com o Homem.

Com efeito, salta a cada passo de seu fazer poético uma chama de solidariedade com o humano, incandescendo os seres mais humildes, retirando da sombra os desprezados da sorte, aspergindo com sua canção os banidos do sonho, iluminando aqueles que o destino colocou à parte e valorizando os seus afazeres mais humildes.

Com uma linguagem despojada de arabescos mas de belas construções o poeta elege o seu destino e se define na margem do abismo, em que todo poeta se coloca quando se acha diante de si mesmo, no espelho da alma, perscrutando os ínvios caminhos que levam a essa amante tão infiel quanto doce e exigente que é a poesia. Diz ele:

*Poeta (quase profeta)
taumaturgo e imperador
fui fenício e fui pirata
dissecando especiarias e mares*

E então ele se mostra impotente diante do universo imenso da poesia:

*Meu canto indecifrável
linguagem de algaravias
é povoado de perguntas e respostas.
Na dissolução plástica
subsiste na minha face
a circunstância do ser*

- em um poema cujo título - Semeador de Versos ou a Linguagem da Algaravia - já denuncia seu promissor destino. E igualmente, com a angústia inerente a todas as auto - definições, perora:

*O poeta é uma ilha de sambaquis
num rio de incertezas e equívocos
amanhecendo auroras vocabulares
no artesanato das palavras
e na construção do vate.*

A partir do dado concreto da realidade, o poeta transmuda seu construir lírico naquilo que se pode consignar como sendo uma “lírica do concreto”. Sim, na verdade um poema, e por extensão a arte, dissociada

da realidade tem pouca, ou quase nenhuma, validade estética. Não que se deva buscar na arte o utilitarismo banal, ou o estéril panfletarismo, o que poderia transformá-la em tudo, menos em arte.

É da transmutação da massa bruta do real que se ergue o edifício majestoso da lírica. Neste sentido é que T. S. ELIOT, tido por muitos como o maior poeta inglês contemporâneo, combate o divórcio entre a ideia e a emoção, naquilo que objetou ser a “dissociação da sensibilidade”. Disse-o bem e com propriedade José Guilherme Merquior em “A Astúcia da Mimese”: “*A noção preconceituosa que estabelece oposição entre poesia e ideias, entre a lírica e o intelecto, é a seu modo uma substituição de um todo (processo lírico) pela sua parte (objeto da lírica)*”. Essa oposição em Odoni Gröhs não existe, pois procura ele integrar a sua mundividência, como poeta e como médico, num contexto lírico único, jungindo o concreto e as parcas, a argamassa do dia re - elaborada na tessitura da linguagem poética.

A experiência de vida numa região periférica, onde a pobreza, a miséria e o desamparo social são as marcas não cicatrizadas do destino vil, faz de ODONI um poeta engalfinhado nessa realidade inclemente. E quando anuncia o seu fazer poético o faz como quem lança um desafio de luta. “*Ars poética ou vulgari eloqüentia*” é disto exemplo:

*Minha poesia
clave e chave
razão e risco
conciliação e conflito
dúvidas e dívidas
disputando o mesmo grito.
Minha poesia
óbice e órbita, vertigem e dor
com a tua resistência mágica
sempre obstruindo meus caminhos
sem nenhuma cerimônia...
é compulsiva, dolosa e crônica.
Minha poesia
seria cômica, não fosse trágica.*

Em alguns poemas, a lapidação dessa experiência bruta (e somente após ser filtrada pela fabulação estética é que é possível dizer-se que uma experiência se transmuda na obra de arte do poema) cria ele versos que se aproximam em muito da forte dicção cabralina. Um exemplo dessa condensação verbal é este “Vôo sem verbos” em que a imagística nos levar a ver secas estocadas, as palavras surgindo velozes e perfurantes, ásperas:

*Gatilho. Pontaria. Arma disparada.
Estilete. Punhal. Lanceta. Flechada.
Navalha de metal. Lança fria.
Aguilha. Abelha. Aguilhão. Agonia.*

*Sal. Vinagre. Soda. Fogo.
Cicuta e cal. Dúbio jogo.
Carne combalida. Estranha lucidez.
Vôo interrompido. Falsa embriaguez.*

*Queda. Medo. Sangue. Explosão.
Corpo abatido. Rasante rotação.
Na alma cega, seca bruma....
Na boca rúbia aerada espuma.
Caça. Presa. Pranto. Solidão.
A morte súbita. Ferina crueza.
Boca ensandecida de um cão.*

Essa “estranha lucidez” de que nos fala o poeta surge com a voz que, em meio a crueza da existência, clama sem eco. No entanto, clama, grita “ensandecido como um cão”, clama ainda uma vez mais, na certeza de que, mais importante que ser ouvido, é ter voz, “navalha de metal, lança fria”, para gritar e denunciar a “caça, a presa, o pranto e a solidão, a morte súbita”. Sozinho este poema tem imensa força como mostra da junção entre o conteúdo do real e a linguagem visual. Quando o li a primeira vez, visualizei a cena de um combate sem tréguas, num duelo ao pôr-do-sol na região garimpeira mato-grossense, onde a ternura, quando surge, e quase nunca sem ser convidada, penetra indecisa pelas frestas do áspero cotidiano e, temerosa de ser rechaçada, mostra toda a sua timidez e solidão, como se o seu vôo pudesse ser sempre “um vôo interrompido”. Aqui mais que desilusão, o poeta deixa transparecer uma profunda amargura, sentindo-se desamparado, o “*corpo abatido, a carne combalida, a alma (onde) seca bruma.*” Nesse jogo dual entre o engajamento a serviço do Homem e o pessimismo quanto a sua redenção, o poeta realiza o seu *devoir* faustico.

Outro aspecto a ser assinalado na poesia de Odoni Gröhs é o de que, em muitos de seus poemas, se faz presente uma indispensável angulação sociológica, na qual nem sempre se trata de mera constatação mas faz reboar a denúncia social. Há pois em sua poesia uma estreita convivência entre a ética (e a ideia de Justiça) e a busca do conhecimento, do “retrato social”.

Um terceiro aspecto a ser apontado em vários de seus poemas, como a fazer equilíbrio com o seu decidido envolvimento com a realidade objetiva e uma incerta esperança, é o de um vago sentimento de desamparo, de perda, de derrota diante da inexorabilidade dos fatos. Exemplo disso é o belo “*Descoberta tardia*”, no qual o poeta olha para trás para perceber que o tempo e a vida lhe escaparam por entre os dedos:

*Tu morres agora na minha vida
logo agora quando te sei de cor.
Agora que eu tinha decifrado
tua febre contendo infâncias e adolescências
e compreendido teus demônios compulsivos?
Agora que eu tinha comprado
marzipã, amêndoas e avelãs
semeado avencas no vaso novo
e plantado azevinho no jardim.*

Muito se poderia dizer ainda sobre essa poesia mas, no momento, nos é permitido constatar um profundo comprometimento com o Homem e a sua existência, seja na dura labuta da sobrevivência, seja nos momentos em que o sentimento amoroso surge como diapasão dessa existência atribulada. ODONI GRÖHS situa-se, sem dúvida, com potencial no universo poético, particularmente porque, como já o disse, busca nas coisas terrenas, nos problemas e angústias existenciais, por aparentemente mais ínfimos e insignificantes que o sejam, dos homens com os quais convive e com os quais divide o seu pão diário, a argamassa com que realiza o seu fazer poético, tão fortemente marcado pela solidariedade.

SENHORAS, SENHORES

Ao finalizar, é oportuno que façamos, ainda que a vôo de pássaro, uma ligeira reflexão sobre a função do intelectual, do poeta e da poesia em particular, nestes nossos tempos correntes. Tempos em que o sentido da responsabilidade humana, como um paradoxo ao avanço da ciência, se esvai como poeira.

Qual pois a tarefa do intelectual, do produtor de ideias, do homem de letras, nas fimbrias de um novo século, na encruzilhada histórica na qual nos encontramos em que a expressão globalização vem sendo instrumento de poderosas forças econômicas, políticas e culturais que se voltam para a tentativa de resumir séculos de História como se fossem bulas de remédios, (e não é por isso mesmo que já se chegou a escrever sobre o “Fim da História”, aliás, título de um livro), forças terríveis que querem mesclar e confundir civilizações negando-lhes as suas características, achatar diferenças culturais, vulgarizar sentimentos, banalizar sonhos, desprezar valores e marginalizar gentes.

Como agir num tempo em que as leis do mercado se fazem predominar sobre as leis do espírito, em que parece valer mais o Ter do que o Ser, em que o que se denomina de neoliberalismo sufraga as ambições mais rasteiras, em que populações inteiras são levadas a viverem à margem de qualquer progresso, em que crianças buscam no lixo o alimento do dia, em que a razão do lucro é para muitos o objetivo único do existir, em que parcelas imensas do povo vivem na escuridão mental sem jamais terem aberto um livro, embora recebam todos os dias imensas cargas de informações, em grande parte deletérias. E aqui como não recordarmos Bandeira?

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.*

Diante desse quadro absurdo qual a função do escritor?

Que é possível diante de um mundo moderno marcado pelo domínio, insensato e cruel, dos que são social e economicamente mais fortes sobre os mais fracos; estigmatizado pela crescente degradação da qualidade da vida, pelo saque arrasador sobre os recursos naturais e o conseqüente empobrecimento das condições ambientais; que está massificado pela intensa propaganda comercial, subliminarmente política, que influencia em nossos jovens um comportamento estereotipado e padronizado, fútil e banal; que estimula a prevalência da massa sobre os valores individuais, enfim, um mundo onde existe um marcante desprezo pela leitura e pelo pensamento reflexivo? Que pode diante disso um modesto homem de letras?

Diante desse quadro caótico de nosso tempo qual o papel do poeta, a que já se chamou de “senhor da imaginação e rei sem coroa do mundo”? Qual a função da poesia? Ou, por outra, haverá um papel? Existirá ainda uma função a ser cumprida pelo poeta?

Penso que de duas maneiras se pode inserir o poeta e o seu labor nesse contexto. Enquanto poesia e enquanto expressão dessa poesia. Dois caminhos, que ao se caminhar, se tornam uno. Vale a pena transcrever a referência que T.S.Eliot fez a Dante, a quem considera modelo máximo:

“O grande poeta (...) deve perceber vibrações para além do alcance dos homens comuns, e ser capaz de fazer com que os homens vejam e ouçam mais do que poderiam ver ou ouvir sem a sua ajuda. (...). A tarefa do poeta, a de fazer as pessoas compreenderem o incompreensível, exige imensos recursos de linguagem; desenvolvendo a linguagem, enriquecendo o sentido das palavras e mostrando o quanto elas podem fazer, ele está tornando possível, para outros homens, uma extensão maior de emoção e de percepção, porque ele lhes dá a fala na qual mais coisas podem ser expressas”

Eis pois Senhor Odoni Gröhs, conforme o quer o grande poeta inglês, que a hercúlea tarefa dos poetas é a de fazer as pessoas compreenderem o incompreensível. Não se diz que se deva transformar a poesia em mensagem do que quer que seja, num inútil panfletarismo, não, isso não, que a tal, a poesia não se deve prestar. Mas fazer compreender o incompreensível é conduzir as pessoas à reflexão e à limpidez da emoção. A poesia não é fácil e nem se presta a momentâneas facilidades. Quando a poesia vem para denunciar ela surge como um espelho convexo da insensatez de nosso mundo moderno. O poeta, incandescente pelo fogo da inspiração divina, não faz pregações religiosas ou políticas, campos de outros, mas realiza ele o percurso de um quase profeta, situado na desolação e na solidão. Solidão diante da brancura do papel e também a profunda solidão diante do Homem, frente às grandezas e misérias do mundo.

Penso ainda que esse criador de sons e emoções deva se colocar ante a esfinge hodierna para tentar decifrá-la e talvez até por ela ser devorado, mas deve se postar solarmente, sem temor, sem fugir das ques-

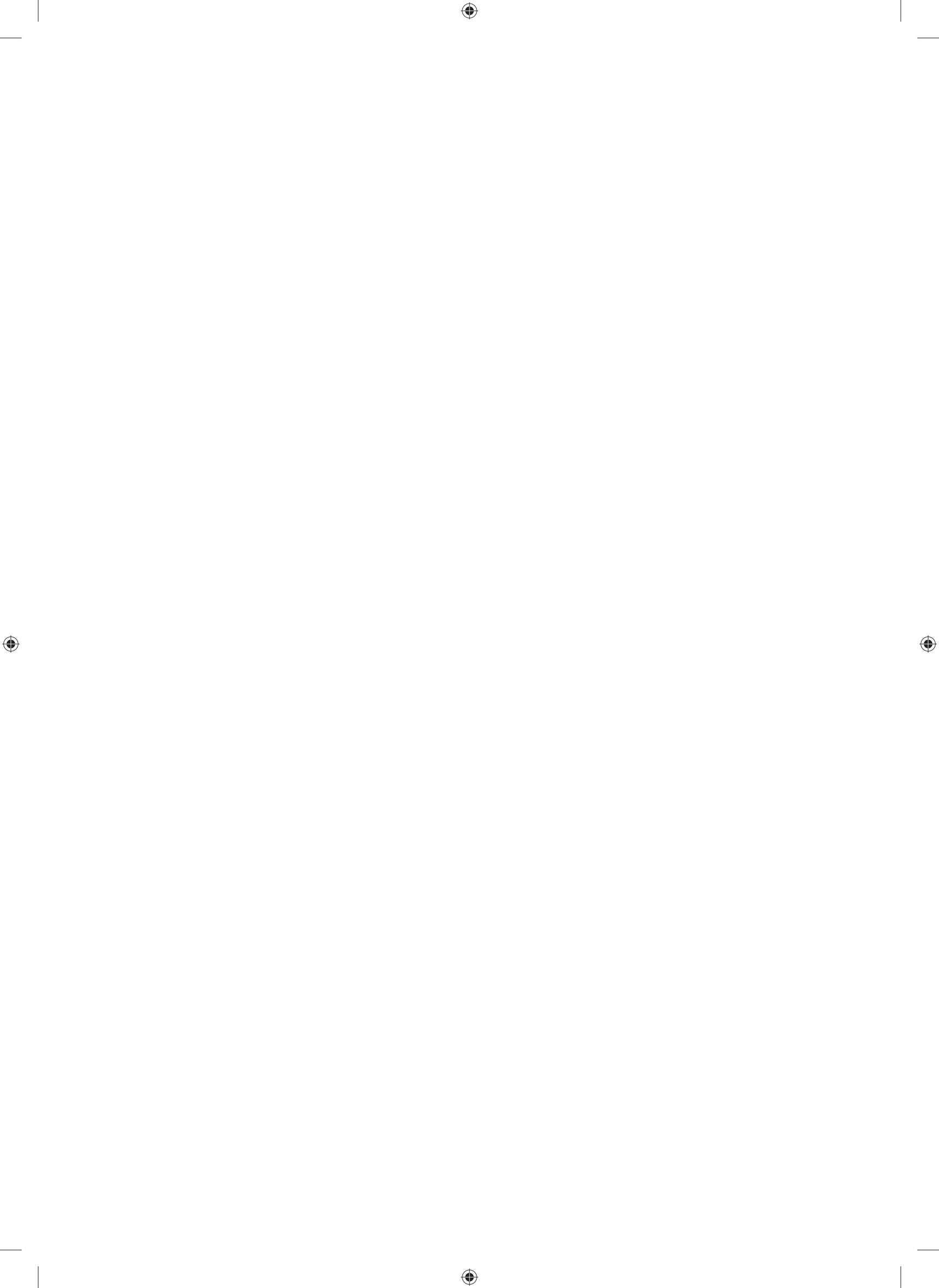
tões que atormentam o Homem moderno, sem esconder-se nas sombras da alienação, sem se homiziar nos subúrbios da vida, sem se deixar seduzir pelas benesses e, sobretudo, sem se aliar ao poder. Só então a sua voz terá força para denunciar que o Homem moderno se tornou um renegado porque perdeu a fé em seu semelhante, que habita o inferno do desespero porque perdeu a esperança do paraíso. Só assim poderá o poeta ancorar no coração do Homem. E, ainda que de maneira fugidia, manter os últimos vestígios dos sonhos perdidos da juventude verdadeira, recuperando os lampejos naufragados nos desvãos da existência. Talvez, aí sim possamos ser chamados de poetas. Poeta na concepção com a qual Henry Miller celebrou a vida do inconformado Rimbaud:

“Não chamo de poeta quem apenas faz versos, com ou sem rima. Para mim, poeta é aquele homem capaz de alterar profundamente o mundo. Se houver um poeta desses vivente entre nós, que se proclame. Que levante a voz! Mas terá que ser uma voz que possa abafar o estrondo da bomba. E que use uma linguagem que derreta os corações humanos, que faça borbulhar o sangue”.

Sim, Senhoras e Senhores, para mim o poeta e a poesia cumpre o seu papel no mundo moderno quando se torna a voz alada que encharca o coração de ternura e de rebeldia.

Senhor Acadêmico Odoni Gröhs

Sede bem-vindo a este Sodalício. A Casa é sua. Traga-nos a sensibilidade do bisturi no tracejar da estética lírica. Traga-nos a sua poesia com a plenitude do médico sensibilizado pelo sofrimento e pela alegria da vida. Que o seu ingresso sirva de estímulo para a continuidade na construção de sua obra poética e que nos venha enriquecer com o seu saber, com a sua experiência de vida, com o seu humanismo. Traga-nos as suas palavras carregadas de magia e de sentimento. Sede bem-vindo, pois.



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ODONI GRÖHS

“Quando o tempo de indômita fereza

Tingir de neve meus cabelos feitos

Lembrando este momento, com certeza

Meu coração há de pulsar no peito”.

Com profunda reverência, possuído da mais intensa emoção e meditada responsabilidade, penetro na “*Casa Barão de Melgaço*”, residência de Augusto João Manoel Leverger, figura eminente na História de Mato Grosso durante o Império, para tomar assento na Cadeira nº 24 do Sodalício mais augusto da cultura mato-grossense, que tem como Patrono o Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho e teve como ocupantes, pela ordem de precedência, o Dr. Ovídio de Paula Corrêa, o Dr. Francisco Bianco Filho e como meu predecessor imediato o Dr. Jary Gomes.

Ao tomar posse na douta Academia Mato-Grossense de Letras, declaro-me consciente das atribuições, em termos de responsabilidade, tão ampla quanto árdua, que em plena consciência, assumo. Devo agradecer como recipiendário desta egrégia assembleia cultural, a generosidade dos meus ilustres confrades e congreiras pela honra da lembrança do meu nome para a consagração acadêmica e revelar minha gratidão aos amigos diletos que incentivaram minha presença neste colendo Templo da Cultura para meu próprio gáudio, repartindo convivências com os ilustres pensadores que exornam este Sodalício, aplaudido aqui e alhures.

Unidos nos ideais de Dom Francisco de Aquino Corrêa, Príncipe das Letras Mato-grossenses, e pelo culto à língua portuguesa, com o olhar límpido da poesia, sempre algo vivo e transparente entre nós, como disse o poeta Thiago de Mello: “*periodicamente, nos sentaremos à mesa porque a verdade será servida antes da sobremesa*”¹

Incomensurável é a minha satisfação em ser recepcionado pelo emérito intelectual Dr. Carlos Gomes de Carvalho, advogado, historiador, professor, poeta e escritor. Amigo veraz, construtor de esperanças, pela retidão de caráter, paradigma de consciência cívica de fibra e clarividência, a gratidão e o reconhecimento pelo incentivo da minha presença neste Silogeu. Suas palavras a mim dirigidas, penhoram-me, sobremaneira a emoção que sinto. Ao mestre Dr. Carlos Gomes de Carvalho, Membro do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, recentemente eleito por unanimidade, como Membro Efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, com sede no Rio de Janeiro, minha profunda admiração, que se pluraliza ao ecólogo insigne, “*vinculado às hostes sacrossantas de defesa do meio ambiente, apóstolo militante da natureza*”,² como o definiu o ilustre acadêmico Dr. João Antônio Neto em saudação de recepção nesta Casa.

Dr. Carlos Gomes de Carvalho em seu livro *Hematopoemas* afirma que “*a poesia é fundamental. É escape e é também couraça, com a qual se engolfa na realidade da vida. É luta e é ternura. É encantamento ou é tormento. É espanto. É brisa suave, ora abismo. É o arco e é a flecha. O caos e a lucidez. O aço fino penetrando as fimbrias da consciência ou da loucura. O poeta é o esteta do sonho*”³

Pela elegância com que vernaculiza sua produção literária, e pela sensibilidade com que marca os seus pensamentos mais altos e mais nobres, faz jus ao respeito e à admiração de todos.

Somente a benevolência para com este condiscípulo e a sensibilidade e a fidalguia dos Cultores da Beleza desta venerável Catedral das Letras para justificar “*hic et nunc*” a minha presença.

Agradeço as palavras munificentes com as quais o Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro me acolheu nesta Casa. Eu as recolho como acadêmico neófito, com o sentimento de amizade e a beleza intrínseca do gesto confraternal. Incansável e pertinaz em seu desiderato, irmão na Arte Hipocrática, ilumina esta Casa com a sua verve, vivifica-a com suas iniciativas, estimula-a com o seu exemplo nobre e dignificante.

Ao Dr. Luis-Phillipe Pereira Leite, que incentivou minha presença nesta Academia, volta-se o meu pensamento e oração num preito de admiração, reverência e saudade. Homem de atitudes coerentes, com inteligência rara, foi um democrata de augusto perfil, gigantesco na moral e no caráter a demonstrar como Confúcio, o maior gênio filosófico-religioso e fundador da literatura chinesa, “*que não é a verdade que torna grande o homem mas o homem que torna grande a verdade*”.⁴ Quisera ter o verbo adequado para lhe tecer loas no panegírico definitivo.

Meus Senhores e Senhoras

Nesta Casa de homens ínclitos “*que repartem com clarividência a perspectiva estética do espírito*”,⁵ como afirmou o ilustre Acadêmico Dr. Clóvis Pitaluga de Moura, em fraterna convivência, prelecionando a cultura viva da alma do povo mato-grossense, apresento-me para um convívio de travessia afetuosa. Como dizia Rui Barbosa, “*primus inter pares*” a língua pátria, “*carruagem das ideias, quando não for bebida na fonte mais límpida, mais cristalina, mais estreme, não verterá transparente o pensamento de quem a utiliza*”.⁶ Sonho com os olhos abertos, mesclo a vida com bondosa tolerância e alternativamente desperto do devaneio da vida, convivendo vigílias. “*Só aquele que encara despreocupadamente os feitos com que se preocupam os homens pode preocupar-se com os feitos que os homens encaram despreocupadamente*”,⁷ pois maior que a dor das palavras é adoecer de silêncios os nossos sonhos.

*Já ultrapassei a metade do mês
Já ultrapassei a metade da vida
Estou quase pronto. Preparado e feliz.
Ganhei muito mais do que merecia
fiz muito mais do que quis.
Operário do tempo perecível
manuseando termômetros e lunetas
pensei adiar as horas no astrolábio
na aleivosia de areias e ampulhetas.*

*Espera e paciência
fragmento de mim
caminho para frente.
Os meus passos tem o esboço da Via-láctea
e a minha poesia não se cansa de gastar palavras
tentando conversar com o futuro.*

*Argonauta de Taprobana
avisto Poseidon emergindo das vagas
escuto Tritão soprando sua cornucópia.
Coloquei antigas andanças
nos meus pés edemaciados
e âncoras em pálpebras cansadas
... mas meus olhos estão banhados de brilhos.*

*De tanto me procurar
caminho pelo acaso dos meus muros
e no senso trágico, na raiz das lágrimas.*

*Uma lenta humildade penetra no quarto
que habita em mim na palma do repouso.*

Meus Senhores e Senhoras

Se recuarmos na história e à memória dos séculos lembraremos que foi num recanto do mundo helênico, dos jardins de Academus, que a Grécia iluminou o mundo antigo, dominando o pensamento filosófico da Idade Média.

Esse tempo já não existe. Mãos bárbaras destruíram seu sacrário. Mas nem o tempo nem as paixões inferiores apagaram o espírito criador que um povo legou à posteridade e ao mundo das ideias. Depois dos gregos, sob sua inspiração, outras civilizações souberam criar seus abrigos. Assim é que na efervescência do Renascimento as Arcádias se organizaram como ponto de aglutinação e estudo do pensamento e das letras.

Aqui não foi diferente. A 7 de setembro de 1921, no Palácio da Instrução, nesta cidade, por iniciativa de Dom Francisco de Aquino Correa, vulto da intelectualidade nacional, foi fundado o Centro Mato-grossense de Letras. *“A 15 de Agosto de 1932 passou a denominar-se Academia Mato-Grossense de Letras com trinta sócios e em 1945 seguindo as normas da Federação das Academias do Brasil o número de membros efetivos foi aumentado para quarenta”*.⁸

Espírito de escol a demonstrar refinado quilate cultural, foi escolhido para Patrono da Cadeira nº 24 o Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho.

Cumprindo o ritual acadêmico e a tradição desta Casa, devo falar-lhes sobre o patrono da Cadeira que tenho a honra de ocupar. Peço vênias para me deter sobre a sua herança histórica.

Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho nasceu em Cuiabá onde completou os cursos primário e secundário. Tendo escolhido a carreira de advogado e na falta de um curso em nosso Estado, seguiu para São Paulo onde bacharelou-se pela Academia de Ciências Jurídicas e Sociais.

Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho exerceu a advocacia e colaborou com eficiência junto a Tribuna Jurídica e na imprensa paulista. Ingressou com entusiasmo nas lutas políticas tendo se filiado ao Partido Republicano e se engajado nas campanhas abolicionistas. Candidatou-se ao Senado por Mato Grosso, onde conseguiu eleger-se em concorrido pleito com Joaquim Murtinho e Pinheiro Guedes.

Conforme a Revista comemorativa do Jubileu de Diamante de nossa Academia, o primeiro ocupante da Cadeira nº 24 foi o *Dr. Ovídio de Paula Corrêa* que nasceu na terça-feira de 4 de junho de 1878, às 21h00 em Cuiabá, na casa nº 32 da Rua 13 de Junho (Praça Ipiranga). Filho do advogado Antônio de Paula Corrêa e Francelina Virgínia Corrêa. Coursou seus estudos em Cuiabá, sob a orientação de seu tio Escolástico Virgínio e mais tarde junto ao Colégio São Sebastião tendo como mestre o Professor Frederico Teixeira. Residindo, anos depois, em Nioaque, exerceu as funções de escrivão do Juiz Comissário, dando continuidade aos estudos. Em 1894, transferiu-se para a cidade de Corumbá, onde trabalhou junto ao Hospital Militar, na ocasião, sob a orientação do Capitão João Cardoso de Menezes, filho do Barão de Paranapiacaba.

Em 1896, regressou a Cuiabá onde estudou escrituração mercantil. Com a vitória da “coligação” contra o Cel. Antônio Paes de Barros em 1906, foi promovido ao cargo de Tabelião da Comarca da Capital. Foi Delegado de Polícia, Vereador, Vice-Presidente da Comarca Municipal, Diretor da Imprensa Oficial, Diretor do Tesouro do Estado e Inspetor da Fazenda. Quando do primeiro Governo Constitucional do Dr. Mário Corrêa, transferiu-se para Campo Grande como Coletor de Rendas. Foi nas letras, como jornalista e beletista, que ele mais se destacou.

Dr. Ovídio de Paula Corrêa, cronista dos fatos e da vida da província foi um patriota no bosquejar das grandes datas e gloriosos feitos que fulgem nos anais de nossa história.

O segundo ocupante da Cadeira nº 24 foi o *Dr. Francisco Bianco Filho*, mineiro da cidade de Bicas, onde cursou o primário. O secundário, entretanto, foi cursado no Rio de Janeiro junto ao Ginásio Pio Americano, onde convivendo com muitos mato-grossenses, como Generoso Ponce e Antônio Fragelli, se afeiçoou às coisas de nossa terra optando em residir neste Estado.

Matriculado aos 14 anos incompletos na Faculdade Livre de Direito, colou grau com distinção, em dezembro de 1919, com pouco mais de 18 anos.

Na Faculdade foi um dos fundadores do “Grêmio Jurídico Cândido de Oliveira”, ainda existente.

No Rio de Janeiro, ingressou na imprensa, iniciando também sua atividade política na campanha da sucessão do Presidente Epitácio Pessoa.

De 1923 a 1930, viveu em Minas Gerais, atuando como professor de Língua Portuguesa e História, diretor de jornal e vereador.

Retornou a Mato Grosso, em Campo Grande, como Chefe de Polícia e mais tarde Juiz, sendo professor e um dos fundadores da Faculdade de Direito.

“Transferido para Cuiabá, exerceu intenso trabalho, acumulando 02 varas da comarca e os trabalhos do foro de Cocais e Leverger. Mesmo assim, encontrava tempo para ser um dos professores mais assíduos na docência de Direito Comercial da Faculdade de Direito e colaborar com o jornal Diário Oficial do Governo Provisório da revolução constitucionalista de Mato Grosso”.⁹

Francisco Bianco Filho foi orador, jornalista, professor, bacharel em Direito de louvável erudição acadêmica, proclamando sem temores as próprias opiniões com decidido pendor literário. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

De sua veia poética é o soneto *Quimera* que apresento para homenagear a sua memória:

*Tarde fria de inverno... a chuva e o vento
Fustigam fora os prados e o arvoredado
E minha alma parece em tal momento
Da natureza um simples arremedo.
Qual peregrino displicente e quedo
Procuro à senda do meu pensamento
Em vão livrar-me do falaz degredo
Desvencilhar-me em vão d'esse tormento.
Eis quando em sonho tu me vens, lasciva
A desvendar-me esplêndida, furtiva,
O etéreo amor num cântico imortal...
Cedo, porém, tudo reduz-se a pó,
Frágil quimera em taças de cristal...
Pois que desperto e sinto que estou só!...”*

O último titular da Cadeira nº 24 foi o saudoso médico *Dr. Jary Gomes*. Neste sublime areópago não venho para substituí-lo, mas tão-somente para sucedê-lo.

Os médicos também constituem uma tradição na *Casa Barão de Melgaço*. Dos discípulos de Esculápio muitos já ocuparam e ainda ocupam Cadeiras neste cenáculo: Lécio Gomes de Souza, Cyro Furtado Sodré, Francisco Ayres, Humberto Marcílio Reynaldo, Nicolau Fragelli, Virgílio Alves Corrêa Neto, e estão entre nós os ilustres acadêmicos Clóvis Pitaluga de Moura e o atual Presidente da Academia, João Alberto Novis Gomes Monteiro.

Dr. Jary Gomes nasceu em Corumbá no dia 26 de novembro de 1913. Passou parte de sua infância em Ponta Porã. Fez o curso primário e o ginásio no Colégio Municipal Dom Bosco, em Campo Grande.

“Desde muito jovem foi um grande admirador das artes literárias e publicou seu primeiro livro denominado Poliantéia, quando tinha 19 anos de idade”.¹⁰

Foi para o Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, para estudar e exercer com diligência seu labor.

Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Trabalhou não só para sustentar seus estudos, mas os de sua família, visto que já era casado com a Senhora Maria Eulália de Medeiros Gomes.

Formou-se em Medicina em 1939 e permaneceu mais um ano no Rio de Janeiro para aperfeiçoamento profissional.

Entre 1941 e 1942 residiu em Londrina, no norte do Paraná, onde estavam seus pais e parentes mais próximos.

No ano de 1943 retornou para o Estado de Mato Grosso, como médico da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, onde atuou na medicina e na vida pública, exaustivamente, no município de Três Lagoas, hoje Mato Grosso do Sul.

Exerceu com dedicação a arte de *Esculápio da Argólida* e ainda, admirado pelos trabalhos literários em jornais e revistas da época, chegou à Assembleia Legislativa, onde tomou posse em 21 de março de 1947. Destacando-se em suas atividades parlamentares fez parte da Assembleia Estadual Constituinte de 1947, tornou-se líder da bancada de seu partido político chegando a assumir a presidência da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Ainda em 1947 com o conjunto de publicações “Rumos à Colonização de Mato Grosso” e “Ideias e Sugestões”, primores de documentos literários, candidatou-se ao pleito acadêmico, cujo êxito o levaria a assumir a Cadeira da qual é Patrono Aquilino Leite do Amaral Coutinho, figura exponencial da cultura poética.

Em 1950, Dr. Jary Gomes, publicou “*Aspectos Econômicos de Mato Grosso*”.

Dr. Jary Gomes foi Governador do Estado substituindo Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo que se candidatou ao Senado Mato-grossense, onde permaneceu até 31 de janeiro de 1951, dando continuidade aos compromissos de seu antecessor, e especial ênfase ao Plano Rodoviário Nacional e a Política de Colonização no Vale do Rio São Lourenço, em Barra do Bugre, na região de Bodoquena e nas terras agricultáveis situadas entre Cáceres e a fronteira boliviana.

Dr. Jary Gomes relacionou-se com ilustres personalidades da História do Brasil, como o militar, sertanista e geógrafo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Brigadeiro Eduardo Gomes, os Generais Góis Monteiro e Oswaldo Cordeiro de Farias. Após seu mandato de governador, concluiu sua vida pública abandonando a militância político-partidária, onde fez um número expressivo de amigos e admiradores.

Transferiu-se para o município de Niterói no Rio de Janeiro, onde buscou a formação universitária para sua prole que era composta de sete filhos. Nessa mudança dedicou-se à família e à medicina pública.

Dr. Jary Gomes deixou uma herança, talvez a maior de todas, a formação moral de sua numerosa descendência e o exemplo de homem digno, de extrema grandeza, honestidade e inteligência, capaz de não medir esforços pelos ideais de liberdade, democracia e do bem-estar de todas as classes sociais. “*Faleceu no domingo de Páscoa do dia 07 de maio de 1996*”.¹¹

Em homenagem a sua memória recito o soneto *Quarto Vazio*, que dedicou a sua filha Sueli. Não morrerá jamais um poeta que assim diz:

*“Hoje revi teu quarto solitário
e dominou-me estranha nostalgia;
um mundo de saudade, ali, jazia
como ruína aos olhos de um templário.*

*A escrivanhinha muda, - mudo o armário,
a estante sem um livro, quieta e fria,
ausente o riso, o ardor, toda a alegria,
isto me sabe as penas do Calvário.*

*Pelas pompas do Altaravas teus sonhos,
filha que vi nascer de olhos bisonhos
e o coração de amor se fez tão farto!*

*Teu ideal! Abraça-o sem tardanças,
que, enquanto enricas a alma de esperanças,
a minha está vazia como o quarto!!!”¹²*

À família do Dr. Jary Gomes, aqui representada neste pórtico da imortalidade, pelo Dr. Jary Gomes Filho, cuja presença muito me honra e envaidece, apresento minha admiração e respeito pelo notável mato-grossense, paradigma de médico e escritor, que saudosamente com os meus versos, reverencio neste momento:

*Médico e poeta, semeador de esperanças
conheço-te apenas
destes encontros noturnos
nas docas da insônia.*

*Nas crônicas e poemas
onde mansamente vens
com teus barcos literários
carregados de luz e de ternura
colher versos na brisa
para plantar silêncios
na dor do luar.*

*Da paixão fértil e febril
onde tu abres jardins de céu e chão
nos vitrais da tua poesia embriagadora
para que eu adormeça
com a lua, sempre nova, do teu canto.*

*Teus discursos
viajaram pelos sete mares do planeta
e pelos oceanos todos do destino
acendendo flores
derrubando muros
libertando pássaros...¹³*

*Em todo lugar
onde um irmão lutasse desesperado
pela saúde ou pelo pão de cada dia
tu também lutavas.
Teu país era a humanidade
e a tua bandeira desfraldada
fulgura como estrela calcinando sol e sofrimentos.*

*Quantas vezes me estendendo a mão
com teu verso iluminado...
Quantas vezes cantaste para acalantar
minha melancolia indomável.*

*Falando-me de uma nova aurora
entre os homens
fiquei teu amigo e caminhamos juntos
pelos trigais da tua poesia*

*Médico e poeta, semeador de esperanças
herói da sociedade*

*teu verso engatilhado
nos punhos da verdade
tem florais, pequis e amoras.*

*Com o mesmo fogo que cantaste
aos olhos da musa que te inspirou
também cantaste os esquecidos
que a perfídia da miséria alvejou.*

*Semeador de ternuras
coordenando crepúsculos
tua pena como sabre inconformado
lutou contra a tirania e a opressão.*

*E foste cantando, pelas veredas da vida
colhendo auroras e madrigais
repartir teu canto com todos.*

*Colecionador de ecos
argonauta de quimeras
conheço-te apenas
perfumando silêncios
nas esquinas dos teus versos
onde os homens se encontram
para reinventar a vida.*

*Lamento profundamente
não ter conhecido teus sonhos
no outono do teu céu...
Para conversar contigo
sobre homens e lendas
sobre trigo e mel.*

*Tu eras um perigo aos detentores do poder
uma ameaça aos organizadores da miséria
um atentado à tirania mascarada
em decretos e fuzis.
E sempre abriste tuas asas
de condor incendiado
para transpor cordilheiras
e saber da tua gente.*

*Cada discurso que compunhas
explodia como verbo e granada
nas trincheiras dos regimes.*

*Mas nunca ninguém, ousou ameaçar
ou silenciar teu violino.*

*Agora, enquanto falo contigo
nestes versos
e tu me ouves do teu abrigo celestial
escrevo por mim, pela Academia, e por ti*

*porque a tua presença espiritual
está entre nós e pelo mundo
girando em seu destino de moinho.*

*Se a morte é impotente
contra aqueles que nascem
para propagar a existência
enquanto escrevo
tuas cinzas nutrem
as raízes de flamboyant
que te transmitem da superfície
a moderna caminhada telúrica do homem.*

*E continuas a oferecer
a terra que te abriga
versos
que - libertados das palavras -
assumem as dimensões da vida
nas flores de teus filhos e netos
que hoje estão entre nós
e ainda nascem de ti.*

Senhores Acadêmicos

Permitam-me que nesta hora, de tão grande enlevo espiritual, ao ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, consagrada no respeito e na admiração de todos, apresente minha homenagem aos Educadores Lassalistas do Colégio São José de Canoas, no Rio Grande do Sul, onde fiz a minha primeira formação antes do Curso Médico, e onde moldei o meu caráter e aprendi a manter acesos nos recônditos da alma os archotes flamíferos do Amor, da Honra e da Liberdade.

Meu reconhecimento aos Mestres da Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Pelotas e minha profunda gratidão e reverência a Dom José Foralosso e em especial, a Dom Camilo Faresin, Bispo Emérito, e seu irmão Padre Santo Cornélio Faresin, fundadores do *Hospital Santa Maria Bertila* da antiga Prelazia de Guiratinga, onde exerço há 27 anos - dádiva divina - os preceitos da arte apostólica como discípulo de Hipócrates de Cós e onde com idealismo, coragem e renúncia iniciei o exercício médico. O tempo e a idade não arrefeceram meu ideal. A medicina modulou minha vida, retemperou meu espírito e concedeu-me uma visão caleidoscópica mais ampla do mundo e do homem, pois é na postura humanística da arte de curar que consumo meus dias desvendando as múltiplas paixões do cotidiano e as grandezas e os mistérios que acompanham a condição humana.

Senhoras e Senhores

Lucius Annaeus Sêneca, filósofo e poeta romano, disse que: “*o discurso é a face da alma*”¹⁴ e o insigne acadêmico mato-grossense Ronaldo De Arruda Castro, aqui presente, já exaltou que: “*o poeta não se pertence e nem pertence a ninguém. É um condor solitário que curiosamente nunca está só - povoa-se de silêncios, habita-se interiormente com as cintilações do sonho, que sonhar é o seu ofício. E o seu feitiço e sortilégio. E o poeta que não sonha é um ser imperfeito, descuidoso de sua missão*”¹⁵

O eminente acadêmico Dr. Satyro Benedicto de Oliveira, citando o orador e escritor português Alves Mendes proclamou: “*A palavra tem a claridade celeste e a profundidade oceânica, cicia como a aura e retumba como o trovão, prende como o imã e fulmina como o raio, corta como a espada, contunde como a clava...*”¹⁶

Sonhando e esculpindo versos, na *liturgia da palavras*, peço licença para apresentar minha oração de reconhecimento à terra mato-grossense que me acolheu com amor filial:

*Meu querido Estado
eu quero cantar-te agora
em todas as praças, coretos e esquinas amorosas.*

*Na tua coragem cívica, criaste o cidadão
e produziste também a urbanidade.
És tão carinhoso
que te fizeste sinônimo de sociedade antropológica.
Estado do sol, do verde e de Deus
Estado promissor
da ardente igualdade entre os teus.
Não há de ser nunca
apenas a colmeia
nem o labirinto de concreto
nem o acampamento árido dos sem-terra
mas o núcleo, abrigo, porto seguro
onde o horizonte está dardejante de luzes.
És um pouco de todos os Estados
para abrigar a todos.
Tens a riqueza das águas dos teus rios
e o teu mar é o teu céu abençoado pelo Cruzeiro do Sul.
És amparo, libertação, refúgio, desafio.
Eu amo o teu povo, talhado pelo sol*

*construindo espaços, modelando ventos
rompendo rotas e futuros.
Gosto de sentir o aroma da tua terra
impregnada de trabalho e civismo.
Eu amor sorver teus passos
nos vilarejos, nas profitópolis, nas igrejas, nas escolas
nos campos lavrados, nas cavalgadas, nos rodeios
nos remares longos pelos rios em calmaria.*

*Eu amo teus sonhos
a projetar fábricas, desfazendo utopias.
Amo Mato Grosso
pelos homens, mulheres, jovens e idosos
Beneditos e Marias.*

*Mato Grosso, mais que meu Estado
é o meu país.*

Senhoras e Senhores

Andarilho de memórias, chego a este tugúrio histórico de alforje quase vazio, cultivando a alquimia de aconchegos e descobertas em fonemas que se vão abrindo em girassóis na canção do amor e da solidariedade. Temeroso ainda, porque jamais me consenti um intelectual mas apenas um pertinaz cortejador de bons escritores e devotado admirador de tudo que nos vem do espírito como fruto sazonado da inteligência.

Enamorado dos elevados ideais, ilumino meus dias nos preceitos do poeta Manoel de Barros e nos ditames do Criador que “*ao comprovar que os homens não conseguindo iluminar o silêncio das coisas anônimas passou esta tarefa para os poetas*”.¹⁷ Mas para ser poeta, ensinou Yevtushenko “*não é suficiente saber escrever poemas, é necessário ter a capacidade para defendê-los*”.¹⁸

*O tempo consumiu
a luz da minha juventude...*

*No tropel do diálogo
cantando canções de acalanto
retiro as rugas do presente
neste meu rosto feliz.
Trago nos gestos
fragmentos de oceano
e nos olhos
águas-marinhas
das confidências de outros mares.*

*Exilado solar
sou operário da dor..*

*O bisturi
manipulado com ternura
salvando vidas
é minha espada na lapela.*

*Vim das lonjuras do pampa
nas asas do minuano
empurrando canoas no asfalto
curando feridas e ressacas*

*embriagado de lucidez
em busca do aconchego tropical.*

*Pisando as trilhas de Rondon
nas terras do cerrado
sou um fazendeiro de receitas...
Viaja no meu sangue
a panaceia da poesia...*

*Em meu peito germinam topázios
e as ninfas do outono
(canções do entardecer)
inebriando-me de aurora polar
são asilos de bem-querer.*

*No chão da minha infância
meu destino nasceu na ponta de um lápis.
Estudei. Tive sorte. Decifrei equívocos
nas impurezas do pranto.*

*Meus pais
lição de amor
sacrificaram seus sonhos em favor dos meus
ensinando-me a diferenciar
a estação das febres e das chuvas
revestiram minha existência de candura
no breve aprendizado da vida.*

*Na madrugada da minha adolescência
apagando rubras labaredas*

*em bandeiras desfraldadas
a ditadura esmurrou
na janela do meu civismo.
“acinzentaram minha alma
mas não cegaram meus olhos”¹⁹*

*Por muito tempo fiquei mudo
(plangente violão de cordas rôtas)
mas sem perder a lealdade
fui fraterno e amigo
pelas passeatas da vida.*

*Homem feito
gastei pétalas e raízes...*

*Sangrei no tempo
mas o amor
sempre guardei
no chão agreste do meu peito*

*Escalei dunas de areia
garimpei sofrimentos
e formulei cantigas
(ave das árias)
em núpcias com a realidade.*

*Minha paixão
Ana Luiza
em forma de mãe e mulher
(resumo melhorado de mim)
dorme na luz dos meus olhos...
E planto no seu leito de amor
orquídeas todas as manhãs.*

*Minhas angústias e tristezas
são murmúrios de brisas...
Meu futuro
não tem medo ou vergonha do amanhecer.*

*Meus filhos
com vocês
assumi um contrato de vida:
só falamos de alegrias e verdades.
Mas não brinquem de roda
com o arco-íris...
para que o pranto
(versículo da mágoa)
não visite a janela dos seus dias.*

*Com o coração de roda-gigante
(sol germinando esperanças e geometrias)
não me deixem povoado de assombros
conversando sozinho com a solidão fingida.*

*Testemunhando partidas
no caminho pungente das andanças
a florada do tempo imprevisto
explode em feridas atômicas...
Na luz escarlate
das manhãs guiratinguenses
profeta do humanismo
exerço meus dias
superior a cânones e credos
na convicção
de que antes de salvar almas
é preciso salvar vidas.*

*Continuo sonhando novos caminhos...
O que mudou em mim
foi o meu jeito de andar
mas não ando sozinho.
Quando meu espírito desvaneceu
e meu corpo fraquejou
o Senhor me deu coragem para prosseguir.*

*Um dia adormeci
filho de comerciantes
e acordei médico...*

*Um dia adormeci
pai de Leticia e André
e acordei... poeta.*

Nobres Acadêmicos
Senhoras e Senhores

Não há como negar que vivemos um momento torvo para a humanidade, perdidos e confusos num verdadeiro eclipse de valores espirituais. Os homens buscam para atenuar as suas angústias, nas diversas formas de humanismo e radicalismo ideológico, o sentido absoluto da felicidade, perdendo-se, entretanto, num negativismo desolador.

Na história do homem, no decorrer dos séculos, *Nero* foi coroado imperador do mundo. *Sócrates* foi aniquilado para destruir o pensamento. No banquete da devassidão *Messalina* recebeu flores e no tribunal da injustiça deram a *Cristo* uma coroa de espinhos no eterno contraditório do espírito humano.

No advento desta nova década, em que se finda a era apocalíptica, que os ódios se dissipem, que a harmonia paire em todas as almas e o amor ressurja como a primavera. Crepusculam os triunfos dos Césares contemporâneos para refulgir a verdade. A dinastia das prepotências agoniza e a tirania malsã está proscrita.

Da ciclópica tragédia que assiste o século XX surgirá uma aurora de esperanças onde se descortinarão os primeiros albos dos Direitos Humanos, com exemplos inequívocos de equidade social contra a afronta, e da liberdade sobre a opressão.

Como *Sísifo*, filho de Éolo e Enarete, fundador de Corinto, o homem moderno inventa instrumentos para se livrar da escravidão do cansaço. Na Atenas oligárquica onde viveu o estadista *Péricles*, 50 mil cidadãos livres eram servidos por 300 mil escravos. Em quatro décadas a humanidade fez mais progressos do que em quarenta mil anos. Nunca estivemos tão perto de realizar o sonho aristotélico. Neste período finissecular, alvorecer dos novos tempos, que Deus tenha piedade da culpada e soberba humanidade.

“*Não desejo inutilizar o esforço hercúleo dos heróis que emprestaram suor e sangue à luta libertária, pelo triunfo da humanidade*”.²⁰ Os mártires da contenda universal que dormem o sono eterno da glória, nas estepes gélidas da Rússia, nos Apeninos incomensuráveis, nas montanhas da Iugolávia, nas areias candentes da África inóspita, e nos calçadões brasileiros de Copacabana não estão em paz com as promessas falazes que ousam espezinhar os direitos humanos.

*Muitas vezes
a carne que habita
o outro lado das cicatrizes
não reconhece
a ressurreição das feridas...*

*Muitas vezes
a carne que habita
o outro lado da dor
não reconhece
o sentimento da lágrima.*

Muito ainda, haverá de se fazer nesta hora em que os ponteiros da História se aproximam aos 500 anos da chegada das caravelas de *Cabral*, na cruzada homérica pela educação de nossa sociedade para que o espírito da paz ruffle as condoreiras asas inquietas sobre as cicatrizes das chagas. Pois, se o homem perde a identidade ética, libera a violência incontida. Aqui o chão da experiência nos levará a Amazônia decisiva e ao Pantanal preservado, no abraço sexuado das águas, nossa herança geográfica maior.

Senhoras e Senhores

Antes de concluir, faço um apelo às autoridades governamentais para a preservação de nosso patrimônio cultural estimulando o interesse pela Augusta Casa da intelectualidade mato-grossense, pois como se referiu o preclaro acadêmico Dr. Lenine de Campos Póvoas, que presidiu esta Casa por uma década, “a cultura é o patrimônio maior e mais duradouro que as gerações herdaram das que as antecederam”.²¹

Parafraseando o filósofo e teólogo francês Pierre Teilhard de Chardin, “um dia virá que, depois de utilizar espaço, marés e gravidade, deveremos utilizar para o nosso próximo as energias do amor. E nesse dia, pela segunda vez na história do mundo, teremos descoberto o fogo”.²²

Eminentes Acadêmicos

Não penetro sozinho neste venerável templo do conhecimento. Entram comigo os meus queridos familiares, todos os meus amigos diletos, os colegas médicos, os enfermeiros, os pacientes, os companheiros da Família Rotária, que em tão expressivo número prestigiam este evento, e sobretudo os idosos discriminados, os jovens marginalizados e as crianças abandonadas de nossa sociedade.

Sou grato pela presença marcante de tantos amigos, muitos deslocando-se de Guiratinga e de outras cidades, para prestigiarem minha assunção neste propugnáculo do saber.

Senhor Presidente

Ilustres Confrades e Confreiras

Senhoras e Senhores

Humildemente confesso, na intimidade desta noite, que não me dobra o peso de carregar a glória de ser Membro da Academia porque me sustém a suprema aspiração de honrá-la pelo resto dos meus dias.

Muito obrigado

REFERÊNCIAS

- 01 - MELLO, Thiago. *Faz escuro mas eu canto*: Os estatutos do homem. p. 20. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- 02 - ANTÔNIO NETO, João. *Discurso de recepção ao acadêmico Carlos Gomes de Carvalho*, p 57: Iomat. 1985.
- 03 - CARVALHO, Carlos Gomes. *Hematopoemas*. Coleção Letras Mato-grossenses. Série Poetas Contemporâneos. 1989.
- 04 - CONFÚCIO. *Cinco clássicos*.
- 05 - MOURA, Clóvis Pitaluga de. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Nova Série - nº 1. Genus.
- 06 - BARBOSA, Rui. *Discurso, Oração e Conferências*. Edigraf. 1972. São Paulo.
- 07 - CH'AO, Chang. *A importância de viver de Lin Yu Tang*. Coleção Catavento. Globo. 1.963
- 08 - SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Revista Comemorativa do Jubileu de Diamante da Academia Mato-Grossense de Letras*. p.27. Gráfica UFMT. 1996.
- 09 - Idem, *ibidem*.
- 10 - LACERDA, José. *Moção de Louvor*. Assembleia Legislativa Estadual 08/05.1996.
- 11 - GOMES FILHO, Jary. *Depoimento Pessoal*.
- 12 - GOMES, Jary. *Da Juventude ao Ocaso*. p. 58. Gramatura Gráfica e Editor. 1990.
- 13 - FRANDALOZO, Carmen Selene. *Coletânea de Poesias*. P, 46. Gráfica Metrópole.
- 14 - SÊNECA, Lucius Annaeus. Epístola CXV. 2
- 15 - CASTRO, Ronaldo de Arruda. *Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras*. 10/03/1992. Revista da AML p. 107. Gráfica Genus.
- 16 - OLIVEIRA, Satyro Benedicto de. *Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras*. 14/12/1991. p 62. Gráfica Genus.
- 17 - BARROS, Manoel de. *Concerto de céu aberto para solos de ave*. p 48. Civilização Brasileira. 1991.
- 18 - YEVTUSHENKO
- 19 - VIOLA, Paulinho da, LARA, Ivone, CARVALHO, Hermínio Bello.

- 20 - GOMES, Jary. *Ideias e Sugestões*. Coletânea de Artigos da Imprensa p 12. Tipografia Comercial Bauru SP. 1948.
- 21 - PÓVOAS, Lenine de Campos. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Gráfica Genus. 1993.
- 22 - CHARDIN, Pierre Teilhard. *La Place de l'homme dans la nature*. 1964.

☪ CADEIRA 31 ☪

PATRONO

JOSÉ DELFINO DA SILVA



OCUPANTES

LAMARTINE FERREIRA MENDES

ADAUTO DIAS DE ALENCAR

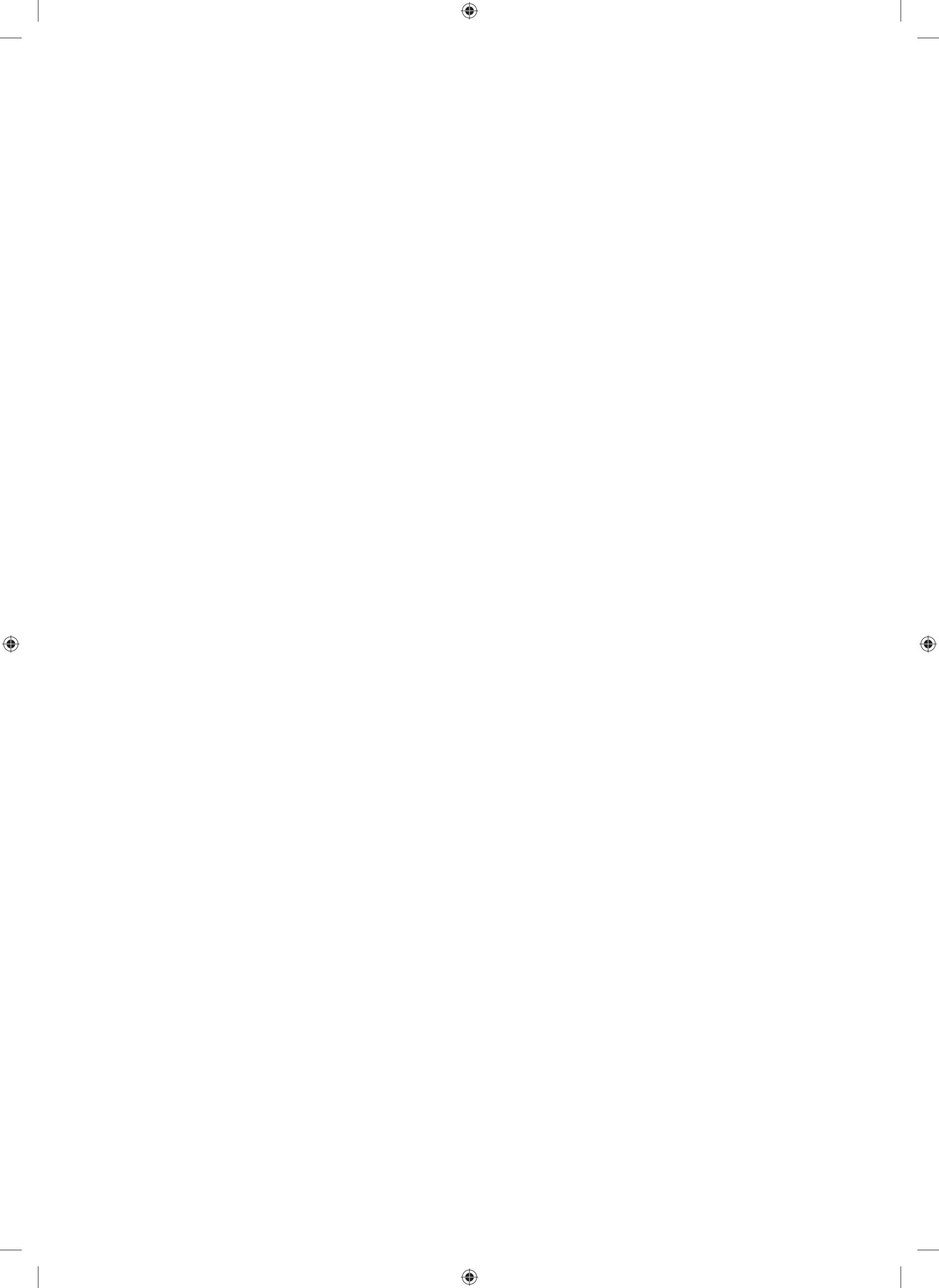
LUCIENE CARVALHO



SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA LUCIENE CARVALHO

13/08/2015

- DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCIENE CARVALHO, PELO ACADÊMICO E PRESIDENTE EDUARDO MAHON
- DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCIENE CARVALHO



DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCIENE CARVALHO, PELO ACADÊMICO E PRESIDENTE EDUARDO MAHON

*“A rigor,
provavelmente meu verso
não vai parar na academia
Meu verso é bolacha Maria”¹*

Quem diria que a poeta responsável por esses versos pertenceria à Academia Mato-Grossense de Letras? Nem ela mesma, como registrou no livro *Ladra de Flores*. Pois bem, nesta noite, celebramos o improvável da vida, coisas que se realizam somente a base de poesia. Essa mulher forte, sofrida, caída e levantada nos barrancos da vida, vencedora da morte, da sombra e de si, viveu um contínuo turbilhão, sentiu na pele desejos, angústias, preconceitos, lembranças e esquecimentos, foi chamada de tudo: de bruxa, louca, perigosa, obscena, menos de medíocre. Estamos diante do talento genuíno e espontâneo, do verso cru, da entrega passional, da criação sem cabrestos, cujo nome é Luciene Carvalho, natural dos quintais de Conceição e de Gonçalves, com RG e CPF lavrados por rezadeiras, reconhecida pelo povo do Rio-Acima e do Rio-Abaixo. De Corumbá, traz consigo a beleza de um Mato Grosso unido que sempre se reencontra no Excelentíssimo Senhor São Gonçalo do Porto. Para a posse, ela veio cheirando a caju, com grinalda de chita, depositar o buquê de bons-dias e boas-noites aos pés de São Benedito que rege essa festa de autêntica cuiabania.

Ninguém a acuse de indiferença, porque ela vive em estado febril de paixão. Se não for com o peito aberto, com as veias rasgadas e olhos injetados, não será a Luciene Carvalho que amamos. Imoderada, resiste à banalidade que julga normalizante, onde a vida é cronometrada em medidas antipoéticas. Sua inquietude está retratada no poema *Irrita-me*, do livro *Insânia*: *“irrita-me/ o estar sem paixão/sem musa ou sem muso// irrita-me/ a adrenalina sem uso,/ o peito sem faca,/ o olhar sem abuso// irrita-me/ a ausência de ilusão/ tato sem engodo,/ a plena lucidez// irrita-me a voz desalucinada,/ o tempo de agenda,/ riso sem segredo,/ mãos sem nervosismo// irrita-me/ a fala sem cinismo,/telefone mudo,/ ar sem sobressalto,/ banho bem na hora certa// irrita-me/ esta porta aberta/ presa na garganta/ que mora na pele// irrita-me/ a tonta/ que não se sacia/ que procura a fome/ do que desafia”*². A fome do que não sacia, desafio constante pela expressão inovadora, a transgressão pessoal e a prática da confiança são marcas notáveis no trabalho da nova acadêmica.

Esse desapego às formas conservadoras está retratado não só no viés poético de Luciene Carvalho, como no delicioso coloquialismo da prosa, que não pode ser esquecido ou diminuído. Estamos lidando com uma escritora que domina vários estilos. No livro *Conta-Gotas*, descobrimos a singularidade da autora, ao retratar em microcontos o cotidiano cuiabano, dando ênfase ao minimalismo gestual sem, no entanto, inclinar-se em caricaturas tradicionais. A escritora foge do lugar-comum do regionalismo de semióticas conhecidas e fotografa com extrema competência a contemporaneidade da vida urbana da capital mato-grossense. Do seu quintal no bairro do Porto, ela quer mostrar uma Cuiabá cosmopolita, plugada ao cenário nacional e internacional, como, aliás, sempre foi: uma cidade-*voyeur*.

Merece reprodução integral o genial conto Vale Transporte: *“As lentes dos óculos Jackie O. refletem o cumprimento ‘oi!!!’ e só então seu dia começava de verdade. A calça branca de lycra agarrava com vontade o quadril farto que se demorava na ferragem da roleta, enquanto mãos cegas fingiam procurar o vale-transporte nos escaninhos mais que conhecidos da bolsa curta de camelô. Aquele breve interlúdio matinal vinha dando alma nova à manhã dela; já não se preparava apenas para limpar os corredores intermináveis do Hospital Geral,*

1 Trecho da poesia *Água de mina*, do livro *Ladra de Flores*, 2012, ed. Carlini e Caniato.

2 Poesia *Irrita-me*, originalmente publicado no livro *Caderno de Caligrafia* (2003), reproduzida em *Insânia*, 2009, ed. Entrelinhas.

já não se exasperava com clorofórmios e desinfetantes, já não se incomodava com o escarro do pai que se levantava para continuar o porre interrompido na noite anterior; já não lhe pesava a chegada dos 45 anos. Não! Acordava para ele, se vestia e maquiava para ele; o cobrador da linha 508. Tinha que ser pontual para pegar o ônibus certo e poder realizar aquela cena matinal: unhas pintadas com esmalte vermelho escondiam o contato com os corrosivos e descansavam por um minuto sobre a caixa de dinheiro. O cabelo alisado com chapinha no fim-de-semana exigia que ela se inclinasse em direção à bolsa para mostrar seu balanço, a língua umedecia o lábio roxo de cuiabana antiga e: ‘Oi’!!!³

Contemporânea sim, realista nunca! A romântica Luciene Carvalho assume a feminilidade e faz da poesia o divã certo para confissões da mulher que pretende o arrebatamento amoroso. Vejamos o Manifesto da poeta, no livro *Sumo da Lascívia*: “Então tá,/que sou poeta, escritora,/ madura e resolvida,/ tá bom.// tá bom que a mítica/ do nosso tempo/ traz uma nova estética/ de comportamento/ que permite à mulher.../ balela!/ na boa, tá.../ aquela coisa de olhar/ e seduzir,/ não acabou./ Quero sentir o fascínio/ e o desejo,/ observando seus sentidos/ passeando pela minha pele./ quero ver tombar/ a minha entrega,/ ante o brilho do encantamento/ dos seus olhos/ buscando meus movimentos.// quero a poeira da dúvida/levantada/ frente à possibilidade/ de não ser a sua amada// não abro mão de nada,/ nem do verbo,/ nem do toque/ que provoque a condição/ de apaixonada”⁴.

Essa afirmação da condição feminina está reforçada pela lida com dois valores ambíguos que circundam a mulher: o profano e o sagrado. Esse binômio antropológico é trabalhado com o coloquialismo típico da poeta que diz a que veio, sem meias palavras. Na poesia *Tantas*, Luciene Carvalho expõe-se múltipla no livro *Aquelarre*: “ah! como que alegria/ me descubro Maria/ como tantas mais// e partilho com todas/ a tolice de gostar de flores/ e olhar pra lua/ em busca de sinais// sou Maria cheia de crendices/ manias e fé// no meu dia-a-dia tacanho/ encontro portais/ quando falo às plantas,/ arrumo a casa,/ alimento os animais// Sou Maria/ de menos salário/ em igual função.// sou Maria/ múltipla jornada/ puta, mãe, salada/ outra, esposa e pão”⁵. E prossegue nos feitiços poéticos, em *Magia de Primavera*: “num copinho/ coloque um pouco de vinho/ pingue canela em pó// só que tem que estar só,/ completamente sozinho/ à procura de carinho/ para a magia funcionar// na hora do sol raiar/ lua cheia. terça. libra/ o amor do mundo vibra/ vire o copo. beba e diga:/ eu quero me apaixonar”⁶.

Há mais. Quero apresentar não só a mulher, a escritora, a poeta, mas o incrível ser humano, capaz de mergulhar no recanto mais profundo do próprio ser, lugares de medo, terror e admiração, onde a maioria de nós não ousa se permitir. Do que estou falando? “Tô falando de loucura/ Tô falando de viver/ Aura clara, sorte escura/ Descobrir o que se é, e ser”⁷. Quem escreveria tão abertamente: “(...) às vezes penso que cada ser humano é um manicômio individual com um louco dentro”⁸? É preciso refletir, a essa altura, o preço do comodismo sensato, óbolo que nunca Luciene Carvalho esteve disposta a pagar. Seguiu sua luta contra moinhos de vento, cantando: “às vezes eu falo com a vida/ às vezes é ela quem diz/ qual a paz que eu não quero conservar/ pra tentar ser feliz?”⁹.

Ao investigar a obra literária da nova acadêmica, posso garantir: não conservou nenhuma paz ao buscar felicidade. Diz a própria autora, em entrevista sobre o livro que marcaria a vida – “*Insânia é delação da minha história pessoal, feita pela escritora que há em mim*”. De fato, nossa nova imortal correu pela rua escura, dobrou a esquina de si e perdeu-se muitas vezes no emaranhado de sinais, toques, insights, limiar entre a patológica lucidez e a loucura genial. Dessa luta entre o normal e o avesso, nossa colega exhibe cicatrizes ou, como ela mesma classifica, *Queloides*: “percorri minha pele/em certa madrugada/ buscando a marca,/ cicatriz do havido...//Descobri que o corte/ mais profundo/ se manterá p’ro mundo escondido”¹⁰.

3 Conto Vale Transporte, do livro *Conta-Gotas*, 2007, Instituto Usina.

4 Poesia Manifesto, do livro *Sumo da Lascívia*, 2007, Instituto Usina.

5 Poesia *Tantas*, do livro *Aquelarre ou Livro de Madalena*, 2007, Instituto Usina.

6 Poesia *Magia de Primavera*, do livro *Aquelarre ou Livro de Madalena*, 2007, Instituto Usina.

7 *Gentil Loucura* – Álbum *Skank*, 1993

8 4ª Carta para a Dra. Renée, do livro *Insânia*, 2009, Entrelinhas.

9 Música *Minha Alma* (A paz que eu não quero) – Grupo Rappa, 2001, Álbum *Instinto Coletivo*.

10 Poesia *Queloides*, do livro *Ladra de Flores*, 2012, ed. Carlini & Caniato.

É possível que Luciene, ao não transigir consigo mesma sobre convenções que disciplinam, aparências que normalizam, padrões que conformam, tenha se encontrado em cômodos inacessíveis da alma. Lá do fundo, no frio, no escuro, explode a poesia como lenitivo para si e para o mundo: “*chama a polícia p’ra mim/ porque mudei de ideia/ chama!/ chama a polícia/ e manda me prender/ porque não pude conter/ o ímpeto/ a fúria vã do meu destino.// disque o cento e noventa/ diz que é emergência,/ diz que é incêndio,/ surto.// eu autorizo,/ empresto o celular se for preciso.// chama o corpo de bombeiros!/ avise a quem me achar que me contenha,/ que sede/ por medida preventiva/ que urge algo que possa me parar.// chama a polícia!/ pois fugi p’ra minha vida,/ pois ousei querer mudar/ rumo e caminho./ abra a gaiola/ e recolha o passarinho*”¹¹.

Os tormentos da genialidade, os impulsos da produção criativa, energias que nenhum de nós controla, solidariza os grandes. Tanto que Paulo Leminski definiu-se assim: “*dois loucos no bairro/ um passa os dias/ chutando postes para ver se acendem/ o outro, as noites/ apagando palavras/ contra um papel em branco/ todo bairro tem um louco/ que o bairro trata bem/ só falta mais um pouco/ pra eu ser tratado também*”.

Imaginem os Senhores e Senhoras refletir sobre a própria lucidez numa província onde tudo é público, examinado palmo a palmo sob uma lupa tão indiscreta quanto cruel. É preciso ter muita personalidade para não sucumbir à marginalidade que se quer impingir em rótulos sociais: “*Não dá pé/ Não tem pé, nem cabeça/ Não tem ninguém que mereça/ Não tem coração que esqueça/ Não tem jeito mesmo/ Não tem dó no peito/ Não tem nem talvez ter feito/ O que você me fez desapareça/ Cresça e desapareça.../ Não tem dó no peito/ Não tem jeito/ Não tem ninguém que mereça/ Não tem coração que esqueça/ Não tem pé, não tem cabeça/ Não dá pé, não é direito/ Não foi nada/ Eu não fiz nada disso/ E você fez/ Um Bicho de Sete Cabeças...*”¹². Qual será a sensação de não ser entendido?; de não ser adequado? Somente uma intelectual da estatura de Luciene Carvalho seria capaz de responder às provocações com uma poesia como *Loucuz*: “*corri da loucura/fugi da loucura/ e hora sua hospedeira/ ela minha companheira/ das amigas a primeira/ veio, fica, é bem-vinda/ minha loucura é linda/ minha loucura é luz*”¹³.

Aqui está Luciene com suas luzes, suas trevas, suas genialidades e seus desatinos. Anunciamos o dia de uma nova Academia. E será nova sempre, porque sempre se renova. Com a poeta cuiabana, encerramos um grande ciclo que contemplou dez intelectuais inclinados fundamentalmente para a literatura, eleitos e empossados nesses dois anos. Uma composição corajosa, vanguardista, que não tem medo da crítica, que não tem medo do risco. Podemos ainda ir além para somar à bancada acadêmica não só os “mestres” – responsáveis pelo aperfeiçoamento da linguagem – como também abraçar os “inventores”, experimentadores de formas ainda desconhecidas da linguagem, de acordo com a classificação de Pound. Já tive oportunidade de dizer e vou aqui reafirmar – a Academia de Letras é a casa de todas as letras, inclusive as graficamente construídas, mesmo ao largo do código alfabético convencional. Deixo aqui um alerta: ainda há tempo para que a sociedade reconheça o mais vanguardista poeta brasileiro que nos deu a satisfação de produzir literatura em Mato Grosso: Wladimir Dias-Pino. Quero lembrar da canção de Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho: “*me dê as flores em vida/ o carinho e a mão amiga/ para aliviar meus ais/ depois que eu me chamar saudade/ não precisa de vaidade/ quero preces e nada mais*”¹⁴.

O ingresso da poeta negra, da bruxa das palavras, é emblemático. Veio a tempo. Estamos numa época em que importa o talento, a despeito de todas as classificações convencionais. Não há régua para medir os versos, nem tampouco para dar bolo ou fazer censura. A arte não tem finalidade que não seja a expressão para o próprio artista. A literatura não tem compromisso moral. Tantas vezes os artistas dão de ombros às críticas, entoando a balada: “*dizem que sou louco/ por pensar assim/ se eu sou muito louco/ por eu ser feliz/ mas louco é quem me diz/ que não é feliz/ não é feliz (...) sim, sou muito louco/ já não sou o único que encontrou a paz/ mas louco é quem me diz/ que não é feliz/ eu sou feliz*”¹⁵. Somos testemunhas da *deschateação* do mundo.

É preciso ser mais feliz e criticar menos, desapegar-se de miudezas, dessas quinquilharias tecnicistas que nos fazem cativos. No encerramento desse ciclo, fizemos o que era possível e, considerando algumas

11 Poesia Busca e Captura, do livro *Ladra de Flores*, 2012, ed. Carlini & Caniato.

12 Bicho de Sete Cabeças – *Geraldo Azevedo ao Vivo*, 1994.

13 Poesia Loucuz, do livro *Insânia*, 2009, ed. Entrelinhas.

14 *Quando Eu Me Chamar Saudade*, Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho, Série Documento, 2005.

15 *Balada do Louco* – Mutantes Ao Vivo - Barbican Theatre, Londres, 2006.

carrancas críticas, o que seria impossível. Aos céticos que desacreditavam numa mudança tão profunda, torciam o nariz para uma Academia de Letras mais aberta, popular, dessacralizada, respondemos com a poesia *Outros Tempos*, publicado no livro *Porto*, de Luciene Carvalho: *fui andando pelas ruelas/ tão aquelas/ do Porto de Cuiabá// têm história.../ crianças de hoje/ brincam com netos/ de vizinhos de outros tempos// o dono da padaria/ conhece Dona Maria/ sobrinha do seo João/ Jacira que lava a roupa/ em outros tempos foi louca/ de amor por Sebastião/ que hoje toca a padaria/ porque casou com Sofia/ a filha de um alemão./ E, aqui no bairro do Porto/ vizinho é de porta adentro/ é um bairro de outros tempos,/ tem outra arquitetura./ E o que se procura acha:/ é linha, anzol, borracha;/ macumba é na baianinha,/ chá de folha é no Suat¹⁶// hortaliça, arame, linha/ tem vidraceiro, engraxate/ café moído na feira/ cabelereira, sapato// o que tem de história triste/ muito serviço barato.// tem puta de qualidade/ tem putinha de tostão/ pano de prato/ cultura/ tem pedinte/ tem cafetão/ tem virgem/ tem traficante/ tem carretel, tem barbante/ suor trabalho, mistura// tem Cuiabá neste bairro/ que em Cuiabá não tem/ tem tanta história importante/ que Deus salve o Porto, amém¹⁷”.*

Senhoras e senhores, é comum perguntarmos às crianças o que querem ser no futuro. No caso de Luciene Carvalho, seria melhor perguntar o que desejaríamos nós, caso voltássemos à infância. Não importa que suje, que rasgue, que machuque. Importa viver. Viver e ser feliz. Mas... já está na hora de procurar abrigo para a poesia amadurecida da autora que tenho a honra de saudar. Sempre chega a hora das crianças dormirem, momento em que nascem os adultos. Não há mais Dona Conceição para ralhar: sai do sereno, menina! Já para a casa, Luciene! Todavia, de alguma forma metafísica que só as mães alcançam, sabe ela que a filha chegou em casa, na Casa Barão de Melgaço, seu novo quintal, seu novo endereço. Seja muito bem-vinda, minha amiga. Venha assuntar conosco o zanzar do tempo das janelas desse bicentenário casarão. Minha gente, quem diria? Quem diria que Luciene viria? Loucos fomos nós por esperar tanto tempo para tê-la conosco. Não se sabe se, até que enfim, ela chegou aqui ou se, até aqui, chegamos nós, enfim...

Muito obrigado!

16 Provavelmente, a poeta refere-se a “Swat”, o famoso raizeiro Genesi Arruda de Carvalho.

17 Poesia *Outros Tempos*, do livro *Porto*, 2005, edição da autora.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCIENE CARVALHO

*Bença, Vô. Bença, Vô. Bença, Pai. Bença, mãe.
Peço licença aos ancestrais desta casa,
Que me acolheram sob suas asas;
Na pessoa no Mahon, saúdo a mesa;
No proceder da humildade,
Na pessoa de VER QUEM, saúdo as autoridades;
Na de Moisés Martins, saúdo aos meus confrades;
Saúdo a minha família, através de Tia Gonça;
Saúdo ao público, através de Maria Teresa;
Através de Cybele Bussiki, saúdo toda a Cidade;
Minha alma buscou um jeito
Um formato
Para falar para vocês
De alma para alma
De fato!
Virei noite
Virei dias
Na busca do que queria...
Um rap?
Uma poesia?
Me indagava insone:
E se eu fosse solene?
A minha face artista
Dizia: Seja intimista,
Se expõe.
Decidi:
É por aí!
Eis aqui
O meu discurso tem nome,
Chama-se “Carta à minha mãe”*

Ah, mãe! A senhora se foi bem às vésperas, só faltavam 2 dias para a minha eleição, Dona Conceição. E eu que me lancei nessa empreita para que, sendo eleita, entregar-lhe seu troféu... escolhi escrever-lhe esta carta como forma de tê-la aqui. Não direi à senhora que agora, tem uma ilha de saudade no meu peito, que não tem jeito. Que a abstinência da sua voz, do seu cheiro, do seu norte, é um rio inteiro. Não! Serei forte. Mãe, nesta noite passo a ocupar a cadeira 31 da Academia mato-grossense de Letras. Academia mato-grossense de letras!!! Já pensou?

Sabia que o nome do Patrono da cadeira 31 é José Delfino da Silva e que ele nasceu em Nossa Senhora do Livramento como a senhora? Autodidata, aprendeu sozinho o francês. Gostei dos poemas dele, em especial “Altas Noites”, que belo representante do romantismo mato-grossense é o meu patrono. Primeiro ocupante da cadeira 31, Lamartine Ferreira Mendes, Cuiabano, advogado, foi promotor de Justiça em Três

Lagoas – o papai morou lá antes de casar com a senhora, né? – os versos dele são lapidados, construídos, poemas parnasianos legítimos. O ocupante seguinte foi Adauto Dias de Alencar, nasceu no Ceará e assinou em sua trajetória, a natureza nordestina: resistente e bem-humorada. Bacharel em Direito e graduado em Filosofia e Letras, meu antecessor foi um homem brilhante, na sua trajetória na OAB, como professor da UFMT, na Defensoria Pública do Estado, um genealogista. A senhora tá vendo o quanto é motivo de honra ser a primeira mulher a ocupar a cadeira 31? Assim que é: cada um que assume uma cadeira, conta a obra, estória e trajetória dos antecessores, imortalizando assim as letras do nosso Estado.

... E assim foi: papai, nascido na Bahia agreste, atravessou São Paulo, trabalhando pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, entrou por Três Lagoas, fez Adonias e Cida – Já tinha feito Clementes – conheceu a senhora em Antônio Maria Coelho. Casaram-se em Corumbá, onde lhes chegaram os filhos do amor sublime: Delair, Denilze, Enilda e Joábio. Do seu casamento com papai nasceu eu... Esta que hoje é empossada na cadeira 31, nasceu num pé de morro da Serra de Urucum. Algum tempo depois fomos morar em Ladário, num lugar chamado Mixta, onde o que o horizonte avista, são águas do Paraguai. Mas aqui eu já declamava. Mãe, a senhora diz que estreei aos dois anos e meio, então, por onde a poesia veio? Foi contágio por cordão umbilical? O sonho da arte era o sal do seu suor? Toda família me alfabetizou e aquele Paraguai e aquele Trem de Ferro passando bem pertinho da janela com o vagão cheio de bois, e aquela nuvem de borboletas amarelas, e aquelas vitórias-régias... tudo encheu meu olho, e quando a visita chegava naquele fundão de Pantanal a senhora falava: “Luck, venha dar poesia”. Acho que já tinha um pé de poesia dentro de mim. Papai morreu e muda para Ladário, e muda para Corumbá, e muda para Cuiabá. Quintal dos meus avós: Seo Mané Grande, tocador de pé-de-bode, e dona Josefa de quem herdei o nome.

Mãe, odiei Cuiabá. Não entendia nem o que o povo falava Vôte! E dá-lhe escola: na Mixta “Escola Municipal Professor Macedo”; em Ladário “Escola Farol do Norte”; em Corumbá “Escola Estadual Octácio Faustino da Silva” e “Escola Estadual Maria Leite”; em Cuiabá “Escola Estadual José de Mesquita”, “Escola Técnica Federal de Mato Grosso” e “Universidade Federal de Mato Grosso”.

Nãos sei em qual hora que Cuiabá me pegou; Não sei se foi na UFMT; não sei se foi na hora que eu passava cera no chão da sala e assistia o programa do Pescuma na Tevê. Acho que foram os dois; depois Cuiabá mudou meu dentro. E a UFMT? O que foi aquilo? Virou meu avesso. Entrei aos dezesseis e nunca mais saí. Pode olhar, qualquer um, tem uma árvore brotada lá, que sou eu, frutífera e grata.

Mãe, tem uma hora em meu discurso que paro de falar com a senhora e vou falar com o público, assim ó:

Senhores,

*Não sei se em Corumbá, Cuiabá ou Ladário
A poesia me pegou,
Sou vazio literário
Como cenário,
As ruas de Cuiabá
Me viram crescer
Entontecer
Anoitecer
Morrer em mim do que era.
Tem a minha fera
Neguei a mim
Sem sonho ou esperança...
Um dia amanheci com letras postas em poemas.
Ok, era poesia.
E surge então novo dilema:
Cuiabá ama sarau.
Mas nestas terras,*

*Precisava saber de antemão,
 Nestas terras, escritor é profissão?
 Sem dúvida,
 Talento é uma riqueza,
 Então, por que quem trabalha
 Como poesia vive na pobreza?
 Por que profissionalizar
 O ofício de escritor é uma batalha?
 Porque a cadeira literária produtiva
 Em Mato Grosso
 Nunca esteve ativa? Porque a construção do Mercado Literário
 É deixado de lado?
 Pobre é quem não tem cobre,
 Poesia em Cuiabá
 Não tem cobre
 Nem cobertura.
 Poeta, ou Poetiza
 -como já fui ensinada aqui na AML-
 Precisa tem profissão precedente,
 Como se ser escritor em nossa terra
 Fosse... indecente*

A senhora sabe que aprendi muito no período em que estive trabalhando como gestora cultural na Associação Mato-grossense dos municípios foi importante... mas poeta- poetiza- precisava respirar; poesia precisa de ar. Sem dúvida a AMM trouxe direção, autoconfiança. Eu tinha vergonha de ter em mim o Transtorno Bipolar, é cruel quando se é socialmente punido por particularidades pessoais que estão muito além do nível das escolhas. Ainda trago nos olhos da minha alma rosto e expressões daqueles como quem cruzei nas instituições em que precisei estar. Várias, muitas, a maioria dessas pessoas, não vai frequentar a vida no sentido do usufruto da cidadania plena. Mas tem lugar, né mãe, nós duas sabemos que já existe um lugar onde as pessoas se unem para se reconstruir.

Tem um assunto aí que preciso contar para a senhora: tá sendo dito que sou a primeira negra a entrar para a AML... do jeito que a senhora é deve estar orgulhosa. Eu não estou não! Primeiro por que orgulho em demasia, mãe, expande o ego, e o egocentrismo nos cega pro mundo. Nós estamos no século XXI e a herança escravocrata brasileira ainda não foi equacionada. Eu me vejo apenas como mais um elo no processo de empoderamento dos negros da nossa terra. Os negros do Brasil devem praticar protagonismo social no cotidiano: lindos e elegantes. Foi a sua pele negra que suou vendendo cosméticos de porta em porta para que eu pudesse estudar. Sou uma herança pro mundo e creio que alcancei o nobre título de acadêmica, pela qualidade da minha escrita; por Talento.

Sou a única filha que a senhora pariu, mas os filhos do seu amor estão aqui, sou cria deles também. São meus irmãos e seus descendentes. Minha família.

A senhora viu a quantidade de amigos que se reuniu para essa festa acontecesse? Se eu fosse nomear além dos essenciais Viviane Lemos, Anderson e Jaqueline, por certo cometeria injustiças, então a todos que contribuíram para a construção deste momento, minha profunda gratidão.

Sou uma declamadora que amadureceu versos na alma e frutificou em poesia, amo levar ao público o pão poético e sonho contribuir com a AML através deste meu viés, tão ao gosto do brasileiro que é a declamação; Os shows de poesia que apresento no SESC-Arsenal são delícias para o meu coração. A imprensa cuiabana é a principal responsável pela dimensão que minha obra alcançou. Fui adotada e transportada

pelos comunicadores desta cidade que sou filha. As Universidades do meu Estado me honram com pesquisas e dissertações. Mário César apresentou meu trabalho em Londres, mãe, poesia deve ser mesmo a vontade de Deus pra mim. E a senhora estava certa quando naquela nossa última conversa chamou Raul de “negro amado”; é isso que ele é: muso dos meus dias. Mãe, não posso esquecer: Sozinha, nada consigo; preciso de vocês, de cada amigo.

Guardião de todos os meus dias, por ser dele aniversário escolhi a data desta festa, meu irmão Adonias. Carrego comigo o sobrenome do meu pai, moro na casa do meu bisavô, no quintal dos avós, no bairro do Porto, desta Cuiabá e sou sua filha e fruto de dona Conceição.

Nesta noite meu nome é gratidão

Recebam meu carinho

Todos os que aqui estão

Boa noite

☪ CADEIRA 35 ☪

PATRONO

JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES



OCUPANTES

JOSÉ JAYME FERREIRA DE VASCONCELLOS

JOÃO VILLASBÔAS

NEWTON ALFREDO DE AGUIAR

CLÓVIS DE MELLO

FLÁVIO JOSÉ FERREIRA



SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA

11/06/2015

- ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, EDUARDO MAHON
- DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA, PELO ACADÊMICO AGNALDO RODRIGUES DA SILVA
- DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA



DISCURSO DE ABERTURA DA SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA, PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON

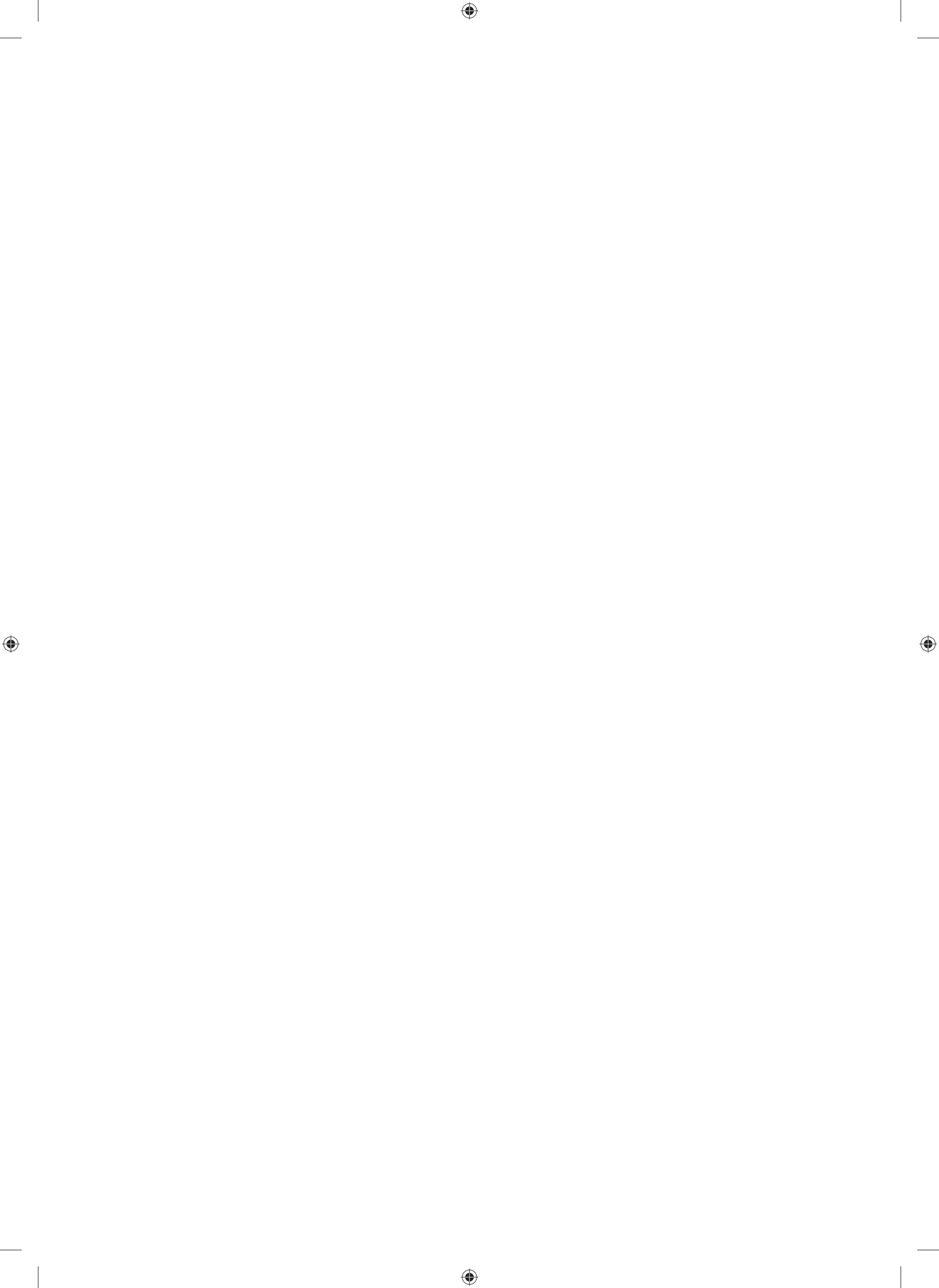
“Olha/ Será que é uma estrela/ Será que é mentira?/ Será que é comédia?/ Será que é divina a vida da atriz?/ Se ela um dia despencar do céu/ E se os pagantes exigirem bis/ E se um arcanjo passar o chapéu/ E se eu pudesse entrar na sua vida” (Chico Buarque) Na noite de hoje, esta Academia de Letras recebe a mágica do teatro, destacando-se Flávio Ferreira como um dos representantes dos artistas mato-grossenses. Abraçamos um homem que contém no coração todos os palcos, todas as luzes, as tragédias e as comédias que refletem a vida humana.

Em “Autopsicografia”, Fernando Pessoa compara a poesia com a arte de atuar: *“O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente./ Os que lêem o que escreve,/ Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele teve,/ Mas só a que eles não têm./ E assim nas calhas da roda/ Gira, a entreter a razão,/ Esse comboio de corda/ Que se chama o coração.”* No caso de Flávio Ferreira, ele finge ser o poeta que, de fato, é. Encontram-se nele muitos outros Flávios: o advogado, o professor, o filantropo, o agitador cultural, o dramaturgo.

No entanto, o que muitos não sabem é que Flávio Ferreira é um menino do Coxipó. Foi assim que ele se apresentou aos acadêmicos durante a campanha. Um menino que fazia peraltices nos rios e que tomou o gosto pela magia dos quintais, dos riachos, das chácaras. Daí que cresceu um jovem simples, tornou-se um homem simples e simplesmente chegou até aqui. Não sem méritos, porém. Pobre em vaidade, enriqueceu sua vida com livros. Não foram poucos. São 4 volumes de espetáculos teatrais escritos pelo novo acadêmico Hospício Brasil, O louco nosso de cada dia, Eu o louco, O último circo do mundo, Trilogia cuiabana, Sobrevivências, Saudades Silva freire, Zé dos Sonhos, “O” Filho..., Águas, Você e Fica, Pedro, além das outras obras “Paixão Pantaneira”, “Histórias da Vovó do Coxipó”, “Assumindo-me”, “Até Quando”.

O que esperar de Flávio Ferreira na Academia Mato-Grossense de Letras? Nada mais, nada menos do que ser o nosso embaixador junto à sociedade e aos poderes públicos em favor da fundação do Teatro Municipal de Cuiabá nas instalações que já estão prontas e que fazem parte do complexo da Casa Barão de Melgaço. Respondam-me: haverá um presente maior para a capital por ocasião dos 300 anos? Precisamos de um espaço que seja administrado por quem entende de teatro, habilitado por meio da larga experiência e refinada sensibilidade. Vejo talentos em Flávio Ferreira, em Luiz Carlos Ribeiro, Ivan Belém, Carlos Roberto Ferreira e Luiz Marchetti. Nada será mais bonito que comemorar o vindouro jubileu cuiabano com um novo/velho cenário: novos sonhos, novas fantasias, novos namoros, novas histórias na velha cidade rejuvenescida pela cultura.

Com a posse de Flávio Ferreira acenamos ao meio artístico mato-grossense, fiéis à divisa do brasão da Academia – estudiosos da beleza. Não há como estudar a beleza sem que convivamos com ela. O teatro é uma das seis manifestações clássicas de arte que também compreende a música, a dança, a pintura, a escultura e a literatura. Quem sabe os artistas e os literatos presentes nesta noite unam-se e sejam protagonistas de uma nova agremiação – a Academia Mato-Grossense de Belas Artes? Venha depressa, Flávio Ferreira, ajudar no esforço pela democratização do conhecimento, pela popularização da literatura, pelo ingresso da juventude nesse espaço secular. Não vamos desperdiçar o grande prestígio que a sociedade nos deixa empenhado. Lembremo-nos de Moliere: *“somos responsáveis não só pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos de fazer”*. Não ousemos perder um único dia em abrir as cortinas do conhecimento ao grande público. Seja bem-vindo!



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA, PELO ACADÊMICO AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon, em nome de quem cumprimento a todos os Acadêmicos desta Casa Barão de Melgaço e autoridades presentes.

Senhores e Senhoras, ilustríssimos convidados desta Solenidade de Posse de Flávio Ferreira, a quem tenho a imensa satisfação de proferir este discurso de recepção, que farei entrando em um mundo de criação, onde o nosso ilustre empossado viveu uma grande parcela de suas perspectivas culturais. Integrou a carreira jurídica, em atuações que lhe permitiram produzir e publicar textos voltados a essa área, demonstrando a sua competência como professor de Direito e no exercício prático da profissão de jurista. Mas, será pela produção cultural (principalmente com os olhos voltados à dramaturgia) que eu apresentarei e darei as boas-vindas ao dramaturgo e ator Flávio Ferreira.

Charles Chaplin, ao se referir às artes cênicas, afirmou que *“a vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”*. Esse pensamento de Chaplin indica a importância que o teatro tem no cenário da criação artísticas, pois, somente nele as personagens, que são seres de papéis, criam vida porque estão encarnadas em atores.

Desse modo, o público assiste a cena como se estivesse frente a uma realidade. Sobremaneira, a questão faz lembrar as teorias do período realista que afirmavam ser o mundo é um grande palco, nossa casa o camarim e todos nós atores, pois nos vestimos e agimos conforme o papel que desempenharemos em momentos específicos de nossa vida. Vida e teatro, teatro e vida confundem-se, do mesmo modo como Flávio Ferreira vive o teatro ao longo de todas essas décadas. Por isso, podemos afirmar: Flávio, você é, sem dúvida, um ícone da dramaturgia brasileira produzida em Mato Grosso. Uma referência do teatro mato-grossense, um professor que abriu caminho para muitos de nós, que viemos depois.

Desse mato-grossense, de Cuiabá, esta Academia de Letras pode apreciar, com orgulho, uma vasta produção intelectual/cultural que se volta à dramaturgia, poesia e histórias/contos. Toda essa produção, somada aos artigos jurídicos que escreveu, conduziu Flávio Ferreira a ocupar a cadeira nº 35, nesta Academia. Fundador do Grupo de Teatro Cena Onze, considerado um dos principais do estado de Mato Grosso, Flávio foi referenciado por Hilda Gomes Dutra Magalhães em *História da Literatura em Mato Grosso (Século XX)*; por Dom Pedro Casaldáliga, pela ocasião da apresentação do livro *Paixão Pantaneira*; e por mim, em *Teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Essas referências e muitas outras, talvez mais importantes, é o reconhecimento de sua inegável contribuição à cultura de nosso Estado, pois engendrou uma nova perspectiva ao espetáculo teatral e à escrita do texto cênico, fundamentalmente.

Colocarei em causa, neste momento, duas vertentes excludentes e inconciliáveis: a realidade e a representação/ a história oficial e a subversão da história. Texto e cena precisam conviver para que o dramaturgo alcance a realização de seu trabalho. No teatro de Flávio Ferreira, o texto traz cenas da história oficial, das realidades vividas pelas comunidades, e, por isso, o seu espetáculo organiza-se em um fluxo que permite à história invadir a cena. Por isso, conseguimos analisar sua obra pela vertente da representação social, identificando os preceitos do homem da modernidade e suas crises. Na sua criação, a história invadiu a cena. Hoje, a cena invade a sua história. Você é o ator principal desse ritual que lhe torna imortal, protagonista de uma das mais belas histórias do teatro de nossa terra. Lembrei-me de Augusto Boal, quando escreveu *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, ao afirmar que todo teatro é político, tendo em vista que, no palco, têm-se projetos filosóficos e sociológicos, impregnados de ideologias. Desse modo, quem faz teatro é politizado, é agente transformador e gerador de opiniões.

Nesse confronto entre vida e obra, a prática e a teoria, Fernando Pessoa legou-nos a *Autopsicografia*, onde poetizou:

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.*

Esse tributo que Pessoa faz ao ato de representar indica, de forma magistral, a necessidade que temos de falsear a realidade. Viver somente de verdades pode nos tornar amargos, longe dos sonhos e das utopias. É difícil viver sem sonhos, mais ainda sem utopias. Esse falseamento nada tem a ver com caráter, mas com a possibilidade de viver outras vidas na nossa vida real. Friedrich Nietzsche, em *Humano, Demasiado Humano*, disse categoricamente: “Basta, eu ainda vivo; e a vida não é excogitação (investigação) da moral: (a vida) ela quer ilusão, vive (r) da ilusão”. Isso significa que viver outros papéis na performance de nossa vida real é necessário, para que possamos realmente viver de forma verdadeira.

Hoje, Flávio Ferreira vive ele mesmo, está, pois, representando o papel que podemos dizer “Flávio Ferreira - Ele mesmo”, assim como fizeram com Fernando Pessoa e seus heterônimos. Digo isto porque ele viveu outros papéis: no palco, pode ter sido João, José, Pedro ou Marcos. Foram tantos personagens criados e vividos que, com certeza, todos eles, no mundo da ficção/ou dentro de você (Flávio), estão festejando a sua posse. Tudo isso para dizer que as artes cênicas, o teatro, festeja a entrada de Flávio Ferreira na Academia Mato-Grossense de Letras. Artaud, no seu livro *O teatro e seu duplo*, lembrou que vivemos em uma época provavelmente única na história do mundo, em que o mundo, passado pela peneira, vê desmoronar seus velhos valores. Percebamos que novos valores estão instituídos nesta Casa de cultura, a AML, pois ao mesmo tempo quando valoriza e dissemina os vultos do passado, a instituição tem integrado na cena os novos escritores, novos produtores de história e cultura do Imenso Colosso que é Mato Grosso.

Na cadeira 35, temos Flávio Ferreira. Autor de Textos Teatrais publicados em 4 volumes, autor de *Paixão Pantaneira* (poesias), *Histórias da Vovó do Coxipó* (contos/histórias), *Assumindo-se* (antologia poética), *20 anos Cena Onze Teatro* (memórias), *Até quando?* (Poemas), e, *Cena Onze – 15 anos* (peças). Das peças de teatro montadas, são dezenas, das quais rememoro algumas: *Hospício Brasil*, *O louco nosso de cada dia* e *O último circo do mundo*. Peças famosas, lembradas, que deixaram saudade.

Falar em Flávio Ferreira é lembrar Carlos Francisco Moura, precursor da história do teatro em Mato Grosso. É lembrar Alcides Moura Lott e sua notável pesquisa sobre o teatro em tempos coloniais. É lembrar Lenine de Campos Póvoas e o panorama produzido sobre a *História da Cultura Mato-grossense*. É lembrar Carlos Gomes de Carvalho quando discutiu a Primeira Crítica Teatral Brasileira no contexto mato-grossense. É me fazer lembrar quando produzi a *História do Teatro Mato-grossense* e afirmei que Flávio Ferreira tem contribuído, ao longo desses anos, na dinamização e difusão das artes cênicas em Mato Grosso, pois, nas palavras de Hilda Dutra Magalhães, “o teatro desse dramaturgo é existencialista, porque prioriza o homem contemporâneo em crise na própria subjetividade e nas teias da alienação”. A mensagem de Flávio é de libertação. De rompimento dos grilhões da ignorância.

Os anos passam, as lembranças ficam na memória, as fotografias em preto e branco mostram aquela época, um tempo de antigamente. Fotografias coloridas descolorem-se, gradativamente. Tudo isso é poético

e trágico ao mesmo tempo. Não queremos envelhecer, não queremos que os amigos queridos dispersem. Mas envelhecemos e muitos desses amigos se vão. Muito do que era bom, acaba-se. Faz parte da vida, do tempo. É o Ser e o Tempo, tal como Heidegger concebeu na sua teoria, pois para ele já nascemos caminhando para o Devir. Aquilo que vem é inevitável, porque não há como parar o tempo, nem retardá-lo. Por que falo, neste momento, do tempo?

Porque encerrarei este discurso, que tem como propósito receber formalmente Flávio Ferreira nesta Casa de Letras, falando da coexistência do tempo. Se você está vivendo este momento, Flávio, é porque produziste tantas coisas boas no passado. Deste dia 11 de junho de 2015, todos nós guardaremos muitas lembranças, outras ficarão marcadas em fotografias, que no futuro nos tirarão suspiros de saudade: Puxa, esta foi a posse de Flávio Ferreira! Eu estava lá. Este era Fulano de Tal, aquela Cicrana, grandes personalidades da Academia. Pois bem, seja bem-vindo, notável dramaturgo! O seu teatro, a sua poesia e as suas histórias carregaram você até nós, porque bradaram seu nome, fizeram eclodir o seu brilho. Receba um abraço coletivo nesta sua chegada e, para selar este abraço concedemos-te um poema de Manuel Bandeira, no qual o sujeito poético vai lhe desejar muitas coisas, das quais aproveite as melhores. Victor Hugo disse que O AMOR É A SAUDAÇÃO DOS ANJOS AOS ASTROS. Nós não somos anjos, infelizmente! Mas você é um astro. Por isso, Flávio Ferreira,

*Desejo a você
Fruto do mato
Cheiro de jardim
Namoro no portão
Domingo sem chuva
Segunda sem mau humor
Sábado com seu amor
Filme do Carlitos
Chope com amigos
Crônica de Rubem Braga
Viver sem inimigos
Filme antigo na TV
Ter uma pessoa especial
E que ela goste de você
Música de Tom com letra de Chico
Frango caipira em pensão do interior
Ouvir uma palavra amável
Ter uma surpresa agradável
Ver a Banda passar
Noite de lua Cheia
Rever uma velha amizade
Ter fé em Deus
Não Ter que ouvir a palavra não
Nem nunca, nem jamais e adeus.
Rir como criança
Ouvir canto de passarinho
Sorar de resfriado
Escrever um poema de Amor
Que nunca será rasgado*

*Formar um par ideal
Tomar banho de cachoeira
Pegar um bronzado legal
Aprender uma nova canção
Esperar alguém na estação
Queijo com goiabada
Pôr-do-Sol na roça
Uma festa
Um violão
Uma seresta
Recordar um amor antigo
Ter um ombro sempre amigo
Bater palmas de alegria
Uma tarde amena
Calçar um velho chinelo
Sentar numa velha poltrona
Tocar violão para alguém
Ouvir a chuva no telhado
Vinho branco
Bolero de Raveld*

*E muito carinho DE TODAS ESSAS PESSOAS*¹. (Carlos Drummond de Andrade).

Boa noite a todos! Boa noite, Flávio Ferreira. Bem-vindo à Imortal Academia Mato-Grossense de Letras!

¹ A frase em grifo está modificada do original, que se lê: “meu”.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FLÁVIO JOSÉ FERREIRA

A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos. (Charles Chaplin)

TEXTO DE TEATRO

O DISCURSO

(Flávio Ferreira)

PERSONAGENS:

- NARRADOR
- FAMÍLIA
- AMIGAS E AMIGOS
- PERSONAGENS DA VIDA

CENA 1 – OS CUMPRIMENTOS

NARRADOR: André Luís, psicografado por Chico Xavier, nos ensina: *Se tiver que amar, ame hoje. Se tiver que sorrir, sorria hoje. Se tiver que chorar, chore hoje. Pois o importante é viver hoje. O ontem já foi e o amanhã talvez não venha.*

Ilmo. Sr. Eduardo Mahon, presidente da AML, Ilmo. Sr. João Carlos Vicente Ferreira, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Exmo., na qual cumprimento as autoridades presentes, Sra. Vilma de Mello, esposa do Prof. Clóvis de Mello, senhoras e senhores,

CENA 2 - AGRADECIMENTOS

NARRADOR: Alerto que nossa fala, de aprendiz nervoso e emocionado, não conterà muitos ensinamentos comparados aos belos tratados dos acadêmicos e acadêmicas e sim algumas reflexões sobre a vida, e mais, tenho certeza de que esta posse não é do Flávio, mas de um grupo de pessoas abençoadas, que são minhas famílias terrena e espiritual, os amigos e amigas de longas vidas.

Tenho aprendido que todo ato formal também está escrito no livro do Universo e, nesta noite especial de nossa posse, sinto-me feliz, emocionado e também preocupado.

Inicialmente, agradeço a Deus pelas Bênçãos que tenho recebido, agradeço a minha família meu pai, minha mãe, minhas filhas Flávia, Paula, Mariah e Mariana, minha esposa Graciele, meus netos Luís Eduardo, Théo, e minha neta Maria Clara, meus irmãos, Luiz, Giovany, Silene, meus amigos e amigas e por todos do Cena Onze, essa tribo abençoada que Deus me permitiu fazer parte.

Minha gratidão eterna aos mestres e mestras que moldaram o meu caráter: minha mãe Celina, meu pai José, ao avô Sátyro Correa da Silva, a Edil Borges da Silva, Dom Pedro Casaldaliga e tantos outros que a Vida generosamente me concedeu. Agradeço a alunos, alunas, ex-alunos, que sempre me ensinaram, a meus colegas professores(as) da UNIC da qual faço parte. Às empresas que apoiam os projetos sociais do Cena Onze. À imprensa que sempre apoiou nossos projetos. Aos colegas advogados(as), aos artistas e ativistas

de projetos sociais de ONGs e dos governos, pessoas que acreditam num mundo melhor, fundamentados nas leis universais do amor e da justiça.

Agradecemos os votos de confiança dos acadêmicos e acadêmicas, que nos deram a oportunidade de participar desta Casa, que, inclusive, me proporcionaram grandes mestres com os quais tive a oportunidade de conviver, como Sr. Avelino Tavares, prof. João Antonio Neto, Silva Freire, Lenine Póvoas, Padre Pombo, Prof. José Ferreira de Freitas. Academia esta que tem se renovado cotidianamente, respeitando a sua história, e destacamos o brilhante trabalho desenvolvido pela atual diretoria sob a presidência do amigo Eduardo Mahon, ao qual especialmente devemos agradecer a dedicação, tempo, energia despendidos, grande parte das vezes abrindo mão de estar perto das pessoas que ama, bem como do seu trabalho, multiplicando-se a favor do resgate da cultura de nosso Estado.

Permitam-me ainda agradecer especialmente a minha mãe Celina, que, apesar de hospitalizada, queria muito estar aqui; ainda aproveito para agradecer as orações de todos, e agradeço à minha esposa Graciele, companheira desta e de muitas outras vidas.

CENA 3 – OCUPANTES DA CADERIA 35

NARRADOR: Sucedemos a cadeira 35, cujo patrono é JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES e que foi ocupada por JOSÉ JAYME FERREIRA DE VANCONCELOS. Formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro (1916), colaborou no jornal carioca *O País*. Veio para Mato Grosso, fixando residência em Campo Grande, local em que foi nomeado Promotor de Justiça. Ingressou na política como Deputado Estadual, prestando serviços ao parlamento mato-grossense em duas gestões: 1923-1916 e de 1929 a 1930. Integrou o quadro docente da antiga Faculdade de Direito de Cuiabá. Filiou-se aos Institutos Históricos e Geográficos de Mato Grosso, Minas Gerais, Ceará, Maranhão e São Paulo. Publicou, dentre muitos trabalhos na área jurídica, *O Direito em ação: estudos de Direito Constitucional, Civil e Administrativo*, no ano de 1937, obra prefaciada pelo Desembargador e Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, José de Mesquita.

A cadeira 35 também foi ocupada por JOÃO VILLASBÔAS, que nasceu em São Luiz de Cáceres (hoje Cáceres-MT), aos 21 de abril de 1891. Bacharel em Direito, pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, turma de 1914.

Em Cuiabá, exerceu os seguintes cargos: Diretor da Imprensa Oficial, Delegado de Polícia da Capital. No âmbito do governo estadual, foi Chefe de Polícia e Procurador Geral do Estado.

Na esfera federal, integrou o Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais.

De inteligência brilhante, dedicou-se ao Direito e à Política, tendo se eleito Deputado Federal por três mandatos (1924/1929, 1930 e 1933/1935) e Senador por outros três (1935/1937, 1946/1955 e 1955/1963).

Em 1936 foi vítima de um atentado em que se feriu junto com o Senador Vespasiano Barbosa Martins.

Na literatura, destacou-se como poeta, cuja peça mais conhecida é *A canção da minha dor*, publicada em 1979 pela Fundação Cultural de Mato Grosso.

Faleceu aos 94 anos, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, no dia 3 de maio de 1985.

NEWTON ALFREDO DE AGUIAR foi outro ocupante. Filho de Cuiabá-MT, nasceu aos 18 de junho de 1923. Foi Professor do Colégio Estadual de Mato Grosso e funcionário da Espevea.

Seu nome foi, após sua morte, nomenclatura da Escola Estadual de 1º e 2º Graus de Cuiabá, no bairro Morada da Serra. Premiado em diversos concursos literários.

Pertenceu a oito Academias e Associações culturais do Brasil e cinco do exterior, com destaque para a *The International Academy of Letters on England*, de Londres.

Publicou: *Sonata ao luar* (radioteatro, 1947), em poesia, *Miosótis* (1968), *Rua do Tempo* (1977), *Rosas de ternura para o berço de Rondon* (1969), *Baú de retalhos*, e no campo teatral, a peça *Os maus também choram*. Além disso, teve seus textos e versos editados em coletâneas nacionais.

E por último CLÓVIS DE MELLO, que nasceu em Cuiabá-MT, no dia 18 de maio de 1933. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito – UERJ-, colando grau no ano de 1955. Tornou-se Doutor em Direito Tributário pela USP – Universidade de São Paulo em 1981.

Advogado militante no Estado de Mato Grosso desde 14 de março de 1956, até janeiro de 1961. No ano de 1964, retornou ao exercício da advocacia, até 25 de abril de 1967, quando tomou posse, em Brasília, no cargo de Juiz Federal Substituto.

Professor da Cadeira de Direito da Faculdade de Direito da UFMT. Integrou os quadros das seguintes Instituições: Instituto Brasileiro de Direito Tributário; Associação Brasileira de Direito Financeiro; Instituto Paulista de Direito Agrário; *Internacional Fiscal Association*, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Instituto dos Advogados Mato-Grossenses e da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá, aos 27 de dezembro de 2011. Dentre suas inúmeras publicações, destacam: *Razões e Pareceres*, *As Estruturas Fundamentais do Constitucionalismo: histórico e evolução*, *Princípios Fundamentais do Direito Agrário*, *As Bases do Direito Tributário na Constituição*, *O Poder Moderador*.

Mas agora, queremos voltar no tempo. Em 1.980, quando passei no vestibular pra Direito (UFMT), logo nos primeiros dias de aula, fui surpreendido por um professor, calvo, olhos grandes, uma força nas palavras, que fazia com que a sala se aquietasse logo. Assim que começou a fazer a chamada, o sábio professor fazia questão chamar o nome e olhar pra cada um dos alunos. Clóvis em cena: olhar de valentia, na tribuna discursa o Mestre, os alunos, calados, observam.

Dr. Clóvis de Melo, inteligente, irreverente, e quando respondeu à primeira pergunta feita por um colega, todos se surpreenderam pela sua “deixa” “...mas é claro MEU BEM!” - o colega que fez a pergunta era um senhor já idoso - e a sala veio abaixo. Mas, com a convivência todos viram que o Mestre Clóvis de Mello tratava a todos por “meu bem”. Daí por diante, essa convivência acadêmica se transformou em admiração ao professor, ao juiz, ao advogado e ao ser humano. Que honra crescer à sombra de mestres desse quilate, que emoção ter uma chance de ocupar esse espaço.

Sim, tive honra de ser seu aluno, mais tarde seu colega e depois o privilégio de ser seu amigo. Coincidência, ou não, em Dezembro de 2.013, fizemos uma homenagem ao Professor Clóvis num espetáculo de teatro, oriundo de um Projeto Social Siminina, por sugestão do amigo José Rodrigues Rocha Junior, quando participaram mais de 600 crianças dos bairros carentes de Cuiabá. E, nessa época, nem sabia que um dia seria candidato à sua cadeira na AML.

Nos últimos anos estou tendo o privilégio da amizade fraternal da sua viúva, Dona Vilma, alma generosa que partilha do mesmo ideal espírita, e, por esses vínculos, é que me permitam registrar a presença do Professor Clóvis, hoje aqui, emocionado e feliz, e de alguma forma despedindo-se dos seus confrades e confradeiras.

CENA 4 – PORQUE PARTICIPAR DA ACADEMIA

NARRADOR: OSHO, ou Bhagwan Shree Rajneesh, nos traz a reflexão sobre o amor e a arte:

Faça todas as coisas criativas, faça o melhor a partir do pior - isso é o que eu chamo de arte. E se um homem viveu toda a vida fazendo a todo momento uma beleza, um amor, um desfrute, naturalmente a sua morte será o supremo pico no empenho de toda a sua vida. Sua morte não será feia como ordinariamente acontece todo dia com todo mundo. Se a morte é feia, isso significa que toda a sua vida foi um desperdício. A morte deveria ser uma aceitação pacífica, uma entrada amorosa no desconhecido, um alegre despedir-se dos velhos amigos, do velho mundo.

No processo de escolha para a cadeira 35, tivemos como concorrente à vaga a Dra. Lindinalva, que tive o privilégio de tê-la como aluna de Direito, a qual peço vênias pra mencioná-la, pois a conheço desde os primeiros dias das nossas aulas de IED, já despontava pela sua aplicação aos estudos e pela alegria contagiante; depois no estágio, depois se formando; ela sempre foi diferenciada, estudiosa.

Lindinalva é uma pessoa especial, como Promotora de Justiça se dedica exaustivamente a favor das mulheres, tantas vezes agredidas por um sistema machista e injusto. E mais, suas produções científicas, dignificam as mulheres e o MP, o que a credenciam ainda muito mais a fazer parte de qualquer entidade séria. Penso que esta Casa ganhará muito com sua vinda. Sinto-me honrado por tê-la como amiga.

E aqui estou como um aprendiz, que teve uma grande oportunidade de conviver com mestras e mestres. Confesso que nunca havia planejado fazer parte da Academia Mato-grossense de Letras. Vivo um dia de cada vez como professor, ou escrevendo poemas, ou fazendo teatro, ou advogando, enfim, vivo intensamente em busca de novos sonhos, sem muitos planejamentos. Sempre o meu coração me falou mais que a razão. Estimulado pelo meu irmão Luiz a me inscrever à vaga da cadeira 35, o que me atraiu buscar uma vaga na academia foi a possibilidade de aprender mais. Vejo lá pessoas comprometidas com o conhecimento. Gente que se dedica a estudar e valorizar nossa cultura.

Vejo a Academia como um espaço de reflexões sobre nossa história, nossa literatura, nossa música, nosso teatro, enfim nossos valores. Pois na proporção conheço o que me cerca, sou mais feliz.

E fazer parte deste espaço do saber penso que é algo muito importante, mas a posse não é minha. Nunca fiz nada sozinho, sou parte de um grupo, de uma família, de pessoas generosas, com as quais partilhamos tudo. Não me sinto escritor, dramaturgo, professor, mas apenas alguém que busca aprender com o cotidiano.

Nossa proposta de atuação será inicialmente aprender com as pessoas que fazem parte da academia, depois buscar trabalhar para aumentar o acesso de estudantes e comunidades carentes, cujo trabalho já sendo desenvolvido pela atual administração. Parece-me que o certo é que devemos sempre socializar o conhecimento; trazer a juventude e comunidades carentes para acessarem a biblioteca, articularmos saraus com literatura, músicas, poesias, teatro, enfim, viabilizarmos para que nossa cultura passe a ser do agrado de todas as classes sociais.

Vejo a Academia como um espaço público e como tal deve ser vivenciado. Uma das nossas experiências nesse sentido é a do Museu Histórico de Mato Grosso, local em que o Cena Onze, em parceria com o Governo do Estado, o administra, e com esse projeto, conseguiu multiplicar o número de visitantes, que passaram a conhecer nosso acervo, inclusive trazendo pessoas que jamais haviam visitado um museu antes.

Nossa proposta de aprendizado na Academia passa pelas contribuições dos Grandes poetas, professores(as) escritores(as), dramaturgos que trabalharam e trabalham pelo respeito e valorização da nossa gente, e, pedindo a bênção ao Mestre Freire, trazemos:

Quem não se lembra! é o passado que vive, em vigília, que anda, que vê, que fala, que grita, que ficou encrustado na cutis da Vila Real de São Bom Jesus de Cuiabá! Mas é nas dores das ruas tortas... ah, não: (nossas ruas não são tortas, são anguladas como diamante, como o escudo que defende o índio, como o bordado tropeiro na rede lavrada...) Na alma simples das coisas boas. Nos restos rachados de taipas socadas. Na teia de aranha dos cantos de muros caídos, no equilíbrio de telhados crescidos de casarões em ruínas. Nos altos barrados de vermelhão ou azul-de-giz. Nas velhas calçadas empoçadas de passos de antigos amigos. Nas barras rendadas de saias floreadas. Nos fuxicos de velhas matracas enfernizando, fazendo o inferno... ou na saudade teimosa dos que não nasceram para a morte, que escuto uma prece em murmúrio do anônimo coitado que encheu de presenças bancos, esquinas, bairros, praças, botequins... pois é de lá, de dentro da memória que veio o cortejo pedinte da vila querida de São Bom Jesus de Cuiabá.

ÚLTIMA CENA - DESPEDIDA

NARRADOR: Nas nossas andanças pelos caminhos do teatro, da poesia, dos projetos sociais, das salas de aula, dos fóruns, sempre fui amparado pelos Amigos Espirituais, pela minha família, pelos meus e amigos e amigas, tendo como Norte a busca do conhecimento e quando surgiam as derrotas que ensinam mais que as vitórias, lembrávamos dos ensinamentos do Mestre Darcy Ribeiro:

*Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu”*

Minha gratidão eterna a Deus, à minha família, a meus amigos e amigas, e ao Cena Onze. Muito obrigado

CAI O PANO

☪ CADEIRA 39 ☪

PATRONO

ANTÔNIO TOLENTINO DE ALMEIDA



OCUPANTES

ANTÔNIO CESÁRIO DE FIGUEIREDO NETO

MARIA BENEDITA DESCHAMPS RODRIGUES

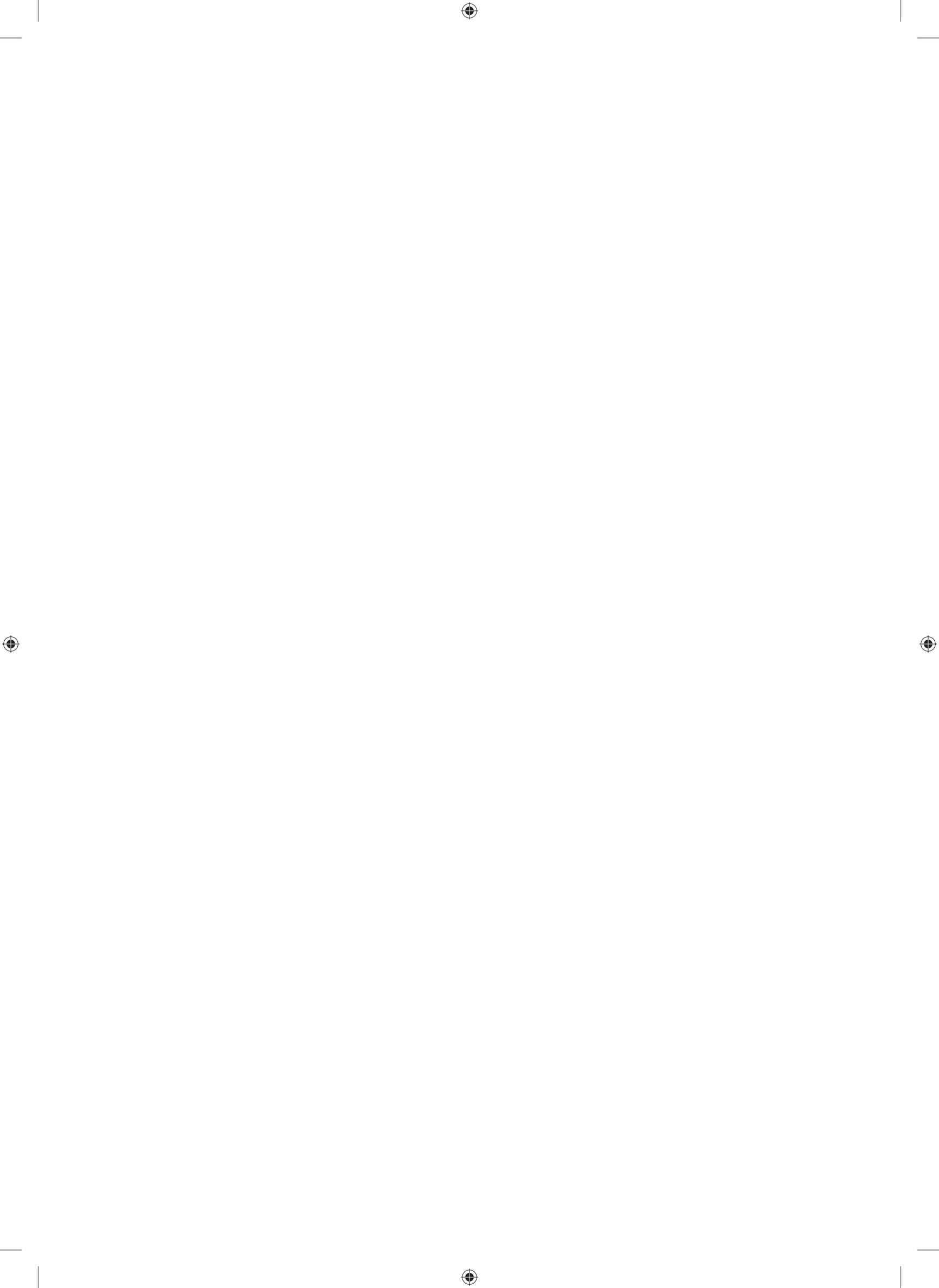
AMINI HADDAD CAMPOS



SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA
AMINI HADDAD CAMPOS

01/09/2006

- DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA AMINI HADDAD CAMPOS, PELO ACADÊMICO - PRESIDENTE ACADÊMICO CARLOS GOMES DE CARVALHO
- DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA AMINI HADDAD CAMPOS



DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA AMINI HADDAD CAMPOS, PELO ACADÊMICO - PRESIDENTE CARLOS GOMES DE CARVALHO

A nossa Academia Mato-Grossense de Letras, no mês em que completa 85 anos, engalana-se para dar as boas vindas ao seu mais novo membro. E, em particular, devo confessar que vibro em duplo regozijo nesta noite tão festiva. Eis que falo tanto na condição honrosa de Presidente deste sodalício como na de convidado para, em nome dos acadêmicos, saudar a mais nova confeiteira, que com sua inteligência e dinamismo vem abrilhantar esta instituição.

Nestas oito décadas e meia de existência, a nossa Casa tem sido testemunha viva da vida cultural e social de nosso Estado. Para o seu seio vem convergindo todos aqueles, homens e mulheres, que se sentem fustigados pelo fogo sagrado da criação intelectual. E não me refiro apenas a belettristas, a poetas, a jornalistas mas, igualmente, a professores, a juristas, ou seja a homens e a mulheres de pensamento e de cultura. Enfim, esta não é uma Casa que acolhe somente aqueles que se dedicam à literatura. Não por outra razão o seu dístico emblemático é *pulchritudinis studium habentes*, expressão retirada do Eclesiastes que, numa tradução literal, significa os ‘estudiosos da beleza’. E foi dentro deste princípio que aqui tiveram assento as figuras mais expressivas da história cultural, política e social de Mato Grosso. Esta é, portanto uma Casa pluralista, democrática e ampliada por multifacetadas existências.

Criadas para servirem de estímulo ao estudo da literatura, para a defesa do idioma, para a valorização do saber e da ciência, as Academias de Letras, ao contrário do que tantos julgam e de que pretendiam alguns desavisados, não é objeto posto na prateleira do passado, tampouco navega na contramão da história e nem merece ser tratada com a ironia de pseudos sábios. Ela defende princípios basilares para o destino da humanidade como o são os valores soberanos da cultura e do pensamento. Tal entendimento ganha ainda maior relevo quando se testemunha que a sociedade contemporânea, e a brasileira em particular, vivem sob o signo da valorização do que é superficial e efêmero, do reinado do marketing do fútil, da banalização da vulgaridade, enfim do prestígio daquele conhecimento que se liquefaz a cada instante, em detrimento da cultura sólida que é base dos fundamentos civilizatórios. Daí a importância de permanecerem vivas e atuantes as Academias de Letras, embora sejam cada vez mais desiguais as condições para as suas existências. A faina de nossas instituições se faz sobre um campo cuja sementeira é crescentemente árida: de um lado, a concorrência absolutamente desigual dos meios de comunicação de massa, na maioria dos casos contribuindo para a alienação da população, mais do que instruindo; de outro, a fragilidade cultural de nosso precário sistema educacional. As Academias têm sim, um papel a cumprir no mundo atual. Dentro da modéstia de seus meios, na humildade de suas instalações, a Academia Mato-Grossense de Letras vem, ao longo desses anos, procurando cumprir seu desiderato. E neste sentido, com propriedade lhe cabe a expressão que Pierre Mille utilizou para justificar a existência da Academia Francesa de Letras. Escreveu: “*É a prova antiga, e sempre viva, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco.*”

É para esta Casa de Letras que a novel acadêmica se propôs a entrar, é neste convívio que irá compartilhar a sua inteligência, e é no conagraçamento desses objetivos que deverá ofertar a sua dedicação e o seu idealismo.

Senhoras, Senhores

Amini Haddad Campos é nascida em Cuiabá, em 17 de fevereiro de 1974. Aos 25 anos foi aprovada em concurso para a magistratura, tornando-se uma das mais jovens juízas do Estado de Mato Grosso. Agora, torna-se uma das mais jovens acadêmicas de nossa história. Sua dedicação ao trabalho intelectual é digna de nota. Tem realizado diversos cursos no campo de sua atuação profissional. É Mestre em Ciências Jurídicas, com concentração na área de Teoria do Estado e Direito Constitucional, pela Pontifícia Universidade Católica do RJ. Fez especializações em Direito Penal e Processo Penal e ainda Direito Civil e Processo Civil, ambas pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, e em Direito Administrativo, Tributário e Constitucional pela Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro.

Publicou o livro *O Devido Processo Proporcional* e participou, como coautora, da antologia *Transformações no Direito Constitucional*. Em 2005, seu ensaio ‘O Devido Processo Proporcional’ passou a constar na bibliografia do curso de Direito da Universidade de Yale, uma das mais prestigiosas dos Estados Unidos. Por seus artigos e ensaios, recebeu, em 2003, o Troféu Destaque outorgado pelo Instituto Giuseppe e Anita Garibaldi, com sede em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul e, no ano seguinte, a sua monografia *A lei e os direitos femininos: por uma sociedade igualitária* foi premiada no Encontro Internacional de Magistradas, realizado em Buenos Aires. É membro da Academia Mato-Grossense de Magistrados.

Não apenas de atividades intelectuais e de trabalho profissional vem se ocupando a nossa ilustre confreira. Não pretendo estender-me aqui sobre a ação social que a magistrada Amini Campos, paralelamente a sua judicatura, desenvolveu nas Comarcas por onde passou. Contudo, devo destacar iniciativas suas que contribuíram para criar condições de minoramento dos sofrimentos dos desvalidos sociais tais como o abrigo de crianças e adolescentes vítimas de agressões domésticas, o acolhimento de mulheres vitimadas pelo abuso sexual e a distribuição de cestas básicas. Preocupada com a qualidade administrativa e o melhor atendimento do público promoveu a realização de cursos de aperfeiçoamento para os servidores do Fórum e criou uma biblioteca e uma sala de aula para presos. Tais atividades receberam o aplauso das comunidades em que jurisdicionou, manifestado nos títulos de cidadania honorária dos municípios de Arenópolis, Santo Afonso, Nova Marilândia, Indiavaí, Reserva do Cabaçal e Araputanga. Do mesmo modo, esse reconhecimento se fez pelas Moções que recebeu tanto da Câmara Municipal de Cuiabá como da Assembléia Legislativa de Mato Grosso.

O convívio que temos com a ilustre juíza assegura-nos que não desenvolveu essa benemerência pelo mero dever de ofício, mas que o fez pela generosidade que é uma das características de sua personalidade.

Como teórica do Direito a Dr^a. Amini Haddad traz para práxis jurisdicional o compromisso ético mais fundamental do intelectual, ou seja, o de proceder no mundo concreto da vida real tal como se exercita no universo do pensamento. Eis o que ela escreve em seu trabalho *A Constitucionalização do Direito*, incluído, às páginas 236, no já citado “Transformações no Direito Constitucional”:

“Não mais há sustentação à ideia de Juiz neutro, que mais equivale a um comportamento omissivo. Esse comportamento passivo, supostamente garantidor da imparcialidade, não traz respostas aptas ao desenvolvimento do processo, não correspondendo aos anseios por uma justiça efetiva, que realmente propicie acesso à tutela justa.”

Entre as mentes mais antenadas de nosso tempo, no campo da filosofia e do direito, é já consensual o reconhecimento de que não é mais possível, sequer admissível, ao magistrado o distanciamento, seja intelectual seja pessoal, das questões que envolvem e atormentam a sociedade contemporânea. E neste sentido Amini Haddad caminha ao lado dos mais lúcidos pensadores do Direito. Poderia declinar aqui inúmeros daqueles que anteveem outros horizontes para a transcendente função de julgar. Cito um conhecido teórico e magistrado brasileiro. Galeno Lacerda, em seu livro *Comentários ao CPC*, afirma: “Acima da lógica formal de um processo abstrato e morto pairam as exigências da vida, a encher de sangue e calor o instrumento real de justiça e de afirmação da consciência do juiz.”

Na verdade, o que se põe para o magistrado diante do processo é o mesmo que se exige do pensador do Direito, em particular, e, de um modo mais generalizante, de todo intelectual. Ainda que enfrente borrascas nesse navegar, persistindo, Amini Haddad alcançará o porto seguro da consciência pessoal e jurídica libertadora. Com este sentido quero lembrar um grande pensador contemporâneo. Norberto Bobbio, o consagrado jusfilósofo, num capítulo sobre Kant e a Revolução Francesa, que se encontra em *A Era dos Direitos* escreve:

“Nos tempos de hoje, quando a cega vontade de poder que dominou a história do mundo tem a seu serviço meios extraordinários para se impor, menos do que nunca a honra do douto pode ser separada de um renovado senso de responsabilidade, no duplo significado da palavra, para o qual ser responsável quer dizer, por um lado, levar em conta as consequências da própria ação, e, por outro, responder pelas próprias ações diante de nosso próximo.”

É para com esta ética da responsabilidade que a nova acadêmica está, em Mato Grosso, prestando inestimável contribuição prática e teórica.

SENHORA AMINI HADDAD CAMPOS

Vossa presença entre nós nesta noite é consecrária de uma afirmação intelectual que se projeta no horizonte e que, sem dúvida, muito promete. Aqui ocupareis uma Cadeira, a de número 39, cujo patrono é o poeta Antonio Tolentino de Almeida, e que foi também Promotor de Justiça. Esta é uma Cadeira cujos ocupantes têm vida longa. Somente dois acadêmicos lhe antecedem. O primeiro ocupante foi o professor Antonio Cesário de Figueiredo Neto, respeitado, não apenas em sua terra natal como no Brasil, como filólogo e grande professor de português de várias gerações de mato-grossenses. A última ocupante, a que diretamente substituiu, é uma das figuras mais cintilantes que tivemos entre nós. Inteligência viva e direta, rica em expressões típicas, com uma escrita escorreita e elegante, cheia de verve e leveza ela nos deixou textos que são o retrato de uma época em que, ao lado do bucolismo em que o apelido de “Cidade Verde” tinha pleno sentido, Cuiabá era uma urbe em que a atividade cultural, e em particular, o estudo do idioma e da música tinha grande preeminência. Maria Benedita Deschamps Rodrigues viveu parte dessa época, vivenciando o clima de uma Cuiabá romântica, quase idílica, já distante no tempo. E ela foi, sem dúvida, uma de suas melhores interpretas. Não só pelas suas saborosas crônicas, seus causos, seus contos e as suas pesquisas sobre o folclore e as partituras musicais, mas igualmente pelas interpretações que realizou como professora de piano de várias gerações. É adequado, pois que uma pessoa com a sensibilidade de Vossa Excelência ocupe a Cadeira 39.

Mas aqui estarás em boa companhia, senhora Amini, mesmo se a considerarmos apenas como estudiosa do Direito. Dos 172 acadêmicos que já pertenceram e que pertencem a esta Academia de Letras certamente advogados, juizes, desembargadores, promotores de Justiça, enfim, gente afeita à operacionalidade jurídica, é, de longe, o de número mais expressivo. Vale dizer que alguns dos maiores nomes do mundo jurídico deste Estado aqui tiveram assento, a começar por esse poeta, romancista e jurista do mais alto relevo que foi José de Mesquita, proficiente modelo para todos nós. Por quarenta anos foi presidente desta Casa, por cerca de dez anos presidente do Tribunal de Justiça. Aqui também se fizeram presentes homens com a competência jurídica e o descortino intelectual de Gervásio Leite, de António de Arruda, de Ernesto Pereira Borges, de Francisco Bianco Filho, de Domingos Sávio Brandão de Lima, para só ficarmos em nomes do passado que alcançaram o mais alto posto do Poder Judiciário de nosso Estado. Mas, mesmo diante da premência do tempo, não posso deixar de me referir ao momento presente já que é nele que Vossa Excelência viverá o nosso cotidiano. Poderia citar tantos ilustres confrades que hoje conosco convivem e que têm a sua ação principal no campo do Direito. Todos, porém são conhecidos da novel acadêmica. Isto me permite não nominá-los um a um, até para não tornar ainda mais longo este escorço. Todavia, ao pronunciar um único nome, não tenho a mínima dúvida de que nele estarei concentrando a referência a cada um dos confrades que deixarei, por exclusiva economia de tempo, de aqui me referir. Tenho a mais absoluta certeza de que esse confrade representa com galhardia e méritos todos e cada um de nós. É motivo de justo orgulho tê-lo entre nós. Poeta e jurista, numa simbiose das mais invejáveis, trata-se de uma figura exemplar de intelectual e de homem digno. Isto, em minha opinião, faz dele, entre todos, o nome contemporâneo de maior relevo da cultura jurídica e literária em Mato Grosso. Por isso, ao dizer o nome de João Antonio Neto estou homenageando todos os confrades e confreriras.

Senhora Amini, sois a oitava escritora a ingressar nesta Casa. Se, lamentavelmente, não temos tido maior número de mulheres ocupando a curul acadêmica, não obstante esta Academia de Letras tem o mérito de ter reconhecido de modo pioneiro o valor indiscutível das mulheres. Vejam que, enquanto a Academia Brasileira de Letras só admitiu o ingresso do sexo feminino no ano de 1976, com a eleição da notável Rachel de Queiroz, a nossa instituição já albergava no longínquo ano de 1921 a poeta, cronista e professora Ana Luiza da Silva Prado, e assim foi talvez das primeiras agremiações de letras a fazê-lo no Brasil. Alguns anos depois, era a vez de uma das maiores e mais emblemáticas figuras de nossa vida literária e pública: a poeta e cronista Maria de Arruda Müller. Em seu tempo, elas participaram de inúmeras atividades culturais, educacionais e sociais, fundaram uma revista – A Violeta – que foi uma das primeiras publicações no Brasil editada exclusivamente por mulheres. Foram, sem dúvida, mulheres notáveis. Tanta vitalidade e dinamismo é exemplo modelar e inspirador. Precisamos nesta Casa da presença de mulheres em maior número. Oxalá, Senhora Amini Haddad possas, com o seu reconhecido dinamismo, dedicação e competência servir de estímulo para que outras mulheres venham, com as suas presenças, contribuir para enriquecer com as suas inteligências e embelezar com as suas sensibilidades este sodalício.

Senhoras, Senhores

O que leva uma pessoa a buscar a glória acadêmica que, no dizer de Machado de Assis, “eleva e consola”, e que Euclides da Cunha, ao entrar para a Academia Brasileira, afirmou não haver “nenhum posto mais elevado neste país”? Sabemos que valores, os mais altos, se colocam na meta a ser alcançada pelo intelectual íntegro e imbuído de compromissos éticos. Sabe ele que não deve estar norteado pela busca da glória vã ou da pseudo aristocracia do saber. A imortalidade a ser conquistada não é proporcionada pelos bens materiais mais, ao contrário, pelas advindas do enriquecimento do intelecto e do espírito. E neste caso, tornar-se acadêmico não deverá jamais ser entendido como o descanso por haver alcançado o ápice, ao contrário deve ser sim um acicate, um estímulo para produzir mais e melhor. Neste sentido é que me vem à memória a epístola do grande pensador e pregador que foi o apóstolo Paulo: *Sic transit gloria mundi*. A glória do mundo é transitória. E, sabemos, não é ela que nos dá a dimensão da vida futura. Só as conquistas do espírito nos eternizam, nos tornam imortais. Ainda uma vez mais, lembro uma das mais belas peças já elaboradas sobre o dever do escritor, a missão do intelectual. Willian Faulkner, um dos maiores romancistas do século XX, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em dezembro de 1950, expressou a sua fé no Homem. Disse ele:

“Acredito que o homem não irá simplesmente resistir: irá triunfar. Ele é imortal, não por ser a única das criaturas com uma voz inexaurível, mas porque tem alma, um espírito capaz de compaixão, sacrifício e resistência. O dever do poeta, do escritor, é escrever sobre essas coisas. É um privilégio seu ajudar o homem a resistir, elevando o seu coração, lembrando-o da coragem e da honra e da esperança e do orgulho e da compaixão e da piedade e do sacrifício que fizeram a glória de seu passado. A voz do poeta não precisa ser apenas um registro do homem, pode ser também um dos alicerces, um dos pilares para ajudá-lo a resistir e a triunfar.”

É com este ânimo e com esta esperança que acolhemos hoje nesta Casa de Barão de Melgaço, de Dom Aquino, de José de Mesquita e de tantos nomes que ornaram a história de nossa terra, a ilustre intelectual mato-grossense Amini Haddad Campos.

Sede, pois, bem vinda.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA AMINI HADDAD CAMPOS

Antônio Cesário Neto, primeiro ocupante da Cadeira 39, nasceu em 30 de outubro de 1902, em Cuiabá. Homem de grande cultura, incomparável filólogo, com desenvoltura do francês, inglês, alemão e espanhol. Publicou inúmeros trabalhos, são eles:

O Étimo do Preto,
Uma Etimologia Incerta,
O Infinito Pessoal e Impessoal,
Na Pista do Rocinante,
Do Cruzamento Sintático na Língua Portuguesa,
O Topônimo,
Formação de Palavras, e
O Sentido Linguístico e Social de Camões.

Com sua inteligência ímpar, alcançou publicações até na Alemanha. Publicou em revistas brasileiras e estrangeiras. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul adotou a sua obra, *O Sentido Linguístico e Social de Camões*, no curso de pós-graduação em linguística e letras.

Foi professor de línguas em diversas instituições de ensino, inclusive na Universidade Federal de Mato Grosso.

Cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, contudo, abandonou-a no segundo ano para dedicar-se a uma grande paixão, o estudo de línguas.

Um grande homem nas letras e na História.

Maria Benedita Deschamps Rodrigues, conhecida por todos pelo carinhoso epíteto de Dunga Rodrigues, foi, pois, a segunda ocupante da Cadeira 39. Nasceu no dia 15 de julho de 1908, em Cuiabá, e faleceu em Santos, no dia 6 de janeiro de 2002, aos 93 anos.

Diplomada em piano e harmonia pelo Conservatório Musical de Mato Grosso e pelo Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro, obteve registro no Instituto Villa Lobos, no Estado do Rio de Janeiro.

Fez extensão em francês, português, latim e linguística, por um período de quatro anos. Fez também cursos de extensão em história da arte, metodologia do ensino e sociologia educacional. Lecionou português e francês no Liceu Cuiabano, no Ginásio Brasil e na Escola Técnica Federal de Mato Grosso.

Publicou treze livros, são eles:

Reminiscências de Cuiabá;
Roteiro Musical da Cuiabania: a arte em Cuiabá;
Roteiro Musical da Cuiabania: Simaringo;
Roteiro Musical da Cuiabania: Dr. Antônio Pedro de Figueiredo;
Roteiro Musical da Cuiabania, José Américo;
Marphysa, romance de costumes;
Os Vizinhos, diário romancado;
Cuiabá, roteiro das Lendas;
Cuiabá ao longo de cem anos;
Uma aventura em Mato Grosso;
Lendas de Mato Grosso;
Colcha de Retalhos e
Movimento musical em Cuiabá.

Além desses livros, possuí outras publicações em periódicos.

A cuiabana, Dunga Rodrigues, é reconhecida e imortalizada pela arte.

Ainda em vida, emprestou seu nome a diversos logradouros públicos, bem como praças.

Em Cuiabá, deu denominação ao teatro de Arena, do Centro Cultural Carlos Drummond de Andrade, conforme o decreto municipal 1997, de 28 de dezembro de 1998.

Denominou, ainda, uma Praça no Cuiabá Tênis Clube, em 1988, e uma segunda Praça no Shopping Goiabeiras, em 1993.

Possui também o seu nome na escola estadual localizada na Avenida Cel. Sérgio Júlio De Vito, no Parque do Lago, em Várzea Grande, bem como no Conservatório de Música onde lecionou piano.

Dunga é considerada ícone da cultura cuiabana, inclusive como divulgadora do rasqueado, lado-a-lado com Zulmira Canavarros.

Como pianista e professora, teve seu trabalho elogiadíssimo pelo Ministério da Cultura e Centro de Música Brasileira de São Paulo.

... E fiquei bastante feliz em perceber algumas coincidências interessantes nas nossas vidas...

Somos cuiabanas, com vínculos musicais. Ela, pela expressão inigualável do piano. Eu, pelo balé clássico. No entanto, a música, resultou para mim até em casamento, e acabei me apaixonando por um violinista e promotor de justiça maravilhoso, meu marido Joelson.

Iniciamos os estudos no colégio de freiras, sob a orientação do sistema Notre Dame de Lourdes. Dedicamo-nos ao estudo de línguas, destacando-se, pois, o inglês e o francês.

Ah!... E a nossa eterna Dunga registrou, em uma entrevista, confiada ao *Diário de Cuiabá*, em 17 de dezembro de 2000, uma parte de sua história que muito me emocionou...

Dizia ela que, assim que aprendeu a andar, fugia todos os dias para a casa da avó. Enfatizou na entrevista: “minha avó tinha um espírito muito calmo, conciliador e inteligência superior. Muita gente ia até ela para pedir conselhos. Eu ficava a ouvir as histórias”.

Pois, tenho a mesma história com relação à minha querida avó, Amini Haddad, inspiradora do meu nome.

Até hoje, aos 82 anos, essa grande mulher, Delegada do Tribunal de Contas da União, aposentada, destaca-se como atuante intelectual e, assim, recebe visitas de muitos, em razão de sua admirável inteligência. Algumas pessoas ficam para receber alguns conselhos, até emocionais.

Pois é, cara antecessora Dunga Rodrigues, tais coincidências fizeram-me, além de muito admirá-la, a amá-la.

Uma mulher incomum para o seu tempo, como bem fez destacar o Desembargador António de Arruda:... *Dunga Plural*.

Ainda, caro receptor, presidente desta Casa, Dr. Carlos Gomes de Carvalho...

Não poderia deixar de reconhecer seu brilho e tenacidade. Homem de trajetória louvável, com dezenas de obras publicadas e produções poéticas. Pessoa honrada, que muito engrandece nosso Brasil pelos seus conhecimentos, trabalhos e desenvoltura frente às instituições. Possui cursos de especialização universitária, destacando-se, pois, os realizados nos Estados Unidos, Washington, e na Espanha, Madri. Ainda, está em doutoramento, também nesse mesmo país.

Desenvolveu inúmeras atividades profissionais, como advogado, professor de Direito Ambiental, Ex-Procurador Geral e ex-Consultor Jurídico da presidência da Assembleia Legislativa.

Hoje, além de escritor renomado, destaca-se como Procurador da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso.

Obrigada, caro presidente, por cada palavra de sua oratória a mim dirigida.

Agradeço de igual forma a todos, meus sábios irmãos dessa Casa, pela confiança depositada... De todo o meu coração.

Nesta oportunidade, temos também as palavras de honra...

Não poderia me calar diante de ideais que me movem a alma.

Desde a infância, os valores familiares levaram-me a olhar o outro sempre com sentimento de solidariedade.

Contudo, a modernidade prega o imediatismo, o materialismo e o individualismo.

Quem pode sobreviver a isso?

Mas, o que são valores?... Isso me faz rememorar as palavras do psicólogo americano, WATSON.

Assim ele dizia: -“Dê-me doze crianças sadias, de boa constituição, e a liberdade de poder criá-las à minha maneira. Tenho certeza de que, se escolher uma delas ao acaso, e poder educá-la convenientemente, poderia transformá-la em qualquer tipo de especialista que eu queira: médico, advogado, artista, grande comerciante, e até mesmo em mendigo e ladrão. Independente de seus talentos, propensões, tendências, aptidões, vocações e da raça de seus ascendentes”.

Nesse determinismo exacerbado de Watson, vale-nos repensar certas estruturas de conceituação...

Afinal, a complexidade inerente aos fenômenos humanos, sejam estes psíquicos, sociais ou econômicos, resistem às tentativas de simplificação.

Em Física, por exemplo, ao estudar as condições de pressão, volume e temperatura, é possível simplificar o fenômeno, tornando constante um desses fatores.

O comportamento humano, entretanto, resulta de múltiplas influências, como hereditariedade, meio, impulsos, desejos, memória, bem como da ação da consciência e da bondade, o que o torna um fenômeno extremamente complexo.

E é nessa concepção de relativismo, que necessário se fez a conquista da positivação dos direitos humanitários.

A ideia dos direitos humanos é, como se sabe, relativamente nova na história mundial. Concretamente, é a positivação das declarações de direitos do século XVIII, nomeadamente a Declaração de Virgínia, de 1776, e a declaração francesa, de 1789, que expõe ao mundo um sentido inovador e profundamente revolucionário sobre a condição humana.

As lutas políticas e sociais, que se seguiram na América e na França, tornavam evidente a conquista de sociedades cada vez mais secularizadas, em que os indivíduos não podiam mais estar seguros dos regramentos oriundos de castas e estamentos, estes, então, definitivamente abalados.

Outra espécie de protocolo de proteção a seus membros fazia-se necessária.

As declarações de direitos, tomados como universais, ofereciam a promessa desejada, de estabilidade na tutela de bens, então considerados primordiais.

Em verdade, como assinalou Hannah Arendt, considerada uma das maiores filósofas da modernidade, “os humanos não nascem iguais, nem são criados igualmente por conta da natureza. Somente a construção artificial, de artifício humano, imprime um sentido igualitário, atribuído aos seres humanos, então considerados como portadores de direitos, que podem, de fato, afirmar a igualdade, ou renovar sua busca”.

Pode-se afaçar, sem dúvida, que o grau de civilidade alcançado por uma sociedade determinada está em relação direta e unívoca com o estágio de garantia, efetiva, então conferida aos direitos humanos. As palavras de Marx sobre os direitos humanos e a questão judaica jamais foram desmentidas por suas obras posteriores.

Para Marx, a proclamação dos direitos do homem apenas materializava a cisão, típica das sociedades burguesas, entre o homem e o cidadão. Para ele, toda sociedade existe unicamente para garantir, a cada um de membros, a conservação de sua pessoa, de seus direitos e de sua propriedade.

Contudo, LEFORT chama atenção para o silêncio de Marx sobre dois artigos da Declaração dos Direitos do Homem: o artigo 10, onde se lê “ninguém pode ser hostilizado por suas opiniões, mesmo religiosas; e o artigo 11, que assinala “a livre comunicação de pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem”.

Por que esse silêncio de Marx?

A emergência do fenômeno totalitário do século XX haveria de conferir a este tema uma premência inédita e, de todo modo, imprevisível pelas gerações que a antecederam.

Pode-se de pronto concordar com a assertiva segundo a qual o totalitarismo se erige sobre as colinas dos direitos humanos.

É, precisamente, a experiência dos registros totalitários, como da União Soviética de Stalin e da Alemanha de Hitler, e infelizmente, não apenas esses dois, que irá erguer a realidade incontrastável de indivíduos transformados em “mônodas” (Em Gnosticismo: Ser Supremo), de homens absolutamente apartados de outros homens.

É com base nesta experiência limite, cujo arquétipo de humanidade foi construído com os GULAGS (Campos de trabalho forçado da ex-União Soviética-URSS, criados após a Revolução Comunista de 1917, para abrigar criminosos e “inimigos” do Estado) e os campos de extermínio, que devemos considerar os direitos humanos como nossa referência última.

Sempre que os considerarmos assim, estaremos diante de um poderoso instrumento de questionamento das realidades concretas, incluindo-se aí o questionamento do próprio Estado.

Mas, qual seria a relação dos direitos humanos com a cultura e a arte?

Para obtermos a resposta basta indagarmos: o que seria da cultura e da arte se inexistisse homens e mulheres.

Este é um desprezioso convite filosófico à vida.

Afinal, a expressão humana é algo além das contextualizações materiais, apesar de se identificar com as vivências históricas, coletivas e individuais. A singularidade ou complexidade de limites temporais únicos. És tu em essência um pouco do todo, na individualidade de uma combinação genética única. Isso poderia ser entendido como dedução criacionista, metamorfoseada pelos critérios da personificação do caráter e caracteres, diante da teoria de Darwin, colocando-os como seres evoluídos e em evolução.

Contudo, a pluralidade de Habermas *In* “O discurso filosófico da modernidade”, faz-nos descobrir um pouco do lado sombrio das faces sorridentes: O pronome nós, cada vez mais singular.

Com essa ordem de ideias, Hannah Arendt considerou: “a época moderna, com sua crescente alienação do mundo, conduziu a uma situação em que o homem, onde quer que vá, encontra apenas a si mesmo”.

Nesse isolamento, o silêncio se faz prece e o culto expressa-se como cultura, quando em realidade, mecaniza-se o conhecimento em regras e técnicas de um saber mudo, surdo e quase cego.

As diversificações culturais são castradas por códigos de classificação, limitando pensamentos e expressões da vida.

Poderíamos dizer: as histórias da humanidade, na sua incomensurável diversidade e disparidade, por vezes confusas dos homens e das coisas, levaram-nos a uma humanidade perversa, completamente vazia.

O homem perdeu sua identidade e sem ela busca cultuar frases de autoajuda como divindade, sem reconhecer em si mesmo a grande beleza das pequenas coisas, do simples viver.

A utilidade tornou-se necessária à materialização do pensamento. Sob esse prisma, limita-se e tolhe-se a grande percepção cultural de um povo, a liberdade.

Do culto à cultura?

Ou, em verdade, invertemos a ordem, justificando a cultura como algo além de nós... Distante dos homens, como expressão tão somente dos deuses.

Repensemos Darwin, sem o critério da utilidade, para que possamos desenvolver nossas divinas potencialidades natas. Certamente, o ser será muito mais humano.

Aliás, atreve-se à busca de verdade, seja qual for ela, mas que seja sempre verdadeira em essência, para sua época histórica... Limite temporal da ciência... Acreditemos que, no exercício da liberdade d’alma possamos ser melhores amanhã, ou, pelo menos, conscientes de nós mesmos.

A cultura sem culto... Simplesmente humana.

É a minha mensagem sincera.

Obrigada a todos.

DISCURSO DE POSSE DE RUBENIO MARCELO, MEMBRO DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, COMO MEMBRO CORRESPONDENTE DA AML

10/09/2015

Satisfaz-nos sumamente (e muito nos honra) sermos recebidos nesta egrégia ‘*Casa Barão de Melgaço*’, nesta solenidade tão relevante, quando as nossas duas Academias estaduais irmãs realizam a primeira *Sessão Conjunta* da História.

O nosso mister acadêmico/literocultural tem-nos proporcionado algumas fortes emoções, em ocasiões marcantes acontecidas no Mato Grosso do Sul e em outras paragens. E chega-me agora esta inesquecível noite, em que a Academia Mato-Grossense de Letras me acolhe como *Membro Correspondente*, nesta inédita *Sessão*, que também empossa a nova Diretoria desta máxima entidade literária do estado.

Nesta ocasião, como não poderia deixar de ser, quero expressar o meu sincero agradecimento, especialmente, aos acadêmicos autores da proposição deste título: Carlos Gomes de Carvalho, José Cidalino Carrara, Benedito Pedro Dorileo, Nilza Queiroz Freire, José Ferreira de Freitas, Pedro Rocha Jucá, Ubiratã Nascentes Alves, Tertuliano Amarilha, e Francisco Leal de Queiroz (este, querido confrade também da nossa ASL), e a todos ilustres imortais que sufragaram o meu nome.

Gratidão especial também àquele que tem sido atualmente elo fecundo deste intercâmbio acadêmico interestadual, o estimado amigo, confrade e colega Eduardo Mahon, que inclusive, na próxima noite de 2 de outubro, estará sendo empossado como Membro Correspondente da nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em Sessão Solene (em Campo Grande) que também empossará a acadêmica eleita Ileides Muller. Fica aqui, a todos, o convite para esta significativa solenidade.

Quero, neste instante, expressar também a minha gratidão aos queridos companheiros que nos acompanham nesta Comitiva de Mato Grosso do Sul, confrades acadêmicos, escritores, amigos e amigas, e o secretário estadual de Cultura de MS, Athayde Nery.

Distintos presentes,

Com humildade e bom senso, serei sempre ciente da responsabilidade maior que a partir de hoje te-rei sobre os ombros, a de representar (como correspondente) no MS – e até em outras partes do país – a AML. E espero saber cumprir este honroso compromisso com a mesma amplitude e dedicação que venho empreendendo há 13 anos como membro efetivo (e atualmente secretário-geral) da ASL.

Assim, a minha fiel resposta à concessão deste título a mim confiado, que recebo com desvelo, é a renovação do meu compromisso permanente com a literatura e a cultura; a renovação do meu empenho, agora como elo legítimo desta *Casa de Dom Aquino Correa*, prometendo, outrossim, me aprofundar nos estudos da história e das letras mato-grossenses.

Caros confrades Acadêmicos, senhoras e senhores,

Sabemos que, quando concebeu a primeira Academia, Platão sonhava ver um espaço de discussão, no qual estudiosos abordariam temas por meio de diálogos adornados de sabedoria, defendendo a dignidade das letras e da cultura como um fértil vetor a irradiar luzes na memória do povo.

Já Machado de Assis, no seu discurso de abertura da primeira reunião oficial da ABL, em julho de 1897, recomendou: – “*Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas páginas da nossa vida brasileira*”.

De certa forma, seguia, assim, o ‘*Bruxo do Cosme Velho*’, os passos iniciados por Platão, em 367 a.C.

Cenários históricos à parte, esta quase centenária Academia Mato-Grossense de Letras e a nossa querida Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, nesta noite, estão, também de certa forma, exercitando fundamental parcela desses sonhos platônicos e milenares. Mas também estamos dando passo importantíssimo no tocante ao efetivo fortalecimento dos desígnios exigidos pelos tempos modernos, que nos impulsionam a sairmos do conservadorismo e do isolamento e, assim, estreitarmos os elos e o franco diálogo entre nossos pares e entre os diversos setores da sociedade.

E aqui vale relembrar – é bem verdade – Graça Aranha, exceção moderna daqueles pioneiros, que assim asseverou acerca do sentido genérico do espírito acadêmico: – “*Há uma necessidade de transformação filosófica, social e artística. É o surto da consciência, que busca o universal além do relativismo científico. A Academia não pode se desviar desse movimento regenerador. A Academia deve se renovar, para não morrer!*”

Hoje, ao participarmos desta histórica *Sessão Solene Conjunta*, deixamos aqui o calor da nossa ‘*morenitude*’ e assimilamos um pouco desta contagiante ‘*cuiabania*’, ao tempo em que fazemos valer uma das finalidades precípuas da nossa entidade literária, ou seja: a busca do conagraçamento e a maior aproximação entre os representantes gerais da cultura e outros segmentos.

Enfim, nesta noite, perpetuamos nesta Casa a flama literofraternal da nossa Academia do Sul, que teve como principais idealizadores e fundadores dois membros desta AML, Ulisses de Almeida Serra e José Couto Vieira Pontes.

Senhoras e senhores,

As Academias de Letras – como sabemos – além de serem as legítimas guardiãs do vernáculo, afinadas com os desígnios do idioma, precisam estar atualmente compromissadas com o presente e o futuro do estado e até do país, buscando também, através da palavra e ações, a justiça social, a equidade, a ética e a liberdade.

E para isto, obviamente, é necessário que estas Casas de Letras sejam aquecidas por energias vigorosas, produtivas, enaltecendo os aspectos renovadores do pensamento, e engajadas a compromissos sociais e de vanguarda, abertas também para opções de entretenimento de todos.

Temos acompanhado as ações atuais desta Academia Mato-Grossense de Letras. E quão felizes estamos ao constatar nas atuais diretrizes deste sodalício os ditames de modernidade pulsando em intensas e ecléticas atividades, o que tem sido motivo constante de justos aplausos por parte de todos que seguem o dia-a-dia desta instituição, que, assim, denota que uma Academia de Letras não se coaduna com aquela “*petrificação decorativa*” já censurada também por Bilac, outro intelectual de pensamento bem à frente do seu tempo.

Destarte, finalizando estas considerações, quero deixar aqui patenteado – por meio de um poema de minha autoria – um justo tributo à AML, especialmente ao seu presidente acad. Eduardo Mahon (que hoje encerra sua marcante e inovadora gestão), também à nova presidente acadêmica Marília Beatriz, e a todos os membros desta Casa:

IMORTAL PRELÚDIO PASSARINHO

[ou: Quem disse que (n)uma Academia...]

*Ah, quem disse que uma Academia
é casa sisuda
sem modernidade e sem alegria?*

*Quem disse que lá
só entra Platão [sempre de plantão
com fardo e fardão
sem plantel nem plateia]
- ah, de quem esta ideia!?!...*

*... de que lá só respira
aquele Xenocrates com a sua turma
de bem antes de Cristo?
Ah, quem falou isto!?*

*Quem disse que uma Academia
é 'torre de marfim'
marasmo, enfim, sem sal e sem sol...
Clube de formais com odor de formol,
árdegos patronos, nádegas de poltronas
na quinta bolorenta, 'pharmácia' para as 'lágrymas'
de um inerte grêmio de quarenta,
'viveiro de águias' com charme esquentado
em chá 're/quintado' e bolinho de aipim
ou casa de aranha
sem graça
sem raça, sem som no jardim?*

*Ah, uma Academia
é Casa de Letras (das mais belas letras)
de rito imortal...
Entanto, também é-deve-ser
vanguarda e trigo fecundo,
compromisso do/com/o novo,
morada do povo
renovo além-mundo...
Jamais contrapasso, vento sem moinhos,
jamais mero passo que passa |sozinho|,
jamais descompassos
- mas sim passarinhos!...*

Muito Obrigado!

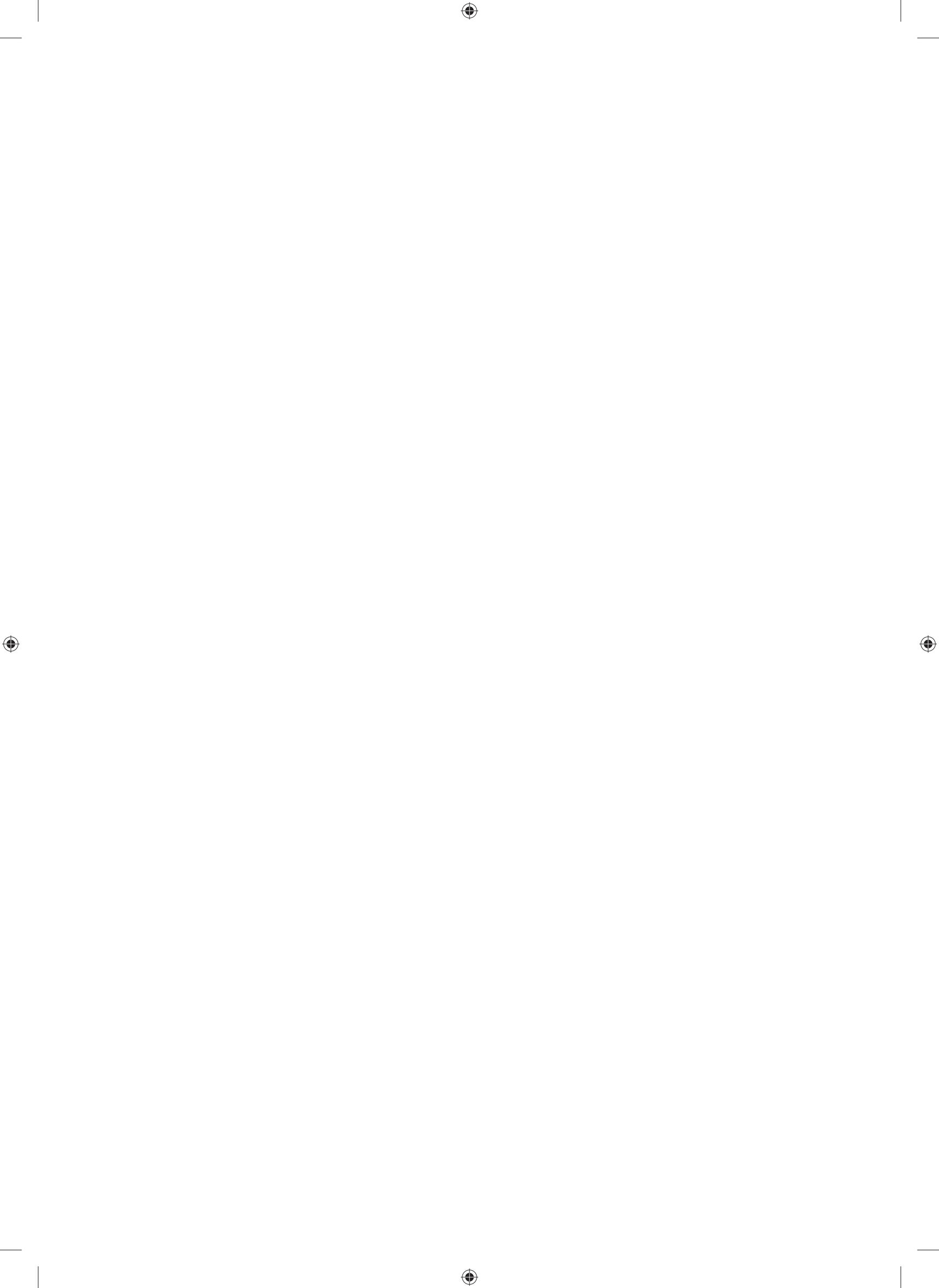




PARTE 3

RELATÓRIOS DE GESTÃO





RELATÓRIO DE GESTÃO DO PRESIDENTE EDUARDO MAHON

2013-2015

10/11/2015

Caríssimos confrades,

A fim de prestar contas das atividades empreendidas pela Academia Mato-Grossense de Letras, durante o Biênio 2013/2015, valemo-nos do presente relatório conciso. Foi uma grande alegria poder contribuir com a Casa Barão, ainda que de forma modesta, em comparação com as gestões pretéritas. Segue a lista de realizações do período:

2013

- 07/nov – Termo de Contrato de Cessão de Uso assinado com o Governador do Estado de Mato Grosso, retomando o anexo da Casa Barão de Melgaço, juntamente com o Pres. do IHGMT, Vinícius Gayva;
- 12/nov – Brunch com o prefeito Mauro Mendes;

2014

- 02-23/mar – Exposição da AML no Shopping Goiabeiras;
- 25/mar – Posse do acadêmico Ivens Cuiabano Scaff;
- 28/mar – Recepção aos estudantes do Colégio Master;
- 05/abr – Reunião Ordinária da AML;
- 30/abr - Posse do acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva;
- 21-22/abr – Limpeza do Acervo da Casa Barão de Melgaço;
- 26/mai – Recepção de 100 alunos do Colégio Adventista;
- 27/mai – Posse do acadêmico João Carlos Vicente Ferreira;
- 03/jun – Lançamento livro Doutor Funério, de Eduardo Mahon;
- 05/jun – Colóquio Jurídico. O tema escolhido foi a linguagem jurídica. Cerca de 100 alunos do Centro Universitário Univag (acad. Luiz Orione Neto, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Carlos Gomes de Carvalho);
- 26/ago – Carta aberta da Casa Barão de Melgaço aos candidatos ao Governo do Estado de Mato Grosso;
- 26/ago – Audição do candidato José Geraldo Riva;
- 06/set – Sessão da saudade de Aduino Dias de Alencar, com a oração realizada pela Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira;
- 09/set – Audição do candidato Lúdio Cabral;
- 17/set – Audição do candidato Pedro Taques;
- 30/set – Posse de Lucinda Nogueira Persona;
- 15/out – Lançamento do livro/relatório da Sedjudh;
- 21/out – Lançamento do livro Borboletas Infinitas de Coração Imperfeito, da autora Stéfanie Medeiros;
- 31/out – Posse de Marta Helena Cocco na AML;
- Dia 18/nov – Posse de Sueli Batista e inauguração do acervo João Alberto Novis Gomes Monteiro;

- 25/nov – Lançamento do livro *O Linguajar Cuiabano*, de Maria Cristina de Aguiar Campos, com show de música clássica e jazz;
- Dia 28/nov – Abertura do Congresso Estadual dos Acadêmicos de Letras (evento promovido pelo IL da UFMT, em parceria com a Academia Mato-Grossense de Letras);
- 05/dez – Termo de Entrega de Chaves do Prédio do Conselho Estadual de Educação em favor da AML e IHGMT;
- 06/dez – Reunião da AML para relatar os atos de diretoria com encerramento do ano acadêmico de 2014;
- 13/dez – Jantar oferecido pela Acadêmica Amini Hadad de Campos;

2015

- 28/fev – Reunião Extraordinária da AML: eleição dos novos acadêmicos;
- 05/mar – Lançamento de livro e palestra de Klester Cavalcanti, ganhador de 3 prêmios Jabutis de jornalismo/literatura;
- 07/mar – Abertura do Curso de Literatura Mato-Grossense, Coordenado pelo acad. Agnaldo Rodrigues da Silva;
- 10/mar – Lançamento do livro *João Pedro Gardès, o Cisne Selvagem*, de Alex de Mattos;
- 11/mar – Presença da Diretoria no Lançamento do livro de Lucinda Nogueira Persona, *Entre uma noite e outra*, realizado no SESC Arsenal;
- 14/mar – Curso de Extensão da AML (cont.);
- 20/mar – Um passeio musical pelos 50 primeiros anos do samba no Brasil (evento em parceria com o Grupo de Choro);
- 21/mar – Curso de Extensão da AML (cont.);
- 21/mar – Palestra do juiz Márlon Reis, com o tema: O jurista responsável pela Lei da Ficha Limpa no Brasil: inédito em MT;
- 21/mar – Continuação do Curso de Literatura Mato-Grossense;
- 28/mar – Curso de Extensão da AML (cont.);
- 04/abr – Reunião Ordinária da AML;
- 04/abr – Recepção oferecida pelo presidente às eleitas;
- 08/abr – Encerramento do Curso de Extensão da AML (com entrega de certificados e distribuição de livros, sendo que a Academia Mato-Grossense de Letras ofereceu almoço aos participantes);
- 14/abr – Lançamento do livro *O Cambista*, de Eduardo Mahon;
- 24/abr – Centenário de Rubens de Mendonça, com a participação de professores da Unemat;
- 02 de maio – Posse da acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos;
- 09/mai – Reunião Ordinária da AML;
- 12/mai – Apresentação Tese de Doutorado de Ivan Belém – Lio Arruda: a trajetória de um bufão cuiabano sob inspiração de Augusto Boal;
- 29/mai – Cerimônia solene de posse de Olga Maria Castrillon Mendes;
- 29/mai – Inauguração da foto do ex-presidente Ubiratã Nascentes Alves;
- 06/jun – Reunião Ordinária da AML;
- 11/jun – Posse de Flávio José Ferreira;
- 19/jun – Abertura do Centenário de Gervásio Leite;
- 03/jul – Show do Grupo de Choro da UFMT;
- 22/jul – Assinatura do Termo de Compromisso de Cooperação Cultural entre a AML/IHGMT, o Exmo. Sr. Governador do Estado e o Exmo. Sr. Secretário Estadual de Cultura;

01/ago – Reunião Ordinária da AML, com lançamento das Revistas Vol. 1 e 2 – Discursos Acadêmicos;
13/ago – Posse de Luciene Carvalho;

Dia 10/set – 1ª Sessão Conjunta da AML x ASL para a posse da Nova Diretoria para o Biênio 2015/2017;

Queremos registrar, por derradeiro, as seguintes iniciativas complementares:

- a) Revitalização da Casa Barão de Melgaço: pintura geral, troca de pisos, revitalização de banheiros, organização de armários, recuperação do madeiramento das janelas, aquisição de vasos de plantas, grafite no prédio anexo;
- b) Descupinização do forro e do madeiramento;
- c) Elaboração e lançamento do Site Oficial da AML;
- d) Elaboração e lançamento do Hiperlink Rubens de Mendonça;
- e) Elaboração e lançamento do Hiperlink Casa Barão de Melgaço;
- f) Elaboração e lançamento do Hiperlink Intensivismo em MT;
- g) Restauração das 27 cadeiras acadêmicas e mobiliário diverso;
- h) Inauguração da nova Galeria de Presidentes;
- i) Aquisição de mobiliário para a Presidência;
- j) Instalação do tablado para a formação da Bancada Acadêmica;
- l) Aquisição do sistema de iluminação de LED interno e externo;
- m) Aquisição do material completo de papelaria para a AML;
- n) Elaboração e Distribuição do 1º Artbook da AML;
- o) Elaboração do 1º CD da Antologia Poética Mato-Grossense;
- p) Realização da 1ª Exposição Pública Externa da AML;
- q) Assinatura do Contrato de Parceria com a Prefeitura de Cuiabá para a recepção de crianças e adolescentes do Projeto SIMININA;
- r) Encaminhamento jurídico para a futura assinatura do Contrato de Gestão entre o Governo do Estado de Mato Grosso e a AML/IHGMT;

Ficamos realizados com a participação dos acadêmicos e da sociedade mato-grossense e, por isso, agradecemos a confiança. Desculpamo-nos pelos eventuais desacertos. Rogamos, enfim, a continuação de algumas iniciativas e proposição de outras criativas formas de promoção cultural para o biênio atual, fiados no brilhantismo da nova Diretoria empossada.

Atenciosamente,

EDUARDO MAHON

CADEIRA 11

ELIZABETH MADUREIRA

CADEIRA 29

AVELINO TAVARES

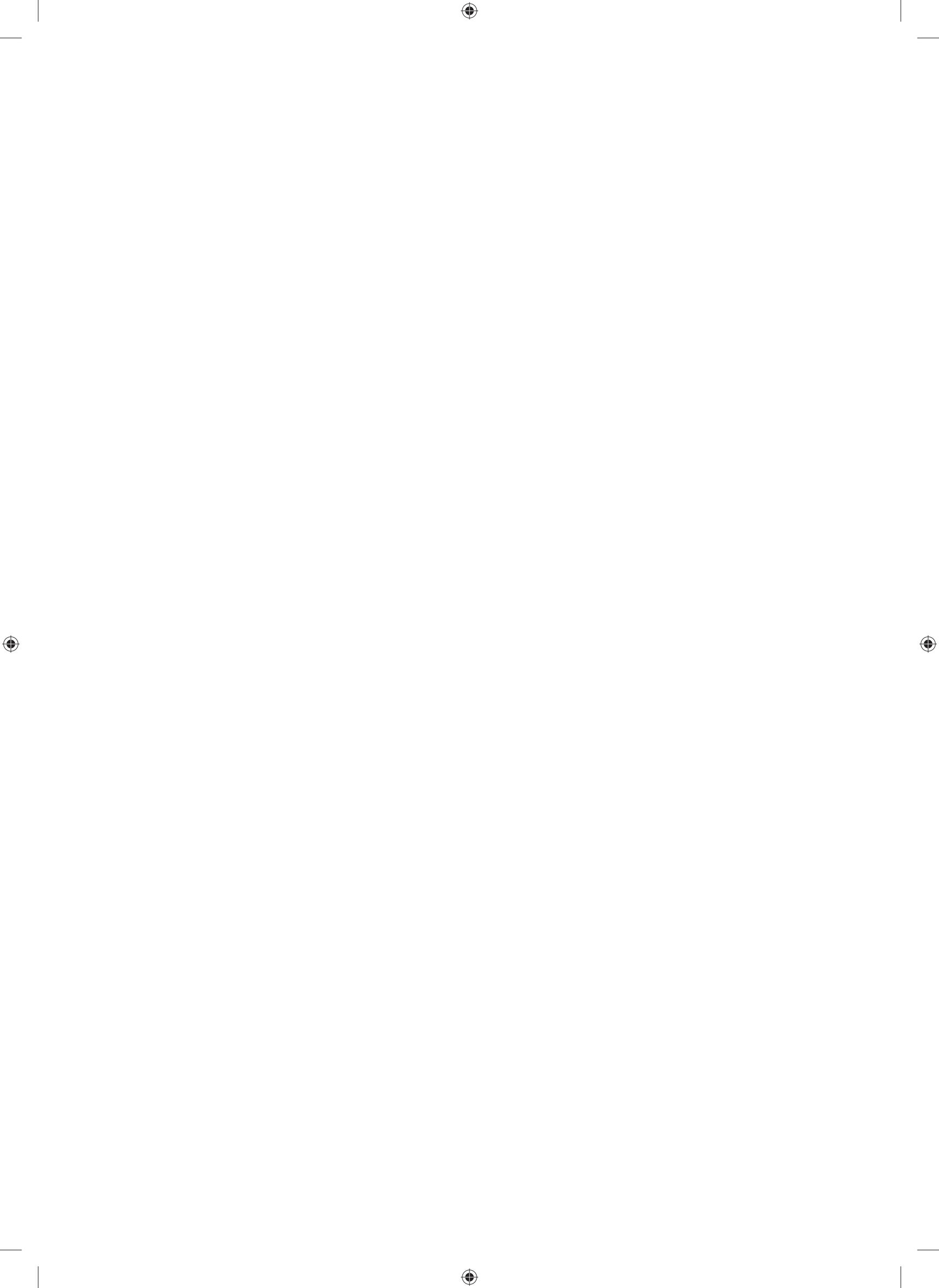
CADEIRA 17

FERNANDO TADEU DE MIRANDA BORGES

CADEIRA 33

AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

CADEIRA 10



RELATÓRIO DA CURADORIA DA CASA BARÃO DE MELGAÇO

Elizabeth Madureira Siqueira (Curadora)

APRESENTAÇÃO INICIAL

Cumprindo o compromisso de prestar contas das atividades desenvolvidas pela Curadoria da Casa Barão de Melgaço, no segundo semestre de 2015 e início de 2016, seguem os itens:

1. **Acervo João Alberto Novis Gomes Monteiro:** finalização da catalogação de todo acervo – biblioteca, papéis avulsos, recortes de jornal, mobiliário e objetos. Todo acervo foi enviado para o Umberto (site) a fim de ser colocado no site [www/casabarao.com.br](http://www.casabarao.com.br). Assim, foi cumprida mais essa etapa do trabalho, colocando à disposição dos consulentes, da família e pesquisadores acesso pleno ao conjunto documental.
2. Recepção e início da catalogação do **acervo Clóvis Pitaluga de Moura** – disponibilizado pela Família no segundo semestre de 2015. As caixas se encontravam na sala do IHGMT, no Casarão, e foram levadas para a parte superior – Arquivo. Os trabalhos de catalogação foi iniciado no início do mês de agosto de 2015 e finalizado em fevereiro de 2016, acreditando que até dezembro se possa extrair a relação final da documentação para ser doada oficialmente pela Família.
3. O **acervo Ubaldo Monteiro da Silva** sofrerá a agregação de novos materiais, visto que a Família, após o falecimento da viúva Neusa Monteiro da Silva, encontrou inúmeros papéis, livros e fotografias relativos a Ubaldo Monteiro. No dia 1º de outubro, a Curadoria foi chamada à residência da viúva, a fim de fazer uma seleção daquilo que poderia ser incorporado ao acervo. Essa visita redundou na seleção de 6 caixas de documentos e objetos que serão levados, até 20 de outubro, para o Arquivo da Casa Barão de Melgaço, a fim de ser agregado ao acervo já existente. Serão necessários 120 dias para a catalogação, após o quê, a Família fará nova doação desse novo material adicionado, o que se realizará somente no primeiro semestre de 2016.
4. Em maio de 2015, fomos procurados pela Sra. **Carmela Monteiro**, curadora do acervo das **Famílias dos Italianos de Cuiabá**, a qual relatou o despejo de umas salas da Praça das Bandeiras, e implorou para que recebêssemos, mesmo que provisoriamente, o acervo. Considerando que a Curadoria tem como compromisso não deixar qualquer acervo se perder, recolhemos, nas salas do fundo do Arquivo, todo material. Trata-se de uma pequena biblioteca, diversos móveis, objetos, fotografias, pinturas representativas da presença dos italianos em Mato Grosso. O acervo está apenas acondicionado, devendo ser posteriormente catalogado e disponibilizado ao público. D. Carmela providenciou um computador, porém estamos em contato com pesquisadores do Dep. de História da UFMT, a fim de disponibilizar um bolsista para realização do trabalho de catalogação. No momento, não contamos com espaço físico para início desse trabalho, pensando em fazê-lo, quando o Anexo estiver pronto e efetivarmos a mudança.

De outro, a comunidade dos italianos de Mato Grosso procurou, em outubro de 2015, a Curadoria da Casa Barão de Melgaço visando a retirada de alguns objetos para serem expostos na Arena Pantanal. Imediatamente, a Curadoria promoveu um encontro desse grupo com a Sra. Carmela, que aceitou a retirada para a exposição. Naquele momento, foi feito um inventário de tudo que foi levado para a Arena Pantanal e conferido no momento de sua devolução. Esse acervo exposto retornou à Casa Barão de Melgaço, ocasião em que foi devidamente conferido e reagregado ao acervo.

CONDIÇÕES ATUAIS DE TRABALHO DA CURADORIA

O arranjo dos acervos privados – **João Alberto Novis, Clóvis Pitaluga de Moura e acréscimos no acervo Ubaldo Monteiro da Silva** – está sendo realizado no espaço do Arquivo, contando com o trabalho de uma Bolsista – remunerada pela AML e IHGMT, sendo R\$ 450,00 mensais por Instituição. Infelizmente, o pagamento relativo ao mês de setembro foi feito pela Curadora, uma vez que as duas Instituições não dispunham de verba para tal, aguardando o momento propício para esse ressarcimento, assim como arcar com os pagamentos posteriores. A Curadoria necessita de uma pessoa qualificada e treinada para realização de trabalho tão específico e que requer competência e muito cuidado no arranjo. Hoje, contamos com Maria Luíza, aluna da UFMT, que foi, ao longo de 5 meses, devidamente treinada e está realizando um trabalho de extrema competência, sempre sob a orientação e supervisão da Curadora.

Somente essa funcionária não será suficiente, futuramente, quando se dará a recolha de novos acervos, a exemplo da biblioteca que pertenceu ao Presidente e Acadêmico Clóvis de Mello; do acervo bibliográfico da Acadêmica Sueli Batista; assim como de outros Acadêmicos. Aguardamos o momento em que a Casa Barão fará a **gestão compartilhada** com a SEC, ocasião em que poderemos contratar novos funcionários, ou contarmos com o auxílio de parte do quadro efetivo da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça, o que poderá ocorrer até, no máximo, agosto de 2016. Enquanto aguardamos, **deixaremos de recolher qualquer outro acervo**, visto não dispormos de pessoal e tampouco de espaço físico digno.

Considerando que **luz e água** do espaço da Curadoria dependem do Anexo, queremos relatar as condições dessas duas infraestruturas, motivados pelos constantes **roubos**:

- a. **Água** – a bomba de água, instalada no Anexo, e que foi adquirida pelo IHGMT e AML, que disponibilizaram cerca de R\$ 1.000,00 cada Instituição, foi roubada pelos “moradores” do anexo, moradores de rua que encontraram nesse espaço um abrigo provisório. Nessas condições, o Arquivo está **sem água há 120 dias**, o que impede o uso dos banheiros e oferece precaríssimas condições para limpeza. Para atender a essa última, a Curadoria contratou, a cada 15 dias, uma faxineira para higienização do espaço, o que tem sido feito com recolha de água do salão lateral inferior, baldeando água para a realização da limpeza. O forte cheiro dos livros e a falta de arejamento têm sido motivo de negativos sintomas respiratórios, tanto da Curadora quanto da bolsista, visto que cada limpeza fica em torno de R\$ 100,00 a diária. No início de novembro de 2015, ficou convencionado que os custos dessa limpeza quinzenal correrá por conta do IHGMT e da AML, igualmente dividida. Mesmo isso sendo feito quinzenalmente, não está sendo suficiente para manter o espaço devidamente higienizado, necessitando de ser feito semanalmente. **Luz**: no início do mês de outubro, o pátio superior, onde está instalado o Arquivo, foi invadido por ladrões, que estouraram todos os **padrões de luz**, colocados na lateral do antigo anfiteatro da Faculdade de Direito. Na ocasião, levaram todos os aparelhos, deixando o Arquivo sem luz. Naquele momento, a Curadoria providenciou os respectivos **Boletins de Ocorrência** (3), assim como fez gestões junto à Polícia para ronda e garantia de condições para voltar ao funcionamento regular do Arquivo. De outro, a Curadora, sabendo da inexistência de verba, tanto do IHGMT como da AML, e necessitando continuar os trabalhos, providenciou profissionais (eletricistas e soldadores) para dar solução ao impasse. Nesse aspecto, foram gastos R\$ 1.200,00, arcados pessoalmente pela Curadora, e devidamente documentados com recibos e notas fiscais.
- b. Em meados de 2016, novo roubo foi implementado por meliantes que, da parte superior do anexo, arrumaram acesso a um dos cômodos do Arquivo, ocasião em que furtaram muitos equipamentos adquiridos pelo Ponto de Cultura do IHGMT, assim como levaram parte dos acervos ali guardados, especialmente objetos metálicos. Na ocasião, a polícia foi acionada e feito um Boletim de Ocorrência, devendo a SEC assumir parte dos consertos que se fazem necessários, a fim de prevenir e dificultar novos roubos.

Nessa medida, somente a mudança do arquivo e da biblioteca para a parte superior do Anexo, o conjunto riquíssimo de documentos e objetos, poderão merecer o devido acondicionamento, assim como contará com segurança 24 horas.

Nem só de panes vive a Casa Barão, esperanças e alegrias também estão inscritas nesse universo

A Curadoria da Casa Barão de Melgaço pretende, em concordância com o IHGMT e AML, fazer um chá para que as **Famílias de João Alberto Novis Gomes Monteiro, de Clóvis Pitaluga de Moura e de Ubaldo Monteiro da Silva**, as quais, mediante documentação discriminatória dos acervos, deverão assinar o **Termo Definitivo de Doação**. Nessa ocasião, que imaginamos ocorrer entre **julho/agosto de 2016**, serão reunidas as Famílias e a Curadoria a Casa Barão de Melgaço apresentará os acervos e solicitará sua **cessão definitiva para o Arquivo da Casa Barão de Melgaço**. Nesse evento, será montada uma **exposição com amostragem dos papéis dos titulares**, assim como será servido um **chá com bolo**.

CONCLUSÃO

Pelo exposto, a Curadoria da Casa Barão de Melgaço, apesar dos transtornos, mantém-se firme no propósito de atingir seu objetivo precípua, qual seja, a preservação da Memória da Casa Barão de Melgaço através de seus membros e de personalidades que marcaram a trajetória da cultura mato-grossense. Esperamos, na programação de 2016, que tanto o IHGMT quanto a AML, incluam em sua programação a **data de entrega e assinatura definitiva das doações pelas Famílias**. Esperamos, na ocasião, que possamos já estar no novo espaço Anexo, o qual oferecerá plenas e dignas condições para a realização dos trabalhos do Arquivo da Casa Barão de Melgaço.

Sem mais, a Curadoria solicita o apoio dos membros da AML e do IHGMT para dar prosseguimento aos trabalhos, estimulando as famílias para doar seus acervos.

Cordialmente,

Cuiabá, 29 de fevereiro de 2016.

Elizabeth Madureira Siqueira (Curadora)